



CELINE ROBERTS

*A Menina
que ninguém queria*

O testemunho pungente de uma criança
obrigada a prostituir-se





A Menina que Ninguém Queria

Celine Roberts

Sinopse:

Contava apenas sete anos e trazia o vestido da primeira comunhão quando foi violada pela primeira vez. A segunda violação ocorreu dois meses depois. Celine foi então considerada iniciada em matéria de sexo. Ilegítima e indesejada, estava agora pronta para ser prostituta infantil - tendo justamente como proxeneta a sua mãe de acolhimento. Fracturaram-lhe ossos, partiram-lhe o nariz, comeu cera de velas para se manter viva - sempre convencida de que estava a ser castigada. Passados seis longos anos, Celine, então com treze anos, foi finalmente salva e enviada para uma Escola Industrial. Tentou juntar os cacos da sua vida destroçada e, alguns anos mais tarde, iniciou estudos de Enfermagem. Ao mesmo tempo, começou também a procurar os pais biológicos. Mas os seus abalados instintos de sobrevivência mal conseguiram suportar o choque decorrente do que veio a saber. Cheio de tragédia mas também de esperança e coragem, este livro é um testemunho comovente do triunfo de uma mulher sobre o seu passado brutal.

Este é um livro brilhante. Uma história triste e chocante. Celine teve tudo contra ela e mesmo assim tornou-se uma sobrevivente. Não consigo compreender como uma mãe de acolhimento pode ser tão má (e uma mãe biológica pior ainda). Houve momentos em que chorei, mas nunca consegui parar de ler de tal forma este livro me prendeu.

Ficha técnica:

Título: A menina que ninguém queria.

Título original: No One Wants You.

Autor: Celine Roberts.

Gênero: Relatos e testemunhos.

Editora: QUIDNOVI.

Digitalização: Agostinho Costa.

Correção: Marcilene Chaves.

Número total de páginas: 296.

A Menina Que Ninguém Queria

No One Wants You

Celine Roberts

Copyright © Celine Roberts and Meriin Publishing

Publicado sob autorização da Meriin Publishing, Dublin, Irlanda.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida, armazenada ou transmitida de qualquer forma ou por quaisquer meios electrónicos, fotocópia, gravação ou outros, sem prévia autorização por escrito da Meriin Publishing.

Tradução de Maria da Graça Pinhão, revista por Jorge Pinheiro, para João Quina Edições

Revisão: Madalena Alfaia

Design e produção: QuidNovi

Impressão e acabamento: Tipografia Peres (www.tipografiaperes.com)

1ª edição: Novembro de 2008

ISBN: 978-989-628-091-8 Depósito legal: 282.005/08

QUIDNOVI

QN III - Editora e Distribuidora, Lda.

Praceta D. Nuno Álvares Pereira, 20 3º CJ, 4450-218 Matosinhos

Tel. 351 229 388 155 Fax. 351 229 388 155

Avenida Infante D. Henrique, 333 H 2.22, 1800-282 Lisboa Tel. 351 218 509 080
Fax. 351 218 509 089 www.quidnovi.pt quidnovi@quidnovi.pt

Dedicado a todos os sobreviventes silenciosos de qualquer género de abusos que se sentem encurralados e incapazes de erguer a sua voz em protesto.

Agradecimentos

A Gerry Ledwith, o meu agente que, com a sua perícia literária e a sua infindável e gentil paciência, manteve vivo o meu desejo de escrever.

A Chenile, Aoife e Julie em Merlin, por acreditarem em mim e ousarem arriscar.

A Aoife Barrett e Noelle Moran pela sua empatia enquanto editoras.

A Peter Davin pelas minhas fotografias promocionais.

Índice

Prólogo: A minha Primeira Comunhão

1. A minha família de acolhimento

2. Uma mercadoria útil

3. Libertação

4. Em segurança na prisão

5. Duro amor

6. Ousando sonhar

7. Novos horizontes

8. Tempo de diversão

9. Convivas não convidados

10. Um milagre

11. Um lugar chamado lar

12. Aproveitando as possibilidades

13. Angústias maternas

14. Começa a caça

15. A voz do meu pai

16. Visita real

17. Rivalidade entre irmãos

18. Comprando aceitação

19. Sem celebrações

20. A perda da minha vida

21. Uma alma gémea e um casamento

22. A partida dele

23. Novas respostas

Epílogo: Avançar e subir

Prólogo: A minha Primeira Comunhão

O meu futuro emocional foi determinado por um acontecimento ocorrido em Maio de 1956 e que alterou toda a minha vida. Com sete anos de idade, ia fazer a minha Primeira Comunhão.

Nas semanas anteriores a este dia, as crianças andavam muito excitadas na escola. Até a minha mãe de acolhimento teve o cuidado de se assegurar que eu estaria presente nesta importantíssima ocasião. Pelo menos, os outros achariam que ela zelava pela minha educação religiosa.

Tivemos de aprender algumas orações novas. A nível prático, tivemos de ir à igreja para praticar: subir a nave da igreja, ajoelhar junto da balaustrada do altar e estender a língua ao padre, para receber na boca a hóstia da comunhão.

Toda a gente estaria vestida a rigor.

As meninas falavam muito acerca do vestido que iam usar. Claro que todo o vestuário para aquele dia tinha de ser branco. Lembrando-me de que as minhas roupas eram sempre andrajos em segunda mão e de que nunca tivera sequer um uniforme da escola, perguntei à minha mãe de acolhimento, com um sentimento de cautelosa expectativa, se ia ter um vestido branco. “Claro que sim, menina, claro que sim», garantiu ela com o seu cantado sotaque irlandês. No fundo, não acreditei. Normalmente, eu tinha de ir a uma loja em Limerick para arranjar roupa e sapatos em segunda mão. Receava dizer fosse o que fosse e limitei-me a pedir a Deus que me desse um vestido branco para não ficar diferente de todas as outras meninas.

A Primeira Comunhão teria lugar na missa matinal de domingo. Depois da missa iríamos para a escola, onde tomaríamos o pequeno-almoço e brincaríamos umas com as outras no pátio durante algumas horas. Eu também esperava ansiosamente pelo pequeno-almoço, pois ouvira dizer que nos dariam fatias de bacon e salsichas. Nunca havia comido tais coisas, mas tinha sentido o cheiro delas quando as cozinhavam. A minha mãe de acolhimento fazia-as muito raramente. Tinham um cheiro delicioso e crescia-me água na boca quando estavam a fritar, mas nunca mas davam para eu comer. “Isto era veneno para ti,

menina», era tudo o que me dizia, enquanto as comia todas. Eram sempre acompanhadas por muitas fatias de pão frito, a escorrer gordura que pingava no seu farto peito.

Alguns dias antes do domingo da Comunhão, o padre da paróquia apareceu lá em casa com uma grande caixa. Chamaram-me para o cumprimentar. Ele abriu a caixa diante da minha mãe de acolhimento e de mim e de dentro dela tirou o mais encantador vestido de comunhão que eu alguma vez vira, impecavelmente branco, com um toucado a condizer. Entregou-mo.

- Isto é oferta das tuas tias freiras de Cork - disse ele.

Eu não fazia ideia do que ele queria dizer com as minhas “tias freiras». As únicas freiras que conhecia eram as professoras da escola do convento que eu frequentava, não com muita regularidade. O comentário ficou a pairar na minha cabeça. O vestido era novo, a estrear. Em toda a minha vida, nunca tinha visto nada tão bonito.

- Posso ficar com ele?

- Este é o vestido para a tua Primeira Comunhão. É teu.

Fiquei tomada pela excitação. Teria o meu próprio vestido novo para o grande dia.

No domingo, acordei ao nascer do dia. Levantei-me cedo e lavei-me o melhor possível numa bacia de água que tirei do depósito. A água estava gelada, com insectos a flutuar à superfície. Sequei-me com um trapo que ficara pendurado num prego da cozinha. Jejuávamos antes da Comunhão, por isso não era preciso pequeno-almoço. Os meus pais de acolhimento ficaram na cama.

Um par de sapatos brancos tinha chegado no dia a seguir ao vestido. Eram encantadores, mas dois números acima. Enchi-os de papel para ficarem à medida. Estava habituada a fazer isso, porque todos os meus sapatos eram em segunda mão e nunca estavam bem à medida dos meus pés.

Quando acabei de me vestir, sentia-me uma princesa.

Fui a pé para a igreja com a minha mãe de acolhimento e, quando chegámos, fui ter com as outras crianças, nos bancos da frente.

A cerimónia decorreu de acordo com o programa e depois fomos para a escola, onde tomámos o pequeno-almoço. Nessa altura já eu me sentia esfomeada, mas estava habituada a não tomar pequeno-almoço. Ainda me lembro do sabor delicioso das fatias de bacon e das salsichas. As freiras tinham posto a mesa e o salão estava com um aspecto muito branco e bonito, com grandes toalhas de mesa em todos os bancos. Ainda hoje adoro o cheiro do bacon.

Depois do pequeno-almoço, fomos brincar para o pátio da escola. Passadas cerca de duas horas, tocou a campainha e fomos todos reunir-nos às nossas famílias, que nos tinham vindo buscar. Lembro-me de ter pensado que só eu não tinha o meu pai junto de mim; todos os outros estavam presentes. Disseram-me que fosse para casa sozinha porque não apareceu ninguém para me levar. Era o habitual e não me importei.

Eram mais de três quilómetros até à casa e pelo caminho fui encontrando algumas pessoas. Todas me disseram que eu estava encantadora e algumas deram-me dinheiro. Uma deu-me seis dinheiros. Outras deram-me uma moeda de três cêntimos. Um homem tinha uma máquina fotográfica e pediu-me para me pôr ao lado do portão da casa dele para me tirar uma fotografia. Disse que me dava uma cópia quando a revelasse. Fiquei extasiada.

Sentia-me felicíssima quando cheguei a casa. O sol brilhava. Era um belo dia de Maio. Alguns dos visitantes habituais, sobretudo homens adultos, estavam lá em casa. Eram três ou quatro. Conhecera dois deles quando trabalhava nos campos, na colheita da batata. Não gostava de trabalhar com eles porque troçavam de mim e estavam sempre a meter-se comigo. Costumavam dizer que eu era uma trangalhada. Disseram que tinham ido lá a casa especialmente para me dar um presente em dinheiro pela minha Primeira Comunhão. Alguns tentaram dar-me seis dinheiros ou até um xelim, mas, quando a minha mãe de acolhimento viu a moeda, ralhou com eles por não me darem mais.

- Seus demónios fedorentos, dêem-lhe pelo menos meia coroa - disse ela, ficando à espreita, enquanto eles metiam outra vez as mãos nos bolsos.

Depois de todos me terem dado dinheiro, que entreguei à minha mãe de acolhimento, apareceram as garrafas de cerveja preta. Ia ser uma festa de domingo.

Um dos homens disse que não trazia nenhum presente para mim e que tinha

meia coroa em casa, mas que eu teria de o acompanhar pelos campos para ir buscá-la. A verdade é que eu não queria ir mas, com a aprovação da minha mãe de acolhimento, fui com ele. Ele deu-me a mão e seguimos pelos campos, para eu ir buscar o meu primeiro presente da Primeira Comunhão.

Quando atravessávamos os campos, naquela soalheira tarde de Maio, para eu receber o presente que ele me prometera, de repente agarrou-me e atirou-me ao chão.

Enquanto me mantinha imobilizada no chão, com uma mão em cima da minha boca, de tal maneira que eu mal conseguia respirar, rosnou: “Raio de tragalhadanças. Agora já não precisas disto», enquanto me arrancava o vestido da Comunhão do corpo. As palavras dele ainda hoje me perseguem.

Engasguei-me em silêncio, tentando desesperadamente respirar através dos dedos dele, ásperos e mal cheirosos. Senti estalar qualquer coisa e tentei gritar. Sentia dores de morrer na mão. Não conseguia mexê-la.

Com a mão livre, ele rasgou-me as cuecas. Depois desabotoou as calças e baixou-as. Afastou-me as pernas e tentou empurrar uma coisa dura para dentro de mim. Não parava de empurrar. Era uma agonia. Estava inclinado sobre mim, a resmungar e a grunhir. Tentei empurrá-lo, para acabar com a dor que sentia na parte inferior do meu corpo. Ele continuou a empurrar para dentro do meu corpo, aos arrancos. Parecia-me que nunca mais acabava. Por fim, deixou-se cair em cima de mim. Era muito pesado.

Eu estava morta por dentro. Paralisada.

Sufocava.

Quando recuperou o fôlego, levantou-se, ajeitou as calças e foi-se embora em silêncio.

Deixou-me ficar ali, estendida no chão.

Eu tinha sete anos.

Estava coberta de sangue.

Tremendo descontroladamente, consegui chegar a casa, ferida e sozinha. Mal

podia manter-me de pé. Só conseguia dar alguns passos de cada vez. A dor era agonizante. Estava fraca por causa da perda de sangue e sentia-me tonta.

Consegui chegar ao lago, onde tentei limpar-me do pó, do sangue e daquela matéria pegajosa que estava agarrada a mim. Chorava porque o belo vestido da Primeira Comunhão que as minhas tias freiras me tinham mandado estava destruído. Eu estava destroçada, coberta de sangue e de porcaria, e pensava que a minha mãe de acolhimento iria matar-me.

Segui para casa aos tropeções e tentei abrir a porta da frente para entrar, mas estava de tal maneira em estado de choque que caí inconsciente no degrau da entrada.

Acordei na cama da minha mãe de acolhimento. Não faço ideia de como lá cheguei nem de quando é que me puseram lá. Ali fiquei durante cerca de cinco dias. Estive meio adormecida durante a maior parte do tempo, mas tinha consciência de uma senhora bela, alta, bem vestida, que estava no quarto e falava com as outras pessoas, mas não comigo.

As minhas feridas foram tratadas e deixaram-me sozinha para recuperar. Ninguém me dizia nada sobre o que acontecera. Eu estava demasiado assustada e doente para dizer fosse o que fosse. Os ferimentos infectaram e eu fiquei doente durante muitas semanas.

A minha pele rasgada acabou por sarar.

A minha alma nunca sarou.

Naquele dia, o dia da minha Primeira Comunhão, fui totalmente destruída. Todas as outras meninas que fizeram a Primeira Comunhão no mesmo dia que eu, em 1956, receberam belos presentes dos seus pais e parentes que as amavam. Que presente recebi eu no meu dia especial? Fui brutalmente violada por um monstro que me deixou ferida, com um pulso e três dedos partidos num campo lamacento. Nunca esquecerei aquele que deveria ter sido um dos dias mais felizes da minha vida, mas recordo-o por todas as razões erradas.

Nunca mais vi o vestido da Comunhão.

Alguns meses depois, a minha mãe de acolhimento e eu fomos à missa dominical na igreja de Kilmallock. O adro estava apinhado de gente, mas eu vi-a

agarrar com força o braço de um homem. Quando ele se virou e viu quem o agarrava, tentou fugir. Ela agarrou-o com mais força. Eu escondi-me atrás da minha mãe de acolhimento, agarrada às pregas do seu casaco comprido de lã, como que em busca de protecção. Espreitei por detrás dela, erguendo os olhos para ele, doente de pavor.

Era o homem que me violara.

- Nunca deste a esta menina o dinheiro da Primeira Comunhão que lhe prometeste.

- Eh, eh, agora não tenho trocos. Dei as últimas moedas pretas no peditório da igreja.

- Não são trocos que ela quer! - exclamou ela brutalmente, em tom venenoso, apertando-lhe o braço até fazer doer.

- Agora só tenho uma nota de libra, para beber umas canecas de cerveja daqui a bocado - disse ele, fazendo uma careta.

- Já dá para alguma coisa - disse ela, aproximando-se dele ameaçadoramente.

- Ora, sua ave agoirenta, se é o que queres - disse ele com uma voz raivosa, estendendo-lhe de má vontade uma nota amarrotada de uma libra.

Libertou o braço que ela apertava como se fosse um torno e desapareceu no meio da multidão. Ela apertou a nota na palma da mão e sorriu para si mesma.

- Vamos para casa, Criança - disse, partindo em passo decidido, enquanto eu a seguia de perto, arrastando os pés.

Nesse dia fui trocada por uma nota de libra.

1. A minha família de acolhimento

Nasci por volta das seis da tarde no Lar do Sagrado Coração para Mães Solteiras em Bessboro, Blackrock, no Condado de Cork, Irlanda, no dia 14 de Novembro de 1948. Fui prematura em três semanas e quando nasci pesava 2,150 kg. Fui registada com o nome de Celine Clifford.

Na Irlanda, nos anos 1940, quando se descobria que uma rapariga solteira estava grávida, ela deixava de conseguir fazer a sua vida normal. Não podia ter o seu bebé e criá-lo como mãe solteira. A cultura da época impedia-o. Para qualquer rapariga, era uma vergonha ficar grávida não sendo casada. Para os pais, se fossem bons católicos, uma filha aparecer grávida era uma nódoa e uma desgraça para toda a família. A família de uma rapariga solteira grávida era a primeira a expulsá-la.

Para tratar destas situações, na Irlanda de Santos e Eruditos havia Lares para mães solteiras. Eram instituições onde podiam ter o seu bebé e depois entregá-lo a uma família de acolhimento ou para adopção, normalmente por americanos. Depois podia reintegrar-se numa parte da sociedade irlandesa, embora em geral não recuperasse a sua antiga posição, como se nada tivesse acontecido. Esses lares para mulheres solteiras eram casas de detenção, mais prisões do que lares. Eram uma fonte de rendimento para a ordem de freiras que ali vivia.

No meu caso, a Corporação de Cork pagava ao Lar a quantia de 1 libra, 2 xelins e 6 dinheiros por bebé, por semana, para cobrir as despesas de manutenção. Bessboro era da ordem inglesa do Sagrado Coração de Jesus e Maria, que administrava a instituição. A maioria das mulheres irlandesas entrava para esta Ordem. Gabavam-se orgulhosamente de que “a vida espiritual das raparigas e o futuro dos seus bebés estavam bem garantidos». Eu sou um exemplo dessa garantia e o “meu futuro» não foi garantido por ninguém.

A entrada para este Lar era geralmente preparada pelo clero, a pedido da mãe da

rapariga. Logo que a rapariga grávida entrava por aquelas portas, não era autorizada a sair, a menos que respeitasse algumas condições rigorosas. Depois do nascimento do bebé, cada rapariga tinha de ficar lá a trabalhar durante três anos, para ajudar à manutenção do Lar e da quinta que explorava para prover à alimentação. Durante esse período, os bebés eram amamentados ao longo de doze meses. Passados três anos, eram enviados para lares de acolhimento ou para orfanatos, ou então eram adoptados.

Os Lares ganhavam imenso dinheiro quando as crianças lá ficavam durante três anos. Se uma rapariga conseguisse pagar cem libras às freiras - na época uma quantia colossal - podia sair do Lar dez dias depois de dar à luz. Nesse caso, as crianças eram imediatamente disponibilizadas para adopção.

Havia outra maneira de escapar sem o bebé. Se a família da rapariga conseguisse pagar cinquenta libras, o bebé era enviado para um lar de acolhimento na cidade e a rapariga ficava livre para se ir embora. Nenhuma rapariga podia ficar com o bebé nem levá-lo para casa, pagasse a família o que pagasse.

Enquanto investigava o meu passado, uma freira disse-me que a minha mãe saiu pelo portão, comigo nos braços, no dia 18 de Abril de 1949, o que parece contrariar a norma segundo a qual nenhuma mãe era autorizada a levar o bebé consigo. Tenho de aceitar o facto, mas não sei até que ponto é verdadeiro. Era com dificuldade que estas organizações facultavam qualquer documentação válida, e ainda agora é assim.

Naquela altura, eu teria quase cinco meses. Não faço a menor ideia de quem pagou a libertação da minha mãe daquele lugar. Nessa mesma data fui entregue para ser criada ou “hospedada», como se dizia então. Nesse dia, a minha mãe, que me amamentara durante cinco meses, entregou-me a outra pessoa.

Quando partiu, fechou o seu coração para mim, para sempre. Todos os bebés sorriem quando as mães pegam neles ao colo. Pergunto a mim mesma se alguma vez tivemos uma ligação de mãe e filha.

Por pura coincidência, nesse mesmo dia, 14 de Novembro de 1948, outra jovem mãe dava à luz o seu primeiro filho, em condições consideravelmente melhores, no Palácio de Buckingham, em Londres. Chamava-se Princesa Isabel Windsor. A Princesa deu ao seu precioso filho recém-nascido o nome de Charles Philip Arthur George.

Para duas pessoas que nasceram no mesmo dia, estávamos destinados a vidas sobremaneira diferentes. A dele seria de privilégio absoluto, a minha de total privação.

Um casal sem filhos, idoso e extremamente pobre que vivia numa zona isolada do condado de Limerick, acolheu-me. O acordo de acolhimento foi feito através do Conselho do Condado de Limerick, pois os meus pais de acolhimento já haviam acolhido outras crianças. Tinha um “irmão de acolhimento» que também vivia comigo na mesma casa. Não sei qual era a idade dele quando eu cheguei, mas tinha uma vida terrível. O meu pai de acolhimento costumava bater-lhe imenso sem qualquer razão e depois trancavam-no num quarto durante dias seguidos. Lembro-me de tentar esconder pão para lhe dar porque ele morria de fome. Tinha muita pena dele. Quando cresci um pouco, passei a vê-lo menos porque ele estava a trabalhar.

Vivíamos naquilo a que então se chamava uma casa de campo, mas a que seria melhor chamar uma choupana. Tinha duas divisões, uma sala central grande e um quarto pequeno ao fundo. Nas traseiras havia uma zona minúscula, do tamanho de um vestíbulo, onde se guardava a turfa para o lume e por onde se passava para o pátio das traseiras. O telhado da construção principal era de xisto em bruto. Do interior viam-se as traves grosseiras, com pedaços de barro encostados à pedra para isolar o ruído monótono da incessante chuva irlandesa. A sala central tinha uma lareira grande e era aqui que se convivía, tanto de dia como de noite. A casa estava construída em cerca de meio hectare de terreno.

Mais tarde descobri que um padre católico, uma freira e um médico, todos amigos íntimos da minha avó materna, tinham ajudado a preparar o meu acolhimento nesta família. Passaria a chamar-me Celine O'Brien.

Quando cheguei, a minha mãe de acolhimento tinha cerca de sessenta anos e o marido era talvez dez anos mais velho. Era um casal totalmente inadequado para tomar conta de uma menina de cinco meses. Mas ninguém quis saber desse pormenor. Se na altura houvesse aborto, eu teria sido candidata de primeira fila. Todos me queriam fora do seu mundo. Viva, eu era um embaraço para toda a gente.

Quando ainda era pequena, a minha mãe de acolhimento disse-me que lhe tinham pago trezentas libras para manter a minha identidade secreta. Em 1949, trezentas libras era muito dinheiro e teria comprado um grande segredo. A razão

deste secretismo, vim a saber mais tarde, era que o meu pai tinha duas irmãs que eram freiras. Como a minha existência poderia ser uma fonte de grave escândalo para esta importante família, e em particular para as duas freiras e para a Igreja Católica, o meu destino estava traçado.

Uma das minhas primeiras recordações é de alguém me dizer “Ninguém te quer». Parecia que esta informação precedia quase todas as conversas que tive com os meus pais de acolhimento até aos treze anos.

A mensagem chegou-me bem cedo. Eu achava que devia ser verdade; pensava que tudo o que os adultos diziam era verdade. Achava normal que ninguém me quisesse, mas nunca consegui compreender porquê.

Tinha sempre medo.

A minha mãe de acolhimento administrava a casa. Fisicamente, era de altura mediana e parecia um homem. Era muito gorda e tinha um duplo queixo que parecia apoiar-se no tórax e que tremia como geleia quando ela falava. Até caminhava como um homem.

Uma das primeiras coisas de que me recordo é de me esconder quando a ouvia chegar. Sabia sempre quando ela ia aparecer, porque a ouvia antes de a ver. Nos dias bons, vinha sempre a assobiar ou a cantarolar uma cantiga animada; nos dias maus, chegava em silêncio absoluto. Ao caminhar, o salto do sapato batia no chão primeiro, seguido com uma rapidez notável pela grande sola plana. Aquele som lembrava-me uma bofetada bem aplicada. Caminhava sempre depressa, com passos curtos e decididos, como se estivesse cheia de pressa para dar uma notícia importante a alguém. Quando ouvia o assobio ou o cantarolar característicos e o “chape chape» dos sapatos, fosse a que distância fosse, o meu corpo era percorrido por um arrepio.

Ela não era uma mulher inteligente, mas fazia pela vida à custa da sua matreirice. Certa vez, quando uns velhotes nossos vizinhos, irmão e irmã, morreram, mandou-me a casa deles roubar as almofadas das camas. Eu estava cheia de medo, mas ainda tinha mais medo do que podia acontecer-me se não voltasse com as almofadas. Quando regresssei e lhas entreguei, ela rasgou-as de alto a baixo. Pensava que podiam ter dinheiro escondido, mas, como não tinham nada, esbofeteou-me.

Parte-se do princípio de que a racionalidade é o que distingue os seres humanos

dos outros animais, mas seria impossível dizer que a minha mãe de acolhimento tinha alguma coisa de racional. Penso que lhe faltavam as células cerebrais. Não conseguia pensar e apenas era capaz de reagir às situações. Mas, como era estúpida, considerava-se inteligente.

Também era prepotente e conseguia sempre detectar a vulnerabilidade das outras pessoas. Tiranizava-nos a todos lá em casa, mas, mesmo na presença de um estranho, distinguia imediatamente se conseguiria tiranizá-lo ou não. Se os desconhecidos mostrassem confiança e fossem categóricos, ela era muito delicada na presença deles e prestável até ao exagero de todas as maneiras possíveis. Penso que essas pessoas a achavam uma “lambe-botas», mas aturavam-na porque podia ser útil.

Não tinha nenhuma instrução e era praticamente analfabeta. Nunca a vi ler um livro ou um jornal. A única coisa que ela sabia fazer era contar dinheiro. Nunca mostrava deferência para com nada nem ninguém, a não ser com gente que considerasse que “tinha estudado nos livros». Se pensasse que uma pessoa era instruída, evitava-a. Não tinha contactos com os professores nem com os bancários da terra e achava que eles lhe “levavam a melhor». O padre da paróquia também representava um desafio para ela, mas, embora fosse instruído, tinha algum receio dela. Ela era uma mulher grande, com uma voz forte e horrível, que não receava usar. Vivía obcecada com o tamanho físico. O marido era pequeno e o padre também não era nenhum gigante. Ela não conseguia compreender (e aí desatinava por completo) como é que um homem mais pequeno que ela podia ser mais inteligente. Daqui provinham muitas discussões e desavenças em casa. Se ela tentasse explicar a sua versão de um acontecimento ou quando queria que alguma coisa fosse feita, se o meu pai de acolhimento fizesse uma pergunta ou sugerisse uma coisa diferente, o mais certo era levar um murro na cabeça, seguido de uma violenta sessão de ralhos em tom de desprezo: “Ah, pelamor de Deus, Bai, não passas de um fraco, de um idiota. Como podes tu compreender seja o que for?»

Nunca chamava ninguém pelo nome. Todos eram “boy», “rapaz», fosse qual fosse o sexo, mas, como era de Cork e usava o vernáculo à mistura com o sotaque de Limerick, acabava por parecer “Bai» ou, se fosse no plural, “Baiz».

“Anda cá, Bai.»

“Ouve lá, Bai, ou fazes o que eu digo ou prego-te um estalo.»

“É só uma carga de tralha, Bai.»

“São sete e dez, Bai, já devias estar levantado há séculos.»

Em relação ao padre da paróquia, tinha uma vantagem. Estava no centro da cena sexual da terra. Sabia tudo e mais alguma coisa de natureza sexual que acontecia na região. As pessoas envolvidas gravitavam na direcção dela. Quando eu era miúda, lembro-me de estar na divisão de trás a olhar muito espantada para a cama da minha mãe de acolhimento, que parecia que se mexia sozinha. Ela limitava-se a dizer que “umas raposas se tinham metido na cama». O padre usava-a para obter informações sobre certas pessoas. Era uma questão de controlo. Desde que soubesse quem eram as pessoas envolvidas, deixava-a continuar a tratar da vida dela.

Ela também sabia onde é que o padre era vulnerável. Se estivesse a falar com alguém e o padre se aproximasse, dizia em voz alta, para todos ouvirem: “Encostem-se à parede, Baiz, o autocarro de Mallow está a chegar.» Era a maneira de lhe fazer saber que descobrira que ele era homossexual.

Certa vez, alguém lhe perguntou o que queria dizer com aquilo e então explicou: “Sabes, todos os baiz instruídos de Mallow são esquisitos.»

Tanto quanto ela conseguia compreender, todos os homens instruídos e que também entravam para a Igreja agiam como se fossem homossexuais, tinham sempre um “certo ar e umas delicadezas...».

Eu viria a descobrir que ela também era implacável e maldosa.

O meu pai de acolhimento era um homem pequeno e resmungão. Trabalhava para os agricultores da região ocasionalmente, como trabalhador agrícola. Era totalmente dominado pela mulher e também analfabeto. O único estatuto que tinha na vida era o que a mulher lhe permitia. À medida que fui crescendo, comecei a pensar que talvez fosse por isso que ele se embebedava sempre que podia.

Quando se embebedava, enchia-se de falsa coragem e tentava bater em todos os que fossem menos poderosos do que ele. Naquela região, era comum ter um fole para acender o lume. O fole tinha uma correia, de que o meu pai de acolhimento se servia para me bater quando estava embriagado. Normalmente, depois de acalmar a sua fúria alcoólica metia-se na cama e adormecia.

Desde que me lembro, andava sempre com medo naquela casa. Ao princípio, eram pequenas coisas. Como quando a enfermeira da comunidade foi lá a casa levar comprimidos de vitaminas para mim, mandaram-me dizer que dormia num quarto só meu. Eu não me sentia bem a dizer mentiras à enfermeira, pois nunca tinha tido uma cama, e muito menos um quarto. Os meus pais de acolhimento dormiam no quarto ao fundo da cozinha.

Desde o primeiro dia, a minha cama, ou o espaço onde eu dormia, foi uma arca de chá. A arca de chá estava colocada no canto da minúscula sala de estar nas traseiras da casa. Feita de madeira leve de balsa, tinha cerca de 60 centímetros de largura e cerca de 15 centímetros de profundidade. Diante da arca havia um tronco de 30 centímetros de altura. Quando cresci e comecei a andar e a correr, pousava um pé no tronco, saltava por cima da borda da caixa e aterrava na turfa macia que forrava o chão.

Quando estava na minha arca de chá, geralmente deixavam-me em paz. Partiam do princípio de que estava a dormir. Mesmo que não estivesse, fingia que estava.

Longe da vista, longe do coração.

A nossa família tinha um cãozito chamado Spot. Era uma espécie de Jack Russell terrier. Era um encanto. Eu partilhava a minha arca de chá com o Spot. Ele e eu tornámo-nos grandes amigos. Não sei se era eu que dormia na cama do Spot ou se era o Spot que dormia na minha.

Naquela casa, parecíamos partilhar a mesma sina. Se ele incomodasse alguém ou se metesse no caminho de alguém, davam-lhe um pontapé ou batiam-lhe com um pau ou com o que estivesse a jeito na altura. Se eu tivesse alguma ousadia ou se atrapalhasse alguém, sofria o mesmo castigo.

Quase todas as manhãs, acordava aconchegada ao pé do Spot na nossa caixa. Quase sempre, se me dissessem que me deitasse, eu dirigia-me para a caixa, metia-me lá dentro com o meu cobertorzinho, deitava-me e adormecia. Era a coisa mais normal. Se não estivesse dentro da arca, deixavam-me ficar onde eu tivesse adormecido.

Parecia haver sempre falta de comida e eu tinha sempre fome. O pequeno-almoço era sempre igual, papas de aveia. Se a minha mãe de acolhimento se embriagasse na véspera à noite, no dia seguinte não havia pequeno-almoço. Se estivesse sóbria, uma taça de papas de aveia frias era o que nos cabia em sorte

para o dia todo, pois provavelmente a lareira tinha ardido até se apagar durante a noite. Eu comia as papas todas as manhãs, sempre que havia. Mas o tipo de papas de aveia mudava com frequência. Por vezes era uma mistura amarela intragável, que nem sequer o Spot conseguia comer. Se nem eu nem o cão comêssemos o que nos davam, éramos os dois postos na rua como castigo.

O meu lugar na hierarquia daquela casa era igual ao do Spot.

De vez em quando, o Spot e eu passávamos um longo dia de chuva ou de gelo, quando não era uma noite negra, na rua, à mercê do que a natureza decidisse lançar sobre nós. Se nos pusessem na rua depois de escurecer, passávamos a noite num pequeno telheiro pouco firme, a cerca de vinte metros da casa. Era onde se abrigavam cerca de dez galinhas e onde se guardava um bocado de feno e palha. Quando o Spot e eu nos metíamos no feno, ficávamos quentes e secos. As galinhas dormiam mais acima, nos poleiros, e nunca levantaram entraves à nossa presença. Provavelmente pensavam que éramos os seus guarda-costas.

Certa manhã, um vizinho viu-nos sair da capoeira. Viu-se que achou aquilo estranho. Sem lhe dar tempo para dizer fosse o que fosse, a minha mãe de acolhimento informou-o em ar de brincadeira: “Deixamo-la ali com o cão durante a noite, para protegerem as galinhas das raposas.»

Eu ainda não tinha quatro anos.

Lembro-me de lavar o chão de pedra e de cuidar do lume para não se apagar. Tinha um medo pavoroso de que a chaleira não fervesse. Se a chaleira não fervesse, sabia que a culpa era minha. Se as galinhas não pusessem ovos, não sabia o que fazer. Um dia, tinha eu cerca de seis anos, parti um ovo. Não ousei dizer-lhes. Sabia que tinha de arranjar outro. Corri pelos campos e roubei um aos vizinhos. Fugi, temendo ser apanhada, mas não fui.

O jantar resumia-se a um bocado de bacon, couves e batatas, tudo cozido e, vá-se lá saber como, aprendi a cozinhá-lo. Não me lembro como foi. Mandavam-me ir à loja comprar cem gramas de bacon e cerca de quatro salsichas. Talvez me deixassem comer o courato do bacon. Havia uma loja na terra onde ela costumava deixar dinheiro e onde eu ia buscar a comida.

A casa não tinha água corrente, nem electricidade e, claro, as condições sanitárias eram medonhas. Nunca me ensinaram a lavar-me. Eu andava imunda, mas a minha mãe de acolhimento não estava interessada em limpeza - excepto

ao domingo. Ao domingo de manhã, uma bacia cheia de água quente aparecia como por milagre. Era onde ela lavava a cara e outras partes do corpo. Depois o meu pai de acolhimento servia-se da mesma água para fazer a barba — pela única vez na semana.

Por vezes, talvez uma vez por mês, a minha mãe de acolhimento agarrava-me pelo cabelo e dizia qualquer coisa do género de “Anda cá, sua porcalhona, que eu dou-te uma esfrega». A minha cara era metida dentro da água já bem suja e usada. A isto se limitava a minha higiene pessoal enquanto fiz parte da família O'Brien.

Depois, a seguir àquele ritual dos domingos de manhã, percorríamos todos a pé os mais de três quilómetros até à Igreja Católica, para assistir à missa. Acontecesse o que acontecesse durante a semana, era obrigatório assistir à missa no domingo de manhã, chovesse ou fizesse sol. A Igreja Católica decretava que era forçoso ir à missa ao domingo; se não o fizéssemos, seria um pecado mortal. Se uma pessoa morresse em estado de “pecado mortal», a alma ia direita para o inferno.

A minha educação religiosa era acompanhada todos os domingos e o resto da minha educação teve início aos quatro anos, altura em que comecei a ir à escola. No primeiro dia, levava uma camisola vermelha, uma saia de xadrez e botas castanhas. Era tudo em segunda mão e fora-me dado por uma organização benemérita, chamada Ordem de São Vicente de Paulo.

Adorei a escola desde o primeiro dia. A primeira coisa em que reparei foi no grande número de crianças juntas num único sítio. Antes do primeiro dia na escola, eu não tivera qualquer contacto com outras crianças. Via-as na missa ao domingo ou numa ou outra visita ocasional à cidade mais próxima, mas nunca conhecera crianças da minha idade.

A princípio estava envergonhada e também me sentia diferente. Quase todas as outras crianças usavam um uniforme. Cerca de cinco, além de mim, não usavam uniforme. Uma vez pedi à minha mãe de acolhimento um uniforme igual ao das outras crianças. Ela respondeu que não lhe pagavam nada para me manter, portanto eu não podia estar à espera que me alimentasse e ainda por cima me vestisse.

A escola trouxe-me alguns prazeres inesperados. Todos os dias à hora de almoço,

uma freira chamada Irmã Claude levava-nos, às seis que não tínhamos uniforme, à cozinha do convento e dava-nos cacau quente com pão e manteiga ou pão com compota. Eu ficava tão satisfeita por me darem alguma coisa para comer que não me importava que reparassem em mim. Engolia o cacau quente em grandes goles e comia todo o pão que conseguia, o mais depressa que era capaz. Nunca tinha provado compota antes de ir à escola; por isso, se houvesse compota na ementa, para mim era um petisco especial. Costumava pensar que adoraria ser como algumas das crianças que traziam garrafas de cacau de casa e as deixavam junto da lareira para se manterem quentes. Eu nunca tive nenhuma.

Embora tivesse travado amizade com as meninas que não usavam uniforme da escola, as outras fizeram-me sentir que não era como elas. Não demorei muito a compreender qual era a diferença. As outras crianças, ou quase todas, tinham algo que eu não tinha - pais. Todas as outras crianças tinham pai e mãe.

Por vezes, pensava que também tinha pais, até que algumas das outras crianças começaram a fazer troça de mim por não ter mãe nem pai. Costumavam chamar-me “bastarda suja».

Eu já ouvira a palavra “bastarda», usada pelos meus pais de acolhimento e pelos seus amigos quando falavam de mim, mas não sabia ao certo o que queria dizer. Só pensava que ser bastarda não era coisa boa. As outras crianças não tardaram a explicar-me o significado. Decidi imediatamente que um dia, fosse de que maneira fosse, viria a ser uma “não-bastarda”.

Claro que, como não me lavava, não cheirava bem. Muitas vezes fui ridicularizada na escola pelas crianças, que me chamavam toda a casta de nomes. Mas um dia, estávamos a meio da aula quando a professora, que era freira, se calou de repente. Dirigiu-se para a minha carteira, onde eu estava a escrever, agarrou-me pela orelha e empurrou-me bruscamente para a frente da sala. Depois, diante de todas as minhas colegas, mostrou-lhes como eu estava suja. Eu sentia-me apavorada, mas não ousava dizer nada. Lembro-me de que fixei os olhos no chão, sentindo-me terrivelmente envergonhada. Quando ela se calou, eu estava a chorar. Mandou-me sair da sala e da escola. Disseram-me que não voltasse enquanto não aprendesse a lavar-me. Para mim, aquilo queria dizer que até a freira pensava que eu era uma “bastarda suja» e que portanto era verdade de certeza. Quando cheguei a casa, repeti a mensagem da freira à minha mãe de acolhimento, que logo me agarrou pelo cabelo e me atirou pela porta fora. Deu-me a saber, à mistura com uma corrente de linguagem obscena, que, se eu

quisesse, podia lavar-me no charco imundo ao lado da casa.

Ainda hoje sou extremamente cuidadosa com a minha higiene pessoal. Lavo as mãos tantas vezes por dia que as pessoas comentam que devo ter algum complexo de culpa. Nego sempre, mas penso para comigo: “Mal eles sabem.»

Por vezes, ao fim do dia, quando voltava da escola, a minha mãe de acolhimento mandava-me a uma quinta próxima, chamada “os Agricultores», buscar leite. Para chegar à leitaria, tinha de atravessar a horta onde cultivavam couves, batatas, cebolas e outros vegetais para uso doméstico. A minha mãe de acolhimento costumava dizer-me que roubasse umas couves da horta, no regresso a casa. Comecei a ficar com muito medo de ir ao leite. Por vezes, as raízes das couves estavam muito presas ao chão e eu não conseguia arrancá-las. Só conseguia arrancar pedaços das folhas. Provavelmente os pedaços não eram maiores do que a palma da minha mão, que não era muito grande. Quando regressava a casa só com os pedaços, a minha mãe de acolhimento gritava comigo e no fim dava-me um bofetão.

Dependendo da época do ano, quando conseguia arrancar algumas couves, os donos ou as pessoas que trabalhavam para eles apanhavam-me muitas vezes a roubar. Chamavam-me “ladra ordinária» ou pior. Eu sentia que eles me vigiavam e esperavam que eu arrancasse uma hortalíça e só depois gritavam comigo. Lembro-me de ouvir um grande grito em voz furiosa, dizendo: “Sai daí, sua ladra.» Eu desatava logo a correr. Lembro-me de saltar pelo meio de intermináveis leiras de batatas, cujos compridos pés verdes tinham belas flores brancas na extremidade. Ainda me lembro do cheiro característico dos tubérculos. Mas não tinha tempo para admirar as flores das batateiras; corria para me salvar. Corria, aterrorizada e com medo de que me batessem violentamente. Tinha mais ou menos a mesma altura que os caules das batateiras e, enquanto corria, sentia o meu coraçãozinho a bater tanto que quase explodia dentro do peito.

Apanhavam-me sempre. Costumavam agarrar-me pelo braço e depois desancavam-me no traseiro com um bastão de hóquei. Gostavam de me administrar o castigo e riam-se alto de mim, enquanto eu fugia a coxear pelo carreiro, cheia de dores e de aflição.

Nessa época da minha vida, eu era imune à dor física.

O meu pai de acolhimento era mais velho e mais brando do que a mulher. Por vezes, parecia ser mais bondoso comigo do que ela. Não há dúvida de que não era tão agressivo nem tão violento comigo, quando estava sóbrio. Ignorava muitas das minhas imprudências quando se apercebia delas. Se a minha mãe de acolhimento soubesse, castigava-me sem dó nem piedade.

No Verão de 1955, tinha eu apenas seis anos, o meu pai de acolhimento adoeceu. A doença foi considerada suficientemente grave para ele ir para o hospital. Não sei qual a doença de que ele sofria, mas a minha mãe de acolhimento ordenou-me que rezasse pela recuperação dele.

Uma noite, poucos dias depois, todos tivemos de nos ajoelhar na cozinha para rezar o terço por ele. Nunca havíamos rezado o terço juntos, como família. O meu pai de acolhimento morreu no dia seguinte. Depois disso, nunca mais rezámos o terço.

Senti tristeza por ele ter falecido, mas no velório serviu-se tanta bebida e houve tanta pândega que fiquei baralhada. Os festejos foram tantos durante dois dias que ninguém parecia sentir pena, o que me deixou num estado de confusão. Quando ele foi levado para a igreja e depois para o cemitério, para ser enterrado, todas as pessoas envolvidas se mostraram sombrias e tristes, quando estavam em público.

Enquanto foi vivo, a presença dele foi de certo modo uma protecção para mim, embora por vezes difícil de compreender. Quando entendi o que significava a sua morte, o meu sentimento de medo por viver naquela casa atingiu uma intensidade inimaginável.

Mal sabia eu como a minha vida ia mudar depois da morte dele.

2. Uma mercadoria útil

Nos meses a seguir à morte do meu pai de acolhimento, os homens da terra começaram a visitar a minha mãe de acolhimento. Nessa época, o meu irmão de acolhimento trabalhava para os agricultores da região como trabalhador agrícola, por isso via-o muito pouco. Em Fevereiro, os agricultores procuravam trabalhadores para contratos de seis meses e os rapazes e os homens escolhidos iam viver na quinta. Eram tratados como verdadeiros escravos. No ano seguinte, foi para outra parte do país e lá vivia, dormindo nos palheiros dos anexos. Depois disso, só voltei a vê-lo uma vez.

A princípio, as visitas dos homens eram poucas e esporádicas, mas em breve havia sempre homens na casa à noite. Geralmente estavam presentes outras mulheres, que eu não conhecia. Costumavam ir lá a casa para um ceílídh, a palavra gaélica que significa festa e que se pronuncia “kayley».

O número de pessoas era sempre pequeno, por vezes duas e raramente mais de quatro. Se aparecesse muita gente, ela combinava para voltarem noutra noite. Costumava dizer-lhes que não queria “chamar a atenção». Os principais ingredientes do ceílídh eram jogos de cartas, canções, cerveja branca e preta, whisky escocês e irlandês, do clandestino. Mas aquele ceílídh tinha outro ingrediente que só compreendi mais tarde.

A minha mãe de acolhimento e algumas das outras mulheres costumavam fornecer um ou outro serviço sexual aos homens em troca de pagamento em dinheiro. Isso podia suceder em qualquer momento durante o ceílídh nocturno. Um homem e uma mulher saíam de casa. Passado um bocado regressavam, geralmente de bom humor, a rir e a brincar. O dinheiro era sempre pago à minha mãe de acolhimento.

Algumas noites, depois de os homens saírem, a minha mãe de acolhimento dizia-me para me deitar ao pé dela. Dizia-me para tocar a “coisa” dela. Lembro-me de fazer o que ela me dizia. Não havia carinhos nem beijos. Nada disso. Eu só cumpria as instruções dela. Tinha medo de não o fazer. Fazia sempre o que ela me dizia, pois, se assim não fosse, punha-me na rua.

Com o passar do tempo, o número de homens aumentou e as visitas tornaram-se mais regulares. Desde o cair da noite até alta madrugada, eram as horas preferidas para a visita daquele desfile crescente de homens de todas as idades.

Eu tinha então sete anos.

Transformei-me no alvo dos divertimentos e das brincadeiras de todos eles. Estava habituada desde sempre a que os homens da terra tocassem no meu corpo. Tocavam-me sempre em sítios que me faziam sentir desconfortável, mas, enquanto o meu pai de acolhimento foi vivo, nunca o faziam abertamente. Agora que ele morrera, a minha vida estava a transformar-se num suplício.

Quando a minha mãe de acolhimento começou a receber aqueles agricultores da região, costumava mandar-me comprar whisky, cerveja e pão ao bar de Meade. Dizia aos homens que me mantinha porque ninguém me queria. Nessas visitas em que eles costumavam jogar cartas, eu tinha de lhes servir bebidas.

Quando trazia as bebidas, passavam o braço por cima de mim e tocavam-me no peito e entre as pernas. Eu parecia estar sempre a tentar evitar que alguém que eu temia me agarrasse em alguma parte do corpo e procurasse puxar-me para si para me acariciar. Aqueles homens apalpavam-me e tocavam-me. Por vezes, levantavam-me no ar e afastavam-me as pernas, para todos verem o que estava por baixo. Eu tentava constantemente evitar aquelas mãos que me prendiam.

Faziam troça de mim. Eu tinha de justificar a minha existência, pois atormentavam-me com perguntas às quais sabiam que eu tinha de responder. Era uma espécie de teste.

- Como te chamas?

- Celine.

- Que raio de nome é esse?

- Nunca ouvimos tal nome por aqui.

- Deves ser inglesa.

- Não sou.

- Então és americana.
- Não sou americana.
- Então és da Rússia, não?
- Não sou da Rússia.
- Deves ser um rapaz!
- Não sou rapaz!
- O que és tu, então?
- Sou uma rapariga!
- As raparigas não usam calças.
- Eu não uso calças.
- Usas, sim!
- Não uso, são cuecas.

Este era o preâmbulo verbal antes de ser agarrada e apalpada. Ou então acontecia enquanto eu lutava para fugir de umas mãos fortes e grandes de agricultor, sujas de estrume de vaca.

Durante aquelas atenções mal disfarçadas, os homens não eram repreendidos pela minha mãe de acolhimento, pelo que eles consideravam que eram aceitáveis e que podiam continuar com o mesmo comportamento, apesar dos meus protestos. Se eu reclamasse, faziam troça de mim. Na vez seguinte em que surgisse a oportunidade, tocavam-me de forma mais agressiva ou invadiam o interior do meu corpo com os dedos. Se eu voltasse a reclamar, a minha mãe de acolhimento perdoava-lhes o comportamento, dizendo-me muitas vezes, enquanto eu era dominada por um grande e grosseiro agricultor: “Ora, ele só está a divertir-se um bocado contigo.»

Com todas aquelas visitas pela noite dentro, eu não conseguia dormir de noite. Tinha medo de adormecer, mas a minha mãe de acolhimento também me

incentivava a ficar acordada, para alimentar as palhaçadas ébrias dos visitantes nocturnos. Por isso, nem sempre me conseguia levantar de manhã para ir à escola.

Descobri que a minha reputação não se limitava à casa. Certa tarde, quando regressava da escola, apercebi-me de que um automóvel me seguia lentamente. Como era raro ver-se um carro naquela parte da estrada, virei-me para olhar. Ele ultrapassou-me e parou cerca de dez metros à frente.

Um homem que eu conhecia saiu do carro e aproximou-se de mim. Perguntou:

- Vais comigo até àquele campo?

- Porquê? - perguntei.

Ele deitou as mãos ao meu corpo, naquele sítio entre as pernas e disse-me:

- É por isto.

Eu revirei-me entre as mãos dele, tentando fugir, mas ele agarrou-me com mais força e tentou levantar-me.

Nessa altura apareceu a pouca distância um homem com uma carroça puxada por um cavalo. O homem que me segurava enervou-se e largou-me no chão. Correu para o automóvel, abriu a porta, saltou lá para dentro, pôs o motor a trabalhar e afastou-se a grande velocidade.

Logo que me vi livre das mãos dele, levantei-me e corri para uma casa próxima onde viviam três irmãs, as meninas O'Mahony. Cumprimentavam-me muitas vezes quando eu passava, a caminho ou no regresso da escola. Fartei-me de bater à porta. Pensei que elas compreenderiam o meu dilema e me salvariam.

Vieram todas à porta, para ver a causa de tanta agitação. Não me convidaram a entrar, mas contei-lhes a história toda do que acabara de me suceder. Quase em uníssonos, riram-se às gargalhadas. Uma delas disse:

- Ahhh, claro, o senhor Murphy é nosso amigo. As outras duas senhoras concordaram com a opinião da irmã. Quanto a elas, o assunto ficava assim arrumado. Disseram “adeus”, viraram-se e entraram juntas em casa, com passinhos curtos, todas em fila. Deixaram-me ficar ali, diante da porta, sozinha.

Fui para casa desolada, mas atenta. Estava agora consciente de perigos que antes não esperava e nem sequer sabia que existiam.

Na escola, algumas das crianças começaram a chamar-me “puta”. Acabei por me habituar a ouvir aquela ladainha de insultos.

Durante o dia, havia uns jovens de pouco mais de vinte anos que passavam muito tempo nas proximidades da casa. Costumavam meter conversa com a minha mãe de acolhimento e trocavam gracejos amigáveis, quase sempre com um toque de cheiro a sexo. Ela não desencorajava aquelas visitas.

Embora relativamente novos, aqueles adultos estavam sempre a tocar-me e a fazer-me coisas horríveis que me faziam ter medo deles. Costumavam deitar-me a mão, prendiam-me ao chão e remexiam nas minhas partes íntimas com as mãos, garrafas e paus e tudo o mais que encontrassem. Eu costumava queixar-me do comportamento deles à minha mãe de acolhimento, mas ela limitava-se a dizer: “Não recebo dinheiro por tomar conta de ti, por isso toma tu conta de ti mesma.” Neste período, eu não ia muitas vezes à escola. Tinha tarefas para fazer em casa todos os dias. Uma delas era limpar as cinzas da lareira, onde o lume estivera aceso na noite anterior. Tinha de a deixar limpa para a minha mãe de acolhimento voltar a acendê-la. Punha as cinzas num balde de metal e depois tinha de as deitar fora junto de um muro, ao fundo do jardim. Era na zona do jardim que se amontoava todo o lixo da casa. Como era uma visão feia, ficava num sítio que não se via da casa. No dia 4 de Setembro de 1956, eu estava no jardim a deitar fora as cinzas. Quando me curvei para despejar o balde, ouvi alguém que corria direito a mim.

Era um homem.

Fazia parte do grupo dos homens mais novos que costumavam andar à volta da nossa casa.

Empurrou-me de encontro ao muro.

Violou-me.

Violou-me com enorme brutalidade.

Foi a velocidade com que tudo aconteceu. Foi tudo tão inesperado. Num minuto eu estava a virar o balde e no minuto seguinte tinha sido completamente

dominada por ele.

Não tive tempo para reagir.

Não tive tempo para pensar.

Prendeu-me a mão direita ao chão com a sua pesada bota cardada. Arrancou-me as cuecas do corpo. Empurrou-me a cara contra o chão. Depois tentou empurrar o pénis erecto para dentro do meu corpo. Tinha eu sete anos.

O sangue corria por todo o lado.

Ele gemeu, resmungou e, por fim, saiu de dentro de mim.

O meu nariz e dois dedos da mão direita estavam partidos. Eu sentira quando os ossos estalaram. Foi extremamente doloroso. Suportei a dor e não me queixei, porque tinha receio das consequências.

Ainda hoje tenho enormes problemas no nariz. Continua a ser muito visível, porque o osso mal cicatrizado ficou espetado num ângulo esquisito.

À medida que fui crescendo e sob a pressão dos comentários negativos a respeito de toda a minha existência, comecei a achar-me totalmente feia em todos os aspectos. Os ossos partidos dos meus dedos nunca foram postos no sítio nem corrigidos por um médico. Nunca foram examinados por ninguém e as fracturas cicatrizaram tal como ficaram.

Na realidade, têm sido causa de muito embaraço para mim, visto que agora trabalho na área da medicina. Os meus colegas ficam muitas vezes desolados com os meus ferimentos e com a óbvia falta de qualquer tratamento adequado. As minhas desculpas, que são sempre mentiras, não os convencem por completo. São muito compreensivos, mas de modo geral não voltam a fazer-me perguntas. Penso que sabem que não estou a dizer a verdade.

Quando me deixou ali estendida, ouvi-o dizer: “Não podes contar nada disto a ninguém, porque não acreditam em ti e porque, de toda a maneira, ninguém te quer.”

Fiquei em perfeito estado de choque.

Não me conseguia mexer.

Devo ter perdido os sentidos durante algum tempo.

Quando compreendi o que me acontecera e onde estava, pus-me de pé, toda trémula. Percorri o jardim aos tropeções, direita a casa. Coberta de cinzas e de sangue, caí toda enrolada no chão diante da porta das traseiras.

A minha mãe de acolhimento pôs-me de pé e sacudiu-me, gritando: “O que te aconteceu? O que raio te aconteceu?»

Contei-lhe a história o melhor que pude. Incrédula, censurou-me por contar mentiras acerca do homem. Deve ter compreendido que eu estava em mau estado, pois não me agrediu fisicamente nessa altura, como seria normal. Despiu-me e meteu-me na cama.

Nessa altura, a minha cama eram duas travessas do caminho-de-ferro colocadas uma sobre a outra, pois a arca do chá desintegrara-se havia muito. Gemi de dores durante todo o dia e toda a noite. Embora tivesse uma grande hemorragia na zona vaginal e os ossos partidos me doessem muitíssimo, a minha mãe de acolhimento nunca me levou a um médico.

Depois do meu jovem corpo ter sido violado, com sete anos, acabei por acreditar que estava ali porque nunca ninguém me queria e, acontecesse o que acontecesse, não importava, porque ninguém se importava. Assim, achava que era perfeitamente normal que se os ossos estavam partidos e os tecidos rasgados, era assim que ficariam. Achava que, para mim, a assistência médica não era opção. Não era suficientemente boa para ter direito a ela.

Quando fiquei curada depois desta violação, a minha mãe de acolhimento achou que eu estava iniciada no mundo do sexo. Mas, por causa dos ferimentos, tive uma infecção. Foi extremamente dolorosa e por vezes sentia comichões.

O mesmo homem, que continuava a ir lá a casa quase todas as noites, observava-me. Se me apanhava a coçar a zona vaginal, dizia-me: “Estás a coçar-te aí porque queres mais, não queres?»

Eu odiava que ele me dissesse coisas daquelas.

Odiava-o.

Continuavam a ir homens à casa quase todas as noites. Mas agora, em vez de servir bebidas, passei a ser a atracção. Soube-se na região que quem quisesse ter relações sexuais com uma menina muito nova, que ainda não chegara à puberdade, podia ir lá à casa, desde que pagasse à minha mãe de acolhimento. Ela tomaria as medidas para que todos fossem servidos. Eles pagavam-lhe e ela dizia-me que fosse para o campo com os homens.

Eles desfrutavam de uma menina e depois largavam-me no chão, toda enrolada.

Tudo era feito em silêncio. Avisavam-me: “Se contares a alguém, ainda te aleijas mais.” Tinham o poder. Eu pensava que podiam mesmo matar-me.

Não sei contar o número de vezes que isto me aconteceu. Sucedia nos campos, nos estábulos das vacas, em telheiros de feno, em qualquer sítio onde surgisse a oportunidade. Um número desconhecido de homens sem rosto, com nomes para esquecer, em lugares escondidos, durante o que pareceu um número infindável de anos. Não havia ninguém que me salvasse. Nascera no local errado e na altura errada, filha de pais errados. Podia ter acontecido a qualquer pessoa, mas a pouca sorte calhou-me a mim.

Ao escrever isto, sinto-me desesperada só de pensar onde e quantas vezes isto me aconteceu, tão nova que eu era.

Não podes respirar.

Não podes pensar.

Não podes gritar.

Não podes ver.

Não podes lutar.

Não podes fugir.

Não consigo fugir das minhas recordações.

A minha vida continuou. Tinha dez anos quando fiz o crisma. Dessa vez fui à igreja sozinha e não houve pequeno-almoço nem agitação. Vestia um vestido branco, com sapatos pretos e meias brancas. Quando me dirigi ao bispo, disse

que me chamava Celine O'Brien, mas a freira corrigiu-me e disse Celine Clifford. Nesse tempo, eu não sabia mais nada. Fui para casa depois da cerimónia e foi um dia como qualquer outro.

Passava a maior parte dos dias a tomar conta da minha mãe de acolhimento e a fazer todo o trabalho da casa. Era pau para toda a obra, mas sempre era melhor do que à noite. A certa altura levaram-me para o hospital. Não sei ao certo quando. Penso que tinha nove ou dez anos e estava aterrorizada. Quando a enfermeira apareceu com o médico, inclinaram-se sobre a minha cama, que parecia uma enxerga de campanha, com barras dos lados. Devo ter ido sozinha para a cama, porque fiquei com as cuecas vestidas. Ela disse-me que as tirasse e lembro-me de que olhei para o abajur, com os raios de luz a dançar, e me senti muito assustada. Despi-as e senti-me embaraçada. Não sabia por que razão estava ali e não havia ninguém que me dissesse. Não tinha ninguém que me ajudasse. Na noite em que fui levada na ambulância, levava vestido um casaco azul-escuro e estava a sangrar. Quando me levaram outra vez para casa, uma semana depois, trazia outra roupa. A ambulância parou no caminho porque enjoei. Continuo sem saber porque estava ali. Nunca saberei a razão. Anos depois, quando regressei para tentar descobrir, vi de facto uma cópia da minha ficha. Estava lá tudo, a data do nascimento, a pulsação, a temperatura e as palavras “demasiado pequena para a idade». Mais nada. Eu tinha a certeza de que ali estaria escrito tudo quanto me acontecera. Mas não. Não havia uma explicação para a hemorragia que eu sofrera. Talvez tenham falado com a polícia, mas não aconteceu nada e não havia mais nenhum registo.

A enfermeira do distrito visitava-me todos os anos e tinha de escrever um relatório. Lembro-me de, uma vez em que ela veio, estar a fazer o jantar e outra de estar doente. Descobri mais tarde que tudo o que ela dizia nos relatórios era que eu tinha “pouco peso». Era sempre o mesmo comentário vago.

Tenho por vezes súbitas recordações vagas desses acontecimentos arrepiantes. Levam-me para um sítio aonde mais ninguém pode acompanhar-me. Levam-me para dentro de mim própria. Levam-me tão fundo que posso ali ficar durante dias seguidos. Dou comigo a reviver sozinha aqueles pensamentos medonhos.

A minha presença na escola passou a ser quase nula. Ninguém da escola pareceu reparar. Penso que as freiras nunca disseram nada ao Inspector da Crueldade contra Crianças, pois ele não tentou contactar-me. O padre visitava-me algumas vezes, mas tudo o que dizia era que eu devia ir mais vezes à missa. Eu sentia

muito a falta da escola. Mas nessa altura vivia no meu pequeno mundo, isolada dos outros, de todas as emoções, de toda a dor, de todos os sentimentos. Aceitava os abusos sexuais como um comportamento normal. Pensava que estava a ser castigada. Na verdade, acabei por acreditar que merecia o castigo.

3. Libertação

Sempre acreditei que, depois dos anos passados no inferno, Deus veio em minha salvação.

Eu estava em baixo, sem consolação e precisava de ajuda, viesse de onde viesse.

Parecia que a tortura continuaria para todo o sempre e sentia-me desesperada. Acredito que foi Deus que fez adoecer a minha mãe de acolhimento.

Um dia, não se consegui levantar. Mandou-me chamar o médico da terra para a examinar. Por fim, o médico veio e fez o diagnóstico. Ela estava gravemente doente. Estava tão doente que tinha de ser imediatamente transferida para o hospital.

Quando o médico saiu, disse que ia chamar uma ambulância para a vir buscar. Sugeriu que eu ficasse com alguém que pudesse receber-me, provavelmente durante algumas semanas ou meses. Disse que a minha mãe de acolhimento poderia ficar incapacitada e sem condições para tomar conta de uma criança de doze anos. Lembro-me de ter pensado que mal ele sabia quais eram os cuidados que ela era capaz de me prestar.

Pensei em ir ter com uma das irmãs da minha mãe de acolhimento. Chamava-se Nonie. Visitara-a uma vez, tinha eu cerca de oito anos. Tinham uma coisa que eu nunca vira em casa da minha mãe de acolhimento — livros. Havia prateleiras e prateleiras de livros. Em casa dos meus pais de acolhimento nunca houve material de leitura. Lembro-me de, em casa de Nonie, me terem autorizado a olhar para os livros. Enquanto lá estive, não quis fazer mais nada.

Havia frequentado a escola durante pouco tempo, mas, quando conseguia ir, aquilo de que mais gostava era ler. Escrevia com muitos erros, mas conseguia compreender o significado das palavras. Também era capaz de compreender uma história escrita num livro, mas com dificuldade. Tinha uma esperança secreta de ficar com aquelas pessoas que possuíam tantos livros. Pensava que podia passar o tempo todo a ler.

Todavia, com toda aquela confusão da ida da minha mãe de acolhimento para o hospital, não foram tomadas providências a meu respeito. Nessa mesma noite, uma rapariga que vivia ali perto levou-me ao padre. Ele disse que nada podia fazer para resolver o meu problema. Era tarde demais para encontrar um sítio onde eu pudesse ficar. Pedi-lhe que não me mandasse outra vez para aquela casa e expliquei-lhe por que razão tinha medo de regressar. Ele ignorou os meus lamentos, mas perguntou de facto à rapariga se havia a possibilidade de eu ficar com a família dela, só naquela noite. Ela disse que sim.

Senti um alívio enorme. Não precisava de voltar para aquela casa escura e desolada nessa noite. Receava que, quando regressasse, todos os homens do costume aparecessem. Senti algum desconforto em casa da rapariga, mas pensei que, se ajudasse no trabalho, eles não me mandariam embora. Quando um dos irmãos me pediu que fosse com ele ao campo para ajudar a tratar dos porcos, pus-me imediatamente de pé. Saí à frente dele e não disse uma palavra durante todo o caminho. Tinha medo dele, porque ele era muito maior e mais velho do que eu. Quando nos afastámos da casa, já estava escuro. Eu não via o telheiro dos porcos, mas sabia que estávamos perto. A mão dele empurrou-me as costas e caí. Ele virou-me e carregou com a mão na minha barriga para me impedir de mexer. Puxou-me o vestido para cima e pôs-se a remexer nas minhas cuecas, tentando despir-me. Eu não me podia mexer. Não fiz um único ruído. Sabia o que estava a acontecer. Os olhos dele eram penetrantes. Olhou-me com um ar feroz e eu fiquei imóvel. Ele resmungou e retorceu-se e enterrou-se dentro de mim. Mordido os lábios para não gritar com a dor. E depois acabou tudo e ele rebolou para sair de cima de mim. Não me mexi. Ele pôs-se de pé. Puxou as calças e já se afastava quando se virou e perguntou: “Ainda só tens onze anos, não és? Ainda não podes ter filhos?” Eu ainda estava deitada no chão, com as pernas nuas abertas em cima da erva. Tinha arrepios de frio. Continuava a não ousar mexer-me. Tinha medo de me levantar. Ele estava enganado acerca da minha idade, mas eu limitei-me a murmurar “sim», e depois fez-se silêncio quando ele se afastou.

No dia seguinte, o padre apareceu para me levar. Disse-me que eu ia ficar com uma sobrinha da minha mãe de acolhimento. Disse que eu ficaria com ela enquanto a minha mãe de acolhimento estivesse no hospital. Acabei por lá ficar cerca de seis semanas. Gostei de lá estar.

Fui bem alimentada. Deixavam-me tirar comida do armário sempre que quisesse comer. Em casa, nunca tinha autorização para comer, a menos que fosse a minha

mãe de acolhimento a dar-me a comida. Quando percebi que podia comer sempre que quisesse, não fiz cerimónia. Comia cada vez mais, sempre que surgia a oportunidade. Era uma comida maravilhosa. A dona da casa era muito boa cozinheira. Fazia uma grande variedade de bolos e doces no forno. Fazia tartes de maçã e de ruibarbo. Eu nunca provara uma comida tão saborosa. Mas sei que eles não esperavam que uma rapariga como eu comesse tanto e tantas vezes.

Costumavam rezar à noite e queriam que eu rezasse com eles. A princípio, eu não sabia dizer as orações e não conhecia as palavras. Mas eles ensinaram-me as palavras. De repeti-las todas as noites, aprendi-as todas.

Gostei muito de me sentir incluída.

As orações eram ditas em voz alta e toda gente se ajoelhava no chão, de frente para uma cadeira. Todos baixavam a cabeça e não devíamos olhar à nossa volta. Muitas vezes dei uma olhadela, só para ver o que os outros estavam a fazer enquanto rezavam. Estavam sempre muito concentrados nas suas orações. Revezavam-se para dizerem certas orações. Quando chegava a minha vez, eu dizia-as aos gritos e nunca me ralharam por eu gritar.

Fui inscrita na escola da zona, em Knocklong, condado de Limerick. A professora era muito bondosa comigo. Passou algum tempo a ensinar-me várias orações, a ler e a fazer contas. Também fiz as primeiras tentativas de escrita. Tinha doze anos quando escrevi a primeira palavra. Foi o meu nome, Celine. Era uma gatafunhada, mas fora escrita por mim. Senti um enorme orgulho por saber escrever. Compreendi que queria continuar a ir à escola. Queria aprender as lições na escola.

A pouco e pouco, comecei a aperceber-me de que havia uma vida melhor do que a que levava. Comecei também a entender que as outras pessoas não consideravam normal aquilo que era normal na minha vida.

Um dia, disseram-me que a minha mãe de acolhimento ia sair do hospital. A dona da casa disse que eu tinha de voltar para casa e tratar dela. Disse que a minha mãe de acolhimento precisava de cuidados e atenções constantes.

Fiquei destroçada.

Não podia acreditar que tinha de voltar para a minha mãe de acolhimento. Não podia fazer nada. Era impotente.

Fui devolvida à casa que odiava, de bicicleta, logo no dia seguinte. Não tive oportunidade para me despedir de ninguém na escola.

Quando olhei para a minha mãe de acolhimento, na cama, vi uma mulher velha e frágil. Era apenas uma pálida sombra da mulher que sempre fora. Hoje sinto dificuldade em compreender porquê, mas, na altura, senti pena dela. Contudo, não tardei a descobrir que remorsos era coisa que ela não tinha. Podia estar doente, mas, embora estivesse de cama, continuava a ser o que era: mal-humorada, em especial comigo.

Achava que me competia tratar de todas as suas necessidades. Atendendo a que me dissera tantas vezes que ninguém me queria a não ser ela e que eu era uma inútil, fazia o que ela mandava. Comecei a tomar conta da minha mãe de acolhimento com toda a motivação de que era capaz.

Quando a minha mãe de acolhimento regressou do hospital, os seus amigos não vieram visitá-la, como acontecia tantas vezes. Ela não podia ingerir bebidas alcoólicas nem estar levantada mais de uma hora de cada vez. Quando se levantava, não tardava a ficar exausta. Não tinha energia e a sua respiração era irregular. Embora eu tivesse de tomar conta dela a tempo inteiro, era muito melhor do que ter de satisfazer os desejos sexuais dos homens que haviam frequentado aquela casa ao longo dos seis anos anteriores.

A minha mãe de acolhimento ficou acamada e, em finais de 1961, foi mais uma vez levada para o hospital, o que viria a ser a minha salvação. Embora na altura não soubesse, nunca mais voltei a vê-la. Nunca mais regressaria àquela casa dos horrores. Foi o fim de um período da minha vida onde não havia lugar para o riso. Pensei que também talvez conseguisse deixar de chorar, embora a maioria das minhas lágrimas fosse derramada em privado. Se chorasse em público, havia sempre alguém que me gritava “Pára de chorar». Geralmente a minha resposta era: “Não estou a chorar, são só lágrimas a correr.»

Foi o fim de uma época da qual guardo uma recordação predominante de “roupas rasgadas e corpo rasgado». As roupas eram sempre em “segunda-mão», sempre sujas e nunca eram lavadas antes de eu as vestir. Se não estivessem rasgadas quando as recebia, havia sempre alguém que as rasgava, normalmente um homem ao despir-me.

Fui levada para junto de uma outra sobrinha da minha mãe de acolhimento.

Chamava-se Kit. Sentia-se feliz com a sua vida e vivia com o marido, Tony, um homem encantador e compassivo, nos arredores de uma vila chamada Buttevant, no condado de Cork. Acabou por ser a figura mais próxima de uma mãe que eu podia ter tido.

A primeira coisa que me disse foi: “Nunca mais voltas para aquela casa de vergonha.» A partir daquele momento, formou-se uma espécie de vínculo entre nós.

Tinham uma pequena vivenda, imaculada e com uma decoração agradável. Tinha todas as comodidades modernas, a que eu nunca tivera acesso. Havia electricidade, água canalizada, uma casa de banho e uma caldeira Rayburn que parecia manter toda a casa quente.

Foi nesta casa que aprendi a lavar-me como deve ser. A casa até tinha água quente canalizada. Era aquecida pela caldeira Rayburn e distribuída a todas as torneiras. Naquela primeira noite, Kit deu estalidos com a língua enquanto lavava sítios do meu corpo que, tenho a certeza, nunca tinham visto água. Mostrou-me como eu devia lavar o meu corpo com todos os pormenores. Ainda hoje me parece que nunca lavo devidamente todo o lixo daqueles dias negros.

Estávamos no fim de Dezembro e já só faltavam alguns dias para o Natal. A primeira vez que entrei pela porta da casa deles fiquei embasbacada com o que vi. Fiquei imobilizada de assombro. De queixo caído, inspirei profundamente. Nunca vira nada tão belo na vida.

O que via diante de mim era a minha primeira árvore de Natal. Tinha ornamentos de todos os tipos. Muitas bolinhas prateadas e douradas. Sininhos prateados pendurados em correntes prateadas. O melhor de tudo era o conjunto de cerca de uma dúzia de luzes de Natal, que acendiam e apagavam. Pensei que era pura magia.

Depois de me alimentarem, deitaram-me numa grande cama de casal, só para mim. Eu estava à espera de que aparecesse mais alguém, para ali dormir também, mas ficou toda para mim.

Naquela primeira noite, não dormi nem um segundo. Estava excitadíssima. Parecia que me encontrava no céu.

Kit e Tony foram muito bondosos comigo.

No dia seguinte, levaram-me à cidade de Limerick no automóvel deles. Entrámos num grande armazém e compraram-me sapatos e meias novos. Os sapatos eram creme e as meias azuis. Era a primeira vez em toda a vida que eu tinha sapatos e meias para estrear, que nunca haviam sido usados por ninguém. Até então, a roupa, o calçado e as meias tinham sido fornecidos como doações benemerentes e eram sempre as sobras de outra pessoa.

Adorei o reboição que a vendedora fez à minha volta. Chamou-me “pequena senhora» e fez-me experimentar muitos pares de sapatos até eu encontrar uns de que gostei mesmo e que quis.

Senti-me a transbordar. Era a primeira vez que tinha a possibilidade de escolher. Nunca ninguém me perguntara o que eu queria. Os meus desejos ou as minhas necessidades nunca foram tidos em conta. Foi um gesto que tive dificuldade em apreender. Embora tal consideração tivesse sido rara em toda a minha existência até então, era um conceito que iria permanecer esquivo na minha vida até ao dia de hoje.

Nesse Natal, Kit e Tony compraram uma televisão. Eu nunca fora ao cinema e, por isso, nunca tinha visto uma imagem em movimento. Ao princípio, a entrada de uma televisão em casa foi assustadora. Tratei-a com desconfiança. Não conseguia sentir-me à vontade com uma caixa com pessoas vivas lá dentro, na mesma divisão em que eu estava. Mas não tardei a habituar-me. Em breve queria estar sempre a vê-la. Mas os programas só começavam por volta das seis horas da tarde. Costumavam ligá-la uma hora antes e sentávamo-nos todos à volta dela, a olhar para a mira técnica imóvel, enquanto ouvíamos a música. Era tudo muito excitante.

Na véspera de Natal, fomos todos à Missa do Galo na igreja local. Quando chegámos a casa, fiquei levantada durante um bocado, a ajudar a fazer o recheio para um peru que seria servido no jantar de Natal do dia seguinte. Nunca tinha visto tanta comida para três pessoas.

Nessa véspera de Natal, deitei-me, feliz como nunca me tinha sentido. No dia seguinte, de manhã cedo, reunimo-nos os três à volta da árvore de Natal e Kit entregou-nos os presentes, a Tony e a mim. Tony só recebeu um presente e os outros foram todos para mim. Devo ter recebido à volta de uns sete. Uma saia azul. Uma caixa de lenços de assoar. Uma camisola cor-de-rosa. Várias barras de chocolate. Alguns rebuçados.

Um chapéu, um género de boina.

Mas o meu preferido de todos foi um saco. Era pequeno e castanho, mas, num dos cantos, em letras douradas, tinha o meu nome, Celine. Adorei aquele saco castanho com o meu nome.

Mais uma vez, pensei que estava no céu.

Aquelas pessoas deram-me tantos presentes e fizeram-me sentir tão bem-vinda em tão pouco tempo... Eram os dois muito bondosos. Mesmo quando eu fazia alguma coisa mal, como certa vez em que deram uma encantadora escova de cabelo a Kit e eu me sentei em cima dela, partindo o cabo. Ela zangou-se e ralhou: “Nunca veio nada bom daquele sítio», referindo-se à casa da minha mãe de acolhimento. Eu assustei-me, mas sabia que ela me perdoaria e não me bateu.

Mas a experiência da minha curta vida já me havia ensinado a não esperar muito de ninguém. Infelizmente tinha razão, e o meu mundo desmoronar-se-ia mais uma vez.

Cerca de três meses depois do Natal, Kit e Tony disseram que queriam falar comigo. Uma noite, sentámo-nos os três à volta da mesa da cozinha. Eu bebia uma caneca do chá de Kit, forte e doce, e comecei a comer um bolo com recheio de compota que ela preparara antes. Acabava de dar uma dentada no bolo quando eles me disseram que não podiam continuar a ter-me com eles.

O meu mundo desfez-se em pedaços.

Não consegui engolir o bocado de bolo. A caneca de chá caiu na mesa e partiu-se. Eu não conseguia falar. Nem sequer conseguia perguntar “Porquê?».

Disseram-me que a minha mãe de acolhimento havia morrido. Eu não fui ao funeral dela. Na altura, Kit não me dissera nada. Lembro-me de ela comentar “de qualquer modo não perdeste grande coisa». Embora, de uma maneira estranha, ambas lhe chamássemos “mãe», pois ela também tinha criado Kit.

Disseram que eu tinha faltado de mais à escola. Que tinha de voltar para a escola e que era a lei do país. Disseram que não havia alternativa. Não podiam continuar a ter-me em casa com eles. Que, alguns meses antes, um vizinho da minha mãe de acolhimento se queixara à ISPCC (a Sociedade Irlandesa para a Prevenção da Crueldade contra as Crianças) por causa do que se passava lá em

casa e que eu tinha de ser mandada embora. O Inspector da Crueldade contra Crianças da ISPCC apareceu nesse dia, informando-os de que viriam buscar-me no dia seguinte e que me levariam para uma escola.

Enquanto eles falavam, eu sentia-me a fechar-me em mim mesma. Já experimentara antes aquela sensação de sofrimento. A minha protecção era afastar qualquer sentimento de dor. Não chorei e também não respondi nada. Fui deitar-me. Enquanto tentava dormir, ouvia Kit a passar a minha roupa a ferro e a embalar os meus poucos bens. Acabei por adormecer.

Na manhã seguinte, levantei-me e lavei-me com todo o cuidado. Pouco depois, tomámos o pequeno-almoço em silêncio, o Inspector da Crueldade contra Crianças da ISPCC chegou e levou-me. Apesar das lágrimas de todos nós, afastou-me das únicas pessoas que, em toda a minha vida, me haviam mostrado alguma bondade.

Anos depois, soube que Kit era filha ilegítima da irmã da minha mãe de acolhimento. Era uma mulher bondosa que, ao longo da vida, teve mais do que a sua conta de sofrimentos, devido ao estigma da ilegitimidade. Ao saber que a própria Kit era ilegítima, calculei que talvez não quisesse ou não pudesse adoptar-me devido ao seu próprio nascimento. Não podia adoptar uma bastarda, porque isso teria remexido a história da sua própria vida e todos os vizinhos teriam ficado a saber. Não teria conseguido suportar que, por uma pessoa como eu, todo o seu mundo caíria em pedaços. Eu teria chamado demasiado a atenção. Quando nos afastámos da casa de Kit, eu estava cheia de medo. Só me disseram que ia para uma escola. Perguntei ao Inspector da Crueldade contra Crianças:

— Para onde me leva?

- Vou levar-te a uma audiência no tribunal de Kilmallock - respondeu ele.

Comecei a chorar.

O Inspector da Crueldade contra Crianças era um homem bem vestido, com um casaco desportivo e calças claras. Era um homem do género frio e sério. Senti que não gostava de mim. Não me tentou tranquilizar fosse de que maneira fosse.

Eu nunca estivera num tribunal, mas, tanto quanto sabia, nada de bom acontecia no tribunal. Pensei que me mandariam para a prisão. Sempre que ouvia a palavra “tribunal», queria dizer que alguém fora enviado para a prisão. O meu pouco

conhecimento dos tribunais vinha dos muitos homens que costumavam visitar a minha mãe de acolhimento. Alguns deles eram personagens suspeitas, que falavam muitas vezes do mundo dos juizes e dos tribunais e de terem sido condenados a prisão.

Durante toda a viagem, soluzei desabaladamente. Sabia que quando uma pessoa fazia alguma coisa que não devia, ia a tribunal. Sabia que a ordem de cadeia era sempre assinada por um juiz do tribunal.

Nessa manhã estava em pânico. Não conseguia imaginar o que podia ter feito de mal. Todas as coisas más que fizera durante a vida relampejavam no meu cérebro. Mas pensava que devia ser qualquer coisa terrível que eu praticara recentemente. Se a razão de me levarem para o tribunal era alguma coisa má que cometera há muito tempo, porque não me levaram na altura em que a pratiquei?

“Não», pensei, “deve ter sido alguma coisa má que fiz há pouco tempo.» Mas não fizera nada.

Kit vestira-me a minha melhor roupa. Levava calçados os sapatos creme e as meias azuis que recebera antes do Natal. Por isso sabia que não tinha nada a ver com as minhas roupas novas. Levava também a bolsa de cabedal com o meu nome gravado em dourado por fora, para que toda a gente visse que me pertencia.

E então ocorreu-me. A única coisa má que eu podia ter feito para merecer ser mandada para a prisão fora o crime de ter sido demasiado feliz em casa de Kit e Tony. Durante o resto da viagem de automóvel, rezei a Deus, com longos soluços entrecortados, para que me perdoasse o que tinha feito. Se Ele não deixasse que o tribunal me mandasse para a prisão, prometia-Lhe que nunca mais seria feliz.

Por fim, chegámos a Kilmallock e o Inspector da Crueldade contra Crianças parou o carro o mais perto possível da porta da frente do Tribunal. Saiu de detrás do volante e correu para o meu lado do carro. Abriu a porta e agarrou-me firmemente pelo antebraço. Apertou tanto que me aleijou. Puxou-me bruscamente do assento. Os meus soluços transformaram-se em gritos. As lágrimas corriam-me pela cara.

Havia quatro ou cinco pequenos grupos de pessoas paradas diante do tribunal e lembro que todas se viraram para mim, para ver a causa da agitação. Levou-me

pelas escadas do tribunal acima, meio arrastada, meio pelo ar, agarrando-me no braço com a força de um torno e eu sempre a gritar e a soluçar ao mesmo tempo. Achei que devia ser a pior pessoa em todo o mundo. Pensei que merecia o pior castigo que me dessem. Pensei: “Agora, só o pior pode acontecer-me.»

A força no meu braço aumentou e fui levada pelo ar para dentro da sala de audiências.

- Acaba com a choradeira! - gritou o Inspector da Crueldade contra Crianças que me acompanhava. - Ninguém vai fazer-te mal.

Foi a primeira e a única minúscula réstia de segurança que recebi dele. Mas havia muitos polícias dentro e à volta do tribunal, e tudo o que eu consegui imaginar naquela altura foi um longo período na prisão. Seria esse o meu castigo pelo crime de ser feliz.

Arrastou-me outra vez apressadamente escadas abaixo, saímos do tribunal e demos a volta por fora. Tornámos a entrar por uma porta lateral que era de um gabinete. Lá dentro estavam quatro polícias à volta de uma secretária. Atrás da secretária estava sentado um homem com um grande livro à frente. Eu nunca vira um livro com páginas tão grandes.

O Inspector da Crueldade contra Crianças apontou para uma cadeira vazia atrás do homem à secretária e disse-me: “Senta-te nessa cadeira e não te mexas nem um milímetro e não quero ouvir nem um som que seja. Se mexeres um músculo ou deres um guincho, estes quatro polícias prendem-te, metem-te na cadeia e deitam fora a chave. Não é verdade, senhor guarda?»

- É isso mesmo - disse um dos polícias, apoiando o Inspector da Crueldade contra Crianças.

Deixaram-me sentada naquela cadeira durante cerca de quatro horas. Nunca mexi um músculo nem soltei um som. Queria ir à casa de banho mas não ousei pedir. Por fim não aguentei mais. O conteúdo da minha bexiga correu-me silenciosamente pelas pernas, pela beira da cadeira e pingou para o chão. Eu estava aterrada, com medo de que alguém reparasse.

O Inspector da Crueldade contra Crianças tinha desaparecido e os polícias estavam muito ocupados, entregues a discussões acesas com o homem do livro grande. Enquanto falavam de danos corporais agravados, licenças de

estabelecimentos públicos, bicicletas sem luzes, camiões sem imposto de circulação, tractores sem luzes brancas e também de conduta desordeira sob o efeito do álcool, nenhum deles reparou num longo e fino rego de urina que apareceu debaixo da secretária e abriu caminho suavemente pelo chão, saindo pela porta do gabinete. Escapou-se sem ser detectado e fugiu para a liberdade.

Já devia ser de tarde quando o Inspector da Crueldade contra Crianças reapareceu no gabinete. Veio direito a mim e disse: “Anda daí, mexe-se, entras daqui a pouco.»

Para mim, falarem-me daquela maneira era uma ocorrência normal, por isso tentei saltar da cadeira. Havia tanto tempo que não mexia um músculo que a parte de trás das minhas pernas nuas parecia estar colada à cadeira. Quando me pus de pé, a cadeira veio comigo. Estava colada às pernas por causa do suor seco. As costas da cadeira atingiram-me entre os ombros e cadeira e eu caímos para a frente e estatelámo-nos no chão. Ao cair para a frente, desloquei uma caneta e um tinteiro que estavam na beira da secretária do homem. Um grande e pesado tinteiro de vidro facetado, cheio de tinta azul, caiu nos bem engraxados sapatos castanhos e na orla das calças creme do Inspector da Crueldade contra Crianças, que com o choque deu um grande salto no ar. Foi como se alguém tivesse despejado ácido sulfúrico em cima dos seus pés.

- Os meus sapatos ficaram estragados sem remédio e olhem para as minhas calças - gritou.

Dois polícias e o homem do livro grande riram-se com gosto à custa da sorte do Inspector da Crueldade contra Crianças.

- Aiii, aii, olhem para isto, rapazes - gemeu ele com os braços estendidos, como se apelasse aos polícias.

Este interlúdio cómico animara-lhes consideravelmente o dia. Quanto a mim, pensei que assim ficaria sem dúvida na cadeia para toda a vida.

Quando a agitação acalmou, o Inspector da Crueldade contra Crianças, manchado de tinta e embaraçado, arrastou-me bruscamente para fora do gabinete e encostou-se à parede do tribunal.

Comecei a chorar outra vez.

- Cala-te e escuta. Solucei ainda mais.

- Se o juiz te fizer uma pergunta - disse ele acentuando as palavras -, tu respondes “Sim, Meritíssimo Juiz». Compreendes? - perguntou.

Eu tentei dizer que sim, mas não conseguia emitir um único som, por causa dos soluços desolados.

- Compreendes? — berrou-me.

- Sim, Meritíssimo Juiz - respondi, na minha inocência.

- E não te armes em esperta comigo, menina — disse ele bruscamente.

Eu acenei, pois ainda não conseguia emitir nenhum som.

- Agora pára de chorar, porque o teu caso vai a julgamento.

Engoli os soluços e subi as escadas até à sala de audiências. O tamanho da sala assombrou-me. Havia homens por todo o lado; homens de fato completo, homens atrás de secretárias e um grande número de polícias. Havia um homem vestido com uma túnica preta, sentado numa plataforma elevada. Parecia ter na cabeça uma pequena peruca encaracolada.

Sentei-me ao lado do Inspector da Crueldade contra Crianças, atrás de uma secretária, de frente para esse homem. Quando me sentei, o Inspector da Crueldade contra Crianças disse-me: “Aquele é o juiz.»

Sentei-me, hipnotizada por tudo o que me rodeava.

Um homem pôs-se de pé e anunciou em voz alta: “Processo Clifford.»

Nessa altura, aquilo não tinha qualquer significado para mim. Era a segunda vez na vida que ouvia o nome Celine Cliford. Eu chamava-me Celine O'Brien.

O Inspector da Crueldade contra Crianças pegou-me na mão e levou-me ao juiz. Eu tive de ficar de pé na tela à direita do Juiz, de frente para a multidão que estava no corpo principal do tribunal. Mal chegava ao cimo da tela. Estava de frente para toda a gente. Todos olhavam para mim. Senti-me angustiada. Tentei ficar abaixo do topo, para que ninguém me visse.

Anos depois, tive acesso a uma cópia da Matéria da Queixa, que estava ao abrigo das Leis Infantis de 1908-1941. Dizia:

“Requerimento para confiar a uma Escola Industrial Oficial Celine Clifford, que o tribunal entende que é uma criança com menos de quinze anos, tendo nascido, tanto quanto foi possível apurar, no dia 14 de Novembro de 1948 e que reside em Ballyculhane, Kilmallock, tendo-se verificado que tem mãe ou guardiã que não exerce uma tutela adequada.»

Estava eu cautelosamente a espreitar para a sala de audiências quando me apercebi de que o Juiz, o Inspector da Crueldade contra Crianças e muitos outros homens estavam a discutir a minha pessoa, os meus pais de acolhimento, a minha escola e muitos outros aspectos da minha vida. Na verdade, não percebi nada do que disseram. O que eu queria era não ter de estar ali.

Naquele tempo, não havia coisas como entrevistas prévias gravadas ou vídeos, para as crianças não terem de sofrer o trauma de prestar depoimento em tribunal.

Quando ouvi “E agora, jovem senhora, como te chamas?», olhei para o meu Inspector da Crueldade contra Crianças, na esperança de receber uma orientação.

Ele acenou para mim, como a dizer que respondesse à pergunta.

- Sim, Meritíssimo - respondi, engolindo em seco.

O Inspector da Crueldade contra Crianças revirou os olhos para o céu.

- Como te chamas, jovem? - berrou o Juiz.

O som da voz do Juiz ecoou por toda a sala de audiências. Dava a impressão de ser tão severo! Fiquei petrificada.

- Celine O'Brien - acabei por dizer, numa voz fina e quase inaudível.

- Fala alto, não consigo ouvir-te - disse o Juiz, em voz zangada. Eu estava assustadíssima e tinha a garganta contraída. As palavras não saíam.

Voltei a olhar para o Inspector da Crueldade contra Crianças, na esperança de que ele me ajudasse. Ele tapava a boca com a mão e olhava para um ponto distante do texto. Compreendi que não me ajudaria.

- Celine O'Brien, senhor - gritei em resposta ao Juiz, no tom mais alto que consegui.

- Que significa isto? - inquiriu o Juiz, olhando para a sala de audiência.

O Inspector da Crueldade contra Crianças levantou-se de um salto, dizendo:

- Não, não, Meritíssimo Juiz, o nome dela é Clifford, Celine Clifford. O nome dos seus pais de acolhimento era O'Brien.

Aumentou a agitação na sala. Pensei que era tudo por minha culpa, por ter gritado para o Juiz, e tinha a certeza de que me preparava para um grande castigo.

Durante toda a discussão, reparei numa mulher alta e magra com um casaco creme, que estava de pé no fundo da sala de audiências. Era a única mulher naquela sala cheia de homens. Parecia seguir tudo com grande interesse. Tentei cruzar o olhar com ela, mas ela olhava fixamente em frente, evitando as minhas olhadelas ocasionais. Só uma vez, quando estabelecemos contacto visual, ela se permitiu sorrir brevemente para mim.

Eu conhecia-a? Ela conhecia-me? Quem era ela? Porque estava ali?

A minha atenção regressou ao decurso da sessão antes que conseguisse sequer pensar em respostas a estas perguntas. Determinou-se que o meu nome era Celine Clifford. Ao que me parecia, estavam a mudar o meu nome para o caso de alguém saber que eu estava na prisão. Pensei que faziam o que deviam, pois eu tinha causado grande escândalo à minha família de origem pelo simples facto de estar viva. Não queria manchar o bom-nome dos meus pais de acolhimento, quando todos os seus amigos soubessem que eu fora mandada para a prisão por ser má. Sentia que era minha a culpa de tudo o que me tinha acontecido na vida.

Tive de responder a muitas perguntas acerca de partes íntimas do meu corpo. Por vezes a mesma pessoa, por vezes outra, repetia as perguntas até eu lhe dar uma resposta que as satisfizesse. Tive de descrever algumas das coisas horríveis que os homens tinham feito ao meu corpo ao longo dos últimos seis anos. Foi horrível ter de dizer essas coisas às pessoas, em público, em especial a uma sala cheia de homens.

Houve muita conversa no tribunal e depois toda a gente se calou. Eu ergui os

olhos para ver o que estava a acontecer.

O Juiz falou directamente para mim: — Põe-te de pé, Celine Clifford. Levante-me e a metade inferior do meu corpo começou a tremer.

— Quero que repitas o que vou dizer — ordenou o Juiz. Comecei a chorar outra vez.

- Juro ficar na Escola Industrial de Mount Saint Vincent durante todo o tempo que for considerado necessário ou enquanto assim for ordenado.

Desatei a chorar alto, com soluços angustiados. Não me conseguia lembrar de todas as palavras que o Juiz dissera. Por isso ele disse a frase outra vez, em grupos de duas palavras de cada vez, e eu repeti-as. Quando acabei de repetir as palavras, senti-me muito sozinha no mundo. Não estava ali ninguém para mim.

O Inspector da Crueldade contra Crianças agarrou-me o antebraço com força e, com relutância, fui forçada a sair da sala de audiências. Mais uma vez, estava a chorar, com soluços profundos e violentos.

E acabou-se.

Muitos anos depois, tive a oportunidade de ver o Memorando da Justiça quando o Livro de Minutas da Justiça já se encontrava nos Arquivos Nacionais. Ordenava que “Celine Clifford fosse entregue à Escola Industrial oficial de Mount Saint Vincent, Limerick, para aí ser detida a partir desta data até ao dia 14 de Novembro de 1964 exclusive. Notifique-se o Conselho do Condado. Sem ordem para contribuição”.

Naquele tempo, a Matéria da Queixa ao abrigo das Leis Infantis de 1908-1941 era um método comum para lidar com crianças com problemas comportamentais. Era usado para internar crianças nas Escolas Industriais por todo o tipo de pequenos crimes, desde o roubo de um pão até ao de uma bicicleta. Algumas dessas crianças tinham sido criadas de forma muito abusiva e estavam cheias de raiva. Algumas viviam sem controlo. Talvez isso explique o tratamento rude que recebi do Inspector da Crueldade contra Crianças.

No dia 2 de Março de 1962, com treze anos de idade, fui levada do Tribunal de Kilmallock, chamando-me agora Celine Clifford; estava convencida de que ia para a prisão para cumprir uma sentença de prisão perpétua. A senhora bem

vestida desaparecera. Não tinha estabelecido nenhum contacto comigo. Levaram-me para aquele mesmo gabinete em que passara a maior parte do dia.

Entrei no gabinete de cabeça baixa. Olhava para o chão e o cabelo caía-me à volta da cara. Estava húmido por causa das lágrimas que corriam descontroladamente.

Naquela altura teria agradecido qualquer conforto humano, mas não tive nenhum. Teria adorado um simples copo de água, mas estava demasiado assustada para o pedir. No mundo masculino dos tribunais sentia que era do sexo errado e que até isso era culpa minha!

Sentia que não podia confiar em ninguém. Continuava convencida de que ia para a prisão. - Vens comigo para o orfanato. Aí tomam bem conta de ti - disse-me o Inspector da Crueldade contra Crianças.

Parei de soluçar quase imediatamente. Ouvira claramente a palavra orfanato. Se alguma vez tinha sido dita antes, durante esse longo dia, eu não ouvira.

- Isso quer dizer que não vou para a prisão para sempre? - perguntei em voz baixa.

- Claro que não vais para a prisão. Quem te deu tal ideia? Aqui tomarão conta de ti melhor que antes. Tiveste muita sorte por aquela mulher ter feito queixa ao ISPCC.

- Que queixa? Que mulher? O que é o ISPCC?

- O que se passava naquela casa era repugnante. Toda a gente sabe da casa. Só tenho de assinar uns papéis aqui no gabinete e depois vamos embora - disse ele.

Eu queria fazer um milhão de perguntas. Mas tinha medo de abrir a boca, não fosse meter-me em mais sarilhos.

- Claro que os meus sapatos e as minhas calças ficaram estragados por tua causa - foi a última declaração que ouvi da boca do Inspector da Crueldade contra Crianças.

Antes de me ir embora, enquanto ninguém estava a olhar, procurei qualquer prova de que tinha molhado o chão do gabinete quando lá tinha estado antes.

Horror dos horrores, ainda era visível. Em silêncio, rezei a Deus para que ninguém reparasse na mancha. Sentia-me tremendamente culpada por causa dela.

4 Em segurança na prisão

O Inspector da Crueldade contra Crianças não foi tão hostil depois da audiência. Voltou ao gabinete e, desta vez, agarrou-me pela mão com gentileza para me levar. Como íamos para o orfanato, deixei de chorar. A viagem demorou cerca de meia hora de carro. O tempo passou depressa.

Sáímos do carro e dirigimo-nos para uma pesada porta de madeira. O Inspector tocou à campainha e uma freira abriu a porta e mandou-nos entrar. Levou-nos para o que parecia ser uma grande sala de espera. Era quente e confortável e a cera do chão cheirava a alfazema.

Era encantadora.

- Esta é Celine Clifford. Vai ficar aqui convosco, Irmã - disse o Inspector da Crueldade contra Crianças.

— Estávamos à tua espera, Celine. Sê bem-vinda ao Orfanato Mount. Esta vai ser a tua casa. Espero que sejas feliz aqui - disse a freira.

Eu continuava a agarrar a mão do Inspector da Crueldade contra Crianças com toda a força, olhando cautelosamente à minha volta.

A freira disse que as outras crianças estavam a rezar o terço e que me podia juntar a elas. Como eu sabia rezar o terço, disse: “Sim, por favor.»

Ela levou-me por uma série de corredores compridos. Um vago murmúrio era afinal um coro de vozes infantis que entoavam as respostas às conhecidas palavras do terço. A freira disse que me viria buscar logo que a oração acabasse. Fui depois entregue em silêncio a outra freira, que conduzia as orações, por um sistema de acenos entre as duas.

Mandaram-me ajoelhar entre duas outras raparigas num banco comprido. Quando olhei para elas, responderam-me com um sorriso de saudação. Quando o terço acabou, fui rodeada por um grande número de crianças. Eram tantas a fazer-me perguntas que eu mal conseguia responder. Algumas queriam tocar-me.

Retraí-me ligeiramente. Mas eram gestos bem intencionados.

Fui dominada por uma vaga de emoção. Senti que o sangue me subia às faces. Compreendi que, pela primeira vez em toda a vida, me sentia segura.

Pensei para comigo: “Vou adorar este lugar.»

A freira regressou para me levar, como prometera. Perguntou-me se me tinham dado de comer. Como não havia comido nada em todo o dia, de repente senti fome. Na verdade, andava sempre esfomeada, mas, como nos últimos meses me habituara a que me dessem comida, sentia mais fome do que nunca. A freira disse que eu ia cear com as outras crianças e que depois me dariam banho e me mostrariam o sítio onde passaria a dormir.

Levou-me para o refeitório, onde todas as outras meninas já estavam sentadas às várias mesas compridas, fazendo muito barulho. Cheirava a leite azedo. Eu nunca tinha ouvido um tal tumulto. Toda a gente parecia gritar ou falar ao mesmo tempo. Todas queriam que eu me sentasse à mesa delas. Era tremendamente excitante.

Para a ceia deram-nos pão com compota, que acompanhámos com leite frio. Havia uma travessa com uma pilha enorme de pão com compota. Engoli apressadamente todas as fatias que consegui. A ementa da ceia era sempre pão, margarina, compota e leite frio. Mas havia regras a respeito do pão, da margarina e da compota.

Podíamos comer pão com margarina à ceia. Podíamos comer pão com compota à ceia. Mas NÃO podíamos comer pão COM margarina e compota na mesma ceia. Esta pequena regra não me incomodou.

Depois da ceia, duas freiras diferentes levaram-me para a zona de lavagem. Disseram-me que pusesse um banho a correr e eu não sabia o que isso queria dizer. Mostraram-me como se abria uma torneira. Quando tinha cinco centímetros na banheira, fechei a torneira. As freiras riram-se de mim. Algumas das meninas órfãs ouviram-nas rir e vieram saber qual era a razão. Começaram a fazer troça de mim. Não gostei que troçassem de mim por estar suja e não saber como preparar um banho.

Uma das freiras assumiu o controlo.

- Saíam todas daqui que nós as duas vamos mostrar à Celine o que significa limpeza — disse.

Depois encheram a banheira de água limpa e quente. Disseram-me que tirasse a roupa toda e que entrasse para a banheira e me sentasse. Quando me despi, pousei a minha bela roupa numa cadeira próxima, com os meus sapatos creme e as meias azuis. Em cima de tudo pousei a preciosa bolsa de cabedal castanho, com o meu nome, Celine, gravado a ouro, para que toda a gente visse.

Quando me meti no banho, as freiras arregaçaram as mangas dos hábitos. Fizeram-me uma limpeza geral de que ainda hoje me lembro. Toda a pele a que se podia ter acesso foi esfregada até ficar limpa. Puseram-me no cabelo e no resto do corpo umas poções de cheiro desagradável. Quando o banho acabou, as freiras embrulharam-me numa toalha enorme e deixaram-me quase seca.

Levaram-me apressadamente para fora da zona de lavagem. Ao sair, entre as duas freiras, olhei por cima do ombro para a cadeira onde tinha pousado os meus bens especiais, tão ciosamente guardados: a camisola cor-de-rosa, a saia azul, os sapatos creme, as meias azuis e a minha amada bolsa de cabedal. Aqueles poucos objectos constituíam tudo o que eu possuía à face da terra. Nunca mais os vi.

Perguntei muitas vezes às freiras onde estavam, mas as minhas perguntas foram sempre rapidamente afastadas. Desapareceram sem deixar rasto. Acabava de aprender que, se recebemos um presente inesperado e nos dedicamos a ele, devemos ter cuidado pois pode não nos pertencer para sempre. Foi uma lição que se revelou útil para mim muitas vezes na vida.

Quando fiquei seca, deram-me uma camisa de dormir para vestir. Mostraram-me depois qual seria a minha cama nos meses seguintes. Era num dormitório que tinha cerca de dezasseis camas alinhadas em duas filas. As freiras sorriram para mim, enquanto me tranquilizavam acerca da minha estada no Orfanato Mount e me metiam na cama. A roupa da cama cheirava a limpo. Quando a puxei e a aconcheguei ao pescoço, senti-me confortável e quente.

Sentia-me segura.

Depois de um dia tão longo, tenso e esgotante, não tardei a adormecer.

A certa altura, a meio da noite, acordei em sobressalto. Gritei quando uma coisa

dura atingiu todo o meu corpo. Não fazia ideia de onde estava. Tinha-me sentido tão segura antes de adormecer que não conseguia compreender o que me acontecera. Caíra da cama. Nunca tinha dormido numa cama de pessoa só!

A pouco e pouco, fui conhecendo as outras meninas do orfanato e, pela primeira vez, tive algumas amigas, o que me ajudou. Também fiquei a conhecer as freiras responsáveis pela sua eficiente e disciplinada rotina diária. Só fui conhecendo as freiras à medida das necessidades. No dia em que cheguei ao orfanato, quase me sentira especial, mas, nos dias posteriores à minha apresentação, fui informada, sem margem para dúvidas, de que não era de maneira nenhuma especial. Não passava, aliás, de uma pequena peça no que as freiras entendiam como uma grande e muito importante engrenagem. Na realidade, as freiras consideravam que estavam a prestar um serviço essencial e valioso ao povo irlandês em geral. O lado público das freiras mostrava que proporcionavam um serviço empenhado às pobres e infelizes crianças, na sua maioria filhas de mães solteiras e com falta de escrúpulos.

O outro lado não público das freiras era a realidade de que ofereciam abrigo, com uma dieta muito básica, a crianças que, segundo a sua convicção, estavam a pagar, pela sua mera existência, os pecados das mães. Segundo a Igreja Católica irlandesa, o pecado que as mães haviam cometido era terem ficado grávidas e dado à luz um filho não sendo casadas. O pecado era inaceitável aos olhos de Deus, de todos os envolvidos na vida religiosa e das pessoas decentes da Irlanda. E assim, a grande maioria das pessoas evitava as raparigas que reconheciam ter cometido tal pecado. E, pior que isso, os filhos dessas mães solteiras também eram postos de lado e considerados um incómodo. As Escolas Industriais, por vezes conhecidas como orfanatos subsidiados pelo Estado e administradas por ordens beneméritas de freiras, eram a solução para o problema. Algumas das crianças do orfanato tinham a sensação de estarem no exército, outras achavam que era uma prisão.

Havia um horário para tudo e regras para as mais pequenas coisas. Se as regras fossem desrespeitadas, cada uma tinha o seu próprio valor e um castigo rigorosamente calculado. Lembro-me de que tínhamos de limpar todos os rodapés do orfanato. Demorávamos horas e, se ficasse a mais pequena marca na parede, batiam-nos. Muitas freiras tinham uma tira de cabedal que costumava estar pendurada ao lado do terço e batiam-nos logo. Receávamos chorar. Se chorássemos, batiam-nos mais. Tínhamos de nos manter sempre em silêncio, como se estivéssemos engasgadas. Era preciso aguentar. Nunca podíamos gritar.

Algumas das raparigas não conseguiam evitar e as freiras batiam-lhes vezes sem conta com a tira de cabedal. Também tínhamos de limpar o pó na zona superior das paredes, por cima das barras onde se penduravam as fotografias, e depois esfregávamos o chão. Nunca havia um grão de pó no orfanato. Ainda não consegui expulsar da memória os gritos e os sofrimentos das mais pequenas que eram castigadas por quebrarem algumas das vagas e injustificáveis regras. Era muito difícil ver aplicar um castigo a outra rapariga, em especial se fosse mais nova do que nós. Por vezes a fronteira entre infringir e não infringir uma regra era muito vaga. Muitas crianças eram castigadas por nada, muitas vezes com demasiada dureza. Se uma rapariga molhasse a cama, ficava exposta no fundo do dormitório com os lençóis molhados e depois tinha de os lavar sozinha.

Por vezes, cortavam o cabelo como castigo, para que toda a gente soubesse. Quanto ao resto, éramos todas parecidas umas com as outras, com o mesmo corte de cabelo e as mesmas roupas que pareciam sempre em segunda mão. Se uma freira gritasse “Pára», parávamos instantaneamente - a obediência era absoluta.

Nem todas as freiras eram más. Algumas tinham um pouco de compaixão, mas receavam as freiras mais poderosas. Repetiam-nos vezes sem conta que tínhamos de sofrer pelos pecados dos nossos pais. A mim disseram-me que eu estava estragada - “destruída para toda a vida», porque nem sequer era virgem. Fora usada e tinha de sofrer por isso. Toda a gente conhecia o meu passado.

Algumas queriam humilhar-nos. Tínhamos de ficar imóveis durante horas sem fim, ou ficávamos sem jantar, ou não nos autorizavam a sair. Algumas das crianças especiais, que tinham família fora do orfanato, conseguiam frequentar as Danças Irlandesas ou ir para o coro, mas a mim nunca me deram autorização para isso. Havia um sítio onde as crianças que tinham família no exterior podiam ir comprar gulodices se alguém lhes desse dinheiro. Nunca as partilhavam. Penso que recebiam ordem para não o fazerem. Lembro-me de uma vez em que uma rapariga que ia à minha frente deixou cair o papel do doce. Apanhei-o e lambi-o até já não ter nada.

Um castigo misterioso que costumavam aplicar-me eram as tentativas das freiras para me fazerem sentir culpada, perguntando-me: “Pensariam em ti agora as tuas tias freiras?» Ouvi isto centenas de vezes. Não fazia a menor ideia do que a pergunta queria dizer, porque não conhecia nenhuma “tia freira». Por isso, na minha ignorância, escapei ao castigo do complexo de culpa que tentavam incutir

em mim.

Mas tudo é relativo. Como viera do Inferno, achava que o orfanato, com todas as suas regras e regulamentos, era o Céu. Adorava-o. A freira responsável pelo orfanato tinha a noção da responsabilidade. Algumas das suas ajudantes também eram justas, mas outras eram obcecadas e duras. Não tardei a descobrir que quem provocasse sarilhos estava metida em problemas, e por isso evitava cometer erros.

No segundo dia no orfanato, disseram que me dirigisse ao escritório. Atribuíram-me um número. A partir de então seria conhecida como 1797. Também tinha de ir à enfermaria para fazer um exame médico de rotina.

O médico viu-me ao fim da tarde. O exame foi a inspecção habitual de audição, visão, dentes, nariz e sistema respiratório. Quando me interrogou sobre as minhas zonas íntimas, sentei-me na cadeira e cruzei as pernas e os braços. Baixei a cabeça.

Ele perguntou-me:

- Foste incomodada?

Eu não tive voz para lhe responder. Ele definiu melhor a pergunta:

- Houve homens que tiveram relações sexuais contigo? Consegui acenar com a cabeça e desatei a chorar.

Ele murmurou para consigo: “Oh, Deus do Céu.» Depois chamou a enfermeira e disse-lhe:

- Ela tem de ser observada por um ginecologista. Vai precisar de um exame ginecológico completo. Vou passar uma carta de recomendação e tem de marcar uma consulta o mais depressa possível.

Perguntei a mim mesma sobre o que estariam a falar, mas não percebi nenhum dos termos médicos. O médico disse-me que eu estava ótima e que podia ir-me embora.

No terceiro dia da minha estada no orfanato, a irmã responsável mandou chamar-me e disse que eu tinha de ir à escola para avaliarem o nível da minha instrução.

Pôs-me na quinta classe. Enquanto vivi com os meus pais de acolhimento, a minha presença na escola era praticamente nula. Anos mais tarde, consultei as minhas fichas de assiduidade da escola primária. Descobri que, num total de oito anos de instrução primária, a totalidade dos dias passados na escola não chegavam a um ano académico. Ainda hoje não consigo compreender como a escola permitiu que isto acontecesse sem informar quem de direito.

Assim, ao fim de três dias na quinta classe, na escola do orfanato, as freiras entenderam que não valia a pena passar mais tempo na escola.

Ouvi a freira da escola dizer à outra freira que eu era completamente burra, não sabia nada e não compreendia nada do que se ensinava na aula. No fundo, não as critico por esta avaliação. Elas não eram culpadas por eu ter treze anos e nunca haver recebido a instrução básica.

Por outro lado, lamento muito que não me tenham ajudado a tentar aprender. Mas o facto é que fazia parte de um grupo de pessoas que embaraçava a comunidade em geral. Eu e as minhas companheiras só merecíamos o mínimo dos mínimos de assistência, fosse de que tipo fosse.

Como o meu futuro académico foi considerado inexistente, foi de imediato atirado para o caixote do lixo educacional. Ficaria no orfanato propriamente dito e cuidaria das raparigas mais novas, ajudaria nas cozinhas e limparia os sanitários. Deveria considerar como instrução quaisquer saberes que adquirisse ao cumprir estas obrigações.

Uma vez por semana, tínhamos de esfregar o pátio de cimento e os esquadros, de joelhos, com uma escova de esfregar chão. Era trabalho físico duro. Também éramos incentivadas a aprender costura. Havia sempre uma montanha de roupa rasgada ou descosida para arranjar. Todas as manhãs, havia pelo menos duas horas destinadas a coser uma quantidade interminável de roupa rasgada. Tornei-me bastante eficiente neste trabalho. Sendo parte do nosso treino de costura, éramos incentivadas a fazer as próprias roupas de que precisaríamos quando, aos 16 anos, saíssemos do orfanato para entrar no mundo real e arranjar trabalho para sobrevivermos. Durante dois anos, consegui fazer um pijama, uma saia, um vestido e uma blusa. Embora apreciasse a tranquilidade das sessões de costura no orfanato, depois de sair nunca consegui costurar, nem como distração nem como trabalho. Passados quarenta anos, só consegui fazer uns cortinados. Foram feitos por estrita necessidade, para proteger a janela do quarto de um

apartamento que ficava à vista de metade da população de Londres.

Cozinhar era outro saber que eu viria a adquirir como parte do meu treino no orfanato. Mais uma vez, na realidade significava exercer a função de criada, de ajudante, descascando cenouras e batatas nas cozinhas anexas ao orfanato. Em comparação com a costura, cozinhar no orfanato era trabalho duro. Exigia muitas horas e boa preparação física. O pequeno-almoço para o dia seguinte tinha de ser preparado na noite anterior, antes de nos deitarmos. Dois enormes tachos de papas de aveia eram postos ao lume até ferverem e depois coziavam em lume brando durante cerca de quarenta e cinco minutos. Os tachos eram tão grandes e tinham tanta água que demoravam horas a ferver. O fogão era aquecido com combustível sólido, sobretudo turfa. Fazia parte dos meus deveres mantê-lo aceso e funcional.

Uma vantagem de trabalhar nas cozinhas era que tinha sempre qualquer coisa para comer. Enquanto vivi com os meus pais de acolhimento, andava sempre esfomeada. Embora as freiras exercessem um controlo rigoroso sobre as reservas de alimentos e nas cozinhas não fosse tolerado o menor estrago, havia sempre aparas para comer. Nunca ficavam restos das refeições, mas, uma vez por outra, algumas crianças podiam não comer a dose que lhes estava destinada, por uma série de razões. A única razão que nunca se aplicava era excesso de comida. A comida era sempre guisada e feita com as batatas mais baratas. Ao domingo costumávamos ter um pudim viscoso e cor-de-rosa sujo. Lembrava-me a minha vida passada e nunca o comia. Costumava dá-lo às escondidas a uma das minhas amigas. Pelo menos, ao trabalhar nas cozinhas, conseguia sempre roubar um pedaço melhor de carne ou esconder um pouco de comida pronta em sítio seguro. Comia essas coisas mais tarde, para substituir uma refeição menos apetitosa. Toda a gente do orfanato roubava comida uma vez por outra. Tinham de fazê-lo, sob pena de morrerem de fome.

Não era uma comida requintada para um pequeno grupo de pessoas. Era comida de cantina em larga escala. Era preciso dar de comer a cerca de duzentas e vinte bocas, três vezes por dia. As mesas do refeitório tinham de ser preparadas com pratos, copos e talheres para todas as refeições. Todos os pratos, copos e canecas eram feitos de metal, para evitar a louça partida. Todos os utensílios para comer e cozinhar tinham de ser lavados depois de usados.

As órfãs, vigiadas por uma freira, faziam tudo à mão. A função da freira era exclusivamente de vigilância. Não fazia nada nem de cozinha nem de lavagem.

As freiras também nunca comiam connosco no nosso refeitório. Tinham a sua própria sala de jantar. Nunca éramos convidadas ou autorizadas a visitar a zona habitacional da comunidade das freiras. Estava situada num edifício separado, no lado oposto ao das nossas instalações.

Mas, passados alguns meses, tive um vago indício da maneira como o sistema funcionava. Muitas vezes o fornecedor distribuía na mesma carrinha a comida para as duas zonas. Estávamos sempre ansiosas à espera da entrega do pão. As órfãs tinham de ajudar a transportar todos os pães grandes e as outras raparigas ensinaram-me a esconder comida debaixo das nossas cuecas compridas. Só recebíamos dois fornecimentos por semana e o nosso pão era o que o padeiro chamava “devoluções». Era pão devolvido pelas lojas que o compravam na padaria. Se não tivesse sido vendido ou ainda estivesse na loja quando chegava a entrega seguinte de pão fresco, a padaria retomava-o. Era sempre rijo e quase todo coberto de bolor escuro. Quando chegava à cozinha do orfanato, tínhamos de lhe retirar o bolor antes de o servir às refeições. A secção onde as freiras comiam recebia todos os dias pão fresco, incluindo um fornecimento de pastéis frescos e produtos de confeitaria. Nós chamávamos-lhes bolos secos.

Os nossos dias de entrega eram a terça-feira e a sexta-feira e eram esperados com grande expectativa pelas duas órfãs que estivessem de serviço à cozinha. O distribuidor conseguia quase sempre dar a cada uma das raparigas um pão doce para comer. Que petisco! Por vezes dava-nos também pastéis com nata batida, por vezes donuts com compota e creme ou bolos secos cobertos de açúcar. Eram maravilhosamente doces.

Tínhamos de os engolir a toda a velocidade. Se fôssemos apanhadas a comer bolos secos, tanto o distribuidor como nós próprias estaríamos metidos em grandes sarilhos. Ele nunca pedia nem esperava nada em troca, nem nenhuma espécie de pagamento. Recordar-me-ei sempre dele como uma pessoa especial que não nos discriminava, numa época em que a maioria das pessoas nos olhava como se fôssemos lixo humano. Trabalhar nas cozinhas incluía também trabalhar no berçário, onde o alimento básico era leite. De dois em dois dias, um homem com uma carroça puxada por um cavalo entregava o leite ao orfanato em enormes desnatadeiras de leite metálicas. Eram guardadas na despensa. Nessa época não havia frigoríficos, pelo que o leite era guardado na parte mais fresca da despensa. Costumava azedar muito depressa, em especial nos meses quentes do Verão, o que também contribuía para o cheiro persistente a leite azedo que invadia todos os edifícios do orfanato. Claro que nós nunca notávamos o cheiro,

mas os visitantes faziam muitas vezes comentários a esse respeito.

Olhando para trás, percebo que o mau estado do leite explicava provavelmente os muitos casos de enterites verificados nos bebés e nas crianças mais novas na zona do infantário. O cheiro da diarreia era muitas vezes terrível, mas perdia-se no choro incessante das crianças em sofrimento, provavelmente infectadas pelo leite contaminado.

Outra competência importante que herdei do meu tempo no orfanato foi fazer renda. As órfãs mais velhas tinham de aprender a fazer renda. As consideradas eficientes eram incentivadas a fazê-la a tempo inteiro. As freiras vendiam-na como renda decorativa típica de Limerick no lucrativo mercado americano. Eu tornei-me bastante perfeita. Mas, desde que saí do orfanato, nunca mais fiz renda. No entanto, como distração, coleccionei renda decorativa feita por outras pessoas e tenho alguns trabalhos em renda antiga na minha colecção. Acho que serve para me recordar o tempo que passei em segurança, absorvida no trabalho de bordadeira.

Estava há cerca de quatro meses no orfanato quando a freira-encarregada me chamou ao escritório num sábado de manhã. Disse-me que contasse com a visita de uma freira de um convento diferente, informando que uma tal Irmã Bernadette chegaria no dia seguinte.

Tal como prometido, a misteriosa freira apareceu no domingo à tarde. Eu estava à espera na zona de convívio. Ela apresentou-se como Irmã Bernadette. Disse-me que eu era o “caso» dela e que, para mim, seria uma amiga especial. Se houvesse alguma coisa que me preocupasse, deveria contactá-la. Se houvesse alguma coisa que eu achasse que ela devia saber, deveria contactá-la ainda mais depressa. Prometeu que tomaria conta de mim. Mesmo depois de sair do orfanato, deveria considerá-la minha confidente ou uma amiga especial. Deixaria ficar o seu endereço à irmã-encarregada do orfanato. Era um dia agradável, soalheiro, por isso sugeri que déssemos um passeio pelos terrenos do orfanato.

Começou a fazer-me algumas perguntas, por exemplo como estava eu a integrar-me no orfanato. Enquanto passeávamos pelo roseiral, ela espirrou e disse que talvez estivesse a constipar-se. Pará mim, o comentário não tinha qualquer significado, mas ela serviu-se dele para introduzir o tema das alterações do meu corpo. Disse-me que, a partir de então, passaria a ter uma constipação todos os meses. Eu respondi que já me tinha constipado muitas vezes. — Oh, não —

disse ela, — nunca tiveste uma constipação como esta. Disse-me que eu iria sangrar todos os meses. Não me disse que parte do meu corpo ia sangrar. Parti do princípio de que, se ia ter muitas constipações, seria pelo nariz. Como tivera constipações e hemorragias nasais desde que me lembrava, não fiquei nada preocupada. Quando, na semana seguinte, falei desta entrevista com algumas das minhas amigas do orfanato, fiquei a saber que a Irmã Bernadette tinha tentado dizer-me que em breve eu começaria a ter o período menstrual. No orfanato, as raparigas menstruadas tinham de fazer fila para ir buscar pensos higiénicos. A primeira vez que as vi, pensei que iam buscar meias brancas. Fiquei com inveja delas e pensei: “Porque nunca as tenho eu?” Pouco depois da conversa com a Irmã Bernadette, eu própria tive de entrar para a fila. Quando os períodos eram muito abundantes, tínhamos de virar o penso ao contrário, pois as freiras não nos davam mais. Podíamos envolvê-lo em papel higiénico mas, como só nos davam dois quadrados de papel higiénico de cada vez, era muito complicado.

A Irmã Bernadette continuou a falar, dizendo-me que a “constipação mensal» levava às “coisas que os rapazes fazem às raparigas». Começou a falar de bebés. A descrição que fez do que acontecia naquelas situações veio embrulhada em acanhadas descrições disfarçadas. Quando comecei também a falar, dizendo que em casa os homens me faziam isso, ficou com um ar chocado e horrorizado. Conte-lhe da “picha» e como podia fazer doer e ela começou a perceber que eu conhecia muitas palavras para descrever em pormenor aquilo de que ela tinha dificuldade em falar. Retraiu-se visivelmente ao ouvir algumas das palavras que eu usei. Para mim, eram palavras normais, usadas todos os dias em casa da minha família de acolhimento. Pelo que eu disse, a Irmã Bernadette soube muitas coisas que aconteciam na minha casa de acolhimento, mas optou por não fazer nada acerca do assunto.

Acabou por me dizer em voz baixa: - Acho que já sabes o que estou a tentar dizer-te. Pelo tom de voz dela, não consegui perceber se estava repugnada com o meu conhecimento ou preocupada com o meu futuro. Pensava eu que a entrevista tinha chegado ao fim, mas estava enganada. Toda a conversa anterior era apenas a preparação para o que iria dizer-me a seguir. O que disse depois começou com uma afirmação muito simples, mas que me perturbou durante o resto da minha estada no orfanato. Até então, em comparação com a vida de abusos e degradação que eu vivera com os meus pais de acolhimento, a minha estada no orfanato tinha sido uma bênção. Mas ficaria emocionalmente perturbada durante trinta anos por causa daquilo que a Irmã Bernadette me disse a seguir.

Disse-me que eu tinha mãe e pai. Também me disse que tinha uma avó.

Fiquei destroçada. Quando os meus pais de acolhimento diziam que ninguém me queria, na realidade eu não compreendia o sentido exacto da afirmação. Mas não tardou a ficar claro, naquela tarde soalheira, no roseiral, com a Irmã Bernadette.

Disse que a família do meu pai vivia na cidade de Limerick, perto do mesmo sítio onde vivia agora. A outra família, que incluía a minha avó materna, vivia no condado de Limerick, mas não longe da cidade. Fiquei imediatamente excitada. Dava saltos de alegria. Sempre tivera inveja das outras meninas da escola, pois pareciam ter o que eu não tinha — pais. Poucas crianças do orfanato tinham um ou os dois pais. Por vezes, os pais chegavam a visitar os filhos. Eu sempre tivera inveja delas, pois nunca tinha sequer uma visita, quanto mais a de um dos pais.

Perguntei à freira:

- Quando posso vê-los?

Ela não respondeu directamente à minha pergunta. Disse-me que o meu pai não podia ser informado da minha existência. Que nem sequer sabia que eu existia. Que duas das irmãs dele eram “Irmãs da Caridade» em Cork e que ficariam terrivelmente embaraçadas e seriam enviadas para as missões em África, se fosse do conhecimento público que eu tinha algum tipo de parentesco com elas.

O mistério das minhas “tias freiras» tornava-se finalmente mais claro para mim. Comecei a compreender que elas faziam parte da minha família. Eram irmãs do meu pai. Era um conceito que eu nunca me tinha permitido explorar. Compreendi então que, de facto, tinha uma família.

Na família alargada do meu pai havia também três padres e, se o escândalo da minha existência se tornasse conhecido, eles ficariam sujeitos a represálias inenarráveis por parte dos respectivos bispos.

Disse que o meu pai era advogado e muito respeitado na comunidade, muito para além da cidade de Limerick. Revelou também que ele era agora casado e tinha uma família grande. Se o meu pai soubesse agora da minha existência, isso destruiria o seu casamento e a sua extensa família. Ficaria desonrado.

Na opinião da Irmã Bernadette, era melhor deixar as coisas como estavam. Viria a ouvir este mesmo conselho muitas vezes ao longo dos meus quarenta anos

seguintes de vida. É um conselho muito fácil de dar, em especial se quem o dá não sofreu privações nem dores. Embora muitas e muitas vezes eu tivesse adorado aceitar esse conselho, é contudo impossível fazê-lo. Uma pessoa pode expulsar muitas coisas da sua vida, como sofrimento ou emoções, mas ninguém consegue expulsar as recordações. A partir daquela tarde de domingo, quando a Irmã Bernadette falou da minha família, fiquei a saber que queria desesperadamente conhecê-la. Sabia que não descansaria enquanto não conseguisse.

Nessa mesma semana, recebi outra má notícia, embora na altura não me tivesse incomodado muito, pois havia a notícia dos meus pais para desviar a minha atenção. Esta má notícia foi bastante decisiva e ficaria comigo, enterrada na minha mente, durante muitos anos.

A consulta no ginecologista foi o grande acontecimento que se seguiu na minha vida. Uma tarde, depois de rezarmos o terço, a irmã-encarregada veio ter comigo e disse-me que no dia seguinte eu estava dispensada das obrigações na cozinha. Disse que, logo que me levantasse, eu devia tomar banho. Receberia água quente e sabão e deveria lavar-me com todo o pormenor, em todo o lado, por fora e por dentro. Devia estar pronta e junto da porta das traseiras às dez horas da manhã. Uma Irmã levar-me-ia de táxi à consulta com o doutor Leahy, o ginecologista.

Não fazia ideia nenhuma da razão por que me levavam a um ginecologista.

Não fazia a menor ideia do que era um ginecologista. Na manhã seguinte tomei banho. Foi de água fria, como sempre. Não apareceu nem a água quente nem o sabão, por isso o tempo que passei na água gelada foi mínimo, como habitual. Sequei-me, vesti-me e apresentei-me à porta para esperar pelo táxi. Este chegou à hora marcada e a freira e eu sentámo-nos no banco de trás.

Quando o táxi saiu pelo portão aberto e deixámos o orfanato atrás de nós, compreendi que havia outro mundo para além dos limites daquelas paredes. Apercebi-me de que, lá fora, as pessoas viviam uma vida diferente. Eu estivera dentro do orfanato durante cerca de sete meses, sem sair de lá, ou querer sair, uma única vez.

O doutor Leahy era um homem idoso. Era um verdadeiro cavalheiro e foi muito gentil comigo. A freira esperou fora do consultório enquanto ele me explicou o que me ia fazer durante o exame. Certificou-se de que eu compreendia tudo tanto

quanto uma criança de treze anos conseguia compreender, dadas as circunstâncias. Salientou que não me ia magoar nem fazer nenhuma operação. Disse que só queria examinar-me por dentro.

Pediu-me que me despisse e vestisse a bata branca que me dera. Foi o que fiz atrás de um biombo no canto da sala. Mandou-me deitar na marquesa, no gabinete de exames. Ali havia muitas luzes fortes, algumas delas sobre rodas, para se poder mudá-las de um lado para o outro.

Pediu-me que me deitasse de costas e colocasse as pernas naquilo a que chamou os estribos. Avisou-me de que ia pôr um instrumento dentro da minha vagina e que talvez o sentisse frio durante alguns segundos. Inseriu um instrumento chamado espéculo na minha vagina, que alargou para poder examinar-me. Pesquisou mais fundo, em direcção ao útero, com instrumentos diferentes, por vezes dando estalidos com a língua quando encontrava uma resistência inesperada. Depois retirou todos os instrumentos e desligou todas aquelas luzes fortes. Apareceu junto da minha cara e disse:

- Já está, menina, não foi assim tão mau, pois não?

Puxou-me para me pôr direita e eu consegui soltar um “Não» fraco e arranhado.

Disse-me que podia vestir-me e ir para casa com a Irmã. Enquanto me vestia atrás do biombo, ouvi-o dizer à freira que ia escrever um relatório e mandá-lo pelo correio para a freira-encarregada do orfanato.

A freira disse:

- Está muito bem, Doutor, mas há alguma coisa grave que possa afectar o trabalho diário dela nas cozinhas do orfanato?

- Não. Nada de preocupante a curto prazo mas, a longo prazo, é muito pouco provável que ela alguma vez tenha filhos - respondeu ele.

Aquela informação ficou arquivada na minha memória numa pasta chamada “tristezas», para pensar nela mais tarde. Depois tentei esquecer o assunto. Nesse dia, saí do consultório do doutor Leahy sem me sentir preocupada com o meu futuro ginecológico. Só queria saborear a sensação de liberdade, do dia passado longe dos limites do orfanato.

Esta seria a primeira de muitas visitas a ginecologistas para fazer exames que depois resultaram em grandes intervenções cirúrgicas aos meus órgãos e canais reprodutores.

Duas semanas depois do primeiro exame, disseram-me que tinha visitas. Não imaginava quem pudesse ser. Senti-me excitada por alguém pensar tanto em mim que me viesse visitar. Eram Kit e Tony. Tinham vindo ver-me depois da súbita partida de casa deles. Disse-lhes que estava a adaptar-me muito bem ao orfanato, mas que a audiência no tribunal me tinha perturbado muito.

Kit perguntou, com toda a inocência:

— Que audiência no tribunal?

Era evidente que não sabiam para onde eu tinha sido levada naquela manhã do mês de Março. Contei-lhes uma versão resumida do dia e Kit abraçou-me com força. Depois deu-me uma notícia assombrosa.

- Combinámos com as freiras que podes vir passar uma semana de férias connosco no Verão. Vai ser em Agosto.

Fiquei radiante com a ideia de ir passar férias com pessoas que me queriam.

Antes de se irem embora, deram-me de presente uma boneca de crinolina, com belas pérolas no vestido. Depois escondi a boneca no armário fechado junto da minha cama, que era a única coisa a que podia chamar minha no orfanato. Na manhã seguinte, fui ver se a boneca ainda lá estava, mas tinha desaparecido. Nunca mais a veria. Fiquei destroçada, mas não chorei. Em vez disso, contei os dias até Agosto, altura em que Kit e Tony viriam buscar-me.

Por fim, chegou Agosto e de facto tive as minhas férias com Kit e Tony. Trataram-me como se sua fosse. Levaram-me a piqueniques, a um parque de diversões e à praia.

Quando a semana chegou ao fim, não me importei de voltar para o orfanato, embora tivesse chorado quando me despedi junto do portão do convento. Tinham-me prometido que viriam visitar-me e que eu podia voltar a passar as férias de Verão com eles no ano seguinte. Cumpriram a promessa e visitaram-me cerca de duas vezes por ano enquanto eu estive no Mount. Embora a minha vida tivesse melhorado ligeiramente, agora que Kit e Tony faziam parte dela, o

regime do orfanato manteve-se rigoroso. Quando me visitaram de novo na Páscoa seguinte, deram-me um grande ovo de Páscoa em chocolate. Lembro-me de que era da Suchard. Não tive autorização para comer o ovo. A freira disse que eu só podia desfazer o embrulho. Tirei-o da caixa e rasguei o papel prateado que envolvia o ovo. Não me permitiu que tocasse no chocolate. Depois a freira levou o embrulho e o ovo e desapareceu com eles. Nunca provei o meu ovo de Páscoa, mas consegui cheirá-lo. Tinha um cheiro delicioso.

A vida no orfanato continuou como antes. Passara lá um ano e nada tinha mudado. O trabalho era tão difícil como sempre, mas nunca me queixava. Não havia ameaças de carácter sexual e sentia-me segura. Depois disso, conseguia enfrentar fosse o que fosse.

Costumava limpar a sala do padre e servir-lhe o pequeno-almoço. Ele tomava um cocktail de frutos e depois era-lhe servido um pequeno-almoço frito, seguido de pão com manteiga. Normalmente também comia uma toranja, com uma colher especial. Quando conseguíamos, lambíamos o prato do padre para sentir o sabor do seu pequeno-almoço frito.

As roupas pertencentes às freiras eram preparadas noutra zona. Eram tratadas como se fossem uma coisa especial. Quem as tratava eram as noviças ou as freiras professas mais novas. As freiras que as lavavam e passavam a ferro não tinham um estatuto tão elevado como as outras. As órfãs não eram sequer consideradas dignas de lavar as roupas das freiras.

Mas havia um trabalho para o qual as órfãs eram consideradas adequadas. Depois de lavados e secos, os hábitos das freiras eram enviados para o orfanato e tínhamos de os inspeccionar, à procura de nódoas no pano preto que não tivessem saído no processo de lavagem. Eram em geral nódoas de comida e de bebida no corpo da peça. Tornava-se evidente que eram produzidas durante as refeições, quando uma freira entornava a sopa ou a comida. As freiras estavam constantemente a celebrar um dia festivo e então havia sempre muito mais roupa para lavar. Para tirarmos as nódoas, tínhamos de as esfregar constantemente com um pano ensopado em amónia líquida, até desaparecerem. Depois, esticávamos a roupa com os braços. Era por causa da amónia que, nós, as “órfãs», tínhamos autorização para tocar nos hábitos das freiras. Era usada pura e retirada de uma garrafa de vidro grande do modelo chamado Winchester. Libertava vapores muito fortes e se a inalássemos directamente nem conseguíamos respirar. Os vapores eram muito tóxicos e nunca nos ensinaram procedimentos de segurança.

É provável que os pulmões de muitas das raparigas tenham ficado irremediavelmente arruinados pela exposição aos vapores de amónia.

Uma tarde, depois de eu e outra rapariga termos acabado de limpar as nódoas dos hábitos, dobrámo-los e fomos levá-los à rouparia das freiras. Quando lá chegámos, entregámo-los a uma freira nova. Ela acabava de receber uma encomenda de fruta, que estava a arrumar num armário. Distraiu-se com os hábitos, agora sem nódoas, e cada uma de nós conseguiu roubar uma maçã, quando ela estava de costas. Dirigimo-nos de novo para o orfanato por uma longa rede de corredores, comendo as nossas maçãs às escondidas. Ainda só tínhamos dado algumas dentadas quando nos deparámos com a Madre Superiora Delegada de todo o convento.

- O que estão a comer? - perguntou com brusquidão. - Onde arranjam isso? Dêem-me já essas maçãs e sigam-me.

Sem nos dar tempo para respondermos, arrancou-nos as maçãs das mãos e fez-nos seguir para o gabinete da Madre Superiora de todo o convento.

- Estas raparigas roubaram maçãs da despensa, Madre Superiora - disse ela.

Abrimos as duas a boca para negar o roubo.

— Silêncio — gritou a Madre Superiora na nossa direcção. Leve-as e trate do assunto - ordenou ao seu braço-direito.

A freira agarrou em cada uma por uma orelha e levou-nos para fora do gabinete. Tentámos afirmar a nossa inocência, mas fomos mais uma vez mandadas calar com uma severa ordem de “Silêncio, suas ladras malvadas».

Levou-nos por uma escada de mármore entre o rés-do-chão e o primeiro andar. A meio entre os dois pisos, a escada tinha um grande patamar e depois virava. Nesse patamar estava um crucifixo grande. Ela ordenou-nos que nos ajoelhássemos em frente do crucifixo e juntássemos as mãos em oração.

— Ficam aqui as duas até de manhã. Não podem mexer-se, não podem falar uma com a outra e vão rezar a Nossa Senhora para que lhes perdoe.

Ajoelhámo-nos e nem ousávamos olhar uma para a outra. Ficámos naquela posição durante muitas horas. A certa altura, estar ajoelhada no mármore era

uma agonia e comecei a ter câibras nas pernas, mas tentei ignorar a dor. Quando todas as luzes se apagaram, compreendemos que todas as freiras se tinham ido deitar. Só então ousámos falar uma com a outra num sussurro que mal se ouvia. Acabámos por nos sentar por baixo do crucifixo. Discutimos toda a noite a injustiça de tão dura sentença, mas, sempre que ouvíamos um barulho, púnhamo-nos de joelhos de um salto.

Por fim amanheceu e a primeira freira apareceu ao fundo da escada.

— O que estão vocês as duas a fazer aqui? Voltem já para o orfanato. Olhámos uma para a outra e, antes que eu conseguisse mexer-me, a freira empurrou-me. Como não estava à espera, desequilibrei-me e caí de cabeça pelos degraus de mármore. A minha cara bateu nos degraus com um enorme baque e o nariz começou logo a deitar um jorro de sangue. Tentei estancá-lo com os dedos, mas era tão forte que foi impossível. Começou a pingar e a sujar o chão. A outra rapariga tinha desaparecido.

A freira começou a gritar histericamente comigo, a dizer-me que fosse buscar um pano à cozinha para limpar toda aquela porcaria. Quase me arrastou até à cozinha, onde me apertou o nariz para deter a hemorragia. Demorou muito tempo a abrandar. Deixou-me inclinada sobre o lava-louça a segurar o meu próprio nariz. Disse que ia limpar o sangue do chão.

Quando regressou para junto de mim, a hemorragia tinha parado. Limpou e lavou a minha cara e disse-me calmamente que não contasse a ninguém o que tinha acontecido. Disse que se eu contasse, me denunciaria à Madre Superiora e faria com que eu fosse transferida para os “Bons Pastores». Esta era uma Escola Industrial de temível reputação. Ninguém queria ser enviado para a câmara de tortura dos Bons Pastores.

Como já conhecia essa ameaça, foi suficiente para não contar a ninguém o que me acontecera. Durante toda a vida calara coisas más que me tinham acontecido, pelo que não foi uma decisão difícil.

Nos dias seguintes, o meu nariz inchou e ficou com um tamanho enorme. Algumas das raparigas e acho que até uma freira perguntaram o que acontecera ao meu nariz. Respondi que tinha caído na escada, mas nunca mencionei que fora empurrada por uma freira.

Aprendi uma preciosa lição naquele dia.

Nunca fiques com nada que pertença a outra pessoa.

5. Duro amor

A minha estada no orfanato aproximava-se do fim. Desde que a Irmã Bernadette me falara dos meus pais, o meu equilíbrio emocional alterou-se, em especial durante o último ano que ali passei. Depois da visita dela, fiquei em êxtase. Conteí a toda a gente no orfanato que encontrara os meus pais há muito perdidos. Disse a toda a gente que ia conhecer os meus pais. Disse a quem me quis ouvir que os meus pais iam tirar-me do orfanato. Mas à medida que as semanas foram passando e nada acontecia, comecei a modificar as minhas expectativas.

Deixei de falar dos meus pais às outras pessoas. Passei a pensar neles apenas em privado.

O aspecto estranho da revelação foi que achei aceitável a história acerca do meu pai. Acreditei que ele era um solicitador muito importante, com uma grande família que teria ficado escandalizada e que o próprio tecido social poderia ser atingido se aquele homem tão importante se encontrasse, de alguma maneira, numa situação delicada devido à revelação pública da minha existência ilegítima. Por isso, concentrei-me na minha mãe.

Consumi-me a pensar na minha mãe.

Consumi-me a pensar no que ela fazia.

Consumi-me a pensar nas decisões que ela tomava, i Consumi-me a pensar nas consequências das suas decisões.

Consumi-me a pensar no facto de ela nunca ter tentado encontrar-me.

Consumi-me a pensar no facto de ela me ter atirado para o monte das migalhas da vida.

Consumi-me a pensar no facto de ela me ter condenado, uma criança, a sua filha, a uma vida de degradação sexual, entregue às fantasias de pedófilos descontrolados.

Consumi-me em absoluto a pensar na minha mãe!

Como podia uma mãe, qualquer mãe, fazer tais coisas à sua filha pequena? Como podia a minha mãe ter-me feito todas aquelas coisas terríveis?

Quanto mais pensava nisso, mais perturbada ficava. O meu comportamento mudou. Tornei-me difícil, passei a cumprir de má vontade as minhas obrigações laborais. Não conseguia impedir-me de ter um ar triste. Durante os dezoito meses anteriores, ganhara a alcunha de “Sorridente», pois a minha disposição era sempre alegre e feliz e tinha sempre um sorriso no rosto, mas agora já não era um sorriso feliz. Pensei que, se sorrisse para toda a gente, não teria sarilhos com ninguém. Na verdade, não resultou e os rostos sorridentes que eu usava eram, na sua maioria, mais uma tentativa de sobrevivência pessoal.

Insistia em perguntar às freiras quando poderia conhecer a minha mãe. Nunca desisti de pedir para me encontrar com ela. Ao fim de cerca de um ano, a Irmã Bernadette mandou entregar-me uma mensagem dizendo que combinara com a minha mãe que ela viria visitar-me. Chegaria ao orfanato num domingo à tarde, três semanas depois. Fiquei na Lua de tanta excitação. Não conseguia dormir de noite. Todos os pensamentos que me vinham à cabeça diziam respeito à minha mãe.

Qual seria o seu aspecto? Gostaria de mim? Eu seria aceitável para ela?

Tinha catorze anos e meio e esta seria a primeira vez que encontraria a minha mãe, a única vez desde o dia em que ela se livrara de mim, tendo eu cinco meses.

Fizeram-se todos os preparativos. Mas o encontro não estava destinado a acontecer. Fiquei de cama com papeira e a visita foi cancelada.

Nesse dia estava tão doente que nem sequer consegui sair da cama. Lembro-me de que me deixaram permanecer no dormitório durante todo o dia. Fiquei com o coração destroçado. Estava muitíssimo desiludida por não ter podido conhecer a minha mãe. Contudo, sentia-me optimista, convencida de que em breve seria combinada outra visita - mas não foi.

Quando atingíamos os quinze anos, as freiras costumavam arranjar-nos trabalho no exterior do orfanato. Era uma espécie de treino para nos tornarmos criadas de servir. íamos trabalhar para as famílias durante o dia e regressávamos ao orfanato à noite. Não recebíamos qualquer salário por este trabalho, visto ser

considerado treino. Ficávamos durante um período de três meses com uma família e depois éramos transferidas para outra casa. Era trabalho escravo e ainda hoje acho que as freiras me devem o pagamento do meu salário. Tive cerca de cinco empregos nestas condições, um deles num bar e os outros em casas elegantes, até sair definitivamente do orfanato.

Com dezasseis anos, estava na altura de sair do orfanato e passar a lidar para sempre com o grande mundo exterior. Por outras palavras, estava agora preparada para ter um emprego remunerado e aprender a tratar de mim neste mundo. Na realidade, as minhas credenciais para ganhar a vida eram muito fracas. Não tinha instrução formal de que valesse a pena falar. Mal sabia ler. As minhas vantagens decorriam da experiência de limpar sanitários e soalhos, descascar legumes e mudar fraldas sujas a bebés. Sim, tinha qualificações para trabalhar como criada de servir.

Comecei por sair do orfanato e ser entregue aos cuidados de uma Sra. Wall, de Dublin. Era uma mulher de Limerick que se mudara para Dublin e eu seria a sua criada. O emprego apenas durou três semanas e fui devolvida ao orfanato Mount, porque havia um trabalho para mim como empregada doméstica numa grande casa agrícola nos arredores da cidade de Limerick, se fosse bem-sucedida numa entrevista. Deram-me o endereço da casa com indicações muito vagas sobre a maneira para lá chegar. Tinha de me apresentar para a entrevista às duas horas da tarde do dia seguinte. Trabalhara fora dos muros do orfanato durante os dois anos anteriores, pelo que tinha algum conhecimento da maneira de me orientar na cidade. Não tinha dinheiro para um táxi, nem sequer para o autocarro. Tive de ir a pé. Pedi indicações a muitas pessoas e acabei por encontrar a casa. A dona da casa veio à porta. Disse-me que entrasse e me sentasse. Um velho amigo fora visitá-la e disse-me que me entrevistaria na presença dele. Tranquilizou-me, dizendo que a entrevista não tinha nada de complicado. Disse que iam apenas fazer-me algumas perguntas simples. O amigo dela era um padre, o Padre Bernard O'Dea. Era um padre beneditino de uma escola próxima.

A Sra. Cooke fez-me perguntas fáceis, como o meu nome, a minha idade, há quanto tempo estava no orfanato e que género de trabalho lá fazia. Respondi a todas as suas perguntas da melhor maneira que fui capaz. Ela pareceu bastante satisfeita com as minhas respostas. Depois o padre Bernard fez-me perguntas acerca da minha instrução. Em que classe andava na escola? Disse-lhe que pouco tinha frequentado a escola. Perguntou-me se eu sabia ler e escrever. Em voz muito baixa, respondi que sim. Pediu-me que escrevesse o meu nome num

papel, que me estendeu, com uma caneta. Escrevi o que entendia que era o meu nome, Celine Clifford. Nunca tinha deixado de escrever o meu nome. Não sei bem por que razão pratiquei tanto. Talvez fosse porque gostava dele, mas, ao longo da vida, senti que me tranquilizava saber que era de facto uma pessoa, por direito próprio.

Depois, pediu-me que escrevesse a frase “o cão ladrou muito e alto”. Consegui escrever bem “o» e “cão», mas não consegui escrever correctamente as outras palavras. Tentei escrever a frase toda, mas tenho a certeza de que a minha letra estava ilegível. Ele olhou para ela e disse:

- Obrigado, Celine.

Depois acenou à Sra. Cooke. Ela disse:

- Vou mostrar-te a casa e entretanto vou-te dizendo quais serão as tuas obrigações.

Quando a volta à casa terminou, ela anunciou que me pagaria duas libras e dez xelins por semana, com cama e comida, com meio-dia de folga por semana. Perguntou-me:

- Achas que és capaz de fazer o trabalho?

- Sim - respondi em voz trémula.

As freiras tinham-me avisado de que, se me oferecessem o emprego, eu deveria aceitar sem hesitação.

- As condições são aceitáveis para ti? - perguntou o padre Bernard.

Acenei que eram.

- Nesse caso - disse a Sra. Cooke, - estou disposta a propor-te o lugar. Aceitas? Ou precisas de tempo para pensar?

- Não, não - respondi muito depressa, - fico muito satisfeita em aceitar o lugar, Sra. Cooke.

- Quando podes começar? - perguntou ela.

- Na próxima segunda-feira de manhã, se a senhora concordar - disse eu, tal como me tinham ensinado.

- Bem, então está resolvido - disse a Sra. Cooke. - No domingo, ao fim do dia, podes trazer os teus pertences. Podes já aqui ficar e comesas na segunda-feira de manhã.

Quando me pus de pé para sair, o padre Bernard levantou-se, dirigiu-se a mim, apertou-me a mão e disse:

- Estou encantado por te ter conhecido, Celine, tenho a certeza de que nos vamos encontrar muitas vezes, pois costumo visitar a Sra. Cooke.

- Obrigada, senhor padre - respondi.

Naquela altura eu não podia saber o importante papel que o padre Bernard O'Dea desempenharia na minha vida durante muitos e muitos anos.

Comecei a trabalhar para a Sra. Cooke na segunda-feira de manhã, tal como combináramos. O trabalho não era duro. A Sra. Cooke era de meia-idade e por vezes não passava bem. Não podia fazer trabalho manual nenhum em casa. Cansava-se com facilidade e o médico tinha-lhe recomendado que descansasse tanto quanto pudesse.

O marido tinha morrido. Vivia com os dois filhos, que eu costumava arranjar para irem para a escola. Quando acabava as minhas tarefas diárias, passava a maior parte do tempo que sobrava a ouvi-la falar. Ela queria, ou precisava, de ter uma pessoa com quem falar. Eu desempenhava esse papel. Precisava de concentração, mas ao mesmo tempo era interessante estar a ouvi-la tagarelar acerca dos tempos antigos. Tornei-me uma boa ouvinte. O padre Bernard vinha visitá-la mais ou menos uma vez por semana, excepto quando andava em viagem. Parecia viajar para muitas partes exóticas do mundo.

Para o meu primeiro emprego a sério, não podia ter começado melhor. A Sra. Cooke foi extremamente bondosa para mim e eu estava sempre à espera das visitas semanais do padre Bernard, pois os dois incluíam-me nas suas conversas. Bastou isso para me sentir aceite. Eu teria apreciado um aumento no meu salário semanal, mas nunca apareceu. Tinha medo de o pedir, pelo que o rendimento de que dispunha continuou a ser baixo.

Enquanto trabalhava para a Sra. Cooke, escrevi à Irmã Bernadette, com a ajuda do padre Bernard, pedindo um encontro com a minha mãe. Em vez de ser eu a meter a carta no correio, o padre Bernard ofereceu-se para o fazer a caminho de casa. Pensando agora nisso, julgo que ele contactou a Irmã Bernadette, por telefone ou pessoalmente. Julgo que a sua intervenção foi responsável pelo que aconteceu a seguir. Em Julho de 1965, recebi uma carta da Irmã Bernadette pedindo-me que fosse visitar o convento de Mount, onde me encontraria com a minha mãe. A carta dizia que me contactaria para combinar uma data que fosse aceitável tanto para a minha mãe como para mim. O meu mundo ficou outra vez virado do avesso, ao pensar que ia estar pela primeira vez com a minha mãe.

Não fui contactada para saber qual a data que seria adequada para estar com a minha mãe, mas, uma semana mais tarde, recebi outra carta da Irmã Bernadette. Disse-me que me apresentasse no convento de Mount às três horas da tarde, na terça-feira da semana seguinte. A carta informava-me delicadamente de que a minha mãe estaria presente, acompanhada da sua irmã.

Durante a semana que se seguiu, todos os meus pensamentos conscientes se concentraram naquele encontro. Fantasiei todos os aspectos do encontro.

Cairíamos nos braços uma da outra. Abraçar-nos-íamos durante muito tempo. Ela chamar-me-ia a sua filha há tanto tempo perdida. Ela diria que finalmente estávamos reunidas. Dir-me-ia que eu iria para casa com ela nesse mesmo dia. Dir-me-ia as muitas saudades que tinha sentido de mim. Dir-me-ia que andava há anos à minha procura. Choraria muito e pedir-me-ia que lhe perdoasse. Prometer-me-ia que me compensaria pelo tempo perdido. Explicar-me-ia “Porquê?”.

Faltavam cinco minutos para as três horas daquela terça-feira fatídica. O cenário estava montado. Os actores estavam nos seus lugares. Com dezassete anos, estava preparada para me encontrar pela primeira vez com a minha mãe. Era uma bela e soalheira tarde de Verão.

Toquei à campainha da grande e pesada porta da frente do convento, toda em madeira. Tinha sofrido durante dias por causa da minha roupa. Acabei por escolher um fato azul-turquesa. Por baixo, trazia uma blusa às flores. Uns sapatos azuis a condizer com a roupa completavam o conjunto. Pensava que tinha tido bom gosto e sentia-me confortável. O meu cabelo, louro e encaracolado, estava comprido.

Queria que tudo fosse perfeito. Queria ser aceitável de todas as maneiras.

Uma jovem freira que não reconheci abriu a porta. Logo atrás estava a Irmã Bernadette, que me cumprimentou. Levou-me para a sala de visitas de painéis em madeira. Reconheci o cheiro adocicado da cera do chão de alfazema. A Irmã Bernadette disse-me que me sentasse junto da parede diante da porta. “A tua mãe ainda não chegou, mas estará aqui dentro de alguns minutos», disse para me tranquilizar.

Passados dois minutos, a campainha da porta da frente voltou a tocar. O meu coração começou a bater descontroladamente. Ouvi a jovem freira a atravessar o vestíbulo. Comecei a sentir-me muito nervosa. Quando a porta da frente se abriu, ouvi as vozes de duas ou mais mulheres. As palmas das minhas mãos estavam suadas. A Irmã Bernadette deve ter reconhecido as vozes, porque saiu da sala para cumprimentar as visitantes. A minha blusa às flores quase pingava de transpiração.

A porta abriu-se e a Irmã Bernadette introduziu duas mulheres na sala. A primeira senhora era alta e loura. Trazia um vestido e um casaco curto azul-marinho. A cara dela era inexpressiva e inclinava a cabeça um pouco para trás, o que lhe dava um ar altivo. Pensei que seria uma dama muito fina e elegante. Soube imediatamente que era a minha mãe. A senhora que estava com ela trazia um vestido amarelo e um casaco de malha castanho. Parecia mal arranjada em comparação com a irmã. A Irmã Bernadette encaminhou as duas senhoras para o lado oposto da grande sala, mesmo à minha frente.

Pus-me de pé, preparando-me para a longa caminhada pela sala para abraçar a minha mãe. “Celine, apresento-te a tua mãe», disse a Irmã Bernadette e, sem uma pausa, continuou: “Doreen, apresento-te a tua filha, Celine.» Ao ouvir isto, desfiz-me em lágrimas e baixei a cabeça.

Nenhuma de nós se mexeu.

Eu queria mexer-me, mas parecia que tinha criado raízes naquele sítio. Ao longo dos anos, tinha-me treinado para não ser a primeira a estabelecer contacto físico. Mas, para meu choque, a minha mãe não se dirigiu para mim.

Limitou-se a dizer, numa voz fria e distante:

- Olá, Celine.

Eu, embora quisesse desesperadamente falar, nem sequer consegui pronunciar uma única sílaba. O silêncio na sala era palpável. A Irmã Bernadette começou a conversar com a irmã da minha mãe. Em vez de atravessar a sala e vir ter comigo, que era o que eu queria desesperadamente que ela fizesse, a minha mãe virou-se para ela e juntou-se à conversa. Eu continuava a soluçar descontroladamente, mas a minha mãe ignorou-me por completo.

A minha mãe, a sua irmã e a freira conversavam acerca de pessoas da minha família. Ouvi falar em nomes, mas não sabia de quem estavam a falar. Pensei que os nomes das crianças eram encantadores.

Fez-se outra pausa na conversa. A minha tia deu um saco de papel castanho à minha mãe. A minha mãe atravessou então a sala e dirigiu-se a mim. Pensei: “Finalmente, vai abraçar-me.»

Tive dificuldade em deixar de chorar. A minha respiração era muito irregular e não conseguia dizer uma palavra.

Os meus olhos tentavam dizer o que eu sentia. “Se ela pudesse ouvir o que eu lhe dizia pelos olhos, reagiria como qualquer mãe teria reagido nesta situação», pensei.

Se a minha mãe tivesse posto os braços à minha volta e dissesse: “Amo-te», eu ter-lhe-ia perdoado tudo, naquele mesmo instante. Ter-lhe-ia perdoado os dezassete anos de abusos sexuais, sofrimento, tortura, fome e provações por que passara.

Ela parou à minha frente, a mais de um braço de distância. Quando começou a falar, julgo que o meu subconsciente compreendeu que a distância física entre nós representava um abismo emocional.

- Penso que deves mudar o teu nome oficialmente e adoptar um nome completamente diferente, para que ninguém descubra quem tu és. Não quero que ninguém saiba que estou relacionada contigo - disse a minha mãe. - Penso que seria melhor para todas as pessoas envolvidas que fosses trabalhar para a América. Lá, ninguém saberia quem és. Nunca reconhecerei que és minha filha. Aqui estão uns presentes para ti. É um terço e escapulários brancos. Vieram de uma tia-avó tua. É freira na América. Ah, quase me esquecia, tens aqui creme de rosas para as mãos, da tua tia Rosaleen — apontou para ela, para o outro lado da sala, como se fosse uma apresentação.

A sua maneira amistosa mas distante, a tia Rosaleen acenou-me delicadamente.

- Agora vamos embora e desejo-te um bom futuro. Virou-me as costas.

- Vem, Rosaleen - ordenou. - Muito obrigada, Irmã Bernadette - disse para a freira, e desapareceram todas pela porta da sala.

Não ouvi mais conversa nenhuma.

Tinha-se ido embora! E não derramara nem uma lágrima. Nem sequer me tocara. A Irmã Bernadette voltou à sala. Mais tarde vim a saber que a minha avó havia frequentado a escola de Laurel Hill, em Limerick, com a Irmã Bernadette.

- Ficas bem? - perguntou ela, mantendo a porta da sala aberta para eu sair.

Era evidente que estava na altura de eu me ir embora. A pesada porta de saída já estava aberta. Ela acompanhou os meus ombros descaídos e o meu coração pesado até à rua, sob o sol brilhante.

- Então, adeus, Celine, se precisares de mim para alguma coisa que entendas que é importante, por favor escreve-me. Tens o meu endereço - disse a Irmã Bernadette.

Com o discurso da minha mãe a ressoar-me nos ouvidos, fiz a pé o caminho até à casa da Sra. Cooke. Pelo menos devo ter ido a pé até à casa. Não me lembro. Estava tão traumatizada que, ainda hoje, o resto daquela tarde é um vazio total.

Na manhã seguinte levantei-me bem cedo, para fazer o meu trabalho.

6. Ousando sonhar

Durante seis meses fiquei com a Sra. Cooke, trabalhando como criada de servir. Ela sofria do coração e foi ficando cada vez mais fraca. Não conseguia fazer o mínimo exercício físico sem ter de descansar depois durante muito tempo. Quando o seu estado se deteriorou, deixou de conseguir subir as escadas, pelo que decidiu viver no rés-do-chão.

Mandou mudar a cama para a sala de estar grande. O médico e o padre Bernard O'Dea pareciam ser as únicas visitas que ela recebia. Para o médico, ela era uma doente que precisava de cuidados de saúde e o seu relacionamento era de carácter profissional. Mas o padre Bernard era um amigo especial. Ela conseguia conviver com ele. Chamava-lhe Bernard e ele chamava-lhe Peggy. Pareciam ter uma relação de amizade muito próxima.

As minhas funções como criada doméstica foram-se tornando cada vez menos formais. A maior parte do tempo era passada a cuidar das necessidades diárias da Sra. Cooke. Tinha de lhe preparar refeições ligeiras quando ela tinha fome. Tinha de ajudá-la a sentar-se na cama quando ela escorregava para baixo e para fora das almofadas. Tinha de ajudá-la a ir à casa de banho quando ela precisava. Tinha de lhe dar banho na cama, pois ela não estava em condições de se lavar sozinha.

Mas, durante a maior parte do tempo, pedia que me sentasse e falasse com ela ou que me sentasse a ouvi-la.

A Sra. Cooke e eu dávamo-nos muito bem. Embora o seu corpo estivesse sem actividade e não conseguisse sustentar-se fisicamente, a sua mente estava tão viva e activa como sempre. Costumava receber todas as manhãs em casa o jornal *The Irish Independent* e lia-o da primeira até à última página ao longo do dia.

Um dia chamou-me para o pé da cama dela.

- Celine — disse, — fazes-me o favor de me leres o jornal em voz alta, porque os meus braços não têm força para o segurar?

- Vou fazer o melhor possível - gaguejei. - Não leio muito bem.
- Claro que lê, hoje em dia toda a gente sabe ler - insistiu ela. Agarrei no jornal e olhei para a primeira página.
- O que quer que lhe leia? - perguntei timidamente, enquanto tentava descobrir algumas palavras que conhecesse e também as mais curtas de todas.
- Começa na primeira página, lê qualquer artigo que queiras — disse ela, ansiosa.

Passados cerca de cinco minutos de leitura, ela disse, irritada:

- Pára, filha. De facto não sabes ler. Não acredito! Como podes tu progredir na vida se não souberes ler? — perguntou com incredulidade. - Vamos ter de remediar esse problema, rapariga.

O padre Bernard foi visitar a Sra. Cooke precisamente nessa tarde. Logo que ele ficou bem instalado, sentado junto da cama dela, com uma chávena de chá e uma fatia de bolo de cerveja, a Sra. Cooke abordou o problema da minha iliteracia.

- Esta encantadora jovem só consegue comunicar verbalmente, Bernard. Não sabe ler nem escrever - rabujou ela. - Tu que és um homem de letras, Bernard, ajuda-la? Preciso de alguém que me leia o jornal de manhã.

- Terei todo o gosto em ajudar — respondeu ele.

- Quero que me prometas que tomarás ao teu cuidado que ela seja capaz de ler e escrever na perfeição, mesmo que eu não esteja cá para vigiar os progressos dela. Prometes-me isso? — exortou-o ela.

- Se me colocas o assunto de maneira tão assertiva, parece-me que não tenho alternativa — replicou ele com um sorriso. — Ficarei encantado por ser útil e, se te fizer uma promessa, cumpro-a.

- Queres que te ajude, Celine? - perguntou-me ele.

- Sim, gostaria muito, padre Bernard - respondi fervorosamente, e estava a dizer a verdade.

- Bem - disse ele, - podes começar hoje. Podes escrever-me uma carta a contar-me tudo acerca de ti. Partiremos daí. Uma carta deverá dar-me uma ideia do que já sabes. Esta é a minha morada.

A minha primeira tentativa deve ter sido menos que satisfatória, pois demorei quase duas semanas a escrever duas páginas. Devo ter gasto dez envelopes, só a tentar escrever correctamente o endereço dele. Mas adorei. Estava decidida a aprender a ler e a escrever na perfeição.

Depois de receber a minha primeira epístola, trouxe-a com ele na visita seguinte à Sra. Cooke. Tinha corrigido todos os erros de ortografia. Eram muitos, mas todos os seus comentários foram positivos e de encorajamento. Eu escrevia-lhe uma carta sempre que podia, por vezes duas ou três numa semana, contando-lhe diversos aspectos da minha vida, mas ocultando muitas coisas do meu passado.

Ele nunca se queixou. Continuou a corrigir os erros de ortografia e fazia sempre comentários positivos. Encorajou-me a ler mais e, a pouco e pouco, tanto a minha leitura como a minha escrita começaram a melhorar visivelmente.

Comecei a ir a casa do padre Bernard, que ficava a pouca distância a pé, na abadia de Glenstal, no meu meio dia de folga semanal. Costumávamos tomar chá com biscoitos na Abadia e ele conversava comigo sobre a vida em geral. Numa das visitas, disse-lhe que queria ser enfermeira. Esperava que ele se risse e dissesse que isso era impossível sem exames. Mas não fez troça de mim. Pelo contrário, disse que me daria referências e aconselhou-me sobre o que eu devia esperar, se empreendesse essa viagem para uma carreira na enfermagem.

Entretanto, enquanto aprendia a ler e a escrever e sonhava com uma carreira de enfermeira diplomada, costumava ir a bailes com algumas das minhas amigas do orfanato. Muitas delas também trabalhavam como empregadas domésticas em várias casas ricas na cidade de Limerick. Costumávamos encontrar-nos, geralmente num baile no Salão de Baile Jetland, no domingo à noite. Divertíamo-nos imenso, ríamos e segredávamos à custa das características, por vezes engraçadas, das nossas patroas.

Estas experiências partilhadas também eram óptimas quando se tratava de aprender a lidar com as tentativas de aproximação indesejadas dos maridos das patroas. Em geral, o álcool era a razão por detrás das suas imprudências. As conversas também eram úteis para partilhar maneiras de fazer as coisas com

mais rapidez e de tornar mais fáceis as nossas pobres vidas de escravas. As nossas patroas olhavam-nos geralmente como a forma mais baixa de vida e éramos exploradas de todas as maneiras possíveis e imagináveis.

Num desses bailes de domingo à noite conheci um indivíduo chamado Michael.

Convidou-me para dançar e eu aceitei. A dança acabou e ele pediu-me para dançar com ele uma dança mais rápida. Aceitei mais uma vez. A banda tocou uma miscelânea de canções do tipo do rock and roll de Elvis. Ele levantou-me do chão. Fiquei exausta, mas impressionada. Convidou-me a “ficar com ele» durante o resto da noite, o que fiz. Era um soberbo dançarino e usava o cabelo à Elvis. Achei-o de facto encantador.

Depois do baile, levou-me a casa no seu carro Morris Minor preto. Perguntou se podíamos voltar a encontrar-nos, no domingo à noite seguinte. Disse que eu era uma das melhores dançarinas que conhecera até à data e que, na vez seguinte, viria buscar-me antes do baile. Limitei-me a acenar. Estava demasiado contente para falar.

No domingo à noite seguinte, veio buscar-me a casa da Sra. Cooke. Dessa vez, o transporte dele era uma moto. Enquanto seguíamos, explicou-me como eu devia agarrar-me a ele. Eu estava assustadíssima, tentando equilibrar-me. Quando virávamos uma esquina, a moto inclinava-se e eu ficava com medo de cair dela abaixo e matar-me. Acabei por me habituar à técnica do “Inclina-te nas curvas “faz favor”» e adorei a excitação da velocidade.

Michael costumava andar na moto a grande velocidade. Penso que queria assustar-me. A princípio, as altas velocidades assustaram-me, mas depois o calafrio da velocidade também me excitava. Quando me habituei, costumava pressioná-lo para ir mais depressa, sempre mais depressa. Ele não pareceu gostar quando compreendeu que eu não me assustava como ele queria. Disse-me que eu tinha uma faceta de maria-rapaz.

Depois de um baile de domingo à noite, estávamos sentados no Morris Minor ao fundo da rua da casa da Sra. Cooke a beijar-nos. Beijávamo-nos sempre no carro depois do baile, antes de eu ir para casa. Era tudo o que fazíamos, beijar-nos.

- Casas-te comigo, Celine? - perguntou ele, afastando-se dos meus lábios depois de um longo beijo.

- Caso, sim, Michael - respondi, sem parar para pensar.

- Ótimo, quero mesmo casar-me contigo - acrescentou ele.

— Isso quer dizer que agora estamos noivos? - perguntei delicadamente.

- Claro, é o que quer dizer - garantiu ele.

- Então encontramo-nos no próximo sábado - disse ele, inclinando-se à minha frente para abrir a porta do carro, para eu poder sair.

Durante as duas semanas que se seguiram, disse a todas as minhas amigas que estava noiva.

- Estás de barriga, não é? — perguntaram algumas, para me provocarem. Garanti-lhe que não era o caso.

- Então és uma palerma - replicaram.

Mas eu estava oficialmente noiva, se é que alguém tinha alguma coisa com isso, e... assunto encerrado. Algumas das minhas amigas pensavam que eu devia dizer à Irmã Bernadette, pois tecnicamente eu continuava a ser o “caso» dela.

- Ela não tem nada com isso - respondi.

Mas no meu espírito surgira uma dúvida que me incomodou durante muito tempo.

Passados alguns dias, o sentimento de culpa venceu-me e escrevi-lhe uma carta em que a informava da importante decisão de me casar. Descrevi Michael da melhor maneira possível. Era uma carta curta, pois não sabia grande coisa acerca dele. Ela respondeu-me na volta do correio. Recordou-me que era o meu contacto com a minha mãe e a minha avó e com as minhas “tias freiras», como lhes chamava. Convidou-me e ao meu noivo, Michael, para almoçarmos com ela.

O almoço foi marcado para o dia 27 de Maio de 1967 no convento, em Mount Trenchard, Foynes, condado de Limerick, local onde ela estava então. Senti um grande desconforto por causa de toda aquela cerimónia. Seguimos para lá no Morris Minor e foi-nos oferecido um almoço conventual, agradável mas

desconfortável. Depois, a Irmã Bernadette sugeriu que eu esperasse na capela, enquanto ela levava Michael a dar uma volta pelos terrenos do convento. Disse que queria falar-lhe da minha família e dos meus antecedentes. Nessa altura comecei a sentir-me extremamente desconfortável.

Aquele dia seria o fim do nosso noivado.

Regressaram do passeio ao fim de cerca de uma hora. Foram buscar-me à capela e depois da habitual troca de amabilidades com a Irmã Bernadette, saímos do convento. Ele foi guiando durante cerca de duas milhas, saímos da cidade e então encostou o carro ao lado da estrada. Não tinha olhado a direito para mim desde que viera ter comigo à capela. Disse-me que tinha de desfazer o nosso noivado.

- Porquê? - perguntei. Mas já sabia a razão. Ele disse-me que não conseguia conformar-se com o que a Irmã Bernadette lhe revelara. Disse que vinha de uma família enorme, treze irmãos e irmãs, e que não conseguiria contar àquele enorme clã que estava noivo de uma rapariga ilegítima. Naquela época, ser ilegítima era a minha mais terrível vergonha e ali estava o meu maior temor exposto aos olhos de todos. Também disse que, quando casasse, queria ter filhos. A Irmã Bernadette dissera-lhe que eu não poderia ter filhos. Também lhe explicou porquê. Disse-me também que tinha um tio padre e uma tia freira.

Soube que o nosso noivado estava condenado.

Senti mais uma vez a dor da rejeição. Começava a absorver o meu próprio ser. Porque era eu rejeitada por uma coisa de que não era responsável? Se era boa de todas as maneiras, porque era eu rejeitada por causa dos meus pais?

Ele levou-me a casa.

Nunca mais o vi.

Contei ao padre Bernard todas as minhas aflições em questões de amor e casamento, a forma como tinham evoluído entre mim e Michael, com o auxílio e a assistência do espectro da Irmã Bernadette.

- Acho que é tempo de começares a tua carreira da enfermagem, Celine — anunciou um dia o padre Bernard, enquanto eu servia o chá da tarde.

Corei muito, pousando o tabuleiro na mesa-de-cabeceira entre eles. Nunca, em momento algum, contara à Sra. Cooke que acalentava a ambição de ser enfermeira. Na verdade, nunca dissera a ninguém, excepto ao padre Bernard, que ansiava por fazer carreira na enfermagem. Entendia que estava tão longe do meu alcance que, a nível social, não era suficientemente aceite para considerar sequer a enfermagem como uma carreira possível. A minha auto-estima estava tão em baixo que me considerava uma pessoa de sorte por ter um emprego como criada de servir.

Quando o padre Bernard fez aquele anúncio em voz tão alta e em especial para os ouvidos da Sra. Cooke, compreendi que já não podia recuar. Com efeito, ele tinha informado a Sra. Cooke da minha intenção de deixar o emprego em casa dela. Ela não se surpreendeu por eu querer ser enfermeira. Disse que discutira o assunto com o padre Bernard e que, entre os dois, tinham feito projectos e planos, estudando a maneira de me apoiarem o melhor possível. Eu ainda estava toda corada e extremamente embaraçada por outra pessoa ter conhecimento das minhas grandes ambições mas, no fundo, sentia-me também entusiasmada e excitada.

O padre Bernard informou-me de que investigara a possibilidade de eu me tornar enfermeira estagiária num hospital irlandês, mas pusera imediatamente de lado essa possibilidade. Não tinha qualquer hipótese. Nunca explicou porquê. Limitei-me a aceitar o facto de que não seria assim.

Por isso, era preciso encontrar uma alternativa. Disse que tinha arranjado maneira de eu ir trabalhar como ama de crianças. A minha pulsação deu um salto. Mal podia conter a excitação. Explicou que seria uma boa experiência para mim, até chegar a ser enfermeira hospitalar.

A Sra. Cooke perguntou:

- Estarias interessada, Celine?

- Claro que sim - respondi. - Quando começo? Mas, e o meu emprego aqui, a senhora fica bem, Sra. Cooke? - perguntei com genuína preocupação.

- Não te preocupes com a Sra. Cooke — interrompeu o padre Bernard. - Só tens de te pôr a caminho para te tornares a melhor enfermeira de sempre.

- Mesmo que o clero não se preocupe com o que possa acontecer-me — disse a

Sra. Cooke, fingindo má vontade e olhando fixamente para o padre Bernard. - Obrigada pela tua preocupação, Celine, mas tens de procurar o que é melhor para ti. Está tudo preparado — prosseguiu ela. — Aceito um aviso prévio de um mês a partir de hoje e no próximo mês comesas a trabalhar como ama de crianças para o nosso bom amigo Desmond Woods, em Belfast.

Murmurei um agradecimento aos dois e provavelmente fiz uma vénia. Estava-lhes imensamente grata, além de excitadíssima. Saí do quarto a flutuar, pois tenho a certeza de que os meus pés não tocavam no chão. Quando cheguei à cozinha, pus-me a dançar, entoando sempre: “Vou ser enfermeira; vou ser enfermeira.»

A Sra. Cooke chamou “Celine» do quarto, o que me trouxe de regresso à realidade.

Quando me aproximei da cama, o padre Bernard entregou-me um bilhete.

A Sra. Cooke disse:

- Celine, é um convite para a Feira Comercial de William Street, no Salão de Baile Jetland, amanhã. Deu-mo um amigo meu, que tem lá um stand. Eu ia dá-lo ao padre Bernard, mas ele não pode ir, por isso fica tu com ele. Poderás divertir-te. Tem imensas coisas para ver.

- Obrigada, vou adorar ver a exposição - respondi, entusiasmada, prevendo um dia de folga com montes de novidades para ver.

No dia seguinte, terminei todas as tarefas o mais depressa que consegui. Por fim, fui verificar se a Sra. Cooke estava bem instalada e confortável para a tarde e parti para a exposição.

Naquela época já conhecia bastante bem a cidade de Limerick e era capaz de encontrar de olhos fechados o caminho até ao Salão de Baile Jetland, pois tinha lá ido a muitos bailes de domingo à noite. Saltei do autocarro ao pé do Salão de Baile e dirigi-me para a entrada.

Um homem que estava junto da porta disse-me:

- Desculpe, jovem, o que quer daqui?

- Fui convidada - respondi afectadamente, mostrando logo o convite.

- Oh, nesse caso deve ser muito importante - disse ele, fazendo uma vénia e abrindo a porta para eu entrar.

Numa soalheira quarta-feira à tarde, o ambiente do Salão de Baile era completamente diferente do de domingo à noite, com dois mil e quinhentos jovens apinhados lá dentro para dançar. Nem parecia ser o mesmo lugar. Havia muito poucos jovens na exposição. Mas, durante alguns instantes, senti-me importante e despreocupada, andando de um lado para o outro a observar os produtos expostos para venda, nas filas de stands encostados uns aos outros de uma ponta à outra do salão. A minha satisfação foi de curta duração.

Ainda não tinham passado cinco minutos quando dei por mim a menos de dez passos de uma pessoa que reconheci. Era uma senhora alta e elegante, ligeiramente inclinada para a frente, que examinava uma peça decorativa em vidro facetado exposta num dos stands. Reconheci-a imediatamente, do nosso encontro anterior, no convento. Era a minha mãe.

Fiquei paralisada. Não sabia o que fazer. Qualquer réstia de afectação ou de confiança que eu tivesse sentido abandonou-me.

Devia virar as costas e retirar-me sorrateiramente sem que ela me visse? Devia fugir pelo meio da multidão, sair pela porta e correr pela Ennis Road, numa direcção qualquer, só para me afastar dela? Mas não fiz nada disso.

Um aperto no peito e um desejo avassalador de estabelecer contacto com a minha mãe mantiveram-me imóvel no mesmo sítio. Os meus sentimentos para com a minha mãe atingiram-me em vagas.

Queria tocar-lhe.

Queria falar com ela.

Queria ser abraçada por ela.

Queria dizer-lhe que a amava.

Queria que ela me dissesse que me amava.

Todas estas emoções me esmagaram.

Ela ainda não dera por mim. Este encontro era uma oportunidade.

Desta vez nada estava planeado.

Não havia tempo para fantasiar acerca do que poderia acontecer.

Dirigi-me para ela e pousei a minha mão no seu antebraço enluvado, como que para lhe chamar a atenção. Ela estava entre o balcão de madeira e o meu corpo. Não podia fugir. Antes que eu pudesse dizer fosse o que fosse, virou-se para a pessoa cujo toque indicava que alguém pretendia falar com ela. Sorria. Assim que me viu, recolheu o braço com brusquidão e o seu sorriso transformou-se numa boca contraída. Não havia nem um sinal de humanidade visível na sua recusa hirta e pálida.

- Chama-se Doreen Clifford? - perguntei rapidamente, quando ela se preparava para se afastar.

Ela dobrou os braços o mais possível. Pôs-se muito direita. O seu queixo ficou espetado e afastou por completo os olhos de mim, fixando-os no tecto alto do Salão de Baile.

- Não, não me chamo! - sibilou, afastando-me com um empurrão. Dei um passo ou dois atrás em desequilíbrio. Fiquei chocada para além do imaginável. Corri para os sanitários das senhoras e entrei precipitadamente. Os sanitários das senhoras que eu visitara tantas vezes durante os bailes de domingo à noite estavam agora vazios. Entrei num cubículo, tranquei a porta e chorei. Das minhas experiências no orfanato, aprendera que, se me fosse abaixo a ponto de precisar de chorar, também era importante que fosse capaz de recuperar a calma com igual rapidez. Recorri à minha experiência e reparei os estragos. Saí dos sanitários das senhoras, confusa mas composta.

Sentei-me no salão principal, num dos muitos assentos, e fiquei a olhar sem ver as pessoas que passavam, com o espírito completamente vazio, incapaz de qualquer pensamento racional. Passados uns instantes, decidi ir ao bar pedir um copo de limonada. Havia cerca de vinte pessoas na zona do bar. Algumas estavam sentadas às mesas, mas a maioria estava de pé, em pequenos grupos. Quase todas as pessoas com bebidas eram homens, mas cerca de cinco eram mulheres.

Duas mulheres estavam juntas a uma mesa, a beber qualquer coisa; uma delas era a responsável pela minha ida aos sanitários das senhoras.

Fui ao bar e pedi um copo de limonada. Agarrei no copo e coloquei-me em posição de ver as duas mulheres à mesa. Olhei para a minha mãe, mas ela nunca permitiu que o seu olhar se cruzasse com o meu. Era muito descarada. Penso que ela estava convencida de que me tinha convencido, à sua própria filha, de que não era a minha mãe. Como podia uma mãe fazer tal coisa à filha? Como podia ela pensar que fora bem-sucedida e me convencera de que não era a minha própria mãe?

Eu não tinha qualquer dúvida de que se tratava dela, mas, como me havia negado, eu continuava a precisar de uma prova absoluta.

Enquanto observava as duas senhoras, a companheira da minha mãe aproximou-se do bar para pedir uma bebida. Dirigi-me ao sítio onde ela estava, junto do bar, a pedir as bebidas.

- A sua amiga chama-se Doreen Clifford? — perguntei delicadamente.

- Não - replicou ela com uma curiosidade lenta. - Não, não é.

- Oh - disse eu. - Obrigada, de toda a maneira - como se fosse um erro de identificação.

- São parentes? - perguntou ela vagamente, mas um pouco intrigada -, há uma semelhança.

— Ah, não, só pensei que fosse uma prima — retorqui.

Olhei para o meu copo de limonada semivazio e decidi sair do bar. Quando me dirigi para a porta do bar, passei a meio metro da senhora que, tinha a certeza absoluta, era a minha mãe. Ao aproximar-me da mesa, olhei-a fixamente. Os nossos olhares cruzaram-se. Desta vez, não desviou o olhar do meu. Sorri-lhe, pois pensei que tinha detectado um sorriso a formar-se nos seus lábios. Quando me aproximei, os seus olhos pousaram em mim, mas não era um sorriso amistoso que ela tinha nos lábios. Era um sorriso escarninho e triunfante. Tinha vencido.

Quando saí do bar, corri o resto do caminho até à porta principal. Fiquei abatida

por completo e chorei descontroladamente quando saí do salão de baile. Mais uma vez, passei uma tarde a caminhar, atravessando a cidade inteira, para regressar a casa da Sra. Cooke, sempre a soluçar. Estava num estado de mágoa incontrolável por causa da rejeição da minha mãe. O que teria feito uma rapariga de dezoito anos para merecer tal tratamento? Eu não tinha maneira de saber. Só dezasseis anos mais tarde voltaria a vê-la. Quatro semanas depois deste encontro, saí finalmente de Limerick.

7. Novos horizontes

Quando o padre Bernard me disse que o meu emprego como ama de crianças seria em Belfast, tive de receber a primeira lição de geografia. Não fazia ideia de onde se situava Belfast. Ouvira falar vagamente da terra, mas não fazia ideia da sua localização. O padre Bernard veio em minha salvação com o seu atlas. Era um homem muito viajado e estava constantemente fora, em viagens pelo estrangeiro. Já nessa altura tinha visitado os cinco continentes. Quando chegou o momento de ir para Belfast, sabia muito bem onde ficava.

Só tinha más recordações de Limerick. Não tinha laços de família e estava ansiosa por atirar aquela terra para trás das costas.

Quando por fim chegou o dia da minha partida para Belfast, não houve grande festa. Tudo o que eu possuía cabia em duas caixas de sapatos. Além das roupas que levava no corpo, tinha mais duas mudas de roupa. Calçava um par de sapatos e tinha outro par. Fiz rolos apertados de tudo o que tinha e consegui metê-los nas duas caixas de sapatos. Cada uma delas foi atada separadamente com um cordel e depois preendi as duas caixas uma à outra.

O padre Bernard ajudou-me a fazer contas ao meu dinheiro. Tinha economias no valor de seis libras e catorze xelins. O padre Bernard disse que me pagava o bilhete de comboio até à estação de Kingsbridge, em Dublin. Eu teria de pagar um táxi para me levar da estação de Kingsbridge à estação da rua Amiens, onde teria de comprar um bilhete para Belfast. Pelas minhas contas, o preço do táxi e do bilhete para Belfast tinha de ser seis libras e catorze xelins.

Com todo este planeamento financeiro, aprendi uma lição muito importante. Fez-me compreender que teria de ser financeiramente independente se quisesse fazer alguma coisa ou ir para qualquer lado ou mesmo sobreviver pelos meus próprios meios. Compreendi, com um choque, que, se não tivesse o meu próprio dinheiro, teria sido obrigada a ficar para sempre em Limerick. Mas, segundo ele me explicou, para pagar o táxi desde a Grand Central Station em Belfast para a rua Malone, precisava de uma moeda diferente. Por causa dessa diferença de moeda, o padre Bernard ofereceu-me quatro notas de uma libra e duas notas de dez xelins, em libras esterlinas, especialmente encomendadas ao banco do

Ulster.

Com o equivalente a onze libras e catorze xelins na carteira, parti para Belfast às sete horas de uma manhã de Verão. Logo que o padre Bernard apareceu para me levar, dei um abraço de despedida à Sra. Cooke e ele levou-me para a estação de comboios de Limerick, onde comprou o meu bilhete para Dublin. Antes de se despedir de mim, disse: “A nossa amizade ainda mal está a começar e quero que me escrevas sempre que quiseres.»

Sentei-me na carruagem e lá fui, pouca-terra, pouca-terra, até Dublin, num comboio a vapor. O fumo do motor, cheirando a carvão, entrava pelas janelas abertas sempre que o comboio descia, nem que fosse uma pequena inclinação, ou quando dava uma curva, mas eu não me importei e não deixava de pensar: “Finalmente estou livre, vou começar uma vida nova.»

Cheguei à estação de Kingsbridge, em Dublin, e apanhei um táxi para me levar até à rua Amiens, onde comprei o bilhete para Belfast. Apanhei o comboio para a Grand Central Station de Belfast. Da estação, um comboio levou-me para Herberton Park, rua Malone, onde me esperava um emprego como ama dos três filhos de Desmond Woods e sua esposa, Anne.

A minha mudança de Limerick para Belfast decorrera sem sobressaltos.

Tive uma sorte enorme com os meus novos patrões, Desmond e Anne Woods. Foram muito bondosos comigo. Mantivemos uma relação laboral muito boa. Eu tinha de cumprir as minhas obrigações e fazia o meu trabalho da melhor maneira que era capaz. Gostava muito de tomar conta das crianças. Foi assim que compreendi uma coisa muito importante - adorava crianças. E compreendi que queria ter filhos meus.

O tempo passava depressa. Experimentei toda a espécie de novas liberdades. Comecei a compreender o que significava ter vida social. Saía para ir comer num restaurante chinês. Pela primeira vez, pude trazer amigas para minha casa e fazer o jantar para elas.

Também tive a minha primeira festa de aniversário. O primeiro cartão de parabéns que jamais recebi na minha vida foi quando fiz vinte e um anos. Pode parecer que tive de esperar muito tempo até receber um cartão de parabéns, mas podia nunca ter recebido nenhum. Compreendi desde cedo que os cartões de parabéns eram enviados por pessoas que assim transmitiam os seus votos de

felicidades aos amigos, para assinalar ou recordar aquele dia especial em que tinham passado a fazer parte da espécie humana. Não fiquei surpreendida por nunca ter recebido nenhum.

Nessa altura, tinha vinte anos e continuava a trabalhar em Belfast. Vivia em Herberton Park, próximo da rua Malone. Nos serões em que não tinha de trabalhar, aderi a uma organização de beneficência, a Legião de Maria. Quando cheguei a Belfast, não conhecia ninguém. Através da Legião de Maria, conheci bastantes pessoas, muitas das quais ainda hoje são amigas íntimas.

Estávamos no ano de 1968 e foi um período descuidado da minha vida. Nesse ano, parecia que todas as minhas amigas da Legião de Maria faziam anos durante o Verão. Eu tinha ido a três ou quatro festas de vigésimo primeiro aniversário e gostei de todas.

Quando este ano sem preocupações se aproximou do fim e me apercebi de que não havia festas nos tempos mais próximos, pensei que seria uma bela ideia se também eu tivesse um aniversário. Mas não queria um aniversário qualquer. Queria o vigésimo primeiro aniversário. Pensava que, se tivesse vinte e um anos, seria mais aceitável para toda a gente. Por isso, passei palavra de que ia fazer a festa em Novembro. Mas havia um problema. Eu só tinha vinte anos. Uma espera de mais de doze meses parecia interminável. Não conseguia esperar mais um ano, por isso decidi arriscar. Fingi que fazia vinte e um anos em Novembro de 1968. Queria receber muitos cartões de parabéns e ter uma festa de aniversário só minha! Até esse ano, era como se o meu dia especial não existisse. Eu era apenas a criada nas festas dos filhos dos outros, onde tinha de cozinhar, ou, na maioria dos casos, limpar tudo depois de a festa acabar. Nas festas das crianças da família da Sra. Cooke, cheguei a comprar presentes com o meu salário de duas libras e dez xelins por semana.

A minha amiga Eileen tinha aquilo que designava como um “apartamentozinho muito airoso», junto da praça Shaltsbury. Quando se arrastava a maior parte da mobília para o quarto, ficava muito espaço para dançar. O apartamento situava-se por cima de uma padaria familiar, chamada “Whites». Era o sítio ideal.

O primeiro problema estava resolvido.

A minha patroa, Anne Woods, disse que pagava a comida toda. Encomendou montes de vol-auvent e outros produtos especiais de confeitaria na padaria da rua

Ormeau, que era bastante famosa na época.

Era preciso música, mas isso não era problema, porque havia sempre alguém disposto a trazer o gira-discos de plástico portátil Dansette, e era ponto assente que todas as raparigas emprestariam uma parte substancial da sua colecção de discos, adequada para dança lenta e rápida.

Claro que eu não podia convidar ninguém da minha família, pois era filha única e os meus pais tinham morrido. Esta era a minha história há dois anos e continuou a ser durante muitos mais. Eu agarrava-me a ela com firmeza.

Notara que as festas do vigésimo primeiro aniversário, em particular, tinham uma certa importância para os membros adultos da família. Também reparei que a pessoa que tinha chegado à mágica idade dos vinte e um anos se tornava um membro muito respeitável da sociedade alargada constituída por toda a família e pelos amigos. Recebiam muitos cartões de parabéns e presentes, mas o que mais significado tinha para mim eram os cartões de parabéns.

Na manhã do meu dia especial, quando desci a escada para preparar o pequeno-almoço, Anne Woods e as crianças estavam à minha espera ao pé da mesa. Saudaram-me, cantando uma versão muito harmoniosa de “Parabéns a você, Nesta data querida, Muitas felicidades, Muitos anos de vida!».

Depois Anne Woods entregou-me um envelope. Eu sabia que continha um cartão de parabéns para mim. Abri o cartão e uma nota de libra ajeitou até ao chão, mas foram as palavras que me chamaram a atenção: “Para a Celine, Votos de Felicidades no seu vigésimo primeiro aniversário, de Desmond, Anne e as crianças.»

Fui assolada por uma vaga de emoção. Chorei e ao mesmo tempo senti-me inundada por um sentimento de profunda alegria.

Era um sentimento que eu nunca antes havia experimentado. Fiquei ali a chorar e Anne Woods e as crianças sentaram-se à mesa a sorrir. Penso que devem ter ficado um pouco abalados com a minha reacção, mas estava demasiado descontrolada para reparar. Era a primeira vez em toda a minha vida que eu recebia um cartão de parabéns ou um presente de aniversário.

Durante o resto do dia, parecia flutuar. Fui ficando cada vez mais excitada à medida que a noite se aproximava. Fiquei livre às seis da tarde. Nessa altura, já

tinha vestido o meu elegante vestido azul-claro, estava maquilhada e bem agasalhada com o meu pesado casaco comprido, pronta para enfrentar o nevoeiro de Belfast, gélido e carregado de fuligem.

Corri o caminho todo até à casa de Eileen, ouvindo o som rouco das sirenes de nevoeiro que vinha do porto. Eileen e eu trabalhámos como abelhas para pôr tudo pronto. Depois chegou Monica com o seu gira-discos e o irmão Eamonn, de dezoito anos, que recebeu ordem para ir pondo discos, para criar ambiente. Aos primeiros sons do disco mais amado de Eamonn, o LP Sargeant Peppers Lonely Hearts Club Band, que invadiram o apartamento, todo o trabalho parou. Três raparigas avançaram sobre ele, gritando ao mesmo tempo: “Tira esse disco do gira-discos, seu palerma alegre, ninguém consegue dançar essa porcaria. Põe um rock and roll decente.»

Os preparativos estavam terminados. Chegaram as oito horas. Nem um convidado. Comecei a ficar nervosa.

Comecei a compreender o risco que corria. E se ninguém viesse à minha festa?

Às oito e vinte, apareceu toda a gente ao mesmo tempo. Embora não houvesse álcool, havia montes de música e fartámo-nos de dançar, todos tagarelávamos uns com os outros. A música nunca parou e foi ficando mais alta à medida que o tempo passava. O ambiente estava fantástico. Pela primeira vez na vida, eu era o centro das atenções. Sentia-me excitada.

A festa acabou logo a seguir às onze horas. Depois de todos se irem embora, ficámos só nós, Eileen e eu, no apartamento, e passámos algumas horas recheadas de bisbilhotices, a discutir os acontecimentos da noite desde o princípio até ao fim. Eileen pediu a todos os que vieram à festa que assinassem um pequeno livro de autógrafos, que ainda hoje guardo. Algumas das frases são rimas engraçadas, outras são mais comoventes.

“Há laranjas na Flórida,

E pêssegos também.

Mas é preciso ir à rua Balmoral

Para ver uma tonta como tu.»

Do Michael.

Para Celine

“Não importa andar direito,

Nem os castigos, nem os enfeites,

Sou o Comandante do meu destino

Sou o senhor da minha alma.»

Com os votos de um futuro alegre e feliz, Mary Lester.

Celine,

“Que tenhas muitos amigos e trata-os bem, Mas nunca lhes contes os teus segredos, Pois quando os amigos se tornam inimigos. Os teus segredos correm mundo.”

Votos das maiores felicidades para o futuro, T. Grosset.

Ainda tenho todos os cartões que recebi naquele dia. Guardá-los-ei sempre, para me recordarem aqueles amigos especiais, que festejaram o que foi, para mim, O MEU PRIMEIRO ANIVERSÁRIO, mesmo convencidos de que era o vigésimo primeiro. Tenho pena de ter tido de mentir, mas estava então convencida de que só me aceitavam tal como me conheciam. Contar-lhes a triste saga da minha existência antes de me conhecerem teria erguido ainda mais barreiras do que as que já existiam.

Ao todo, passei dois anos em Belfast. Esse foi o tempo mais feliz de toda a minha vida, em qualquer época e em qualquer lugar. Mas o instinto para me preparar para uma carreira de enfermagem era muito forte. Tinha-me inscrito para exercer enfermagem em alguns dos hospitais de Belfast, mas nunca passei além do exame escrito de admissão. Era sempre recusada porque reprovava no exame escrito.

Embora o meu inglês escrito deixasse muito a desejar, não me deixei demover de alcançar o objectivo de trabalhar como enfermeira. Sentia-me frustrada por causa daqueles exames e ouvira dizer que alguns hospitais não os exigiam. Falei nisto

a praticamente toda a gente que conheci naquela época.

Certa noite, uma rapariga disse-me que a irmã era enfermeira num hospital de Londres. Perguntei-lhe se ela achava que a irmã poderia ajudar-me a adquirir treino de enfermagem no mesmo sítio. Ela prometeu que combinaria um encontro entre nós as duas da próxima vez que ela viesse a Belfast.

Cumpriu o prometido e a irmã veio falar comigo cerca de seis semanas depois. Não podia ter sido mais gentil comigo. Disse-me quem devia contactar, que referências precisava de apresentar e que exames teria de fazer. O meu coração quase parou por um instante.

- Exames? - guinchei.

- Sim, um simples exame médico — respondeu ela descontraidamente.

- Não é preciso fazer exames escritos ao princípio?

- Não, ao princípio não - disse ela. Era tudo o que eu queria ouvir.

Estava decididamente interessada. Interessada não era a palavra exacta. Estava em êxtase para além de todos os limites. Adquiri os impressos para a inscrição e preenchi-os.

Anne Woods, a minha patroa, e o padre Bernard escreveram duas cartas de referência incrivelmente elogiosas. Fui ao médico de Anne Woods fazer um exame. Este foi muito geral. Nada de temas específicos. Os meus eventuais empregadores não pediam um exame ginecológico e, portanto, não o receberam. Os meus registos ginecológicos deixavam muito a desejar.

Enviei o requerimento para o Hospital Central Middlesex, no norte de Londres. Desde que enviei o envelope gastei a tinta da porta, todos os dias à espera do correio, para ver se fora aceite.

Duas semanas mais tarde, recebi a resposta. Abri o envelope com toda a cautela.

Para mim, era um risco enorme. Se me recusassem, sabia que ficaria inconsolável.

A resposta era “Sim».

Fiquei em estado de choque.

Nem podia acreditar que me tinham aceitado, quase incondicionalmente. Não perguntavam se eu tinha pais nem faziam outras perguntas desagradáveis acerca do meu passado.

Escrevi imediatamente uma carta de aceitação e meti-a no correio.

Estava no caminho que queria. Mal podia acreditar.

Decidi naquele mesmo instante que seria a melhor enfermeira que alguma vez houvera no Hospital Central Middlesex. Sentia-me extraordinariamente grata para com eles por me terem aceitado. Penso que toda a gente ficou satisfeita por mim. Recebi resposta na volta do correio a informar que deveria apresentar-me no Lar das Enfermeiras anexo ao hospital duas semanas depois, a contar da data da carta.

A minha partida não foi acompanhada por grande alvoroço. Dei um pré-aviso de duas semanas a Anne Woods, que cumpri até ao fim. Tinha mais algumas roupas do que quando chegara a Belfast, mas pouco dinheiro mais. Planeei a viagem para Londres com a ajuda de Desmond Woods, porque, mais uma vez, não fazia a menor ideia de como chegar a Londres. Desmond disse que pagaria o meu bilhete para Londres, à laia de bónus por ter feito tão bom trabalho enquanto fui empregada deles. Também disse que me levaria ao ferry.

E assim, no dia 4 de Agosto de 1969, tomei o ferry em Larne, a norte de Belfast, com destino a Stranraer, na Escócia. Ali, apanharia o comboio para Crewe, em Inglaterra, onde mudaria para um que me levaria a Londres.

Estava encerrado um período da minha vida.

Podia deixar para trás todas as pessoas a quem tinha contado mentiras. Podia recomeçar numa folha em branco, o que para mim era ótimo.

Nunca mais voltei a Belfast desde aquele dia de 1969, embora ao longo dos anos me tenha mantido em contacto com alguns dos amigos desse tempo.

8. Tempo de diversão

Cheguei ao Lar das Enfermeiras anexo ao Hospital Central Middlesex num domingo à tarde. Devia iniciar as aulas na Escola de Treino Preliminar logo no dia seguinte.

A pessoa responsável pelo Lar era a Enfermeira-Chefe. Estava à minha espera e pôs-me imediatamente à vontade, sendo embora delicada e profissional. Levou-me ao meu quarto, disse-me que arrumasse os meus pertences e que descansasse um pouco. Depois regressaria para me mostrar as instalações que seriam a minha casa durante pelo menos os dois anos seguintes. Eu sentia-me excitada. Não tinha medo. Na verdade, aguardava com expectativa aquele desafio.

Mais tarde, mostrou-me todo o edifício, incluindo a sala de estar, a sala de jantar e as cozinhas. Informou-me resumidamente sobre as regras da casa. A mais importante era que eu tinha de estar no meu quarto à meia-noite. Não podia receber visitas que ficassem para dormir e não podia receber amigos do sexo masculino nas instalações. Aquelas regras eram óptimas para mim. Assegurou-me que eu iria aprendendo com a experiência.

O lar acolhia todo o género de enfermeiras, desde as enfermeiras em preparação, como eu, até ao nível mais elevado, o das enfermeiras-chefes. Eu aprenderia que existia uma hierarquia, mas estava habituada a viver no nível mais baixo da hierarquia, pelo que isso não me causava problemas. Por exemplo, a sala de jantar tinha um código de conduta ritualizado, segundo o qual as enfermeiras principiantes ficavam separadas das enfermeiras diplomadas e das enfermeiras-chefes. Eu reconhecia este tipo de distinção da minha experiência institucional anterior e decidi evitar ser apanhada na sua política. Durante o treino, se tivesse uma má manhã na enfermaria, por cometer erros, tinha o cuidado de não estabelecer contacto visual com a enfermeira diplomada envolvida no assunto enquanto ela estivesse na sala de jantar, depois do trabalho.

Mais tarde, aprenderia também que eu própria não queria ficar no fundo da pirâmide. Nesse dia, compreendi que tinha algumas ambições. Senti-me chocada comigo mesma, mas também fiquei satisfeita. Queria ter direito a algum respeito.

Comecei o programa de treino preliminar na Escola de Enfermagem do Central Middlesex. Tinha um salário de catorze libras por mês e o alojamento e a alimentação eram da responsabilidade do Lar das Enfermeiras.

Teria de fazer parte do treino nas enfermarias e a outra parte através de períodos de estudo, que eram aulas fora das enfermarias. Teria exames escritos e práticos no fim do primeiro ano. Descobri que o mundo da medicina tem uma linguagem própria. Para uma rapariga quase analfabeta, algumas das palavras eram difíceis de pronunciar. Repetia-as mentalmente até conseguir dizê-las de forma correcta. Escrevê-las sem erros era ainda mais difícil. Mas fui persistente. Venceria aquela terminologia nova, custasse o que custasse. Precisei de fazer um grande e duro trabalho mental. Adorei cada minuto. Ao fim de um mês, já sabia que aquela era a carreira indicada para mim.

Desde o primeiro dia em que fui “para a enfermaria» senti que era ali que estava bem. Senti que os doentes precisavam de mim. Recordo-me do primeiro trabalho na enfermaria, quando tinha cerca de vinte anos: era uma enfermaria de homens com doenças cardíacas. Tínhamos de lavar um doente, enquanto a outra enfermeira me ia explicando a anatomia dele. Eu já havia visto todas aquelas coisas há muito tempo, mas tinha de fingir que não sabia e que era tudo novidade. Penso que conseguia sentir uma certa empatia pelo sofrimento e desconforto que os doentes sentiam por causa do meu passado e conseguia reagir de forma compreensiva. Subconscientemente, precisava de sentir que precisavam de mim. Gostei da sensação de perceber que precisavam de mim. Dava-me a sensação de ter um objectivo. Enquanto prosseguia o treino, compreendi que tomar conta da minha mãe de acolhimento e da Sra. Cooke fora uma boa preparação. De certa maneira, tinha sido enfermeira desde os doze anos.

Agora estava numa situação em que podia ajudar todos os que se encontravam doentes, no dia-a-dia, mas esta era uma opção minha. Estava decididamente na actividade certa.

Embora gostasse de trabalhar como enfermeira, descobri que, de certo modo, apreciava ainda mais a vida social ligada ao Lar das Enfermeiras. A sala de estar comum era o local onde todas se reuniam quando não tinham mais nada para fazer. Na primeira vez que arrisquei ir lá sozinha, as outras enfermeiras acolheram-me tão bem que desde então nunca mais me senti inibida em lá ir.

“Ser interna» do Lar das Enfermeiras significava que as condições do meu contrato incluíam três refeições por dia. Depressa compreendi que isso era essencial para ficar com dinheiro disponível para ir aos bailes à noite o maior número de vezes possível.

Nas primeiras semanas que passei no Lar, conheci uma rapariga chamada Lucy que estava um ano à minha frente no treino. Ainda hoje Lucy é uma das minhas amigas mais próximas. Levava o seu treino muito a sério, mas, quando estava de folga, só pensava em ir dançar. Demo-nos muito bem desde o primeiro dia, pelo que, quando sugeriu que fôssemos dançar, não precisei de segundo convite. Não tardou que chegássemos ao ponto de ir a bailes seis ou sete noites por semana. Se acontecia estarmos as duas de folga ao domingo, íamos a um baile à tarde, que também se realizava no salão “The Buffalo», em Camden. Lucy e eu éramos o núcleo, mas arranjávamos sempre um pequeno grupo de raparigas para irem connosco. Eu fazia amigas com rapidez. Ninguém me fazia muitas perguntas acerca do meu passado. Se fizessem, ouviam as mesmas velhas respostas estudadas que eu dava sem hesitação noutros tempos. No geral, a história de que os meus pais tinham morrido num acidente de automóvel bastava para as satisfazer. No conjunto, acho que ninguém estava particularmente interessado.

Com todos os meus bailes, a vida era cara e o dinheiro curto. Tornámo-nos especialistas em arranjar boleias de graça depois dos bailes, estivéssemos onde estivéssemos. De modo geral, se um grupo de enfermeiras saísse junto, era uma regra tácita que tomávamos conta umas das outras e que todas teríamos boleia para o regresso. Havia também um pacto estabelecido no início da noite, segundo o qual todas as do grupo se mantinham alerta para um tipo com “cheiro a gasolina». Era o homem que estava destinado a dar uma boleia ao grupo todo, fosse qual fosse a rapariga com quem ele “ficasse» durante a noite.

Por fim, os nossos parceiros nos bailes acabavam por compreender que, se “ficassem» com uma enfermeira, o contrato implícito era que, levando uma a casa, as levava a todas.

Também funcionava ao contrário. Na primeira dança, o par perguntava onde trabalhávamos. Por vezes, quando lhe dizíamos que éramos enfermeiras, levantava os braços, horrorizado, e deixava-nos no meio da pista de dança, dizendo “Oooohhh, nããã, vou dar boleia a metade das enfermeiras de Londres».

Ir aos bailes e ficar fora do lar até tarde eram coisas que tinham de ser feitas com certas regras. Uma das maiores limitações aos nossos bailes era o recolher obrigatório à meia-noite. O recolher era controlado por uma Enfermeira Interna já madura, que sentia prazer em assegurar-se de que o cumpríamos. Tínhamos de ser cada vez mais criativas para manter o nosso programa de dançar até tarde sem sermos apanhadas.

Costumávamos chamar a esta Enfermeira Interna “Jesus sorrateiro», pois nunca a ouvíamos caminhar de um lado para o outro. Estava encarregada de trancar todas as portas e entradas. Também tinha de verificar as saídas de emergência e as janelas, por uma questão de segurança. Costumávamos esperar que ela acabasse de fazer a ronda e depois saíamos para o baile. Antes de sair, entalávamos um pedaço de cartão numa das saídas de emergência, para depois a podermos abrir por fora. Devia ser um espectáculo ver sete ou oito jovens enfermeiras a trepar até ao quarto andar pela saída de emergência externa, cada uma com o seu par de sapatos na mão para não fazerem barulho nas escadas metálicas. Como naquele tempo não ingeríamos bebidas alcoólicas, lembrávamo-nos sempre de qual era a porta que abria.

Havia uma enfermeira que costumava pôr o nosso sistema em causa, mas, devido à sua posição na hierarquia, não podíamos intervir. Esta Enfermeira-Chefe Auxiliar costumava perguntar-nos sempre na sexta-feira à noite qual era a saída de emergência que ficava aberta para as atrasadas. Mais tarde, com os olhos esbugalhados, víamo-la regressar muito embriagada e sem saber o que fazia. Invariavelmente subia pela escada de emergência aos tombos, esquecia-se da porta por onde devia entrar e fazia tanto barulho a experimentar as portas todas que a Enfermeira Interna acordava com o barulho. Costumava ouvir uma repreensão todas as vezes, mas era evidente que a mensagem caía em orelhas moucas. Depois, nunca mais foi respeitada nas enfermarias. Guardámos sempre segredo das suas escapadelas para a bebedeira como argumento de defesa contra ela, se alguma vez tentasse ultrapassar a linha em questões de trabalho.

Embora nos divertíssemos à grande, entendemos sempre que tínhamos as nossas prioridades bem definidas. Ao domingo, nunca deixávamos de ir à missa. Nunca sonhávamos em ficar na cama ao domingo de manhã. Se estivéssemos de serviço até tarde, íamos de manhã cedo. Se estivéssemos a fazer turnos divididos, corríamos para chegar a tempo da missa do meio-dia e depois íamos deitar-nos, ou não, consoante o estado em que estivessem as pernas e o que tivéssemos programado para a noite.

Nunca tive problema em dormir, mas a rapariga que estava no quarto ao lado do meu decidiu aprender a tocar flauta irlandesa. Costumava praticar escalas como método para relaxar, depois de sair do turno da noite, às oito da manhã. O barulho que fazia a tocar era uma tortura. Acordar de manhã a ouvir a interpretação que fazia de “Soldier's Song», o Hino Nacional da República da Irlanda, era garantia de que chegava bem cedo à enfermaria. Fora isso, nunca tive tempo para ter pena de mim mesma, o que era ótimo.

Um tema de conversa entre nós, enfermeiras em formação, e que sempre despertava a minha atenção, era a Astrologia. Sentia-me fascinada por ela. Como a minha vida passada fora sempre sombria, desejava ansiosamente conhecer o que o futuro me reservava. Teria investigado qualquer método que permitisse prever o futuro.

A maioria dos mercados de Londres tinha pelo menos uma vidente. Liam a palma da mão, liam as cartas ou pesquisavam a sua bola de cristal para preverem o futuro. Em geral, as consultas custavam algumas libras, mas, infelizmente para mim, não pareciam revestir-se do menor rigor.

Mais ou menos por esta época, tive uma doente na enfermaria que lia as folhas do chá. Bebi muito chá durante a sua estada no hospital e pedia-lhe para ler todas as chávenas que bebia. Também falei dos seus talentos às minhas amigas. A senhora recebia imensa atenção das enfermeiras. Logo que acordava de manhã, formava-se uma fila de quatro ou cinco enfermeiras à espera de que ela lesse as suas folhas de chá.

Isto continuou até que, no “diz que disse», ouvi falar de uma vidente que vivia num subúrbio de Kilburn. Dizia-se que estava num nível superior ao das suas colegas do mercado. Os rumores contavam que era cara, mas muito certa nas suas previsões. A minha amiga Lucy disse que me acompanharia e lá fomos num sábado à tarde. Quando, por fim, encontrámos a casa, recebeu-nos uma enorme mulher negra, originária das Caraíbas. Fomos convidadas a entrar numa sala decorada com imensas correntes e fitas coloridas. Lenços diáfanos pendiam por todo o lado e uma música obcecante soava em fundo. Disse-me que tinha de cruzar a mão com trinta xelins em prata. Recebeu trinta xelins de cada uma de nós.

Logo que guardou o dinheiro em segurança algures no seu amplo corpo, segurou levemente as minhas mãos e começou a entoar um mantra.

Ao fim de cerca de três minutos a cantarolar, parou e disse-me que sabia que eu tinha tido uma vida muito dura. Que a minha vida futura seria muito mais fácil, mas que, no futuro, a minha saúde me daria problemas. Começava a pensar que ela sabia do que estava a falar, mas depois disse que eu teria dois filhos. Então acrescentou: “Dentro de dois dias, conhecerá o amor da sua vida.» Não acreditei nela. Tinha a certeza de que tinha deitado dinheiro fora.

E foi tudo - fim! A consulta tinha terminado e fomos acompanhadas até à porta. Estávamos atónitas. Senti que fora enganada e que fora dinheiro lançado à rua. A minha zanga durou todo o caminho até casa e jurei nunca mais visitar uma vidente.

Dois dias depois, conheci “o amor da minha vida». Chamava-se George.

Um grupo de jovens enfermeiras, entre elas eu, costumava ir ao baile de segunda-feira à noite no Salão de Dança Gresham, na rua Holloway. Um dos indivíduos que me convidaram para dançar nessa noite era particularmente bom dançarino. Tinha um aspecto elegante e era muito bem-parecido. Pediu-me para dançar com ele durante o resto da noite. Como os seus modos eram encantadores e era educado, concordei. Descobri que George tinha cerca de trinta anos e que era de Wexford. Era condutor de autocarros e vivia com uma prima em Willesden. Era católico, mas o pai era protestante. Por estranha coincidência, descobriu-se mais tarde que uma prima direita dele, Dolores, que frequentara a escola anexa ao pensionato, fora uma das que escreveu a minha carta para a irmã Bernadette em que eu pedia para conhecer a minha mãe. Estávamos a tomar uma bebida sem álcool ao fim da noite quando me perguntou se podíamos voltar a encontrar-nos. Parecia meigo e gentil e por isso aceitei com entusiasmo.

O primeiro encontro deu origem a uma série de encontros cheios de magia. Para mim foi o início do que viria a ser a coisa mais próxima de amor que alguma vez experimentei. íamos juntos para todo o lado, bailes, teatro, passeios nos parques e concertos. Tudo fazia parte de um relacionamento com George que era completamente novo para mim. Um simples passeio no parque era uma novidade. Num dos nossos encontros, arranjei maneira de quase sermos presos. Apanhei um ramo de flores num belo parque próximo da rua Harley. O guarda do parque perseguiu-nos e avisou-me: “Não pode apanhar flores aqui, menina. Desta vez passa, mas não volte a fazer tal coisa.» George ficou muito apoquentado.

Certo domingo, fomos à praia durante a tarde e à noite ao Royal Albert Hall. Quando toda a gente se levantou para aplaudir, benzi-me por engano. Fiquei muito envergonhada.

Dávamos as mãos e beijávamo-nos levemente nos lábios quando ele me deixava em casa à noite. George nunca me fez propostas sexuais, mas, à medida que o tempo passava e os meus sentimentos por ele cresciam, penso que teria concordado se ele tivesse dito alguma coisa. Passados cerca de seis meses, tentei dizer-lhe que o amava, mas, embora sentisse qualquer coisa por George, não tinha a certeza da natureza desses sentimentos. Não tinha qualquer experiência tangível da palavra “amor», pelo que, embora dissesse as palavras, não tinha a certeza absoluta do que significavam.

Uma coisa de que tinha a absoluta certeza era de que não me sentia amada por George. Não achava que merecesse ser amada nem por ele nem por ninguém. O risco seria demasiado. Não podia permitir que ninguém se aproximasse assim tanto de mim. Se me entregasse tão completamente a uma pessoa e ela depois me rejeitasse, ficaria destroçada. Não era, portanto, uma opção aceitável. Não podia permitir que alguém me amasse.

Afinal nem sequer tive a oportunidade. Cerca de um ano depois do início do nosso relacionamento, George soube que havia herdado uma grande quinta na Irlanda de um parente próximo que morrera. Informou-me de que esperavam que ele regressasse à Irlanda e administrasse a sua herança em termos de negócio. Nunca tive a certeza, mas talvez ele tenha estado perto de me pedir em casamento e eu de regressar à Irlanda como sua mulher.

Se ele ia pedir-me em casamento, tratei de impedir o pedido. Disse-lhe que era filha ilegítima. Embora em Londres fosse um condutor de autocarros descontraido, George era de uma sólida família anglo-irlandesa protestante. Quando lhe disse, vi imediatamente a desilusão nos seus olhos. Disse qualquer coisa entre dentes que queria dizer que os pais nunca me aprovariam. Soube então que o tinha perdido. Ele regressou à Irlanda para receber a herança. Eu fiquei devastada. Escrevíamos três ou quatro cartas por semana um ao outro. Prometeu regressar a Londres para estar comigo. Acreditei nele e deixei de ir dançar à noite com as minhas colegas. Elas atormentavam-me noite sim, noite não, para ir dançar, mas eu recusava sempre, dizendo que era a namorada de George. Ser-lhe-ia fiel até ao seu regresso.

À medida que o tempo passava, as cartas foram sendo cada vez menos frequentes. Demorei cerca de três meses a compreender que George, “o amor da minha vida», não ia regressar.

Fiquei doente por causa de toda a tensão e a Enfermeira-Chefe ajudou-me a organizar umas férias na Irlanda. Ficaria com Kit e Tony. Fui visitar George e conhecer os pais dele. Guardarei sempre a recordação da maneira como a mãe de George me beijou quando nos conhecemos. Foi uma sensação encantadora. Depois disso, até chegou a dar-me presentes, pequenas peças de croché. Ainda guardo algumas. Mas, para mim, tornou-se evidente que George se sentia pouco à vontade e só lá fiquei uma noite. Ele deu-me um guarda-jóias na estação de caminho-de-ferro quando foi despedir-se de mim, dizendo que me escreveria, mas nunca mais soube dele. Tinha-me abandonado.

Mais uma vez, eu não era digna de ser aceite fosse por quem fosse.

9. Convivas não convidados

Esforcei-me o mais possível por seguir com a minha vida e tentar esquecer George. Foi um pouco mais fácil por estar tão ocupada. Quando não estava a trabalhar ou a conviver, estava a estudar. Estudei muito e, por fim, venci a difícil terminologia médica. Fui bem-sucedida em todos os exames e fiquei nas nuvens quando me diplomei como enfermeira, em Fevereiro de 1972. Poucas semanas depois, em Março, conheci o meu futuro marido. Harry Roberts era membro da minha divisão da Legião de Maria e da Associação Pioneira para a Abstinência Total. Ambas as organizações são geridas em associação próxima com a Igreja Católica. Conhecia-o como membro associado, mas, até Março de 1972, nunca senti interesse em sair com ele ou estar-lhe ligada de uma forma romântica. E então tudo mudou.

Encontrava-me no hospital num domingo. Estava de serviço na sala de operações de acidentes e emergências, no turno da noite. Estar de serviço significava que se não houvesse nenhuma cirurgia, era livre para me divertir. Podia passar o tempo da maneira que quisesse, desde que estivesse imediatamente disponível para atender uma cirurgia de emergência. No domingo à noite, os acidentes e a emergência são em geral um serviço bastante sossegado.

Havia um Salão de Reuniões anexo ao hospital, usado em todo o tipo de ocasiões relacionadas com o hospital: conferências, reuniões de departamentos e qualquer encontro de grandes grupos de pessoal hospitalar. A divisão local da Associação Pioneira para a Abstinência Total era uma das organizações que usavam o salão para os seus encontros e reuniões sociais.

Naquela noite de domingo, a Associação tinha um dos seus encontros sociais, nomeadamente um baile para os membros. Como eu estava de serviço e mais ou menos limitada ao hospital, dirigi-me ao baile dos Pioneiros.

Estando o baile animado, fui mais para dar uma espreitadela do que para participar. Na realidade, queria apenas passar tempo. Uma das primeiras pessoas que me veio cumprimentar foi o sempre sociável Harry Roberts. Harry estava eufórico. Acabava de regressar de uma peregrinação a Lourdes, em França, como auxiliar da Legião de Maria. Tinha gostado imenso da viagem e sufocava

se não contasse aos amigos e a quem mais quisesse ouvir todos os pormenores das suas férias de viajante de autocarro. Algures, no decurso da história, que ia desde pormenores complexos das incapacidades das pessoas até ao verdadeiro testemunho de milagres, convidou-me para sair com ele. Embora nunca tivesse olhado para ele com intenções românticas, achava que ele tinha certas qualidades altruístas que eu admirava. Como estava de serviço naquela noite, concordei em sair com ele noutro dia da mesma semana.

Na quarta-feira seguinte à noite, combinámos ir ao cinema. No que se referia a relacionamentos, continuava a ter os mesmos sentimentos que manifestara em relação a George. Queria um relacionamento com um homem na base de podermos sair juntos para dançar, ir ao cinema ou ao teatro e mais nada. Não haveria intimidade física.

Tinha de lutar com as minhas necessidades extremamente diferentes. Por um lado, queria uma relação sem intimidade física, enquanto, por outro, queria casar e ter filhos. Uma Imaculada Conceção como a que teve a Virgem Maria seria óptima para mim, mas nem Harry Roberts, com toda a sua influência dentro da Igreja Católica, poderia proporcionar-me tal coisa.

E, não obstante, o meu desejo de ter filhos era muito forte. Adorava crianças. Sabia que este era um problema que não poderia evitar eternamente.

Ao longo dos anos, tive muitos problemas com o aparelho reprodutor. Parecia passar metade do tempo a consultar ginecologistas. Em cada visita, o resultado do exame tinha sempre uma conclusão em comum com chorosos outros - era muito improvável que pudesse ter filhos. Estas conclusões ginecológicas, apesar de serem muito pessimistas, deixavam-me sempre um minúsculo raio de esperança de que conseguisse ter um filho. Era, na realidade, uma esperança muito pequena. A maioria dos ginecologistas previa que eu não conseguiria sequer levar uma vida saudável e muito menos ter uma criança. Embora soubesse que os estragos nas minhas vias reprodutoras eram graves, no fundo continuava a alimentar aquela centelha de esperança, por muito minúscula que fosse.

Claro que não mencionei nada disto a Harry no primeiro encontro. Fomos ao cinema e depois levou-me a beber uma chávena de café. Claro que ele queria saber pormenores a meu respeito. Começou por fazer todas as perguntas habituais que surgem quando dois jovens se encontram. Mais uma vez, erguia-se

o fantasma dos meus antecedentes pessoais. Tendo sofrido a dor da recente rejeição de George, decidi que não permitiria que o assunto voltasse a constituir um problema. Não iria perder o meu tempo com alguém que me achasse inaceitável quando soubesse a verdade sobre o meu passado e a minha filiação. Perto do fim desse primeiro encontro, decidi declarar a minha filiação. Disse-lhe claramente: “Sou filha ilegítima.»

Fiquei à espera da reacção habitual de choque disfarçado, mas ela não surgiu. Ao recordar, vejo que devia ter compreendido a posição de desvantagem em que me colocara. Mas não compreendi. Abduquei de todo o meu poder numa pequena frase. Permiti que ele conhecesse a minha fraqueza sem saber nada acerca dele. Viria a lamentar amargamente ter-lhe contado o meu segredo com tanta facilidade. Mas na altura não compreendi.

Se ao menos tivéssemos o benefício da previsão! Se ao menos eu tivesse o benefício de um conselho ou de um apoio maternal! Estava entregue a mim mesma. Tinha de tomar as minhas próprias decisões, fossem quais fossem as suas consequências. Por outro lado, não podia revelar o meu segredo a toda a gente; se assim fizesse, não seria desejada. Era o cenário de pesadelo que eu desejava evitar a todo o custo. Harry não pareceu importar-se. Quando me acompanhou a casa, pediu-me que casasse com ele. Sim, no primeiro encontro, disse: “Casas-te comigo?» Estava sempre a brincar, por isso afastei o assunto com uma gargalhada, mas depois pensei que era um atrevimento, no primeiro encontro, em especial porque tinha acabado de lhe contar o meu maior segredo. Mas senti-me satisfeita porque, mesmo sabendo da minha ilegitimidade, ele pareceu genuinamente desejoso de voltar a estar comigo.

Harry trabalhava como segurança num banco do centro da cidade. Como trabalhávamos os dois por turnos, encontrámo-nos a horas diferentes nos dias seguintes. A princípio, encontrávamo-nos duas ou três vezes por semana. Costumávamos ir a bailes ou ao cinema. Nenhum de nós bebia bebidas alcoólicas. Fiquei muito satisfeita por ele me levar aos bailes, em especial por ser uma pessoa que eu sentia que me achava totalmente aceitável. Antes dele, nunca sentira que fosse, de algum modo, aceitável para alguém. Por isso, Harry parecia-me um cavaleiro de armadura branca.

Começámos a passar juntos cada vez mais do nosso tempo livre. Por vezes, eu cozinhava para ele no apartamento que agora partilhava com Lucy e algumas outras enfermeiras. Alguns meses antes, cinco de nós tínhamos saído do Lar das

Enfermeiras, pois já ganhávamos um pouco melhor depois de termos o diploma. Também costumávamos fazer turnos duplos para ganhar um pouco mais. Valia a pena deixarmos de viver em regime de recolher obrigatório!

Talvez nos tenhamos beijado nos lábios de vez em quando, mas entre nós nunca houve nenhuma intimidade sexual. Eu sentia-me incapaz de pôr a hipótese de qualquer comportamento sexual e Harry parecia satisfeito por ter aquele tipo de relação comigo. Eu sentia-me feliz por continuarmos juntos nesta base e, em Julho de 1972, assumimos o compromisso de nos casarmos. Nunca nenhuma das minhas amigas criticou Harry, mas também nunca nenhuma delas fez qualquer comentário positivo sobre ele. Harry era Harry e pronto! Não ofendia ninguém. Nunca antagonizava ninguém. Também nunca discutira a sério com ninguém. Na vida de Harry, tudo era relativamente simples. Tinha regras pessoais simples, que respeitava. Sabia qual era o seu lugar no mundo em que vivia e não era ele que ia levantar ondas.

Harry vinha de Gaignamanagh, condado de Kilkenny, Irlanda. Os seus pais tinham uma pequena quinta e uma grande família. Harry era o mais novo de doze irmãos, cinco rapazes, seis raparigas e Harry. A quinta não tinha dimensão suficiente para sustentar e instruir doze crianças, e por isso Harry deixara a escola aos quinze anos. Foi enviado para trabalhar no bar do primo em Dublin. Quando nos conhecemos, eu não sabia nem me preocupei em saber qual era a sua educação formal. As suas aspirações e perspectivas no que se refere a uma carreira nem sequer eram questões que se pusessem. Era uma pessoa para quem eu, filha bastarda, era aceitável. Era tudo o que precisava de saber.

Decidimos casar no princípio do ano seguinte.

O nosso relacionamento manteve-se durante o Verão de 1972 e entrou pelo Inverno, nos mesmos moldes em que havia começado, íamos dançar muitas vezes ao Clube Irlandês, onde tinham muitas orquestras de dança ou de concerto. Nessa época, as bandas de concerto eram muito populares na Irlanda e apreciadas pelas multidões que frequentavam o Salão de Baile Galtymore em Kilburn, no norte de Londres. As únicas vezes que nos tocávamos fisicamente era nas ocasiões em que dançávamos. O facto de estarmos noivos e irmos casar não mudou nada. Para mim era ótimo. Não sei como teria reagido se Harry tivesse feito alguma abordagem sexual nesta altura. Presumo que a teria rejeitado. Teria usado a desculpa de que qualquer comportamento sexual fora do casamento era inaceitável para mim. Harry fora criado num regime católico

severo, numa família católica rigorosa e os seus valores morais eram os ditados pela Igreja Católica. A hierarquia da Igreja não tolerava desvios dessas regras e Harry seguia-as à letra. A sua obediência às leis da Igreja Católica e do seu Deus era absoluta. A fé católica determinava que sexo antes do casamento era pecado e não devia ocorrer. Tal coisa não seria permitida.

Mas o facto é que as pessoas tinham relações sexuais antes do casamento. Eu era prova disso mesmo. Perguntava a mim mesma se ele me via nesse contexto. Não lhe perguntei, porque acreditava que ele não tinha grande consideração por mim. Naquele tempo, a Igreja Católica ensinava que os filhos ilegítimos tinham de pagar pelos pecados dos pais com o seu próprio sofrimento. No orfanato, as freiras diziam-me isso com frequência. Ouvi a mensagem tantas vezes que ainda hoje detesto ouvi-la, seja em que contexto for.

Como encarava Harry os meus pais?

Durante toda a sua vida, fora doutrinado nos ensinamentos e na propaganda da Igreja Católica. Esta inculcou-se nele a tal ponto que ainda hoje acredita que é um ser humano muito superior às pessoas que não são apoiantes ou que não cumprem as regras e os regulamentos da Igreja Católica. Os meus pais eram um exemplo dos pecadores que não tinham cumprido as suas leis, ao entregarem-se a relações sexuais um com o outro, não sendo casados. Se os tivesse conhecido na época, tê-los-ia considerado pecadores dos piores. Tenho a certeza de que os consideraria inadequados para qualquer convivência fosse a que nível fosse. Eu, o seu produto, não teria muito melhor avaliação. E aqui entra a dicotomia. Eu devia tê-la compreendido na altura, mas isso não sucedeu. Continuei com os planos para o casamento, desprevenida.

Não havia amor entre nós. A palavra amor nunca foi dita. O sentimento que eu tivera por George não surgiu neste relacionamento. A sensação de querer estar para sempre com uma pessoa especial não existia. Eu só sabia que queria casar e ter filhos. Todas as minhas amigas se casavam, por isso parti do princípio de que era a atitude normal, natural e correcta. Harry deve ter partido do mesmo princípio, pois nunca, nem uma vez, durante o nosso noivado, disse que me amava.

Durante as férias do Natal de 1972, trabalhei a maior parte do tempo. Trabalhava para que as enfermeiras com famílias jovens, que preferiam estar com elas em casa durante o Natal, não tivessem de faltar. Não sentia amargura por trabalhar

durante os solitários turnos do Natal. Naquela época, Londres era uma cidade cosmopolita, ao contrário da atmosfera incestuosa, dominada pelos católicos, da Irlanda. Nas enfermarias havia muitas enfermeiras de ambientes religiosos diferentes, para quem trabalhar durante o Natal era apenas um dia como os outros. Como eu não tinha família para visitar, para mim era melhor ter a distração do trabalho. Todas as raparigas que moravam no apartamento tinham ido visitar as famílias, pelo que a casa estava toda por minha conta.

No dia de Natal trabalhei no turno das oito da manhã até às cinco da tarde e depois regresssei ao apartamento. Nesse dia, Harry jantou com o irmão Paddy e a mulher e estava combinado que mais tarde viria ter comigo ao apartamento. Eu não fora convidada, mas, de toda a maneira, estava de prevenção na agência de enfermagem. Quando ele chegou, eu tinha acabado de fazer o meu jantar de Natal, constituído por duas salsichas. Era tudo o que havia para comer no apartamento. Parece uma ementa miserável para o Natal, mas eu não estava nada incomodada.

Harry chegou e ficámos a ouvir música. Passadas uma ou duas horas, aconteceu uma coisa extraordinária. Ele comprometeu a sua rigorosa adesão aos padrões morais católicos. Fez-me propostas amorosas. Eu não estava preparada para esta abordagem e por outro lado fiquei chocada. Era uma atitude absolutamente contrária ao carácter de Harry.

- O que estás a tentar fazer? - perguntei.

- Quero ter relações sexuais contigo - respondeu ele.

Eu dei-lhe imediatamente a saber que as suas propostas eram rejeitadas. Ter relações sexuais comigo estava absolutamente fora de questão.

- Não tem importância, eu caso contigo de qualquer maneira - insistiu ele.

- De maneira nenhuma - repliquei. - Isso não pode acontecer.

- Pronto, está bem - disse ele, amuado.

Dito isto, inspirou fundo, pôs o peito para fora, virou-se, atravessou a sala e saiu, batendo a porta da frente com toda a força. Depois disso, conseguimos remediar as coisas, mas sexo, ou relações sexuais, na terminologia da Igreja Católica, tal como era usada por Harry, nunca mais foi referido entre nós enquanto durou o

noivado.

Ao longo dos anos tinha escrito regularmente ao padre Bernard, mas não com tanta frequência como antes. Fora visitá-lo a Glenstal em Julho, quando fiquei noiva, e contei-lhe que ia casar com Harry e que a cerimónia se realizaria na Primavera de 1973. O padre Bernard disse que se sentia muito satisfeito por mim e insistiu em ser ele a realizar a cerimónia, fosse ela onde fosse.

Quando anunciámos o nosso noivado, em Julho de 1972, tínhamos combinado casar-nos na catedral de S. João, na cidade de Kilkenny, na Irlanda, no dia 24 de Fevereiro de 1973.

Na mesma altura reservámos também um copo-de-água e uma recepção para cinquenta convidados. Eu queria ter uma pequena e discreta cerimónia em Londres, sem confusões. Mas, quando os pais de Harry souberam que o filho mais novo ia casar-se, insistiram em que o casamento fosse na Irlanda. Embora insistissem na localização geográfica, não insistiram em pagar nenhuma das despesas. Eu tive de pagar tudo.

Nos preparativos para o casamento, o número de pessoas não convidadas na minha vida aumentou. Não tive qualquer controlo quanto ao número de participantes. Não recebi orientação de ninguém sobre a maneira de lidar com a intromissão inesperada na minha vida de tantas pessoas desconhecidas.

Em primeiro lugar, foi a chegada à minha vida dos pais de Harry. Era um casal de sessenta e tal anos. Viviam com modéstia, mas honestamente, na sua quinta, que era agora administrada de forma permanente por um dos irmãos de Harry. Era um casal conservador, sem instrução, mas simpático, que vivia a sua vida de acordo com os estritos ensinamentos morais da Igreja Católica. Estes casais não eram raros na Irlanda rural do início da década de 1960.

Como passaria a ser uma figura permanente na vida de Harry e, o que era mais importante, como seria a sua esposa legal, começaram a surgir problemas. Na verdade, o primeiro problema fora o facto de Harry dizer aos pais que se ia casar. Como a maioria dos onze irmãos já era casada, eu não tinha pensado que o facto de Harry se casar fosse um grande choque para os pais. Parti do princípio de que aceitariam a notícia e que lhe dariam a sua bênção. Na realidade, na altura não pareceram ficar muito satisfeitos, mas ultrapassámos isso. O pai escreveu-me uma carta alguns meses depois a dar-me as boas-vindas em nome da família.

O segundo problema foi, claro, que ele não ia casar com qualquer pessoa! ia casar com uma “rapariga ilegítima». Harry estava sob pressão.

— Era a morte do pai e da mãe, se lhes dissesse que ia casar com uma bastarda — anunciou-me ele um dia à noite.

Senti o coração pesado. O passado voltara mais uma vez a ensombrar a minha vida.

— Diz-lhes que os meus pais morreram — propus imediatamente, sem dúvidas nem hesitações.

Tinha usado esta explicação tantas vezes que me saiu da boca com toda a facilidade, como se tivesse a prova documental na carteira, uma cópia autenticada da certidão de óbito deles e uma carta do papa a dizer que ele próprio presidira às cerimónias do funeral.

— Seria o melhor — aceitou Harry com gratidão.

— Também não diremos nada aos meus irmãos, porque eles não iam aprovar a situação — disse ele, tomando tudo como dado e garantido.

Quando conheci os pais dele, Harry apresentou-me e, quase sem parar para respirar, disse: “Esta é a Celine, com quem vou casar. Os pais dela morreram!»

Negou-me pela primeira vez.

Não fiz comentários, mas ouvir uma tal apresentação magoou-me. Ignorei a amargura e continuei com a mentira. Afinal de contas, tinha sido eu a sugeri-la, para começar. Senti-me tão insignificante e de tão baixo nível social que teria concordado com qualquer desculpa acerca dos meus pais. Queria ser aceitável para os pais dele e, se o meu estatuto de ilegítima era tão mau que podia provocar a sua morte antecipada, os meus pais iam morrer primeiro. Resultou. Toda a gente partiu do princípio de que, se os meus pais tinham morrido, deviam estar legalmente casados um com o outro antes de morrerem. Mais uma vez, tivemos “uma solução irlandesa para um problema irlandês». E foi assim que toda a família Roberts pensou que os meus pais legalmente casados tinham morrido. Eu tinha portanto o direito de ser a esposa de Harry. Embora compreendesse a questão dos pais dele, na realidade não conseguia imaginar por que razão ele não podia contar a alguns dos irmãos a verdade a meu respeito.

Também não entendia porque era tão aceitável para ele e não para os outros. No fundo, no fundo, ele não tinha coragem de dizer a nenhuma das pessoas que eram importantes para ele que eu era ilegítima. Era para sua própria protecção. Achava que, aos olhos dos outros, estaria a rebaixar-se se tivesse de declarar a minha ilegitimidade.

Ao longo dos anos tenho pensado muitas vezes: “Quem é ele, para se considerar tão importante no grande esquema das coisas para poder negar-me? Quem é a família dele, que é tão importante que tive de fingir que era o que não sou, só para que a sua dignidade não fosse manchada pela minha existência?» Mas, na altura, isto não me preocupou, pois o meu objectivo era casar e ter filhos.

Concretizaria esta ambição, custasse o que custasse.

Fosse o que fosse que tivéssemos de dizer à família dele para manter o status quo, eu concordaria. O escândalo entre os vizinhos de Graignamanagh, Condado de Kilkenny, quando se tornasse público que o filho mais novo de Harry e Cathy Roberts ia casar com uma rapariga ilegítima, seria demasiado para ser sequer considerado.

Chegou finalmente o dia do casamento, 24 de Fevereiro de 1973.

Passei a noite anterior ao casamento em casa de uma das irmãs de Harry, Alice. Como Harry não bebia álcool, não teve festa de despedida de solteiro. Ficou em casa dos pais, a alguns quilómetros de distância. Tínhamos os dois combinado que seria um casamento muito discreto, um acontecimento que teria lugar com o mínimo de agitação.

Na manhã do casamento, levantei-me de madrugada. Mal consegui dormir pois fui dominada por uma excitação como nunca tinha permitido a mim mesma sentir até então. Em primeiro lugar, os vestidos! Em circunstância alguma iria usar um traje menos que perfeito. Com o meu historial de roupa em segunda mão dada por instituições beneméritas, nem pensar em casar vestida com a mínima peça que não fosse nova em folha.

Nos últimos meses, consultara as revistas femininas, à procura de ideias adequadas para o meu vestido de casamento. A Bride Magazine deu a resposta. O “Vestido de Casamento do ano 1973» era o meu favorito. Nada menos que este. O vestido era branco, com renda nos punhos e um decote à frente. Estava à venda no Berketex de Londres por duzentas e sessenta e cinco libras e foi esse

que comprei para o meu dia mais especial de todos, sem pensar duas vezes no preço.

Tive as minhas próprias damas de honor para o dia. Breege Dolan, que também era enfermeira e que fora minha colega de curso, foi a primeira dama de honor. Anastasia O'Mahoney, sobrinha de Harry, foi a segunda. Também tive um pajem, sobrinho de Harry. Os vestidos das damas de honor tinham sido alvo da mesma pesquisa prévia que o meu. Eram turquesa e brancos, com chapéu a condizer. Todos os nossos sapatos eram brancos e muito simples, mas foram os mais caros que encontrei. Não queria recordar o tempo em que não podia sequer ter um par de sapatos. As flores delas eram cravos brancos com hera entrelaçada.

Toda a organização e preparação do casamento ficara a meu cargo, sozinha ou com a ajuda de algumas amigas. Não tinha família que me ajudasse. Uma parte da minha família “fabricada» começou ao longo do dia. Era fundamentalmente constituída pela família afastada da minha antiga patroa, a Sra. Cooke. A saúde da Sra. Cooke deteriorara-se dramaticamente depois de uma intervenção cirúrgica e falecera cerca de dois anos depois de eu ter saído de casa dela. Entendia-me muito bem com toda a família e mantivera-me em contacto com os seus parentes. Eram pessoas muito autênticas e bondosas. Se era possível considerar alguns dos meus patrões como família, os Cooke eram os que estavam mais perto do conceito. Quando souberam que eu ia casar, ficaram muito entusiasmados e genuinamente encantados.

A velha Sra. Dillon, a mãe de Joan Cooke, perguntou-me qual o presente de casamento que eu queria. Sem hesitar e meio a brincar, respondi: “Uma família.»

— Sem pais — acrescentei com cautela.

- Serei a tua avó - disse ela sorrindo alegremente. - John, o meu genro, será o teu tio - acrescentou, obviamente a gostar da charada. - E Carmel, a mulher de John, será a tua tia. De que mais precisas em termos de efectivos? Um motorista? Que dizes de um mordomo? Vou adorar este casamento.

O meu “tio» John, que ia levar-me ao altar, chegou cedo no próprio dia, com um aspecto um bocado estragado pelo álcool, pois passara a noite anterior no seu bar preferido. Foi direito à cozinha e transformou-se em mais um problema para Alice, que teve de aguentar a ressaca do meu “tio» e os seus intermináveis pedidos de mais whisky e de quantidades abundantes de chá, que ele insistia que

tinha de beber para aguentar o dia do casamento da “sobrinha». Todas as vezes que mencionava a “sobrinha», olhava fixamente na minha direcção e chamava a minha atenção com uma piscadela muito exagerada do olho esquerdo, acompanhada por um curto aceno da cabeça. Sempre que me piscava o olho, eu desatava a rir.

A minha primeira dama de honor, Breege, não se conseguia levantar. Viera de Londres na véspera, já tarde e também um pouco abalada pelo álcool. Chegara com outras cinco amigas minhas, todas enfermeiras em hospitais de Londres. Penso que houve um elevado consumo de álcool na viagem de Londres para Kilkenny. Nessa época, nem todas as enfermeiras irlandesas que trabalhavam em Londres eram abstémias! Seis enfermeiras de folga a caminho de um casamento na Irlanda eram decididamente uma força temível. Mas prometeram que se comportariam da melhor maneira no dia do casamento.

Alice e eu arrastámos para fora da cama a minha dama de honor em plena ressaca. Chá quente muito forte com um cheiro de whisky Jameson como reforço fez o milagre. Foi enfiada no seu dispendioso vestido de dama de honor que só havia experimentado uma vez em Londres. O vestido assentava-lhe na perfeição. Breege não engordara nem um grama. Estava tão pronta quanto possível. Anastasia, a outra dama de honor, esperou com a maior paciência todo aquele tempo e estava pronta. Tínhamos mandado o pajem para junto do pai, pelo que estava à espera na igreja.

O meu “tio» John estava pronto, Alice estava pronta para seguir.

Eu era a única que ainda não se aprontara. Uma cabeleireira da terra veio arranjar-me o cabelo e demorou uma eternidade.

Breege estava sentada à mesa da cozinha com John, que oferecera uma garrafa de whisky Bushmills. John procurava ajudantes interessados em colaborar no esvaziamento total da garrafa. Ela estava disposta a fazer-lhe a vontade.

A casa parecia um manicómio. Eram dez da manhã e eu tinha de estar na igreja às onze.

Por fim, consegui separar John e a minha primeira dama de honor da garrafa de whisky, agora meio vazia. Lá fora, meti-me com John num FordZodiac branco que estava à nossa espera. Tinha-o reservado, à laia de limusina de casamento, para nos levar à igreja e depois ao hotel. O ar de Fevereiro ainda era bem fresco

quando seguimos o minúsculo Austin mini de depois da guerra, pertencente ao marido de Alice e que transportava as damas de honor. Ao fim de quase cinco longos quilómetros pela estrada estreita e cheia de curvas que descia a colina até à igreja, chegámos em coluna.

Eram onze e cinco. Eu ia casar e não queria chegar atrasada, não fosse Harry mudar de ideias.

A excitação dentro da igreja não era grande. Michael, irmão e padrinho de Harry, com a sua bela figura magra e angulosa e a sua atitude segura e vaidosa, já estava à espera à porta da igreja. Sorriu quando nos viu chegar à hora. Ergueu os dois polegares e desapareceu na entrada sombria da igreja. Voltou a sair quase a seguir, acenando com um cigarro meio fumado para explicar o seu reaparecimento apressado. O cigarro descreveu um arco largo quando o atirou pelo ar com dois dedos e veio aterrar no chão mesmo ao meu lado. “Apaga-o, sim, antes de entras», ordenou com um grande sorriso, e virou as costas, voltando a desaparecer na escuridão.

Ignorei o cigarro e a ordem anexa e agarrei-me ao braço estendido do meu “tio» John. Parámos no átrio de entrada da igreja. Eu respirei fundo, enquanto John tossia a bom tossir, consequência de demasiados cigarros matinais. Os nossos olhos encontraram-se num olhar eloquente e recomeçámos a andar.

Breege segurava a porta interior para passarmos. Quando abriu a porta, o organista da igreja começou a tocar os acordes iniciais da “Marcha Nupcial».

Dei um passo.

- Oh, Deus do céu, onde está o meu ramo? - guinchei.

- Oh, céus, está na pia da água benta — disse Breege, correndo para o ir buscar.

Eu tinha-o pousado ali enquanto alisava os vincos imaginários do meu vestido, antes da marcha triunfal pela nave da igreja.

- Jesus, está a pingar - disse Breege, abanando violentamente o outrora belo ramo de rosas entrelaçadas com perfumados botões de jacintos brancos.

- Servem como estão - gemi, arrancando-lhe bruscamente as flores da mão.

John encolheu os ombros largos e inclinou a cabeça para o altar, como a perguntar “Podemos avançar agora?».

Lá partimos mais uma vez, na segunda tentativa de avançar para o altar alto e alegremente iluminado.

Reparei que o número de pessoas dos dois lados estava bastante desequilibrado. No “meu lado», à esquerda, estavam seis ou sete colegas minhas da enfermagem, a minha “tia» Carmel e a minha “avó», a velha Sra. Dillon. Mas, no lado direito, a proporção era de cinco ou seis pessoas para cada uma das minhas. Eram setenta ou mais pessoas - e lá se ia o meu casamento pequeno! Os parentes de Harry tinham aparecido, vindos de todos os cantos e de todos os lados, para o grande dia do casamento de Harry. Agora, nada podia fazer.

O sorriso radiante e acolhedor do padre Bernard chamava-me. Quando chegámos ao portão do gradeamento que delimitava a área do altar, John agarrou na minha mão e pousou-a na de Harry. Este aparecera, sem que eu visse de onde.

Quando John se afastou, o tempo e o espaço pareceram ficar suspensos por um momento. Um pensamento claro e nítido surgiu na minha mente. A sua realidade pesada de culpa disse-me: “Aquele homem que acaba de me "entregar" ao noivo devia ser o meu pai!» Este pensamento foi imediatamente seguido por “Qual será o aspecto dele?».

Foi apenas um curto instante, mas a verdade é que me abalou. Em vinte e cinco anos de vida, nunca fizera esta pergunta a mim própria. Nas poucas ocasiões em que se falara na identidade do meu pai, por exemplo em conversa com a minha protectora, a irmã Bernadette, o assunto fora logo encerrado. Foi-me dito: “O teu pai é agora um homem casado, tem a sua família e, se descobrisse a tua existência, isso destruiria toda a família.» Por conseguinte, nunca pensava nele.

Não podia aceitar que seria a causa da desintegração de toda a sua família, em especial das suas duas irmãs que eram freiras. Tinham-me falado delas vezes sem conta na Escola Industrial, dizendo que, como eram Irmãs da Caridade em Cork, se fossem implicadas num escândalo que envolvesse o meu pai, os resultados seriam catastróficos para elas e provavelmente para toda a Igreja Católica irlandesa. No meu subconsciente, decidira não assumir tal responsabilidade. Já tinha com que me entreter, só para tentar sobreviver todos os dias. Mas depois, no próprio momento em que vou tomar a mão do meu futuro marido na minha, no meu casamento, quero saber qual é o aspecto do meu

pai! Nem conseguia acreditar. Estava prestes a casar-me e tudo o que me vinha à mente era uma imagem em branco do meu pai e uma vontade de saber qual era o seu aspecto.

Na altura não compreendi, mas aquele momento mudou todo o resto da minha vida.

Depois dessa minúscula mas incomensurável pausa, fui devolvida à realidade pelo toque tranquilizador da mão do padre Bernard. Agarrou-me no pulso e disse:

- Celine, hoje sinto-me tão feliz por ti. Depois virou-se para Harry e disse:

— Harry, sei que será um marido maravilhoso para Celine. Já a conheço há muito tempo. É para mim uma amiga muito especial.

Talvez os comentários do padre Bernard contivessem um aviso implícito a Harry, mas penso que lhe pareceu que eu estava feliz com a minha opção e preparado para a respeitar. Harry não detectou nenhum aviso, nem óbvio nem sequer subtil, pois vieram a tornar-se muito bons amigos.

O resto da cerimónia correu bastante bem. Toda a gente deu as respostas correctas às perguntas feitas. Michael, o padrinho, apresentou a aliança de ouro, que tirou do bolso do colete no momento próprio. O padre Bernard declarou-nos marido e mulher, para o melhor e para o pior, na riqueza e na pobreza, até que a morte nos separasse.

Quando ficámos oficialmente casados, senti um vazio. Fosse qual fosse a magia que eu esperava sentir, não estava presente. Agarrei-me então ao facto de que tinha de me casar.

Depois acompanhámos o padre Bernard e o padrinho e a primeira dama de honor à sacristia, uma pequena sala junto do altar principal, onde assinámos o Registo Civil de Casamento. Michael e Breege, que, por um curto espaço de tempo, passaram de padrinho e dama de honor a testemunhas do estado, testemunharam devidamente as nossas assinaturas. Terminado o processamento da papelada da burocracia estatal, regressámos às nossas posições junto do gradeamento do altar. Beijámo-nos e percorremos a nave, de braço dado, sorrindo e cumprimentando a família Roberts, do lado esquerdo, e rindo abertamente com os exageros de adulação da falsa família “Clifford», do lado direito. Eu ainda

não conseguia acreditar que tudo aquilo estava a acontecer-me.

Mergulhámos no sol vivo de Fevereiro e lá fora um fotógrafo esperava por nós. Quando saímos, foi uma grande animação para toda a gente, que nos deu um banho de arroz e confeitos. Diante da igreja, o fotógrafo empurrava-nos para um lado e para o outro e mandava-nos sorrir, enquanto fazia as fotografias e passava o rolo para a seguinte. Entre as fotografias, conversávamos com toda a gente que queria desejar-nos as maiores felicidades para a nossa vida futura em conjunto. Para mim, foi um reboiço absolutamente excitante.

Depois o fotógrafo ordenou: “O noivo e a noiva com as respectivas famílias.» A minha “avó» e o meu “tio» John responderam logo ao sinal de entrada. Avançaram e colocaram-se ao lado de Harry, sem ser preciso dizer mais nada. Harry nem pestanejou. Participou na charada como se ele próprio tivesse estado no casamento dos meus pais. O fotógrafo completou as diversas posições e combinações de todos os grupos possíveis que pudessem ficar ofendidos por não terem sido incluídos numa fotografia.

Depois Harry e eu instalámo-nos no assento de trás do Ford, que estava todo enfeitado com fitas coloridas, e lá fomos. Seguíamos à frente de um pelotão de carros, todos a apitar e, no conjunto, a fazerem um barulho enorme, na cidade de Kilkenny, pouco depois do meio-dia, a uma quarta-feira. Quando saí do carro diante do hotel, fiquei muito apoquentada ao ver que tinham amarrado ao pára-choques traseiro do carro três ou quatro latas velhas e ferrugentas, acompanhadas por três ou quatro botas de couro muito velhas. Sempre pensara que tinha demasiada dignidade para me sujeitar à tradição das botas velhas e das latas. Devia ter alguma dose de orgulho, por muito pequena que fosse e por vezes difícil de localizar.

Assim terminou a parte religiosa do casamento de Celine Clifford com Harry Roberts, agora conhecidos por Sr. e Sra. Roberts.

Eu estava encantada - agora tinha um nome diferente. A ilegítima Celine O'Brien» Clifford desaparecera para sempre.

Os convidados chegaram ao hotel para a recepção. A maioria das pessoas foi directa para o bar tomar uma bebida. A meio da tarde todos foram chamados à sala de jantar. Ainda faltava cumprir uma boa quantidade de cerimonial. Logo que todos se sentaram, foi servido o copo-de-água. Todos tinham saído cedo de

manhã e ficaram satisfeitos por terem a oportunidade de comer qualquer coisa quente.

Enquanto as pessoas comiam, Michael preparava o seu discurso e organizava os vários telegramas que tinham chegado dos membros da família que ou não puderam estar presentes ou não haviam sido convidados. Os que foram convidados mas não puderam assistir geralmente viviam em regiões longínquas do mundo, como os Estados Unidos ou a Austrália. Michael inclinou-se para Harry e para mim a meio dos preparativos. “Credo», disse. “Os telegramas são todos do lado Roberts da família.»

Mas o “tio» John ouviu-o e, como por um truque de magia, apresentou uma pilha de impressos de telegrama. “Estes são os telegramas dos Clifford, fui buscá-los à recepção há um bocado», disse com uma tossezinha, estendendo uma pilha consideravelmente grossa de papéis.

- Oh! Oh, ótimo, ótimo, só não sabia onde estavam. Sabia que tinha de haver alguns do outro lado. Obrigado, muito obrigado — disse Michael.

O nível do barulho das pessoas a falar aumentou e Michael achou que era um sinal para retomar as suas obrigações como padrinho. Pôs-se de pé e bateu num copo com uma colher para que todos lhe prestassem atenção. Foi o princípio do seu discurso, a parte da tarefa de que ele menos gostava.

- Reverendo Padre, senhoras e senhores, não estou habituado a falar em público, por isso decidi começar por uma anedota. A minha mãe disse-me que não contasse esta anedota, porque contém algumas palavras indecentes e ela ficaria envergonhada. Portanto, aqui vai, mãe, prepare-se para ficar envergonhada.

Toda a gente se riu disfarçadamente.

— Como hoje estão aqui muitos irlandeses que trabalham em Londres, esta anedota é especial para eles. Dois irlandeses, Paddy e Micky, resolveram ir trabalhar para Inglaterra, porque não se arranjava trabalho na Irlanda e as ruas de Londres eram asfaltadas a ouro. Ao fim de algumas semanas em Londres, não tinham conseguido arranjar trabalho. Passavam o tempo a vaguear pelas ruas. Um dia, estavam a olhar para a montra de uma sapataria de luxo e Paddy disse: “Credo, Micky, olha! Sapatos de crocodilo a trezentas e setenta e cinco libras! Imagina, pagar aquilo tudo por um par de sapatos! Os ingleses devem ser uns idiotas completos. Nós fazíamos uma fortuna se pudéssemos vender sapatos de

crocodilo. Os crocodilos vivem em África, vamos para África.» “Não, vai tu, Paddy, eu fico em Londres à espera de uma oportunidade», disse Micky. “Está bem», disse Paddy, “eu vou por minha conta e faço fortuna. Regresso dentro de doze meses. Nessa altura já nado em dinheiro!»

»Passaram-se três anos e, como Paddy ainda não tinha voltado, Micky resolveu ir a África à sua procura. Quando chegou a África, começou a perguntar a toda a gente se sabiam onde vivia Paddy, o irlandês. “Ah, sim, vive a cerca de cinquenta quilómetros daqui, rio acima, na selva. Basta seguir o mau cheiro, que dá com ele», disseram-lhe.

»Cerca de quarenta quilómetros a montante, Micky começou a encontrar milhares e milhares de carcaças de crocodilos a apodrecer em pilhas de pelo menos três metros de altura nas margens. O pivete dos crocodilos mortos era insuportável. Dez quilómetros à frente encontrou Paddy. Estava de pé no meio do rio, de mangas arregaçadas, olhando fixamente para a água. Micky foi patinhando pela água até chegar ao pé dele e perguntou: “Como estás, Paddy? Como te corre a vida? Já fizeste fortuna?» “Ah, não», respondeu Paddy, “estou farto. Se o cabrão do próximo crocodilo que descer o rio não vier calçado, vou para casa!»

Os irlandeses nativos riram-se com a anedota mas, naquele tempo, os irlandeses de Londres não conseguiam rir-se de si mesmos, pelo que se riram por delicadeza. Mas era visível que Michael estava mais descontraído.

Quando acabou, pediu ao padre Bernard que “disse algumas palavras» e sentou-se.

O padre Bernard pôs-se de pé e fez o habitual discurso inofensivo que costuma fazer o padre que realiza a cerimónia. Era como se mal me conhecesse. Desejou ao Sr. e à Sra. Roberts todas as felicidades num longo e feliz casamento e depois sentou-se. A seguir, Michael começou a ler todos os telegramas das pessoas que tinham querido desejar muita ventura ao feliz casal no dia do seu casamento.

Quando a família Roberts presente reconhecia um telegrama de um membro da família, saudavam-no em voz bem alta, como a dizer: “Este é o nosso lado e temos orgulho nele, mesmo que não esteja hoje aqui.» Quando a família Roberts não reconhecia o remetente de um telegrama, o “tio» John levantava o braço e rugia a sua saudação. Logo passou a ser o chefe da claque. Como as minhas

amigas não faziam a menor ideia, apoiavam vocalmente as indicações de John. Logo que ele levantava o braço, era sinal para o meu bando gritar e aplaudir ruidosamente, como se fossem músicos a seguir o regente da orquestra.

Recebi muitos votos de felicidades de familiares como a tia Penelope, Nova Zelândia, a tia-avó Maud, Gibraltar, segundo primo Theodore, Rodésia, e o primo Jeremy, que vivia em Malta. Não reconheci nenhum dos nomes. Parecia que tinha muitos parentes que viviam no estrangeiro, que não era possível contactar de um momento para o outro. Havia mais telegramas dos Clifford que dos Roberts. “A tua dama de honor Breege, com este teu criado e a ajuda de uma certa quantidade de whisky, escreveram-nos hoje de manhã na mesa da cozinha. Um amigo meu dos Correios deu-me os impressos em branco», disse John com uma nota de apoio eterno na voz. Não pude deixar de me rir.

Hoje sei que o “tio» John me apoiaria, se fosse humanamente possível, em tudo o que eu quisesse fazer. Nunca esquecerei a bondade dele para comigo. Até ouvi a minha “avó» explicar a Harold Roberts, ao lado de quem estava sentada, que a família Clifford tinha membros com sede de viajar e que achava que eu não era excepção. Ainda hoje continuo sem saber como é que ela explicou a triste morte dos meus pais aos pais de Harry. É evidente que a explicação que lhes deu foi muito aceitável. A certa altura ouvi-a dizer-lhes que eu nunca falava daquelas mortes, pois ficava sempre extremamente transtornada e era incapaz de me conformar com a tragédia.

Quando queria ocultar o meu passado, conseguia sempre dizer às pessoas que os meus pais tinham morrido. Com o passar do tempo e à medida que aumentava o número de vezes que contava a minha triste história, a natureza do seu desaparecimento precoce foi mudando, de modo a condizer com a minha disposição ou com as circunstâncias do momento. Os meus pais morreram num acidente de automóvel, ou em acidentes de comboio ou de avião. Foram abatidos por ladrões, pela polícia ou por pistoleiros enlouquecidos, por engano, claro! Afogaram-se! Morreram num incêndio!

As suas mortes também ocorreram em muitos locais diferentes e em circunstâncias sempre trágicas. Aprendi a fazer de vítima e a aceitar todos os sentimentos de apoio que na altura me transmitissem. Mas não queria demasiada compreensão.

Tinha sempre de equilibrar a quantidade de compreensão disponível com a

quantidade de aprofundamento do meu passado a que poderia conduzir. Dizia quase sempre que tinham morrido e que não queria falar do acidente, pois o assunto era demasiado doloroso para mim. As minhas defesas não tolerariam demasiada pressão. Se não quisesse de facto manter conversa sobre o seu destino, dizia “suicidaram-se juntos», o que arrumava a conversa de uma vez por todas.

Depois da refeição e dos discursos terem terminado, estava na hora de ouvir música e dançar.

Michael concluiu os seus deveres de padrinho com o tradicional cumprimento irlandês: “E quero agradecer ao hotel esta refeição encantadora, encantadora mesmo.» Todos os que queriam beber regressaram ao bar, enquanto o pessoal do hotel encostava as mesas à parede. A banda que havíamos contratado apareceu e instalou os instrumentos a um canto. Enquanto os afinavam, as pessoas começaram a regressar à sala.

Durante todas estas movimentações, Harry e eu, na nossa qualidade de novos Sr. e Sra. Roberts, fomos alvo de muitas felicitações e palmadas nas costas. O tempo passava a correr e todos queriam falar connosco.

Depois, a banda chamou os noivos para iniciarem o baile. Eu esperava uma canção romântica para o meu dia especial, mas eles tocaram uma música country and western e dançámos ao som de Pretty girl from Omagh, in the country of Tyrone.

Por alguns instantes, tivemos a pista de dança só para nós e depois toda a gente se nos juntou. Mais tarde perguntei ao cantor se não podiam ter interpretado uma canção mais significativa para a primeira dança. “Claro, minha senhora, começamos sempre com aquela canção, é para aquecermos», foi a explicação que ele me deu.

Passámos horas a dançar e a cantar.

A certa altura, o padre Bernard pediu licença e saiu bastante cedo. Dançar nos casamentos não era de facto o seu forte. Antes de sair, agarrou-me pelo pulso e disse que, se alguma vez precisasse dele, o procurasse, porque estaria sempre disponível para me ajudar.

A certa altura, Harry sugeriu que estava na hora de eu mudar de vestido, pois

tínhamos de ir embora. Pedi a Breege que me ajudasse. Tínhamos um quarto no hotel onde estava guardada toda a parafernália relacionada com a noiva e o casamento. Despi o vestido do casamento, vesti o vestido para a saída e estava pronta. As minhas amigas arrumaram a tralha toda que não queríamos ou de que não precisávamos. Tínhamos trazido tudo connosco, por isso não precisávamos de mais nada em Kilkenny. Íamos passar a lua-de-mel em Dublin.

Como todas as minhas amigas regressavam a Londres no dia seguinte, também seguiam para Dublin. Arrumaram tudo no carro antes de eu fazer a minha apresentação final no copo-d'água, com Harry. Logo que aparecemos à porta da sala de baile, toda a gente correu na nossa direcção. Pensavam que nos íamos embora sem eu atirar o bouquet.

Dirigi-me para o meio da sala, verifiquei se as raparigas estavam todas juntas, virei-me de costas para elas, atirei o ramo para o ar, por cima da minha cabeça, na direcção delas e corri para a porta. A minha recordação daquela sala é de cerca de quinze mulheres a discutir e a brigar por causa do meu bouquet.

Corremos os dois pelo corredor do hotel, perseguidos pelos elementos mais vigilantes da festa de casamento e por aqueles que estavam à espera de que partíssemos. Quase nos afogaram em confeitos quando saímos. Metemo-nos nos carros e seguimos para Dublin.

Tínhamos feito uma reserva no hotel North Star na rua Amiens. Antes de irmos para o hotel, fomos comer qualquer coisa ao café Rainbow, na rua O'Connell. Era cedo, cerca das oito horas. Depois seguimos todos para o North Star para nos registarmos. Assinámos o registo como Sr. e Sra. Roberts. Harry e eu e as raparigas fomos para os nossos quartos respectivos.

Harry sugeriu que fôssemos para a cama e eu concordei. Despi-me na casa de banho e vesti uma camisa de dormir que comprara de propósito. Harry já estava na cama quando saí da casa de banho. Levantei a roupa da cama e meti-me na cama ao seu lado. Era a primeira vez que estava com Harry na cama.

Tinha pensado que poderia gostar do acto do amor físico no casamento, mas estava enganada. A minha ingenuidade era talvez em parte culpa minha. Logo que os abusos sexuais pararam e fui internada na Escola Industrial de Limerick, desliguei-me por completo de quaisquer pensamentos sexuais. Mentalmente, isolei o meu corpo, evitando todo o prazer sexual. Durante toda a adolescência, o

meu passado fizera-me perder a sexualidade. Rejeitava qualquer conversa sobre sexo. Evitava as ocasiões em que pudesse tornar-me sexualmente activa.

Compreendi que o lado físico do nosso casamento seria difícil para mim e naquele mesmo momento resignei-me ao meu destino sexual.

- Queres ir dançar agora? - perguntou então Harry, como se fosse a coisa mais normal do mundo na noite do casamento.

Saí da cama, tomei banho e vesti mais uma vez o meu fato de saída. Fomos ao quarto das raparigas e perguntámos-lhes se queriam vir connosco a um baile. Aceitaram cheias de entusiasmo e fomos todos dançar ao Salão de Baile Irene, na minha noite de casamento. Dançámos toda a noite e, quando o baile acabou, regressámos todos juntos ao hotel.

No regresso, ouvi Breege dizer a uma das outras, a respeito de Harry e do nosso casamento: “Ela não vai durar muito com ele. Imagina, um tipo que quer ir a um baile na noite do casamento.»

Embora nos tenhamos separado amigavelmente no dia seguinte, nunca mais falei com Breege nem nunca mais a vi depois do casamento. Em todos estes anos, nunca esqueci aquele comentário.

Quando regressámos ao hotel, combinámos encontrar-nos com as raparigas na sala de jantar na manhã seguinte, para tomarmos o pequeno-almoço. Harry e eu fomos para o quarto. Eu fui à casa de banho despir-me e vestir a camisa de dormir. Quando saí, Harry tinha adormecido.

Meti-me na cama, puxei a roupa para cima e chorei silenciosamente até que adormeci. Não chorei por mim, nem por Harry, nem pelo nosso casamento, nem por nenhuma das coisas que aconteceram durante o dia. Na noite do meu casamento, chorei até adormecer, ao lado do meu marido adormecido, desejando uma única coisa - queria saber qual era o aspecto físico do meu pai.

10. Um milagre

No dia seguinte, regressámos todos a Londres. A lua-de-mel tinha chegado ao fim.

Antes de nos casarmos, Harry tinha vivido num pequeno apartamento em Stockwell, pelo que decidimos alugá-lo em conjunto. Mudá-mo-nos para lá logo que regressámos.

Achei extremamente complicado enfrentar a dificuldade das exigências sexuais da nossa relação e, infelizmente, ao longo dos trinta e três anos do nosso casamento, este aspecto não melhorou. Aprendi a enfrentar o assunto melhor desde que consegui desligar todas as sensações na metade inferior do meu corpo. A mente é um instrumento extremamente poderoso. Fico sempre assombrada com a sua capacidade de controlar as funções físicas para proteger o corpo.

Comecei a sentir que tinha pouco em comum com Harry, em todos os aspectos da vida. O nosso casamento realizou-se em Fevereiro de 1973. Cinco meses depois, em Julho, descobri que estava grávida. Começara a experimentar enjoos matinais todos os dias. Sentia que o meu corpo estava diferente do normal. O tempo apresentava-se quente e soalheiro e em geral sinto-me bem e de boa saúde durante os alegres meses de Verão. Como sou enfermeira, recolhi uma amostra de urina e mandei-a para o laboratório para análise privada. Naquele tempo não havia os testes de gravidez “faça você mesma». Disse ao técnico do laboratório que era minha e que queria que ele me desse o resultado em privado.

Depois de todos os exames ginecológicos, não estava optimista acerca das minhas perspectivas de conceber e muito menos de levar a gravidez a bom termo e ter um bebé saudável; mas sabia que havia uma possibilidade e que, sendo católico, Harry não recorreria à contracepção. Os preservativos eram de venda livre no Reino Unido mas, na Irlanda dominada pelo Catolicismo, a sua venda era ilegal, pelo que a cultura do recurso à contracepção era desconhecida. O facto de Harry não usar contraceptivos nunca foi problema entre nós.

Mais uma vez, contara uma mentira inofensiva. Disse a Harry que, devido a um acidente ocorrido em criança, era pouco provável que pudesse ter filhos. Dei-lhe

esta informação muito antes de nos casarmos. Ele pareceu aceitar sem qualquer preocupação. Na altura não reflecti sobre a facilidade com que ele aceitou o facto, mas tomei um apontamento subconsciente de que me parecia ligeiramente estranha. Todos os outros indivíduos com que me envolvera ou que conhecera queriam ter filhos depois de casados, mais cedo ou mais tarde.

O contraceptivo oral para mulheres existia havia muitos anos, mas eu estava plenamente convencida de que não precisaria dele devido às lesões sofridas pelo meu aparelho reprodutor. Era mínima a esperança de alguma vez poder engravidar. Embora tivesse esta história clínica a pesar contra uma gravidez, não queria apoiá-la nem instigá-la tomando a pílula. Se um dos espermatozóides de Harry fosse bastante determinado e quisesse fazer a sua longa e dura viagem até às minhas trompas de Falópio, teria toda a ajuda e todos os incentivos que eu conseguisse proporcionar-lhe.

Disse ao técnico do laboratório que esperava um resultado negativo. Disse-lhe que, se fosse positivo, consultaria o médico de clínica geral e pediria a sua confirmação oficial.

Dois dias depois, estava eu a trabalhar na enfermaria, o técnico do laboratório telefonou-me e pediu-me que fosse ao laboratório para recolher os resultados. Quando lá cheguei, disse-me que, embora não oficiais, os resultados eram rigorosos. O resultado dera positivo e eu estava de facto grávida, sem margem para dúvida.

Fiquei pasmada.

Fiquei louca de felicidade.

Fiquei cheia de júbilo descontrolado.

Beije-o nos lábios em agradecimento por me ter dado uma notícia tão feliz.

- Pensei que não quisesse que o resultado fosse positivo - disse ele, franzindo o sobrolho.

“Ah, bem, mais vale tirar partido da questão», foi a única explicação que consegui encontrar, embora estivesse obviamente rejubilante de felicidade. Ainda me lembro de ele se afastar de mim, a abanar a cabeça e a resmungar, incrédulo: “Mulheres, mulheres!»

No dia seguinte consultei o médico de clínica geral. Logo de manhã recolhera uma amostra de urina num recipiente de plástico esterilizado. Entreguei-a ao médico e pedi-lhe que mandasse fazer o teste da gravidez, pois desconfiava de que estava grávida. Mal conseguia ocultar a minha expectativa feliz. Ele mandou-me telefonar para o seu consultório dentro de alguns dias para saber o resultado.

Nas duas noites seguintes não consegui dormir, à espera da confirmação oficial da minha gravidez. Como era de esperar, dois dias depois o resultado do teste foi positivo. Tinha o precioso dom da vida dentro de mim. Mal conseguia acreditar!

Era o meu mais longínquo sonho tornado realidade. Prometi a Deus que, acontecesse o que acontecesse, faria tudo ao meu alcance para que aquela centelha de vida ocupasse o seu lugar neste mundo, o mundo em que tinha o direito de nascer. Prometi a Deus que o amaria e cuidaria dele.

Nunca o entregaria a ninguém.

Nunca lhe causaria sofrimentos, de maneira nenhuma.

Nunca abusaria dele fisicamente.

Nunca permitiria que alguém abusasse fisicamente dele.

Nunca permitiria que nenhuma das coisas medonhas de que fora alvo em criança acontecesse ao meu bebé.

Seria para o meu filho a mãe que eu própria nunca tivera.

Nessa noite, dei a notícia a Harry quando ele voltou do trabalho.

- Estou grávida, vamos ter um bebé - gritei, aos saltos diante dele. Na minha felicidade, pus os braços à volta dele, num abraço gigantesco. Ele ficou desiludido.

- Não podias ter esperado? - Foi a sua resposta.

Senti que ele sugeria que a culpa era minha por ter ficado grávida ou talvez por não ter usado um contraceptivo, mas fiquei na esperança de que, com o tempo, Harry aceitasse a ideia de eu estar grávida de um filho dele.

Não consegui dizer-lhe por que razão estar grávida tinha tão grande significado para mim.

As 10h25m da noite do dia 26 de Março de 1974, nasceu o meu primeiro filho, Anthony Joseph. Pesava 4,080 Kg e foi um parto muito difícil. Acabaram por me fazer uma cesariana de emergência. Os ginecologistas que me haviam examinado antes não estavam completamente enganados nos seus diagnósticos. A única coisa de que me lembro, depois da injeção que me anestesiou, foi acordar e ver um padre que nunca vira antes inclinado sobre a minha cama a rezar furiosamente. Pensei que estava a morrer porque não vi o meu bebé no quarto. Entrei em pânico. Provoquei uma agitação tão grande, a gritar pelo meu bebé, que as enfermeiras disseram que levariam a minha cama para que eu o visse no berçário.

Compreendi imediatamente que tinha um menino. Apontaram para uma minúscula cara rosada embrulhada numa fralda branca. Quando uma das enfermeiras o ergueu junto de mim, pensei que era o bebé mais lindo que jamais vira em toda a vida.

Era mãe. Sentia-me terrivelmente orgulhosa. Não conseguia parar de chorar com a emoção sempre que alguém me felicitava. Estive constantemente desfeita em lágrimas enquanto permaneci na enfermaria da maternidade. Os testes estavam todos normais. Era um bebé saudável e eu sentia-me ansiosa para nos reunirmos os três como uma família.

Depois de recuperar do trauma inicial de ter um filho, regressei ao hospital, passados quatro meses, para o acompanhamento e pesquisa dos problemas que haviam surgido durante o parto. Como resultado desta consulta informaram-me de que qualquer futuro parto teria de ser por cesariana. Partos naturais seriam impossíveis.

O médico não conseguiu dizer nem mais uma palavra, pois saltei da cadeira em que estava sentada.

— Futuros filhos? — guinchei. — Isso quer dizer que posso ter mais filhos? Adoraria ter mais filhos. Quantos mais pensa que posso ter?

- Sra. Roberts, Sra. Roberts - disse-me ele gravemente. - Insisto fortemente que NÃO, repito, que NÃO tenha mais filhos. Se tiver mais filhos, será com grande risco para a sua própria vida ou para a do bebé que possa trazer dentro de si.

Agradei-lhe muito o conselho e saí do consultório. As consequências de ter outro filho eram graves, pelo que fui posta perante um dilema ginecológico diferente, que era se devia ou não ter outro filho. Do meu ponto de vista, a situação era que “poder» se transformara em “dever». O risco era o mesmo que anteriormente: 99 % de não dever, 1 % de dever. Tal como antes, aquele 1 % ditou o futuro.

Eu queria desesperadamente ter outro filho. A ânsia de ser mãe pela segunda vez era ainda mais forte que da primeira. O nosso comportamento sexual prosseguiu como começara, sem recurso a contraceptivos.

Mais ou menos nesta época regressámos à Irlanda para lá ficarmos a viver. Anthony tinha então quatro meses e Harry decidiu regressar à terra natal. Eu tive uma fantasia de que poderíamos construir uma casa na Irlanda, um lar para Anthony, na quinta dos pais de Harry, e que seria um bom sítio para ele crescer. Dava a impressão de que a infância de Harry, passada naquele mesmo sítio, fora segura e feliz. Como era o que eu queria para o meu filho, concordei em ir. Deixara de trabalhar para ter Anthony, pelo que não precisava de dar pré-aviso. Fomos viver para Kilkenny, na casa paterna de Harry, com os seus pais. Era a minha única opção, visto que os meus pais tinham morrido.

Não foi bom irmos viver com os pais de Harry. Embora não guerreássemos, a verdade é que a mãe de Harry e eu tivemos algumas escaramuças.

Eram as clássicas brigas de “duas mulheres na mesma cozinha». Eu era a mais nova e nunca me habituara a receber conselhos ou ordens dos pais. Via as sugestões verbais da mãe dele como uma interferência indesejada e não estava preparada para aceitar que fossem qualquer outra coisa.

Não tardou que saíssemos de casa dos pais dele e alugássemos uma casa na cidade de Waterford. Fui trabalhar como enfermeira no hospital local e Harry arranhou emprego como barman num bar da cidade. Como trabalhávamos os dois, tivemos de arranjar uma pessoa para cuidar de Anthony. Contratámos uma mulher local para tomar conta dele, sobretudo quando eu estava a trabalhar. Sempre que o deixava entregue a ela, o meu coração batia mais depressa. Queria estar com ele. Pensava constantemente nele. Achava que a mulher não era muito competente para tomar conta dele. Tinha reservas acerca das suas capacidades para prestar cuidados. Emocionalmente, eu estava dilacerada. Sentia que o abandonava ao mesmo tipo de vida a que eu própria estivera sujeita, sem que ele

tivesse disso qualquer culpa. A história repetia-se.

Em Waterford eu não tinha apoio: nem família nem amigos. Embora a família de Harry não vivesse muito longe, os seus pais não davam apoio. E eu sentia que também não podíamos contar com qualquer ajuda dos seus irmãos e irmãs. Estavam muito ocupados vivendo as suas vidas. Fosse qual fosse o apoio que Harry conseguisse obter da família e amigos, o seu contributo situava-se algures entre zero e desprezível. E assim, depois de passarmos oito meses na Irlanda, entendi que viver na Irlanda em tais circunstâncias era decididamente menos que romântico e, na melhor das hipóteses, um perfeito desastre. Comecei a pressionar Harry para irmos para um sítio onde o meu filho e eu nos sentíssemos seguros. Regressámos a Londres em Abril de 1975.

Quando regressámos a Londres, começámos por ficar em casa de amigos em Harrow. Depois, alugámos um pequeno andar em Clapham. Pouco depois de nos instalarmos outra vez em Londres, comecei a sentir-me apoiada por um grande grupo das minhas próprias amigas. Estabelecera amizades ao longo dos anos e quase todas estavam relacionadas com a enfermagem. Regressei ao trabalho, fazendo o turno da noite, no St. Johns and Elizabeths Hospital. Queria estar com o meu filho durante o dia. Não queria que mais ninguém tomasse conta dele, além de Harry, que ficava com ele enquanto eu fazia o turno da noite. Era uma vida muito dura, porque só conseguia dormir quando o bebé fazia uma sesta durante o dia. Por fim, no dia 16 de Junho de 1976, comecei a trabalhar a tempo inteiro no turno nocturno do Hospital St. Thomas.

A enfermagem é uma vocação e, como tal, faz parte integrante da nossa vida ou então rouba-nos a vida. E é uma profissão a vinte e quatro horas por dia, sete dias por semana. É uma forma de vida, pelo que não é uma carreira para toda a gente. E assim, inevitavelmente, temos tendência para ter muitas amigas que também são enfermeiras. É mais fácil fazer amizade dentro da profissão, visto que já se sabe que tipo de carácter é provável que as outras enfermeiras tenham.

O trabalho de enfermagem é feito numa base de turnos. Por isso, mais dia, menos dia, acabamos por encontrar as mesmas pessoas. Não é como um emprego das nove às cinco. As enfermeiras e as suas amigas não vivem coladas umas às outras a toda a hora, mas, quando precisamos de auxílio ou de apoio, as enfermeiras são amigas de grande valor.

Precisei de uma amiga quando comecei a fazer turnos da noite completos

porque, como o turno acabava de manhã, quando Harry começava a trabalhar, havia uma sobreposição de horas. E assim, Anthony tinha de ficar com alguém quando Harry saía para o trabalho, para eu poder ir buscá-lo a caminho de casa. Harry costumava deixar Anthony com uma amiga minha que vivia perto do hospital. Eu ia buscá-lo por volta das 9 horas da manhã e ficava acordada com Anthony durante o dia. Dormia quando Harry regressava a casa ao fim do dia. Depois de jantarmos, eu normalmente dormia entre as seis e as sete e meia da tarde. Depois dava banho a Anthony, preparava-o para se deitar e Harry e eu iam levar-me ao trabalho às oito e um quarto. Não tardei a ficar exausta. Ainda me lembro de que por vezes tinha de dizer a Anthony para se calar, para eu poder descansar uns minutos. Mas continuava a pensar que era a melhor maneira de ter a certeza de que o meu filho estava em segurança.

Tínhamo-nos habituado à nossa nova rotina quando, em Dezembro de 1976, um dia, depois de tomar banho, descobri um pequeno caroço debaixo do seio esquerdo. É um daqueles momentos que qualquer mulher teme. A minha mão parou. Deixei de sentir o caroço. Mas sabia que tinha sentido qualquer coisa. Tentei obrigar a minha mão a voltar atrás, ao sítio onde estivera. Com dificuldade, inverti o movimento da mão.

Estava lá. Sentia o caroço: avancei outra vez; deixei de encontrar o caroço; recuei outra vez; ali havia um caroço, sem a menor dúvida.

Não queria que o caroço estivesse ali porque sabia o que significava. Na minha carreira como enfermeira, tinha visto mulheres em todas as fases de cancro da mama. Não é fácil lidar com nenhuma das fases desta doença. Mas eu era resistente. Não queria cair no chão, feita um farrapo. Não iria entrar em colapso mental. Lutaria. Tinha visto mulheres que lutaram contra ele e foram bem-sucedidas. O meu primeiro pensamento foi: “Tenho um filho pequeno, quero vê-lo crescer e quero ver crescer o filho dele. Vou lutar contra o cancro e vou ganhar.»

No dia seguinte fui à consulta do meu médico assistente. Estava com disposição para a luta. Expliquei-lhe o que encontrara debaixo do seio. Ele examinou-me e sugeriu que fosse consultar o Professor Ellis, no Hospital Westminster.

- Escrevo uma carta para levar consigo - disse ele.

- Quando posso consultá-lo? - perguntei, numa voz pelo menos duas oitavas

mais baixa do que quando tinha entrado no consultório.

- Imediatamente. Marco-lhe uma consulta ainda hoje se puder - disse ele, agarrando no telefone.

Depois de uma curta conversa, acrescentou: “O Professor Ellis consegue recebê-la esta tarde, às quatro horas. Esteja lá sem falta.» O exame do Professor Ellis foi rápido.

- Não há dúvida, tem de ser operada imediatamente, minha querida - anunciou ele em voz muito alta.

Qualquer pessoa que estivesse no mesmo andar ouviu-o de certeza.

Eu estava encolhida como um rato.

- Quando? - perguntei.

Mal conseguia ouvir a minha própria voz.

— Dentro de dois dias, na sexta-feira de manhã. Eu trato do necessário para entrar na quinta-feira — respondeu ele.

Era o fim da consulta.

Eu estava sem energia nenhuma. Tentei pôr-me de pé para sair. As minhas duas pernas receberam uma mensagem do cérebro, que lhes pedia que se pusessem de pé. Os músculos não estavam em condições de receber mensagens. Não tinha energia. Consegui murmurar qualquer coisa que se assemelhou a “Obrigada». Não sei como consegui sair do edifício e mandar parar um táxi para ir para casa.

A minha cabeça era uma confusão de pensamentos. Em apenas quarenta e oito horas, uma mulher forte, resistente e corajosa, que ia lutar contra o cancro da mama e ganhar, tinha ficado reduzida a uma mulher com a mesma força de uma gelatina. Estava transtornada.

Dei entrada no Hospital Westminster na data marcada. Harry veio visitar-me ao hospital e trouxe Anthony, o que me levantou o ânimo. Os médicos, as enfermeiras e os estudantes de medicina foram um grande apoio para mim, pois estávamos perto do Natal. Costumavam levar-me às suas pantomimas, no

refeitório dos médicos.

Felizmente, não foi preciso fazer uma mastectomia total.

Saí do hospital no dia 19 de Dezembro, a tempo para o segundo Natal de Anthony. Passámos esse Natal com amigos e na passagem de ano fizemos uma festa no nosso apartamento. Nessa altura, já tínhamos mudado de casa e vivíamos em Trinity Crescent, Tooting. Foi uma grande festa, cantámos e dançámos, mas o meu coração não estava ali. Senti-me fraca e cansada durante todo o tempo.

Logo a seguir à operação engravidei pela segunda vez. Fiquei muito feliz, porque seria uma companhia para Anthony. Prevvia-se que o bebé nascesse no dia 19 de Agosto de 1977.

Estava a fazer o turno da noite em Maio e comecei a sentir dores de estômago. No dia seguinte dei entrada no Hospital St. Thomas. Os médicos fizeram uma ecografia e disseram que o bebé estava bem; deixaram-me ouvir o coração a bater. Na ecografia parecia estar bem. Era uma menina e resolvemos chamar-lhe Mary Ellen.

Regressei à enfermaria às seis da tarde. Às duas da manhã comecei a ter uma hemorragia bastante grave. Levaram-me de urgência para a sala de operações, mas não conseguiram salvá-la.

Fiquei muito deprimida depois de perder este bebé. Nessa altura tinha mudado de médico assistente e o seu conselho era de que a melhor maneira de me curar seria tentar engravidar de novo. Entendi que, como tinha a minha história clínica, devia estar tão familiarizado com ela como o meu médico anterior. Não foi preciso ele dizer-me a mesma coisa duas vezes. Não lhe falei nos meus antecedentes, que estavam na ficha. Continuava a ter aquele tal 1 % de possibilidade de engravidar a brilhar como um farol à minha frente. Queria ter outro filho. Senti que as probabilidades estavam a aumentar com o passar do tempo. Sabia que podia engravidar. Só tinha de ser mais cautelosa na maneira de cuidar do feto durante os nove meses que passaria dentro de mim.

Quando as coisas estavam a animar, a vida lançou-me um novo golpe. Em Outubro desse ano, 1977, descobri outro caroço no peito. Voltei a consultar o Professor Ellis. Não era um, mas dois. Ele disse que era preciso operar outra vez. Informei-o de que o meu período estava atrasado e que havia a possibilidade de

estar grávida. Ele mandou-me consultar um ginecologista, que disse que eu não estava grávida. O teste da urina também foi negativo. Por isso, com todos os testes de gravidez negativos, fui operada.

Estive muito doente depois da operação. Também tive muitas dores abdominais. O ginecologista decidiu fazer uma laparoscopia para despistar qualquer possibilidade de cancro nos ovários e no útero.

Não encontraram nada.

Eu sabia que estava grávida. Quis fazer outro teste de gravidez. Desta vez, foi positivo.

Mas tinha estado em contacto directo com radiações. Também sofrera duas anestésias gerais em duas semanas. O Director Clínico e alguns dos outros médicos encarregados do meu caso estavam muito preocupados. Aconselharam-me fortemente a interromper a gravidez. Eu não podia concordar com tal coisa.

Sentia-me sob forte pressão. Não sabia o que fazer.

Chamaram Harry ao consultório num sábado de manhã. Disseram-lhe que, se a gravidez fosse avante, arriscaria a minha própria vida e a do bebé. Disseram que o bebé teria decerto malformações devido à radiação dos raios X. Chamaram um padre para vir falar connosco, que disse que, se eu interrompesse a gravidez naquelas circunstâncias, não seria pecado.

Senti que estavam todos contra mim.

Os amigos de Harry achavam que era a minha obrigação para com ele e para com Anthony interromper a gravidez. As minhas amigas deixaram a decisão à minha responsabilidade. Eu dizia que em circunstância alguma podia destruir uma vida. Em desespero, uma noite telefonei ao padre Bernard e contei-lhe o meu problema. Ele foi de grande apoio e disse-me que, fosse qual fosse a minha decisão final, ele ficaria do meu lado. Era o que eu precisava de ouvir.

No dia seguinte, logo de manhã, pedi alta do Hospital Westminster. Fui para casa e rezei. Rezei e pedi a Deus que me desse a força necessária para enfrentar quaisquer problemas, físicos ou mentais, com que o meu bebé pudesse ser sobrecarregado. Fosse como fosse, Deus tinha outros planos.

Uma noite, quando estava grávida de cerca de doze semanas, comecei a perder sangue. Mais uma vez dei entrada no Hospital St. George, Tooting, de emergência.

Não conseguiram salvar o bebê.

O ano de 1977 foi mais um ano triste da minha história.

11. Um lugar chamado lar

Chegou o ano de 1978. Decidi tentar atirar 1977 para trás das costas. Perdera dois bebês, mas a verdade é que queria outro. Anthony estava agora com três anos. Inscrevera-o no jardim-escola local, onde parecia sentir-se feliz.

O optimismo do Ano Novo levou-me a pensar que podia voltar a engravidar. Queria que Anthony tivesse um irmão ou uma irmã, para aprender a partilhar. Não queria que fosse filho único. Obcecava-me a ideia de que os filhos únicos podiam ser egoístas. Que seriam incapazes de partilhar. Hoje compreendo perfeitamente porque são assim, mas na altura não gostava desta característica.

Os meus desejos para 1978 também incluíam uma casa própria. Queria comprar uma casa para nós, mas compreendia que, para isso, era preciso muito dinheiro. A economia nunca foi um dos meus pontos fortes. Poupar dinheiro era um reconhecimento subconsciente de que um dia, no futuro, podia precisar dele ou ter onde aplicá-lo.

Para mim, a realidade é que não tinha expectativas para o futuro. A repetição monótona de que não prestava e de que ninguém me queria fez com que não tivesse qualquer tipo de esperança em relação a um futuro positivo.

Ter um filho mudou esta perspectiva. Anthony deu-me um sentimento de esperança para o seu futuro, uma esperança que eu nunca experimentara, um sentimento do luxo de mim mesma. A existência de Anthony deu-me um sentimento de responsabilidade. Eu queria que o meu filho tivesse tudo o que eu não tivera. Tinha mãe e pai. Era um bom ponto de partida.

Depois, precisava de uma casa. Precisava de um lugar a que pudesse chamar “lar». Uma casa própria dar-lhe-ia muito mais do que as necessidades humanas básicas de abrigo e calor.

Seria um sítio onde se sentiria seguro e para onde podia ir em tempos de perigo.

Seria um sítio onde seria aceite incondicionalmente e amado pelo seu pai e pela sua mãe.

Seria o lar da sua família.

O primeiro problema era o dinheiro. Quase não chegava para nós! A Sociedade Construtora disse-me que, se eu conseguisse 20 % do preço de compra emprestariam os restantes 80 % sobre hipoteca. Para poupar dinheiro para o pagamento inicial, comecei a fazer turnos extra no hospital. Estes turnos extra também me ajudavam a esquecer o trauma de ter perdido os bebés. Entre trabalhar tantas horas e procurar casas adequadas para vivermos, recuperei, até certo ponto, da minha perda.

Em Outubro de 1978, gastámos a maior parte das economias de um ano e comprámos a nossa primeira casa. Uma amiga de Harry emprestou-nos duas mil libras. Eram os dois membros da Associação Pioneira Abstinência Total e ela tinha muita consideração por ele. Austin, o cunhado de Harry, emprestou-nos seiscentas libras. Eu tinha poupado duas mil e quinhentas libras para um dia de chuva. Achei que o dia de chuva havia chegado.

Ainda vivíamos no apartamento em Trinity Crescent, Tooting. Tinha dois andares e os tectos eram lindos e altos. A casa era na verdade magnífica. Sendo os únicos residentes permanentes, tínhamos preferência na venda. Até nos propuseram um preço especial de dezanove mil libras. Mas, ao mesmo tempo, o irmão de Harry, Paddy, estava a tentar vender a casa que possuía na rua Glencairn, em Streatham.

Paddy fez muita pressão para que a comprássemos. Eu não me sentia fisicamente bem, a fazer turnos nocturnos de doze horas e a cuidar do meu filho durante o dia. Paddy, que já tinha trabalhado na construção civil, disse-nos que a casa em Trinity Crescent tinha enormes problemas estruturais e que, para os resolvermos, gastaríamos quase tanto como o preço que custava. Fomos sujeitos ainda a mais pressão, sobretudo Harry, para comprar a casa de Paddy, embora fosse muito mais pequena. Não havia comparação possível entre as duas, mas nenhum de nós tinha qualquer experiência dos negócios de casas, pelo que cedemos à pressão do irmão mais velho de Harry. Comprámos a nossa primeira casa na avenida Glencairn, nº 43, em Streatham. Mais tarde verificámos que foi o maior erro financeiro que cometemos em toda a nossa vida familiar.

Dissemos a uns amigos que a casa em Trinity Crescent, nº 15, estava à venda por vinte e uma mil libras. Claro que eles lhe deitaram a mão. Ali viveram durante quase vinte e nove anos e venderam-na por setecentas e noventa mil libras. Não

se notou que houvesse algum problema estrutural. Passados vinte e dois anos, continuo a pagar uma hipoteca de cinquenta e cinco mil libras sobre uma casa geminada de três quartos, muito mais pequena e incomparavelmente pior que a de Trinity Crescent. Choro sempre que me lembro da oportunidade de investimento que perdemos. Harry afasta a minha crítica com “Ora, o que for soará. Não vale a pena chorar sobre leite derramado».

Mas na altura eu estava tão orgulhosa! A casa que comprámos custou quinze mil libras. Fizemos uma hipoteca de nove mil libras. Mudámo-nos e tratei de comprar as mobílias. Harry fez todos os pequenos consertos e pintou a casa toda de alto a baixo. Durante algum tempo, as coisas pareceram correr pelo melhor. Mas depois encontrei outro caroço no seio direito.

Senti-me mais uma vez derrotada.

Fui ao St. Georges Hospital em Tooting, onde me encaminharam imediatamente para um especialista chamado Doutor Gazet, que recomendou uma mastectomia parcial. Ele próprio a realizou dois dias depois. Achei-o extremamente protector. Ainda hoje continua a examinar-me com regularidade.

Logo que este problema foi resolvido, instalámo-nos definitivamente na casa. Concentrei-me em fazer dela o lar de nós os três. Sentia-me tão completa, tão feliz por ser mãe. Continuei a fazer os turnos da noite no hospital e a tomar conta de Anthony durante o dia. O trabalho continuou a ser a minha maneira de fugir dos problemas emocionais que pudesse ter. Enquanto trabalhava, era completamente absorvida pelo que estava a fazer. Não me podia distrair.

Pelo menos era o que eu pensava.

A distracção materializou-se na forma de um lindo bebé, um menino com cerca de seis meses chamado James. Chegou à minha enfermaria com uma enterite que lhe punha a vida em risco. Enquanto recuperou, ao longo de cerca de duas semanas, transformou-se no centro das atenções de todo o pessoal de enfermagem. Todas as enfermeiras o adoravam e lhe prestavam toda a atenção. Ele reagiu às atenções recuperando e revelando-se um menino bem desenvolvido, activo e risonho.

Quando a mãe o vinha visitar, era visível a ligação entre eles. Ele amava-a com uma ferocidade que só podia ter sido gerada e desenvolvida por um dos pais relativamente ao seu filho. Ela costumava erguê-lo nos braços, a poucos

centímetros da cara, e estender os lábios como se fosse beijá-lo. Quando fazia isso, ele lançava os braços ao ar, com o seu sorriso mais aberto e atirava-se para a frente, cheio de entusiasmo, como se dissesse: “Se me ofereces um beijo, de certeza que o vou buscar.»

Eu testemunhava a ligação entre eles com distanciamento emocional, até que um dia, quando iniciava o turno, dei conta de uma grande agitação junto da secretária da enfermeira. Verónica, a mãe do pequeno James, era a razão dessa agitação.

James estava curado e cheio de saúde. Ia ter alta aquele dia. Quando veio a ordem para ser entregue aos cuidados da mãe, soube-se que ela não tinha um lar para onde o levar. O Hospital não entregava um bebé de seis meses a uma mãe sem casa, pelo que teria de ser entregue à Assistência Social. A situação passou toda diante dos meus olhos. Verónica era uma mãe solteira de dezanove anos. Tivera James na Irlanda e depois fugira para Londres. Estava num albergue que não aceitava bebés. Não tinha dinheiro. Mas não queria ser separada do filho. Lutava ruidosamente por ele, mas isso não bastava. O Hospital estava inamovível, ela não tinha uma morada para onde ir, por conseguinte não lhe entregavam James. Quando a Enfermeira-Chefe pegou no telefone para ligar para os Serviços Sociais e acabar com a discussão, eu disse: “Ela tem uma morada, sim; pode ficar comigo em minha casa.»

Toda a gente se virou para olhar para mim.

- Tem a certeza?

- Nem sequer a conhece.

- Isso ultrapassa todos os limites dos nossos deveres.

Até Verónica estava a olhar para mim de boca aberta. Era verdade que não a conhecia de lado nenhum, mas tinha-a visto interagir com o filho. Vi a preocupação dela quando ele esteve às portas da morte com a enterite. Vi que ele a amava profundamente e queria estar com ela, depois de recuperar. Pensei: “Não posso permitir que este rapaz cresça sem a sua mãe!» Conhecia os sofrimentos e as dificuldades que podiam esperá-lo e não queria que lhe acontecesse nada. Estava decidida a evitar que fossem separados um do outro.

A enfermeira de serviço escreveu a minha morada no impresso da alta e assim se evitou uma crise.

Telefonei a Harry e disse-lhe que Verónica e o seu bebé James iam viver connosco. Não lhe pedi, disse-lhe. Ele foi sempre muito generoso nesse aspecto. Disse que não havia problema. Nunca levantou objecções. Nunca se queixava, mesmo que alguém ficasse muito tempo em nossa casa.

Mãe e bebé vieram viver em nossa casa. Foram uns tempos encantadores. Ficaram seis meses connosco, enquanto Verónica dava rumo à sua vida. Arranjou emprego e um apartamento onde podia criar o pequeno James sem estar separada dele.

James é agora um adulto saudável de vinte e tal anos, que continua a amar a sua mãe e que está com ela frequentemente. Ainda hoje Verónica é uma das minhas amigas mais próximas. Embora nunca lhe tenha contado todos os factos acerca do meu passado, excepto em termos gerais ou com pormenores muito vagos, penso que ela mais tarde percebeu que a minha empatia nos seus tempos de crise não era inteiramente sem fundamento.

Entra na minha vida duas ou três vezes por ano. Aprecio profundamente a sua companhia. Não é invasiva. Nunca me faz perguntas difíceis. Está sempre alegre e animada. Faz-me rir. Penso que, na realidade, ela anda de olho em mim, só

para ter a certeza de que estou bem.

Depois do trabalho, costumava entregar-me de tal maneira a cuidar do meu belo filho que o meu espírito nunca teve qualquer tendência para vaguear. Todo o tempo que me sobrava era para dormir, renovar o meu corpo cansado. À medida que a minha vida se foi reorganizando, acabei por conseguir ter um pouco de tempo para retomar a amizade com Kit e Tony, em Buttevant. Ao longo dos anos, desde que saíra do orfanato, perdera o contacto com eles. Nunca fui muito de escrever cartas. A única pessoa a quem escrevia com regularidade era ao padre Bernard. Escrevia sobretudo em resposta às cartas dele, talvez por sentimento de culpa, pois ele estava sempre a lembrar-me de que eu não tinha respondido às suas cartas anteriores.

Logo que restabeleci o contacto com Kit, foi como se nunca nos tivéssemos afastado. Convidei-a e a Tony para nos visitarem em Londres. Vieram passar uma semana, no Verão de 1979. Era como se fossem da minha família. Durante aquela semana tornámo-nos de facto muito íntimos.

Senti um enorme alívio quando o ano de 1979 acabou sem nenhum trauma emocional. Se assim tivesse continuado, provavelmente ter-me-ia convencido de que era feliz com o que tinha. Na verdade, estaria apenas a enganar-me.

12. Aproveitando as possibilidades

Estava novamente grávida, pela quarta vez.

Dei entrada no hospital na noite de domingo, 14 de Setembro de 1980.

Harry levou-me de automóvel. Kit e Tony, que ficavam em nossa casa enquanto eu estivesse no hospital, também vieram e acompanharam-me enquanto preenchiam a minha ficha.

Logo que começou a bateria de testes de admissão, perguntei quem seria o anestesista. Sendo enfermeira, eu era muito exigente acerca de quem queria e não queria a tomar conta do meu caso. Não queria erros. Tinha um bebé saudável dentro do útero e queria que chegasse a este mundo nas mesmas condições de saúde. A pequena viagem desde o útero até ao mundo exterior pode estar semeada de percalços. Queria que todos os erros possíveis fossem eliminados e não apenas minimizados.

Também perguntei se o Professor Trussell, o meu ginecologista, ia assistir pessoalmente ao parto. O pessoal de obstetrícia não soube dizer-me de imediato quem seria o responsável pelo meu parto. Dadas as circunstâncias e atendendo à minha história, estava um bocado nervosa e fiquei extremamente agitada devido à falta de clareza a respeito do meu caso.

Kit tentou tranquilizar-me: “Não te rales, criatura, não tarda nada está tudo arrumado.»

O que me fez sentir ainda mais agressiva.

Nesta altura, Harry assumiu o controlo. Deve ter percebido a minha agressividade por causa de algum choque anterior e compreendeu que mais valia deixarem-me tratar sozinha do problema. Arrastou Kit e Tony para fora da enfermaria tão depressa que eles nem tiveram oportunidade para se despedirem. Harry disse que voltava mais tarde.

Apareceu um anestesista. Fiquei mais calma depois de falar com ele.

Concordámos que não seria uma anestesia geral, a menos que surgissem complicações. Concordámos que seria epidural. Ali deitada na cama, rezei a Deus, pedindo que tudo corresse bem no dia seguinte.

Estava quase a dormir quando uma cabeça com dois olhos brilhantes espreitou pela porta. Os olhos andavam de um lado para o outro, verificando tudo à volta, como se pertencessem a uma personagem de um filme policial. Depois, o resto do corpo de Harry atravessou as portas duplas da enfermaria, logo seguido pelo som da voz de Kit a recomendar: “Entra e deixa-te de palermices.»

Trouxeram também Anthony. Conversámos durante um bocado. Dei um beijo de despedida a Anthony e depois foram-se todos embora.

Quando saíram, voltei a sentir-me completamente sozinha no mundo. Desfiz-me em lágrimas.

A nível prático, sentia-me feliz porque os aspectos técnicos do parto estavam resolvidos. A nível emocional, chorei o tempo todo. Embora todos tivessem vindo visitar-me, achei que estava mais uma vez entregue a mim própria e que teria de enfrentar sozinha o que estava para vir. Queria a minha mãe ao meu lado! Nos momentos difíceis da vida, a minha mãe nunca esteve presente para me ajudar. Sempre imaginei que ela poria tudo nos eixos. Queria ter uma pessoa forte a quem pudesse fazer aquelas perguntas que, por receio ou falta de intimidade, não tinha a coragem de formular.

Tal como sucedera com Anthony, o momento da chegada do meu novo bebé ao mundo foi predeterminado. Com a metade inferior do meu corpo cada vez mais entorpecida, fui levada numa cadeira de rodas para a sala de operações às nove e meia da manhã em ponto. Por volta das 9h35 nasceu de cesariana um bebé vivo e saudável. A certa altura, naquele intervalo de cinco minutos, ouvi uma das enfermeiras da sala de operações, uma colega que eu conhecia bem, dizer de brincadeira: “A Celine quer uma filha, por isso, se for um rapaz, metam-no lá dentro outra vez.»

Ainda lhe respondi entre dentes: “Mentira. Não me importo, desde que o bebé esteja vivo e seja saudável.»

Tive consciência de que retiravam qualquer coisa do meu útero e logo a seguir pousaram um bebé do sexo masculino no meu peito. Olhei para ele e logo fui dominada pela minha faceta de enfermeira: “Está todo roxo, deve estar

cianosado. Precisa de oxigénio.»

Devido ao comentário jocoso da enfermeira, sentia uma ânsia enorme de proteger o meu bebé, fosse qual fosse o seu sexo. Depois cortaram o cordão umbilical. Não me recordo de ter sentido qualquer sofrimento físico ou emocional, por causa da separação. Lembro-me, contudo, de uma sensação de alívio e de gratidão espiritual pelo facto de o meu bebé ter chegado em segurança.

Depois, foi levado para ser observado pelo pediatra. E então o cirurgião anunciou ao restante pessoal: “Está tudo.”

Depois, um auxiliar levou-me outra vez para o quarto na cadeira de rodas. Passados cerca de trinta minutos, trouxeram-me outra vez o meu bebé. Uma enfermeira disse: “Tem um menino normal e saudável, com 3,260 kg.»

Eu estava exultante. Sentia-me felicíssima por ter um filho normal e saudável. Achei-o lindíssimo. Tinha a cabeça coberta de cabelo escuro. Pensei que parecia mesmo um “autêntico indivíduo pequeno», com as cores de Harry. Eu própria o observei todo. Comecei por contar os dedos dos pés. Depois verifiquei os das mãos. Um a um, para ter a certeza de que estava tudo bem. O exame numérico revelou que estavam todos presentes e perfeitos. Abracei-o e beijei-o e dei-lhe as boas-vindas ao meu mundo. Prometi que cuidaria dele e o amaria sempre.

Dei ao novo filho o nome de Ronan Gerard. Embora tivesse recebido muitas felicitações e cartões quando Anthony nasceu, fui praticamente inundada com presentes e cartões no caso de Ronan.

Kit trouxe Anthony ao hospital para nos ver, ao seu novo irmãozinho e a mim. Anthony vinha vestido com uma T-shirt que eu lhe comprara havia algumas semanas. Tinha as palavras “Eu quero, eu quero» estampadas no peito. Lembro-me de lhe ter dito, logo que a vi: “Tu tens, tu tens.» Harry veio com eles para conhecer Ronan. Olhou para ele e sorriu. Fiquei um pouco desiludida com a sua reacção. Parecia completamente confundido pelo facto de ser pai do seu segundo filho.

Ronan e eu ficámos sete dias no hospital. Naqueles sete dias uma multidão de amigos e familiares de outras pessoas veio visitar-me. O tempo que passei no hospital também incluiu a instrução habitual sobre “como dar banho ao bebé», que eu aceitei em nome da paz e da tranquilidade.

Passava todo o meu tempo a estabelecer laços com Ronan. Claro que, mais uma vez, chorava por tudo e por nada. Achava tudo tão emocionante. O seu berço estava junto da minha cama. Prendi dois ou três objectos religiosos ao berço, pensando que protegeriam o meu filho. Tinha um medo pavoroso de que fosse atingido por qualquer mal e por isso achava que precisava de toda a ajuda que conseguisse arranjar, fosse ela humana ou espiritual. Esperara tanto tempo por ele! Sentia que tinha sido de facto abençoada por me ter sido dado outro filho. Se lhe acontecesse algum mal, nunca conseguiria perdoar-me.

Por fim, chegou o dia em que recebemos alta do St. Georges. Antes de sairmos, o pediatra fez um exame final a Ronan. “Há-de ser neuro-cirurgião ou pianista, porque tem dedos muito compridos e delicados», foram as suas palavras de despedida.

Quando estávamos à espera do elevador para sairmos, Ronan juntou as mãos, como se fosse em oração, e lembro-me de ter pensado: “Será padre.»

Harry levou-nos para casa. Quando chegámos, muitos dos vizinhos estavam à nossa espera para ver o bebé. Fiquei satisfeita por estar em casa. Kit tomou conta de tudo e fez o que era preciso fazer em casa. Na verdade, foi como minha mãe durante as semanas seguintes e, entretanto, a rotina doméstica regressou ao normal. Foi uma grande mudança, mas, mesmo assim, não conseguia impedir-me de desejar que a minha mãe estivesse ali. Quando ela viu que estava tudo a correr sobre rodas, Kit e Tony regressaram à Irlanda.

Voltei ao trabalho seis semanas depois do nascimento de Ronan. Antes de recomeçar, pus um anúncio pedindo uma ama que viesse a nossa casa três dias por semana. Escolhi uma senhora madura chamada Margaret, com cerca de sessenta anos, num grupo de quatro entrevistadas, por achar que seria a mais adequada. Costumava vir das dez da manhã às três da tarde, porque eu fazia turnos da noite. Quando ela chegava, às dez horas, Ronan já tinha o banho tomado e estava pronto para lhe ser entregue. Depois, deitava-me até às duas horas da tarde. Mesmo estando outra pessoa a tomar conta dele, eu sentia que estava com ele, porque nos encontrávamos na mesma casa. Se ele chorava, eu acordava. Ia ter com ele e investigava a razão do choro.

Quando Margaret se ia embora, às três da tarde, costumava levar Ronan comigo e íamos buscar Anthony à escola. Regressávamos a casa todos juntos e eu preparava o jantar para os quatro. Jantávamos quando Harry chegava a casa do

trabalho. Dava banho aos meus dois filhos e preparava-os para se deitarem. Depois metíamos-nos todos no velho Ford Escort de Harry e toda a família ia levar-me ao trabalho no hospital, onde eu entrava às oito e um quarto da noite. Trabalhava toda a noite e saía às sete e quarenta e cinco da madrugada. De manhã, apanhava um autocarro para casa. Geralmente chegava por volta das oito e meia. Logo que eu entrava, Harry saía para o trabalho. Depois, eu punha Ronan no carrinho e íamos levar Anthony à escola. Costumávamos dizer as orações matinais a caminho da escola. Logo que deixava Anthony em segurança na escola, Ronan e eu voltávamos para trás e regressávamos a casa, para chegarmos antes de Margaret. Eu ia direita à cama para um sono bem merecido, embora curto, e o ciclo diário recomeçava. Fiz o turno da noite quatro noites por semana, à quarta-feira, quinta-feira, sexta-feira e sábado, durante dez anos sem interrupção. Por vezes era muito difícil, mas eu continuava a adorar a enfermagem, pois dava-me um objectivo e as amizades que ali estabelecera eram muito importantes para mim.

No dia 14 de Novembro de 1980, celebrámos o baptizado de Ronan. Foi baptizado na fé católica, na missa vespertina, na igreja de S. Bartolomeu em Norbury, no sudoeste de Londres. Contratei um coro folk para o acompanhamento musical e para cantar os hinos. Na escola, a classe de Anthony preparava-se para a primeira comunhão. Eram incentivados a assistir a quaisquer cerimónias religiosas, para ajudar à preparação. Por isso, Anthony combinou que viriam todos ao baptismo de Ronan. Receberam uma bola. Acharam que era uma grande festa. Depois da cerimónia, fizemos uma festa na nossa casa na rua Glencairn. Conseguimos lá meter pelo menos oitenta pessoas para festejar. Instalámos um bar na sala dos pequenos-almoços, perfeitamente abastecido com garrafas de todos os tipos de bebidas alcoólicas. Durante a gravidez, costumava divertir-me a comprar toda a casta de garrafas de bebidas alcoólicas, por muito estranhas que fossem. Sabia que iríamos precisar delas para uma festa de baptizado. Mas, em vez de procurar as bebidas preferidas das pessoas, baseava as compras nas belas cores dos líquidos. E, sempre que as minhas amigas iam ao estrangeiro, dava-lhes dinheiro para me trazerem algumas garrafas compradas nas lojas francas, para a festa de baptizado do meu bebé. As minhas amigas tinham sido na verdade muito bondosas comigo e eu tinha um autêntico oceano de bebidas para a festa.

Anthony tinha dois peixes vermelhos chamados Starsky e Hutch, que viviam num aquário redondo em cima da cornija da lareira. Quando o bar estava a ser preparado para a festa, Anthony reparou que Starsky e Hutch tinham sido

mudados de uma sala para a outra. Como a mobília e as carpetes foram também mudadas, ele achou que os peixes estavam a ficar agitados. Insistiu que deviam ficar exactamente onde sempre tinham vivido. Conseguiu levar a dele avante. Foram instalados no sítio habitual, na cornija da lareira.

Acabou por ser uma óptima festa, de que gostei imenso, pois Ronan foi o centro das atenções. Algumas pessoas embriagaram-se, devido ao abundante abastecimento de bebidas. A certa altura, subiram o volume da música e começámos a dançar. A festa só terminou por volta das três da manhã. Quando a última pessoa saiu, fomos todos deitar-nos.

Na manhã seguinte, bem cedo, fui acordada pelos gritos de Anthony, muito zangado, exigindo vingança. “Os meus peixes vermelhos, mãe, estão os dois mortos.» Saltei da cama e corri para o andar de baixo, encontrando de facto Starsky e Hutch a flutuar de barriga para cima no aquário. Nunca soubemos ao certo o que matou os peixes vermelhos mas, durante as posteriores investigações de Anthony, alguém lhe disse que o tio, Paddy Roberts, lhes tinha dado “uma pinga de brandy» para ver se os peixes se embebedavam. Não sei se Anthony acusou directamente o tio do assassinato dos seus bichinhos de estimação, mas durante muitos anos depois do incidente dos peixes vermelhos, Anthony desconfiava bastante do comportamento de Paddy Roberts em nossa casa e vigiava-o sempre atentamente à distância.

Depois desta festa, tive durante muitos anos uma colecção de garrafas de bebidas de muitas cores diferentes que não podia deitar fora e que ninguém ganhava coragem para beber!

13. Angústias maternas

Chegou o ano de 1981 e comecei a ter dores na barriga. Fizeram-me uma ecografia. O exame indicava um possível desenvolvimento canceroso. Fui levada directamente do centro de exames para a sala de operações, para fazer uma cirurgia exploratória. Quando o cirurgião me operou, verificou que a causa das dores era um quisto num ovário. Extraíu o quisto. Também me removeu o apêndice. Foi tudo feito com anestesia geral. Senti-me envergonhada. Encontrava-me de serviço nocturno quando tudo isto aconteceu e o meu chefe esteve a telefonar para minha casa desde as duas até às sete da manhã, hora a que Harry finalmente acordou para ir para o trabalho. Veio ver-me mais tarde nesse mesmo dia. Ajudou, mas eu sentia-me mal. Estava farta de sofrer operações.

O cirurgião informou-me de que extraíra o apêndice por precaução. Disse que não queria que eu voltasse a ser anestesiada sem necessidade e que estava preocupado por ter de reabrir demasiadas vezes a cicatriz antiga. Por brincadeira, sugeriu que, como a minha barriga fora aberta tantas vezes, provavelmente mais valia colocar um fecho éclair!

Uns meses depois, deixei de conseguir manter o equilíbrio quando estava de pé. Fizeram-me muitos exames. Descobriram que tinha a estrutura óssea do ouvido interno deteriorada. A lesão infectara e era isso que desencadeava a minha falta de equilíbrio. Trataram a infecção com antibióticos. Deixaram-me ir para casa, mas ficou combinado que voltaria ao hospital para ser operada para a remoção do osso do ouvido danificado e deteriorado. Três semanas depois, regressei ao Hospital St. Thomas para ser operada ao ouvido. O nome técnico desta operação é enxerto do tímpano.

O funcionamento da casa era assegurado com a ajuda de muitas das minhas amigas. A operação veio a ser uma experiência dolorosa e desconfortável, desagradável em todos os aspectos desde o princípio até ao fim. Trouxe-me de novo à memória recordações dolorosas da minha infância, em especial quando o cirurgião perguntou: “Os seus pais nunca a levaram ao médico para tratar dos ouvidos quando era criança?» Respondi com uma mentira: “Sim, claro que levaram.» Ele não ficou convencido e perguntou: “Como é que o médico não viu uma coisa tão grave?»

Respondi em tom de brincadeira, da melhor maneira possível: “Era um médico de província e velho.»

Mas, no fundo, estava zangada porque toda aquela intervenção cirúrgica era desnecessária e podia ter sido evitada. Fora um problema de negligência.

Deram-me alta ao fim de duas semanas. Desta vez, disseram-me que voltasse ao hospital cerca de seis meses depois, para fazer cirurgia reconstrutiva. O osso que agora faltava seria substituído por um de material sintético. O objectivo era devolver alguma audição ao ouvido danificado, o direito. Depois da operação, a perda de audição neste ouvido foi de 100 %.

Estava em casa, mas sentia-me destroçada, tanto mental como fisicamente. Fui consultar o meu médico de clínica geral, sentindo-me muitíssimo em baixo e deprimida. A minha cabeça andava às voltas. Não compreendia porque tinha tantos problemas com o meu corpo. Ainda estava a ser castigada por ser má, ou por qualquer um dos outros atributos negativos que aquelas pessoas superiores tinham atirado para cima de mim ao longo dos anos? Muitas recordações da infância regressavam à minha memória, perseguindo-me. Lembrava-me de ter ido uma vez à escola com o ouvido cheio de pus. A freira limitou-se a virar-me a cabeça de lado, deixando o pus a escorrer para cima da carteira. Não fez mais nada. No fim, tive de limpar a carteira.

Costumava tentar rir-me das operações quando falava com as minhas amigas. “Como consegues aguentar todas essas operações e tantas dores?», perguntavam-me por vezes. “É que sou raposa velha», respondia eu, desvalorizando o assunto o melhor que podia. Mas, por dentro, não conseguia ultrapassar os problemas com uma gargalhada. A verdade é que queria morrer. Sempre que consultava o meu médico, tinha mais uma história de problemas para lhe contar. Nesta última vez, ele receitou-me um tratamento com antidepressivos. Na altura, era o Valium que estava na moda. Eu tinha trinta e três anos. Devia estar na plenitude. Quando regressei a casa depois da operação ao ouvido, estava demasiado fraca para subir as escadas. Mandeï armar uma cama de pessoa só na sala de jantar e foi ali que fiquei. Tinha perdido muito peso. Pesava cerca de 42 kg. Estava muito fraca, tanto mental como fisicamente.

Dois dias depois de chegar a casa, duas amigas de Harry, uma freira e a mãe dela, vieram para nossa casa passar uma semana. Eu nem queria acreditar! Tive

de me levantar da cama para lhes preparar o jantar todas as noites e o pequeno-almoço todas as manhãs. Costumavam sentar-se a conversar com Harry, recordando os “bons velhos tempos» passados na quinta na Irlanda. Nem uma vez se ofereceram para lavar a louça ou ajudarem-me a tratar das crianças. Sentiam pena de Harry, que tinha aquela mulher doente que não era capaz de enfrentar a vida.

Eu mal podia esperar por vê-las pelas costas. Suportei a maneira como me trataram porque pensava que uma pessoa tinha de respeitar ou pelo menos mostrar deferência para com as freiras, em especial porque, para mim, todas aquelas pessoas eram instruídas e superiores a mim. E faziam parte de uma família. Eram tudo o que eu não era. Se a freira trazia a mãe atrás, eu também tinha de aceitar isso.

A única família que era realmente minha, que eu podia de facto dizer que era a minha família, eram os meus dois filhos. Ninguém podia alguma vez afirmar que Anthony e Ronan não eram família minha. Isto era muito importante para mim.

Nem sequer o Valium resultava. Nada conseguia afastar a dor psicológica cada vez maior alojada na minha cabeça.

Regressei ao trabalho no turno da noite ao fim de duas semanas de “recuperação» em casa. Olhando para trás, penso que muitas das minhas visitas ao médico eram discutíveis. Discutíveis na medida em que me permitiam evitar mais facilmente ter relações sexuais. Cada internamento no hospital dava-me espaço para evitar ter relações sexuais com o meu marido. Achava que o lado sexual do meu casamento continuava a ser doloroso e desagradável. Achava que a única coisa boa do sexo foi ter-me dado dois belos filhos.

Para mim, sexo só pelo sexo era repugnante, mas para Harry era importante. Ele queria sexo todas as noites. Para ele, as relações sexuais pareciam representar o amor. Para mim, era uma coisa que eu queria que acabasse, o mais depressa possível, pois dele não obtinha nem satisfação nem prazer. Muitas vezes, no trabalho, ouvia as minhas amigas e colegas falarem de ficarem “incendiadas» pelo sexo. Eu não fazia a menor ideia do que elas queriam dizer. Nunca tivera a experiência de um orgasmo. Ficava tão “apagada» pelo sexo que lia livros ou via televisão enquanto aquele durava.

Disse a Harry coisas horríveis e desejei-lhe a morte. Para ele, deve ter sido duro,

mas não reagiu. Embora lhe dissesse essas coisas, sempre acreditei que a culpa era minha por não conseguir ter prazer com o sexo. Acreditava que ele tinha o direito de usar sexualmente o meu corpo e também que ele não era responsável por eu não sentir nada sexualmente, em consequência do que me acontecera durante a infância. Nunca discuti abertamente com Harry os abusos sexuais de que fui alvo. Antes de casar, perguntei ao padre Bernard se devia ou não contar-lhe. Ele disse que não teria vantagem nenhuma contar a Harry todos os pormenores sórdidos. Não sei em que critério ele baseou este conselho, mas optei por segui-lo. Se lhe tivesse contado, não sei se nos teríamos sequer casado. Já me chegava ter de lidar com a ilegitimidade.

Uma vez, Kit telefonou-me à noite da Irlanda, para saber como eu estava. Como sempre, durante o telefonema pediu: “Vem passar umas férias a casa, de certeza que te fazia bem. O ar de Cork agora está bom.» Disse a Harry que íamos passar dez dias à Irlanda, a casa de Kit. “Ótimo», disse Harry. “Não há problema.»

Para Harry era bom porque, sempre que íamos à Irlanda, incluíamos uma visita aos pais dele em Kilkenny. Viviam perto do porto dos ferries, no lado irlandês, e passávamos sempre uns dias com eles.

Duas semanas depois, carregámos o Ford de Harry com tudo o que era necessário para manter dois adultos e duas crianças vestidos e com presentes suficientes para todas as pessoas que íamos visitar durante os dez dias que passaríamos na Irlanda. Lá fomos apanhar o ferry para a Irlanda em Fishguard, no País de Gales. Algumas horas depois, desembarcámos em Rosslare, condado de Wexford, na costa sueste da Irlanda. Harry nascera e fora criado apenas a vinte e cinco milhas de Rosslare, pelo que o primeiro sítio onde íamos era a casa dos pais dele.

Os pais de Harry não eram pessoas expansivas nem gostavam de contactos físicos. Quando nos encontrávamos, o máximo que eu recebia era um aperto de mão, ainda por cima um aperto de mão fraco e hostil. Não me agarravam na mão para a abanar entusiasticamente em sinal de boas-vindas. Sentia sempre um arrepio de repugnância por causa do aperto de mão deles. Quando me apertavam a mão, sentia imediatamente que não gostavam de mim. Gosto de um aperto de mão forte, caloroso e acolhedor.

Quando conheci a mãe dele, cumprimentei-a com um beijo. Senti-me imediatamente tola, pois compreendi que não era coisa que costumassem fazer.

E compreendi que Harry também nunca beijava a mãe.

Embora a mãe de Harry não gostasse de contactos físicos e não fosse expansiva, notava que era bondosa para os meus filhos, ou talvez fosse porque eram filhos de Harry. Por norma, ficávamos com eles dois ou três dias e depois seguíamos para outro lado. As duas irmãs casadas de Harry e um irmão casado, além de uma tia, viviam na mesma zona que os pais. Muitas vezes visitávamos alguns deles, ou todos, enquanto estávamos em Kilkenny.

A meio da semana amontoámo-nos todos no carro outra vez e seguimos para casa de Kit, em Buttevant, condado de Cork. As visitas a Kit e Tony eram um contraste total com as visitas aos pais de Harry. Abraçávamo-nos e beijávamo-nos uns aos outros quando nos juntávamos. A partir do momento em que chegávamos, eu não precisava de fazer mais nada às crianças. Kit tomava conta de tudo. Cuidava tão bem dos meus filhos que os estragava com mimos. Não lhes faltava nada. Kit ou Tony, quando não eram os dois, agarravam nos miúdos, amimavam-nos, levavam-nos para todo o lado e preparavam comidas especiais para eles. Normalmente, quando chegávamos, tinham uma refeição farta à nossa espera. Havia sempre montes de comida. Tony costumava dizer, com o seu sotaque de Cork: “Vá, toca a comer, de certeza que não vão engordar nada.»

Quando passávamos férias com Kit e Tony, costumávamos visitar os vizinhos e ir às compras às cidades de Mallow ou Cork. Também fazíamos uma viagem de um dia a Blarney ou a Killarney. Desta vez, fui arrastada numa direcção emocional diferente. Embora ainda me sentisse muito frágil e doente, contactei a irmã Bernadette, a minha tutora religiosa e intermediária entre a minha mãe e eu.

O meu filho Anthony estava agora com quase sete anos e tinha um irmão. Decidi que queria que os meus filhos conhecessem os avós maternos — os dois.

Tinha o devaneio de que, se os meus pais vissem os meus filhos, desejariam aceitá-los. Tive esta ideia primeiro apenas em relação à minha mãe, pois era só a ela que eu tinha acesso, embora restrito. Mas depois pensei que o meu pai também devia fazer parte da equação. Estava por ali, algures. Eu não fazia ideia de onde ele se encontrava, mas passou a fazer parte da fantasia. Pensei que, se visse os meus filhos, também desejaria aceitar-me.

Por isso, decidi que os meus dois pais conheceriam os meus filhos. Decidi que havia de encontrar maneira, por muito complicado que fosse ou por muito tempo

que demorasse. Decidi que, se os meus pais vissem os meus filhos, os amariam. Acarinhá-los-iam e, sabe-se lá como, aumentei a fantasia de tal maneira que, no fim, também me amariam. Era uma ideia louca, mas eu acreditava nela.

Falei com a irmã Bernadette ao telefone e pedi um encontro com a minha mãe. Ela disse que faria o que estivesse ao seu alcance para o conseguir. Pediu-me que voltasse a telefonar-lhe passados dois dias. Telefonei-lhe e ela disse que combinara um encontro com a minha mãe às duas horas da tarde do dia seguinte, no átrio do Cruises Hotel, na cidade de Limerick.

Depois do telefonema, fiquei preocupada. Pus-me a pensar: “Mais um encontro com a minha mãe, será boa ideia, se os anteriores não correram bem?» Comecei a fazer planos mentais sobre o que lhe diria. Tinha em particular algumas exigências a fazer em nome dos meus dois filhos. A primeira da lista era que queria que os meus filhos conhecessem OS DOIS avós maternos. Já conheciam os pais de Harry, por isso eu queria que os meus pais viessem completar o quadro dos avós. Queria a garantia de que, se alguma coisa me acontecesse, um deles ou os dois tomariam conta dos meus filhos. Acreditava que, se eles vissem os meus dois encantadores meninos, os quereriam e estariam dispostos a tomar conta deles, se eu não pudesse. Embora os meus filhos amassem Kit e Tony como avós, eu tinha a esperança de que os meus pais viessem a ser os verdadeiros avós dos seus netos. Na realidade, queria pô-los à prova.

Disse a Kit o que combinara e, embora nunca tentasse impedir-me de ir, senti que não aprovava. Disse-me: “Se ela não te quis quando nasceste, é muito pouco provável que te queira agora.» Eu sabia que também Kit sofrera a rejeição materna e, embora nunca tivéssemos discutido o seu passado em pormenor, os seus comentários estavam bem presentes no meu espírito.

Mas, com o passar dos anos, eu tornara-me bastante teimosa; não dogmática, apenas teimosa. Se queria alguma coisa, esforçava-me por consegui-la. A maneira de a conseguir não importava, tanto podia ser por caminhos ínvios como por via directa, mas fazia o que tinha de ser feito. Na minha vida não havia regras. Tudo valia para a minha sobrevivência. Este caso não era diferente. Mantive o encontro. No dia seguinte às duas da tarde, Harry, Anthony, Ronan e eu saímos do carro e entrámos no átrio do Cruise's Hotel. A irmã Bernadette deslizou até junto de nós, vinda sabe-se lá de onde, como uma aranha escondida no canto da sua teia. Cumprimentou-nos a todos com um beijo. Dei-lhe um presente: um casaco de malha preto. É provável que tenha agradecido, mas eu

estava a observar a zona, tentando ver a minha mãe. Ela pediu-nos que nos sentássemos num canto isolado, acrescentando que a minha mãe chegaria a qualquer momento.

Mandei vir chá, sanduíches e refrigerantes para todos. De facto, passados alguns minutos, a minha loura e elegante mãe aproximou-se de nós. Vestia um casaco de tweed, com luvas de pele castanha, carteira de pele castanha e sapatos de salto alto de pele castanha. Beijou a irmã Bernadette em primeiro lugar. Depois deu-me um beijo muito leve — mal me tocou — na face. Senti que me olhava em silenciosa desaprovação, por tê-la feito ir até ali. Ignorei a desaprovação e apresentei Harry, “O meu marido, Harry», ao que ela respondeu formalmente “Muito prazer em conhecê-lo».

Depois continuei: “Estes são os meus filhos, o Anthony Joseph e o Ronan Gerard.» Ela tomou conhecimento da presença de Anthony perguntando-lhe se ia à escola e se gostava. Anthony respondeu jovialmente, com sotaque inglês, que gostava da escola. Também forneceu a informação de que fazia parte dos escuteiros, no grupo dos lobitos. De repente, ergui Ronan e praticamente atirei-o para o colo da minha mãe. Ronan instalou-se e pôs-se à vontade, antes que a minha mãe tivesse tempo para fazer fosse o que fosse. Naquela altura, Harry estava de pé a alguma distância de nós. Solto um grito sonoro e viu-se uma súbita luz viva. Eu tinha pedido que tirasse uma fotografia se conseguisse apanhar-nos todos juntos. Fiquei-lhe na verdade muito grata por ter tirado aquela fotografia. Era a primeira fotografia que eu tinha da minha mãe comigo. Tinha dito a Harry que a tirasse sem pedir licença.

Embora parecesse bastante descontraída com Ronan, logo que percebeu o que acontecera, a minha mãe pôs-se de pé como um coelho assustado e quase o atirou para cima de mim. Era como se tivesse ficado contaminada por estar numa fotografia connosco. Pôs-se muito direita, como se se preparasse para correr direita à porta. A irmã Bernadette meteu-se de repente no meio, como o árbitro de um jogo de pugilismo, para a deter e acalmar. Estava com uma expressão chocadíssima e olhava para Harry com um ar tão feroz que ele disse precipitadamente: “Ah, não fazia ideia de que esta máquina velha ainda funcionava.»

A minha mãe precipitou-se na direcção dele, como para lhe arrancar a máquina fotográfica. Ele meteu a máquina e as mãos nos bolsos da gabardina. Virou costas e avançou com arrogância para a porta de entrada. Achei que parecia uma

cena de um filme de James Cagney.

Quando a fotografia foi revelada, lá estava eu sentada ao lado da minha mãe e ela tinha Ronan ao colo. Acho que ela está com uma cara decididamente infeliz por ter sido apanhada naquela situação com aqueles que eram afinal a filha e o neto. Nem sequer tem os olhos levantados. Qualquer outra mãe teria orgulho de aparecer numa fotografia como aquela.

A minha mãe acabou por se acalmar e até se sentou ao meu lado.

- O meu pai já sabe da minha existência? - perguntei bruscamente. - Acho que, se me visse, ele me aceitava.

- Não, nunca lhe disse. Se soubesse agora, isso destruiria a família dele — disse ela em tom firme.

Eu respondi:

- Não desejaria que isso acontecesse. Não queria ser responsável por tal coisa.

Pensando na grande fragilidade que sentia, acrescentei:

- Peço a Deus que possa vê-lo antes de morrer.

Nesta altura, a minha mãe começou a conversar com a irmã Bernadette acerca da casa dos pais em Clarina, no condado de Limerick. Eu fui ignorada, como se não estivesse presente. Disse que alguém retirara uma lareira Adams da casa sem pedir autorização a ninguém. Quando ouvi falar na lareira Adams, fiquei convencida de que ela devia ter sido criada numa mansão e que a família devia ser extremamente rica. Isto veio aumentar a minha crença de que nunca poderia ser suficientemente boa para fazer parte de tão ilustre família.

Eu não passava de um “zero à esquerda», uma pessoa com “mau sangue», apenas uma bastarda, uma “pessoa que não devia ter nascido e que ninguém queria».

Achei que a minha mãe fazia parte da aristocracia e que eu nunca seria suficientemente boa para me aproximar da porta dela. Tinha trabalhado em mansões suficientes como criada para todo o serviço para conhecer o estilo e o valor de uma lareira Adams.

A minha mãe continuou a ignorar-nos, à minha família e a mim. Conversou com a freira acerca do tempo e da sua própria saúde. Sem me dizer mais nada, a certa altura pôs-se de pé e anunciou altivamente a todos e a ninguém em particular que tinha de se ir embora. Curvou-se e beijou o ar entre nós e disse:

— Desejo as tuas melhoras, mantém-te em contacto com a irmã Bernadette.

Com estas palavras pôs-se muito direita, espetou o queixo no ar e, sem olhar para trás, saiu pela porta da rua do hotel, com a irmã Bernadette atrás, como se fosse a comitiva.

A irmã Bernadette voltou para trás a correr para nos dizer que não seguíssemos a minha mãe. Disse-me que a minha mãe estava preocupada, com receio de que eu a seguisse e arranjasse sarilhos.

Eu estava em estado de choque. Nunca me tinha passado pela cabeça segui-la. Não conseguira fazer-lhe a maioria das perguntas que tinha preparado nem recebera qualquer resposta. Mais uma vez, a minha mãe havia saído da minha vida. Perguntei a mim mesma se alguma vez voltaria a vê-la. Era a quarta vez que me abandonava. Mas era a primeira vez que virava as costas aos netos.

A cabeça de Harry apareceu à porta, daquela maneira cómica que ele tinha de olhar primeiro para um lado e depois para o outro. Com um sorriso travesso, perguntou:

- “O Fuhrer» já se foi embora?

Como era a primeira vez que Harry estava com a minha mãe, perguntei-lhe:

- Que tal a achaste?

Ele respondeu delicadamente:

- É muito simpática.

E depois disse entre dentes, mas suficientemente alto para eu ouvir:

- Toca a andar daqui para fora antes que ela volte. Nessa altura, Anthony perguntou:

- Quem era aquela senhora, Mamã?

- É a tia Kathleen - menti eu.

Disse o primeiro nome que me veio à cabeça. Saímos do hotel e fomos a uma pastelaria comprar bolos. Lembro-me de que fui à pastelaria, mas estava num tal estado de angústia mental que nem lembro de os comer nem de os comprar.

No dia seguinte regressámos a Londres.

14. Começa a caça

Depois de regressarmos a Londres, continuava a não me sentir bem e decidimos fazer umas férias em família. Pensei que era precisamente o que precisávamos. Antes de casarmos, Harry quisera que fôssemos viver para o Canadá. Eu não quis ir para tão longe, pois tinha assuntos pendentes do lado de cá do Atlântico, mas pensei que seria o lugar ideal para passarmos umas férias. Sheamus, irmão de Harry, e a mulher, Colette, viviam em Ontário, no Canadá, e estavam sempre a convidar-nos para irmos visitá-los. Decidimos pedir dinheiro emprestado ao banco para financiar uma estada de quatro semanas no Canadá, no mês de Agosto. Viajámos para Toronto na Freddie Laker Airways, uma das primeiras companhias aéreas de low cost. Fizemos seguros de saúde para os dois rapazes, mas não para Harry nem para mim. Virámos a verificar que foi uma decisão muito estúpida. Mesmo sem a capacidade de previsão, eu devia ter compreendido que era uma estupidez. Talvez isto demonstre como as minhas capacidades mentais estavam a funcionar mal. Devo ter pensado que o prémio era caro ou que aos adultos não podia acontecer nada de grave. Com a minha história clínica, foi uma decisão muito ingénua.

Dois dias depois de chegarmos ao Canadá, a casa do irmão de Harry, apareceu-me uma erupção no corpo todo.

A irmã de Harry, que também vivia no Canadá, em Calgary, veio visitar-nos. Apresentou a teoria de que a erupção se devia às natas do strogonoff que comemos no avião. “Sabe, com a fama que a Freddie Laker tem de cortar nos custos, podiam ter posto qualquer coisa no molho», disse ela.

Comecei por ir à farmácia da zona, comprar uns comprimidos de anti-histamínico. Pensei que me conseguiria tratar sozinha. Mas os comprimidos não deram resultado.

No dia seguinte, Sheamus levou-me ao médico deles. Este não tinha a certeza da causa da erupção e disse-me que fosse ao hospital. Aqui, fizeram-me algumas análises ao sangue. Os resultados revelaram que a minha hemoglobina estava baixa, o que significava falta de ferro. A erupção era causada por envenenamento do líquido linfático porque há dois anos que andava a tomar Tamoxifen por

causa do cancro da mama. As toxinas dos fármacos estavam a acumular-se na minha corrente sanguínea. Disseram-me que precisava de fazer transfusões de sangue e que cada unidade custaria 300 libras. Deram-me comprimidos de ferro e de ácido fólico. Também recomendaram que fizesse uma dilatação e curetagem para parar a hemorragia uterina. Como não tinha seguro de saúde, o custo de todas estas intervenções no Canadá atingia proporções astronómicas. Decidimos regressar a casa ao fim de duas semanas.

O Canadá era um país encantador, mas eu senti-me tão mal durante a estada que não consegui apreciar nada.

Regressámos a casa na Freddie Laker. Na viagem de regresso serviram outra vez stroganoff. Não comi, mas Harry comeu a minha dose além da dele. Não lhe fez mal.

Logo que chegámos a casa, dei entrada no Hospital St. Georges de Tooting, para fazer a “D e C». A erupção melhorou logo que comecei a tomar os comprimidos de ferro. A minha “D e C» correu bem. Em breve estava recuperada e regressei ao trabalho para pagar o empréstimo bancário. Foram umas férias caras! Mas deitámos tudo para trás das costas. No mês de Setembro, Ronan fazia um ano e resolvi preparar-lhe uma festa de aniversário.

Certa tarde, Anthony e os seus amigos, acompanhados pelas respectivas mães, reuniram-se em nossa casa. As mães beberam vinho e as crianças tinham os habituais refrigerantes e comida de festa. Eu comprara chapéus de festa para os miúdos.

Uma das mães era uma vizinha nossa, Pauline. Convidou-me para uma reunião Pippa Dee em casa dela, no fim dessa semana. Estas reuniões eram comuns na época. Durante a reunião, podíamos comprar roupa de uma gama de preços razoável, trazida por uma representante da Pippa Dee. Quem organizava a reunião convidava todas as suas amigas, que podiam comprar alguma roupa, se gostassem do que viam.

Apareci cedo na reunião, pois estava a fazer o turno da noite no hospital. Disse que só podia ficar alguns minutos. Nessa altura estavam presentes cerca de dez pessoas, algumas minhas conhecidas, outras não. Mesmo assim, era uma reunião pequena. Não conversei com nenhuma delas, para além de uma troca de pequenas frases de ocasião com as que estavam perto de mim e com a minha

anfitriã, Pauline. O que eu queria mesmo era ir trabalhar, pois o meu tempo era extremamente limitado.

Enquanto observava as roupas, o meu olhar foi atraído para uma mulher mais velha que estava de pé do outro lado da sala, mesmo à minha frente. Veio-me um pensamento: “Conheço aquela mulher de qualquer lado.»

Os nossos olhares cruzaram-se e eu achei que ela também manifestava sinais de reconhecimento. Aproximámo-nos uma da outra. Ela iniciou a conversa com a pergunta:

- É irlandesa?

- Sou, sim — respondi.

- De que região vem? - inquiriu ela.

- Limerick.

- Quantos filhos tem?

- Tenho dois rapazes, Anthony, com sete anos, e Ronan, de um e meio. Também perdi dois bebés.

A representante que estava a vender as roupas interrompeu nesta altura e pediu à mulher que pagasse a sua compra. Esta começou a remexer na carteira; acabou por tirar um livro de cheques e começou a preencher um cheque. Com o passar dos anos, adquiri bastante prática a ler o que as outras pessoas escrevem. Desenvolvi esta técnica porque, durante muitos anos, fui chamada à presença de muita gente sem saber ao que ia. Normalmente, se conseguisse ler o papel, ficava com uma ideia sobre a razão da chamada.

Neste caso, reparei que o nome impresso no livro de cheques era Rosaleen O'Regan, o que veio confirmar a minha suspeita inicial de quem se tratava. Embora não conhecesse o apelido O'Regan, as suas feições e o nome, Rosaleen, significavam que tinha de ser a minha tia materna. Era a única irmã da minha mãe.

Como Harry me ia levar ao trabalho, estava à espera diante do carro. Não me despedi de ninguém; limitei-me a sair imediatamente da casa. Estava em estado

de choque e disse precipitadamente a Harry:

- Nem consegues imaginar quem estava ali dentro, na reunião de Pauline.
- Espera aí - disse ele. - Acalma-te. O que aconteceu? Quem é que está lá dentro?
- Rosaleen, a irmã da minha mãe.
- Tens a certeza? — inquiriu ele.
- Absoluta - respondi. - Lembro-me dela de um encontro com a minha mãe. Foi há cerca de vinte anos, mas tenho a certeza absoluta de que é ela.

Não sabia o que mais podia fazer e, por isso, Harry levou-me ao trabalho. Como ia trabalhar toda a noite estava constantemente a recordar aquele dia, há dezoito anos, no orfanato Mount, quando Rosaleen acompanhou a sua irmã Doreen, no momento em que estive com a minha mãe pela primeira vez. Estava convencida de que era a mesma pessoa. Logo que cheguei a casa na manhã seguinte, telefonei a Pauline, para saber se ela tinha o endereço de Rosaleen O'Regan. Pauline perguntou para que o queria.

- É uma pessoa de família que não via há muitos anos e gostava de entrar em contacto com ela - respondi.

Por um instante senti-me chocada comigo mesma. Apercebi-me de que tudo o que tinha dito era verdade. No que se referia à minha família biológica, a verdade é que não nos conhecíamos. Mas, por uma vez, disse a verdade sobre o assunto.

Foi uma sensação muito agradável.

Pauline não tinha o endereço, mas disse que a mulher era amiga de Yvonne Loftus e deu-me o número de telefone de Yvonne. Telefonei-lhe de imediato e ela forneceu-me o endereço e o número de telefone de Rosaleen, sem mais perguntas.

Rosaleen morava muito perto de mim. Chegando ao fundo da minha rua, passava-se por baixo da ponte do caminho-de-ferro, andava-se vinte metros por uma travessa estreita e estava-se no meio da rua dela. Menos de cinco minutos a pé. Mal podia acreditar que a irmã da minha mãe vivesse a duas ruas de distância

da minha casa.

Depois de receber esta informação, fartei-me de andar às voltas na sala de estar. Deitei-me para tentar dormir um pouco, mas foi impossível, pois a minha cabeça fervilhava. Não consegui dormir.

Nas quarenta e oito horas seguintes, a minha mente não sossegou. Decidi ir ter com ela. Sabia onde ela vivia, portanto ela não podia escapar. Pensei em todo o tipo de cenários que ocorreriam quando nos encontrássemos. Todos os medos antigos ergueram mais uma vez as suas feias cabeças. Ela falaria comigo quando compreendesse quem eu era? Aceitar-me-ia incondicionalmente?

Achei que não havia a menor esperança de que isso sucedesse.

Tentei prever as condições que me tornariam aceitável para ela. Aceitaria ela incondicionalmente a minha família, Harry, Anthony e Ronan? Harry podia decidir sozinho se queria ou não ser aceite por ela. Mas eu decidi que não toleraria nenhuma condição ligada à aceitabilidade dos meus filhos. Os meus filhos eram melhores do que toda a gente, melhores mesmo do que a família da minha mãe.

Decidi não lhe telefonar, pois podia desligar-me o telefone na cara com toda a facilidade. Resolvi não lhe facilitar as coisas e por isso ia aparecer-lhe à porta e apresentar-nos. Discuti a minha estratégia de ataque com Harry. Ele concordou em apoiar-me em todas as acções de batalha que daí pudessem decorrer, o que me ajudou a avançar. Em privado, esperava que não houvesse baixas em combate.

Na segunda-feira seguinte à noite, Harry, Ronan e eu própria deixámos Anthony numa sessão dos lobitos do Clube de Escuteiros no salão da igreja de St. Bart. Ali ficaria durante pelo menos duas horas. Depois metemo-nos no carro e fomos para Runnymede Crescent, Stratham Vale, e apresentámo-nos à porta.

Eu estava nervosa como um gato assustado, mas não deixei que se notasse. Com Ronan nos braços, toquei à campainha.

A mulher que estivera na reunião abriu a porta. Disse-me:

— Olá, estou a reconhecer esse sorriso, por acaso conheço-a?

- Sim - respondi. - Sou a filha da Doreen, Celine.

- Entrem - disse ela delicadamente. - Este deve ser o meu sobrinho-neto.

Fiquei um pouco surpreendida por ela estar tão calma, mas segui a atitude dela e disse:

- Sim, chama-se Ronan e este é o meu marido, Harry.

Ela conduziu-nos para uma pequena sala de entrada, onde o seu filho Terence estava sentado, com uma perna engessada, a ver televisão.

- Este é o Terence, o meu filho - disse-me ela. - Estes são a Celine e o Harry, teus primos.

Dirigindo-se a mim, acrescentou:

— Tenho outro filho, Clifford, e uma filha, Donna, que é casada e vive na Irlanda.

Terence perguntou-me:

— Onde é que vivem?

- Muito perto daqui - respondi. Ao que ele disse:

— Não sabia que tínhamos primos na paróquia.

Então a mãe disse-lhe, com o que me pareceu um riso nervoso:

— Sabes como somos, temos primos por todo o lado.

A seguir, a minha tia levou-me sozinha para o andar de cima, como se me fosse mostrar a casa. Logo que deixaram de nos poder ouvir, perguntei-lhe:

- Como está a minha mãe?

- Esta ótima - respondeu. - Não sabia que viviam tão perto. Tenho a certeza de que onde a minha tia menos desejaria estar a viver era numa casa da Câmara, a quinhentos metros da casa onde vivia a filha ilegítima da irmã. Londres tinha dez milhões de habitantes, como podia ter acontecido tal coisa? Era na verdade uma

ironia do destino.

- Que hei-de eu dizer às minhas vizinhas? - perguntei, sempre ansiosa por agradar, pois sabiam que a tinham como amiga. Estava a tentar arranjar lugar para aquele ser superior. Não queria contaminá-la, dando-me a conhecer às suas amigas como uma pessoa de família ilegítima.

Foi então que ela disse:

- Não me importo que saibam que és minha sobrinha.

Fiquei na verdade encantada com esta afirmação. Deu-me uma sensação de legitimidade e aceitação parciais. Ela pôs a chaleira ao lume e fez chá para todos. Pouco depois, saímos para ir buscar Anthony ao Clube dos Escuteiros. Tínhamos combinado que Rosaleen viria a minha casa no dia seguinte às duas horas da tarde.

No dia seguinte, ela chegou à hora, na sua bicicleta. Quando lhe abri a porta, senti imediatamente, pela sua atitude, que tinha havido uma alteração. Senti frieza em relação a mim.

Mandei-a entrar. Logo que a porta se fechou, ela disse:

- Penso que devemos dizer às vizinhas que somos filhas de primos. Por outras palavras, já não queria aceitar-me como sobrinha. Combinámos que, a partir de então, lhe chamaria só Rosaleen.

Senti-me tão inferior que teria concordado com qualquer coisa, só para manter uma ligação qualquer com a família da minha mãe.

Ela foi-se embora pouco depois e todo o encontro não durou cinco minutos sequer. Senti-me triste e ferida.

Toda a sua atitude para comigo mudara desde a véspera. Aqui estava eu mais uma vez atirada para o “estatuto de sub-humana». Mas não desistiria com tanta facilidade, não.

Como sempre, decidida a alcançar os meus objectivos, por subterfúgios ou subtilezas, convidei-os, a ela, ao filho Terence e à namorada dele, Niamh, para jantar no domingo seguinte. Mesmo que a minha mãe e a sua família estivessem

mais uma vez a tentar rejeitar-me, eu não ia perder uma oportunidade como esta.

Eles tinham todas as informações e eu nenhuma. Não sabia até onde esta situação podia levar-me, mas talvez me levasse a alguma coisa melhor, no que se refere a informações. Não tinha medo. Em vez de fazer planos de batalha, ia agora desencadear uma ofensiva de sedução.

Ela aceitou o convite e vieram jantar no domingo seguinte. Não se fizeram quaisquer referências concretas aos meus antecedentes familiares. Eu morria por fazer um monte de perguntas, mas segurei a língua e dei tempo ao tempo. Estava resolvida a não a antagonizar fosse de que maneira fosse.

A relação com a minha tia era muito prematura e eu ia alimentá-la e vê-la crescer ao longo do tempo. Ela tinha todas as informações que eu queria. Se não me desse voluntariamente os dados importantes, eu teria de obtê-los fosse como fosse, se não através dela, então através de alguém próximo. Teria de ser paciente, subtil e um pouco tortuosa, se fosse preciso. Se tivesse sorte, seria um prémio extra.

Um aspecto significativo apresentou-se durante o jantar dessa noite. Perguntei a Terence como é que ele conhecera a namorada, Niamh. Na altura, tinham os dois vinte e tal anos. Ele disse:

- Conheci-a no Hospital Regional de Limerick. Era lá enfermeira. Esteve a cuidar da minha avó durante a doença dela, até morrer.

Duas coisas se tornaram óbvias. Primeiro, Niamh era enfermeira. Eu poderia estabelecer uma ligação com ela. Segundo, Terence estava a falar da avó materna. Recordo que na altura pensei: “Está a falar em termos muito carinhosos de uma pessoa que também é MINHA avó. Mas ela é a avó que foi basicamente responsável pela minha vida. Ela é a pessoa responsável por me ter atirado para aquelas aparas de vida, quando eu era um bebé de cinco meses.»

Esta avó, que ele visitava com tanto carinho enquanto estive a morrer no hospital, era a mesma mulher malévola que preferiria ver-me morta, se tivesse conseguido tal coisa. Houve tantos momentos difíceis na minha vida, que eu teria preferido que ela tivesse preparado a minha morte, antes de eu nascer ou pouco depois.

Estava consumida pela raiva, mas ocultei os meus sentimentos e sorri. Continuei

a conversa, como se não tivesse estabelecido qualquer relação familiar e fingi que “o jardim estava florido». Embora zangada por causa da referência específica à minha avó Clifford, sentia-me bastante satisfeita por estar a receber aquela que eu considerava “a minha família biológica».

A tia Rosaleen, Terence e Niamh passaram a vir jantar a minha casa pelo menos semana sim, semana não; a certa altura já era um hábito. Certa noite, Terence e Niamh apareceram sem avisar e calhou eu estar a ver fotografias quando eles chegaram. Convidei-os a entrar e eles vieram para junto de mim, ver as fotografias. Terence viu a fotografia da minha mãe com Ronan e comigo.

- Não sabia que conhecia a tia Doreen.

- Conheço, sim - disse eu.

- A tia Doreen tem uma ligação mais próxima de si do que de mim? - perguntou ele.

- Acho que deves fazer essa pergunta à tua mãe - repliquei eu. As perguntas e as respostas ficaram suspensas no ar. Não houve mais perguntas indiscretas durante o resto do serão. Nessa altura, a mãe de Terence estava de visita à Irlanda. Quando regressou a Londres, Terence perguntou-lhe se ele era primo de Celine ou se Rosaleen é que era prima de Celine. Disse que estava confuso quanto à relação exacta. Era evidente que tentava situar o meu lugar na sua família afastada. Mas deve ter chegado à conclusão de que havia qualquer coisa estranha no meu estatuto de “prima». A mãe respondeu:

- Porque perguntas? Ele respondeu:

- A relação de Celine é mais próxima com a tia Doreen do que consigo?

Ela confessou-lhe a verdade. Contou-lhe que eu era na verdade o primeiro bebé de Doreen, uma filha ilegítima.

Mais tarde, Niamh contou-me que chorara toda a noite quando Terence lhe contou a história. Disse-me:

- Foram uma família muito cruel.

Esta foi a primeira declaração de reconhecimento público da família em como eu

existia de facto. Tanto quanto sabia, à excepção da minha mãe, da mãe dela, da irmã da minha mãe, Rosaleen, e das “tias freiras», mais ninguém da minha família biológica sabia que eu existia. Mas a notícia da minha existência não passou dali. Terence e Niamh devem ter jurado segredo. Mas não me importei, tinha aparecido uma fenda na sua armadura. A estratégia de não aborrecer ninguém e dar tempo ao tempo estava a resultar.

No fim, encontraria uma solução.

Donna, a filha de Rosaleen, e o marido, Paul Bell, que viviam em Dublin, vieram a Londres visitar a mãe dela no Verão de 1983. Paul e Donna trouxeram consigo os dois filhos. Vieram todos jantar a minha casa com Rosaleen, num sábado. Depois de jantar, os miúdos estavam cansados e Donna levou-os para casa para os meter na cama. Rosaleen foi para casa com eles. Paul ficou a conversar com Harry e comigo.

Perguntei a Paul se ele conhecia a minha mãe.

- Ah, sim, Doreen. Claro que conheço, ela é a tia de Donna - respondeu ele.

A seguir, de maneira muito casual, como se fosse um comentário ou uma pergunta, reflecti em voz alta:

- Será que conhece o meu pai?

Mal as últimas palavras me saíram da boca, Paul disse sem hesitar.

- Ah, sim, o Tom! Tom O'Sullivan de Janesboro. Pois, claro que o conheço. Não há a menor dúvida a esse respeito, Celine, ele é o seu pai!

Quase caí da cadeira.

Ele disse aquilo com toda a certeza. Fiquei destroçada por ele saber quem eram os meus pais e ter tanta certeza desse conhecimento. A minha cabeça trabalhava a toda a velocidade. Quantas outras pessoas sabiam? Seria eu a única nesta horrível saga que não sabia quem era o meu pai?

Por dentro estava cheia de raiva. Pensei: “Não, não pode ser assim. Deve ser o álcool a falar.»

Paul tinha bebido bastante vinho à refeição e depois ingerira quatro ou cinco cálices de brandy puro.

Por fora, eu estava gelada. Perguntei:

- Como vou conseguir contactá-lo? Ele respondeu:
- Os irmãos são chegados. Ele tem um irmão chamado Paddy de quem é muito amigo. Se o contactar, ele é o seu melhor trunfo.

Penso que ele compreendeu que tinha cometido um pecado terrível, porque acrescentou:

- Muito bem, meus caros, não digam a ninguém que vos dei esta informação. Este é um TOP SECRET da família Clifford. Eu seria enforcado, esquartejado e feito em picado se alguma vez descobrissem que vos disse isto. Teria de me meter num barco e fugir.

Eu estava com muita dificuldade em digerir tudo isto. Não conseguia continuar a conversar. Não era capaz de pensar com clareza.

Pouco depois, Paul saiu de regresso a casa. Vendo-o caminhar com passo incerto, pensei: “Tem de ser o álcool a falar, não podia ter tanta certeza.» E, não obstante, não conseguia tirar da cabeça o que Paul dissera.

Ia seguir aquela pista, custasse o que custasse. Controlá-la-ia eu pessoalmente. Não permitiria que outra pessoa fizesse o meu trabalho. Não me deixaria desviar do meu objectivo. Ia, mais uma vez, partir em cruzada!

Sabia que uma colega de trabalho estava de férias em casa, na Irlanda. Por uma via tortuosa e indirecta, consegui o número do telefone dos pais dela na Irlanda. Falei com a mãe e pedi-lhe que me arranjasse um exemplar da lista telefónica rural com os números de Limerick. Arranquei-lhe a promessa de que se certificaria de que a filha me traria a lista, sem falta. A minha voz devia ser de desespero, porque, quando a minha colega regressou, foi levar a lista telefónica a minha casa, quando seguia de táxi do aeroporto para casa.

Logo que recebi a lista, telefonei para todos os nomes P. O'Sullivan na zona de Limerick. Perguntava se tinham um irmão chamado Thomas que vivia em Janesboro. Por fim, um homem que vivia em Corbally disse, em resposta à

minha pergunta: “Sim, tenho um irmão Thomas em Janesboro.»

Disse-lhe então:

- Chamo-me Celine Roberts. Sou filha de Doreen Clifford. Fui informada de que Thomas O'Sullivan é o meu pai. Quero entrar em contacto com ele.

Seguiu-se o clássico “silêncio pesado». Não houve grande diálogo entre nós. Ele disse que ia “ver o que podia fazer». Pelo tom da sua voz, parecia que não acreditava na minha história. Pareceu-me nervoso e incomodado. Acima de tudo, parecia chocado.

Tentei reforçar a importância que tinha para mim conhecer o meu pai. Ele respondeu:

- A identidade de um dos pais pode nunca ser estabelecida. Nunca me tinha ocorrido tal possibilidade.

Dei-lhe o meu endereço e o número do telefone em Londres. Tentei arrancar-lhe a promessa de que me contactaria se falasse com o meu pai, mas ele não disse que me telefonava. Pensei que provavelmente o meu telefonema o tinha perturbado.

Embora todo o telefonema fosse, da minha parte, um pedido legítimo, não fazia ideia da consternação que lhe teria causado. Provavelmente, estava prestes a começar a jantar, enquanto se preparava para descansar de um duro dia de trabalho.

Este telefonema teve lugar no dia 2 de Agosto. O mês de Setembro passou e Paddy O'Sullivan não me contactou. A minha cabeça andava sempre a zumbir.

Estava prestes a conhecer o meu pai. Estava tão perto que nem punha a hipótese de desistir facilmente. Teria acesso ao meu pai sem passar pela minha mãe. Ia evitar a passagem pela minha mãe, que sempre me ocultara a identidade do meu pai. Porque protegia ela a identidade dele com tanta pertinácia?

Nunca mencionei o meu contacto com Paddy O'Sullivan a ninguém, para o caso de ser persuadida a desistir de explorar a ligação. Paul dera-me a informação com carácter confidencial. Embora fosse uma confidência feita sob o efeito do álcool, apreciei muito a maneira como ele quebrara o que era obviamente um

código de silêncio dentro da família da minha mãe, os Clifford.

Era a primeira pessoa que me dera alguma esperança de chegar a conhecer o meu pai. Eu não queria trair essa confiança.

Via o correio todos os dias, sempre à espera de uma carta de Paddy O'Sullivan.

Nada chegava.

Outubro chegou e eu entendi que se tornava necessária uma intervenção mais directa e pessoal. Iria à Irlanda e falaria pessoalmente com Paddy O'Sullivan.

Durante as férias escolares a meio do ano, o velho e sempre fiável Ford Escort de Harry foi mais uma vez recheado com todos os nossos haveres e fomos mais uma vez apanhar oferry ao terminal de Fishguard. Fizemos a paragem habitual em casa dos pais de Harry em Kilkenny. Só lá ficámos uma noite, na sexta-feira. Foi uma estada muito curta, porque eu tinha uma missão a cumprir.

No dia seguinte, fomos para casa de Kit em Buttevant. Esta seria a minha base de “operações». Chegámos no sábado e instalámos os miúdos. No domingo, preparei o meu plano de batalha. Disse a Kit o que ia fazer. Penso que, à sua maneira e embora não aprovasse os meus planos, Kit compreendeu.

Decidi dizer à minha conselheira irmã Bernadette o que me preparava para fazer. No domingo, telefonei-lhe para o convento de Mount Trenchard em Foynes, condado de Limerick. A pessoa que atendeu perguntou: “Quem quer falar com ela?»

Eu respondi: “Celine Roberts.»

Depois de uma pausa, a voz de mulher disse: “Ela não está cá.»

Perguntei: “Onde está?»

A voz replicou que não sabia. Depois desligaram o telefone. Fiquei perturbada com a atitude da freira ao telefone. Nesse mesmo dia, voltei a telefonar para o convento à procura da irmã Bernadette.

Responderam-me: “Está doente.»

Expliquei que tinha vindo de Londres e que queria visitá-la. Deram-me o número de telefone de um convento em Cobh, no condado de Cork, e desligaram.

Quando telefonei para o convento de Cobh, pedi para falar com a irmã Bernadette. “Aqui não há nenhuma irmã Bernadette», e desligaram. Compreendi que se passava qualquer coisa estranha, embora não soubesse o quê. Senti que estavam a empurrar-me de um lado para o outro, pelo que resolvi não continuar a tentar entrar em contacto com ela.

Nunca falei com ela nem voltei a tentar contactá-la. Nunca mais soube dela - nunca mais!

Para uma pessoa que tinha tanta influência nas informações importantes da minha vida, foi uma estranha maneira de terminar a comunicação entre nós.

Na segunda-feira ia pôr em acção o meu plano de batalha. Telefonei a Paddy O'Sullivan e disse-lhe que estava na Irlanda e que queria encontrar-me com ele. Penso que ele não esperava voltar a ouvir falar de mim.

Senti a sua resistência inicial em se encontrar comigo, mas acabou por concordar que nos encontrássemos no bar do hotel Glenworth, em Limerick, às oito horas da noite do dia seguinte.

Pousei o telefone. O meu sistema nervoso estava arrasado. Mas tinha outros planos para pôr em acção. Telefonei ao padre Bernard, que ao longo dos anos continuou a ser meu amigo e confidente. Quando telefonei, estava na abadia de Glenstal. Contei-lhe o meu plano para o encontro com aquele que eu considerava o irmão do meu pai, Paddy O'Sullivan, na noite seguinte no hotel Glenworth. Ele disse: “Minha querida Celine. Queres que vá contigo ao encontro, para te apoiar?» - Ficarei muito grata pelo seu apoio, se puder estar presente - respondi.

Combinámos encontrar-nos no bar do hotel Glenworth às sete horas da tarde, para podermos conversar antes do encontro com Paddy O'Sullivan.

Os preparativos estavam feitos. As pessoas estavam preparadas.

Pedi a Kit e a Tony que tomassem conta dos meus filhos durante todo o tempo que fosse preciso. Concordaram imediatamente. O apoio militar estava instalado.

No dia seguinte, fui arranjar o cabelo, pois queria apresentar-me da melhor maneira. Passei uma eternidade a maquilhar-me. Experimentei todas as roupas que tinha trazido. Pedi a Kit que me emprestasse uma pulseira valiosa.

Nesse dia, o tempo passou devagar.

Por fim, Harry e eu partimos para o encontro com o padre Bernard. Depois de, durante três meses, pensar todos os dias no que diria a Paddy, não tinha uma lista de perguntas preparada. Estavam todas na minha cabeça. Mas ia disparar a matar. Desta vez, não faria prisioneiros. Estava concentrada e sabia o que queria. Estava ao meu alcance e eu não queria deixar fugir a oportunidade entre os meus dedos.

Harry e eu fomos os primeiros a chegar ao bar. Estavam poucas pessoas a beber, mas sentámo-nos a uma mesa que ficaria fora do alcance de ouvidos estranhos. Era quase um espaço reservado. Cada um de nós bebeu um refrigerante. Não haveria álcool para nós. Eu tinha de manter as ideias claras.

O padre Bernard apareceu depois. Cumprimentámo-nos com o habitual abraço. Ele sentou-se e conversámos acerca de Anthony e Ronan e outros assuntos sem importância. Ele disse que nunca notara que eu quisesse tanto conhecer o meu pai. Pensou que eu tinha medo por causa do risco de prejudicar a família do meu pai. Perguntou-me porque tinha eu decidido agora “abandar aquele barco», pois compreendia que eu estava decidida a chegar ao fundo do assunto, fossem quais fossem as consequências. Disse ele: “Por muito que eles tenham tentado esconder-te e à tua identidade, a verdade há-de vir ao cimo.»

Eram cerca de oito menos dez quando um homem e uma mulher entraram no bar. Pareciam ser um casal muito elegante. Trocaram algumas palavras um com o outro e depois dirigiram-se para a nossa mesa sem hesitar. Pus-me de pé, pois vi que tinha de ser Paddy O'Sullivan. O meu coração batia descompassado.

Ele dirigiu-se a mim de mão estendida. Apertámos as mãos e ele disse.

- Deve ser a Celine Roberts. Eu sou o Paddy O'Sullivan e esta é a minha mulher Mary.

- Sim, sou a Celine Roberts. Apresento-lhes o Harry, o meu marido, e o padre Bernard O'Dea, um bom amigo. Concordou em estar presente porque me conhece há muito tempo.

Perguntei a Paddy O'Sullivan se tinha alguma objecção à presença do padre Bernard. Ele respondeu:

- Não, de maneira nenhuma.

Sentámo-nos todos à mesa. Harry reconheceu a sua deixa, que já estava combinada e perguntou a todos o que queriam tomar. Paddy pediu um refrigerante, o padre Bernard quis um iso-tónico e Mary um whisky com água. Eu não perdi tempo e perguntei directamente a Paddy:

- Falou com o meu pai? Ao que ele respondeu:

- Não!

Fiquei surpreendida. O que significaria aquilo? Mas, antes que tivesse tempo para dizer mais alguma coisa, ele prosseguiu:

- Daqui não recebe dinheiro, rapariga!

Harry regressou com as bebidas e, na mesma altura, o padre Bernard interrompeu e disse numa voz que não denunciava a fúria que sentia:

— Se a Celine andasse atrás de dinheiro, já podia ter feito muitas coisas e há muito tempo. Eu disse:

— Não, não estou aqui por causa de dinheiro. Estou aqui porque quero encontrar o meu pai e determinar a minha identidade. Não sei nada dos meus antecedentes. Só sei o que me contaram e é muito pouco.

Paddy disse então:

— É uma grande família a que está implicada nisto. São nove filhos; muitos deles casados e já com filhos também. Muitas pessoas podem ficar magoadas.

O padre Bernard disse:

— A Celine também tem sido muito magoada.

Paddy disse então que falaria com um padre, um tal padre Houlihan, que era amigo de Doreen. Disse que tinha a certeza absoluta de que Tom estava na mais

completa ignorância da minha existência. Disse que o que ele na verdade queria era que o padre Houlihan conseguisse que Doreen, a minha mãe, contasse ao irmão dele, Tom, que tinham uma filha.

Para mim, parecia ótimo. Concordámos então todos em que Paddy trataria de combinar um encontro entre a minha mãe e o padre. Fez contudo a reserva de que não podia prometer nada. Depois Paddy começou a fazer perguntas a meu respeito.

- Onde vive?

- Vem muitas vezes à Irlanda?

Eu respondi que vinha “a casa» uma ou duas vezes por ano.

- Onde é “a casa» na Irlanda? - perguntou.

Eu disse:

- Ficamos sobretudo em Buttevant ou em Castleconnell, com amigos nossos, ou em Kilkenny com os pais de Harry.

Ele perguntou se eu trabalhava. Disse-lhe que era enfermeira e que tinha dois filhos. Embora a conversa não fosse propriamente amistosa, o ambiente já não era tão gélido como ao princípio.

A seguir perguntou:

- Onde é que foi criada?

- Em Kilmallock - respondi.

- Conhecia os Brown de Kilmallock? Tinham uma loja.

- Conhecia, sim.

- São meus primos.

- Conhece os Power?

- Sim, conheço. Trabalhei para eles quando tinha catorze anos.

- Conhecia o sócio de Maurice Power, Par O'Sullivan? É meu primo direito.
- Sim, trabalhei para o irmão dele, Jimmy, como criada, quando tinha dezasseis anos. Foi pouco tempo.

A minha cabeça era um remoinho. A conversa revelava que, na realidade, passara uma grande parte da infância perto da família do meu pai. Até tinha trabalhado para eles sem o saber.

O encontro com Paddy O'Sullivan e a mulher terminou. Paddy perguntou se eu sabia qual era a profissão de Tom. Respondi:

- Disseram-me que era advogado.
- Não, não é advogado.
- Não me importo que seja varredor das ruas, desde que seja meu pai - repliquei.

Quando se levantaram para ir embora, Mary disse:

- É igualzinha a Doreen, não há dúvida de que é filha dela. O ambiente estava muito mais leve. Paddy disse:
- Bem, o seu pai é muito parecido comigo. Ao que eu respondi com um sorriso:
- Se é parecido consigo, deve ser distinto, o senhor também não está nada mal.

E com estes comentários, o meu genuíno tio Paddy apertou-me a mão, deu-me o seu cartão de visita e foram-se embora.

Eu estava exultante. Tinha um tio. Era o meu primeiro contacto com a família do meu pai.

Saí do encontro com um sentimento de alguma aceitação, por muito pequena que fosse. Sentia que o simples facto de terem concordado em falar comigo significava que já não era propriamente a escumalha da terra.

Saímos do hotel e acompanhámos o padre Bernard até ao seu carro. Fomos buscar o nosso e regressámos a Buttevant. A conversa com Harry no carro reduziu-se a palavras de circunstância e tagarelice. Os pormenores complexos do

meu encontro não foram discutidos, mas mentalmente revi tudo até aos mínimos pormenores.

Fiquei satisfeita por tudo ter corrido melhor do que esperava. Senti-me contente, pela primeira vez em muitos meses. Excepto num pequeno pormenor que me incomodava. Quando Mary disse que eu era igualzinha a Doreen, pareceu-me que falava dela como se a conhecesse bastante bem. Fiquei surpreendida pelo facto de o meu pai e a minha mãe se terem mantido em contacto.

Na quarta-feira seguinte, Kit perguntou-me se eu queria ir ver a “mansão da família» em Clarina, no condado de Limerick, onde a minha mãe tinha vivido em criança. Tony e ela tinham-na descoberto durante um passeio de domingo. Eu disse que ia adorar vê-la e que gostava de conhecer Clifford, o outro filho de Rosaleen, que vivia lá.

- Óptimo - disse Kit. - Vais poder dar um passeio pelos terrenos da propriedade e pela mansão. É melhor sairmos cedo, pois pode demorar um bocado dar a volta completa à casa e aos terrenos.

Achei Kit um pouco estranha quando me disse isto, mas estava demasiado excitada para pensar muito no assunto. Nós os quatro, com Kit a indicar o caminho e Harry a conduzir, pusemo-nos a caminho da Grandiosa Propriedade da Dinastia Clifford, em Ballybrown, Clarina, condado de Limerick.

Chegámos a Clarina e Kit deu as indicações até chegarmos a Ballybrown. Quando atravessávamos Ballybrown, Kit gritou:

- Trava aí, Harry, já passaste. Eu disse do assento de trás:

- Como podemos ter passado? Não se avista nenhuma mansão em muitos quilómetros à nossa volta.

- Volta atrás aí uns cinquenta metros, Harry — ordenou Kit. Harry inverteu a marcha e parou diante de uma pequena e pobre casa de campo.

Kit disse em voz baixa e séria, e também um pouco zangada:

- Ora aí tens. Tanta grandeza para isto. Esta é a mansão da tua família. A família da tua mãe tem muito de que se gabar, não tem?

Eu estava horrorizada. Disse:

- Kit, não é maior do que a casa onde eu cresci. Condenaram-me àquela vida porque eu não prestava para eles. Quem pensam eles que são?

Queria dizer muito mais, mas não queria perturbar os meus filhos.

Era um casinhoto cinzento e sem pintura. Tinha três divisões no máximo. Quero dizer, três divisões ao todo. Parecia um destroço. As recordações regressaram como uma vaga. Devia ter passado muitas vezes diante desta casa com as minhas companheiras, quando nos traziam a dar um passeio à tarde, quando estava na Escola Industrial Mount, a dois ou três quilómetros dali. E de repente lembrei-me também das vezes que a irmã Bernadette disse que tinha encontrado a minha avó “na cidade». Falava da minha avó dizendo: “Aquela senhora importante de casaco de peles.» A irmã Bernadette perguntava-lhe muitas vezes se ela queria vir conhecer-me, ao que ela respondia que “não queria nada comigo». “Não queria que a sua família fosse atingida pela vergonha, por reconhecer a existência da sua neta bastarda.» Se a irmã Bernadette tivesse ao menos visto a “grande mansão» onde vivera a minha avó, a “senhora importante», talvez a freira não tivesse tido tanta consideração por ela.

Toda a propriedade não tinha mais de um acre, dois no máximo. Não conseguia conciliar o que tinha diante dos meus olhos com a experiência que tivera quando conheci a minha mãe e a irmã dela e com o que a irmã Bernadette me tinha dito. Como podiam estas pessoas ter pago trezentas libras para me enfiarem num buraco infernal, se não passavam afinal de uns aldeões a viver em circunstâncias pouco melhores do que aquelas a que me tinham condenado? Não fazia sentido. Recordando a conversa da minha mãe com a irmã Bernadette no nosso encontro anterior, compreendi que nem nos seus mais loucos sonhos uma lareira Adams teria cabido nesta casa minúscula. Quem queria ela impressionar?

Nem sequer consegui rir-me do absurdo de tudo aquilo. Estonteada com o choque, bati à porta. Um homem, que afinal era o filho de Rosaleen, Clifford, abriu a porta e convidou-nos a entrar. Tanto ele como a mulher, Barbara, foram amistosos, acolhedores e hospitaleiros. Para mim era uma sensação muito estranha estar na casa da mulher que tinha vendido a sua primeira neta. Estava completamente desfeita por dentro. Sentia-me fisicamente doente.

Clifford disse que eu era a cara chapada da sua tia Doreen. Respondi-lhe que, na

noite anterior, conhecera o meu tio, Paddy O'Sullivan. Clifford foi visivelmente apanhado de surpresa e ficou muito chocado com esta notícia. Disse-lhe que o meu tio Paddy e um tal padre Houlihan iam falar com a minha mãe, para a convencerem a informar o meu pai da minha existência.

Senti que Clifford já não estava à vontade. Depois desta conversa ficou ansioso por se ver livre de nós.

Sáímos pouco depois e regressámos a Buttevant. Fiquei mais bem disposta durante a viagem, pois Kit e eu fartámo-nos de rir a propósito do estilo de vida dos “ricos e famosos» que eu tinha imaginado nas terras e nas propriedades dos Clifford!

Regressámos a Londres no fim de uma semana cheia de incidentes. Muita coisa tinha sido revelada e, mesmo assim, muitas perguntas continuavam sem resposta.

15. A voz do meu pai

Apesar da minha cuidadosa estratégia, os acontecimentos ganhavam agora vida própria e escapavam ao meu controlo.

Logo que cheguei a Londres, no domingo seguinte à noite, telefonei a Kit para dizer que tínhamos chegado bem a casa. Era o que fazia sempre quando regressávamos da Irlanda. Kit disse-me:

- O homem com quem foste encontrar-te em Limerick telefonou à tua procura. Pediu que lhe telefonasses, porque era importante.

Telefonei imediatamente a Paddy O'Sullivan. Foi ele mesmo que atendeu o telefone. Quando soube que era eu, disse:

- Tenho boas notícias para si. O seu pai já foi informado da sua existência.

- Nesse caso é o meu pai? - perguntei.

- Sim, nunca houve qualquer dúvida a esse respeito!

Deu-me um número de telefone e disse-me que era o do meu pai. Disse também que achava que o melhor era esperar que o meu pai me telefonasse, em vez de ser eu a telefonar-lhe.

- Teve um choque muito grande, mas vai entrar em contacto consigo. Depois desligou.

Eu escorreguei para o chão com o telefone na mão. Fiquei ali sentada a chorar durante muito, muito tempo. Acabei por me pôr de pé, fui para a sala de estar e disse a Harry:

— Ele é meu pai e sabe da minha existência. Logo que recebi a informação, fiquei impaciente. Queria ouvir a voz dele.

Estava ansiosa por que ele me telefonasse.

Tinha de lhe telefonar. Marquei o número. Não preparara nenhum discurso. Uma voz de senhora atendeu o telefone. De repente, fiquei sem saber quem havia de chamar ao telefone. Por isso disse precipitadamente:

— Fala Celine, estou a telefonar de Londres.

E então a senhora que tinha atendido, disse no tom de voz brusco que eu conhecia bem:

— Espero que agora estejas satisfeita! - E desligou-me o telefone. Larguei o telefone como se estivesse a arder.

Era a voz da MINHA mãe!

Não conseguia compreender. O que fazia ela naquele número! A pouco e pouco, compreendi a terrível verdade.

Devia viver ali.

Devia viver com o meu pai.

Devia ser CASADA com o meu pai.

Não percebia nada: ela estivera sempre casada com ele. Durante todos aqueles anos, quando falava da “sua família» e da “família», a irmã Bernadette e a minha mãe estavam a falar da família do meu pai como se fosse uma unidade separada e independente. Agora compreendia de um momento para o outro que eram todos uma só família. O meu pai e a minha mãe eram marido e mulher. O que significava que eu tinha irmãos e irmãs.

Mais uma vez, era a vítima dos jogos cruéis da minha mãe.

Comecei a arrumar a bagagem da viagem. Trabalhei à doida, a preparar as roupas que Anthony devia vestir para ir para a escola. Tinha de me distrair.

Sentia-me muito em baixo. Não conseguia acreditar. A minha mãe tinha ganho mais uma vez.

Num momento de loucura, telefonei à minha tia Rosaleen, a tal que vivia duas ruas abaixo. Ela não estava, mas o filho Terence encontrava-se em casa. Contei-

lhe a correr tudo o que acontecera. Contei-lhe numa voz que pensei que era calma. Não lhe disse que a minha mãe tinha atendido o meu telefonema. Não lhe gritei com raiva: “Porque não me disseram que a minha mãe estava casada com o meu pai?»

Disse-lhe que, agora, o meu pai tinha conhecimento da minha existência, ao que ele respondeu:

- Não espere que a minha mãe se sinta feliz com isso. Perguntei, incrédula:

- Porquê?

Ele respondeu:

- Para o bem ou para o mal, manter esse segredo foi uma decisão tomada há muitos anos e mais valia ter deixado as coisas como estavam.

Depois disto, não soube nem da minha tia Rosaleen nem do filho Terence durante muito tempo, na verdade durante anos. Os nossos encontros quinzenais para jantar acabaram imediatamente. Pensei que era a sua maneira de me castigarem por tentar estabelecer contacto com o meu pai. Achei que não queriam que aquilo que consideravam um segredo vergonhoso da família fosse do conhecimento público. Certamente não queriam que a história se espalhasse. Tanto quanto isso lhes interessava, eu era um “pato bravo». Mentalmente exausta, fui-me deitar e chorei como uma Madalena.

Quando Anthony voltou para casa, depois da escola, na segunda-feira à tarde, apareceu ao meu lado, junto do lava-louça, com o seu uniforme da escola, a abraçar-me antes mesmo de eu dar pela sua presença. Eu precisava daquele abraço.

- Gostavas de ter avós a sério? - perguntei-lhe.

- Mas já temos avós a sério, os avós Roberts em Ballyogan, em Kilkenny.

- Pois é, meu querido - respondi. - Mas não tens avós do lado da tua mãe.

- Eu sei, mamã, porque a tua mãe e o teu pai morreram.

- Isso não é bem verdade, Anthony - repliquei. Imagine-se dizer isto a uma

criança de oito anos. Foi difícil.

— A mãe e o pai que me criaram morreram, mas a minha mãe e o meu pai verdadeiros ainda estão vivos. Lembras-te da senhora que encontrámos no hotel com a freira, aquela que eu te disse que era a tia Kathleen? Essa senhora é na verdade a tua avó. Também vais ter muitos tios e tias novos.

Anthony ficou todo excitado e queria conhecê-los.

Disse-lhe que não contasse nada a ninguém.

No dia seguinte, foi para a escola e contou logo à professora que a mãe dele tinha sido adoptada e que havia encontrado a mãe e o pai. Também contou à turma toda. Quando fui buscá-lo à escola à tarde, a professora, a irmã Pat, veio ter comigo e contou-me, toda entusiasmada, exactamente o que Anthony lhe revelara e à turma inteira. Perguntou-me se era verdade. Com uma expressão de orgulho, confirmei.

Nessa terça-feira à noite, recebi em casa um telefonema; eram cerca das nove horas da noite.

Uma voz de homem, forte e clara, com sotaque irlandês, disse.

- Está? Posso falar com Celine?

- É Celine ao telefone - respondi.

- Deves ser a minha filha há muito perdida. Senti-me crescer até ao tecto.

Chorei. Ele chorou. Ele disse:

- Amo-te e estou ansioso por te ver, tenho aqui um grupo enorme à espera para falar contigo. Nunca mais vais ser senhora de ti mesma. Todos os teus irmãos e irmãs querem conhecer-te. Vão todos falar contigo e cada um deles vai dizer-te como se chama.

Uma voz de mulher entrou na linha e disse:

- Eu sou a Eileen. Olá, irmã mais velha. Chorou.

E eu também chorei.

Outras oito vozes, quatro masculinas e quatro femininas, entraram na linha; cada uma delas identificou-se e depois desfez-se em lágrimas.

Eu chorei com eles todos.

Ao fim de nove vozes diferentes, o meu pai voltou ao telefone.

- A tua mãe e eu queremos ir a Londres para estar contigo e com os nossos netos. Podes alojar-nos em tua casa?

Eu respondi:

- Será um privilégio. Depois ele disse:

- Vivi e trabalhei em Londres depois da guerra.

- Onde vivia em Londres?

- Em Regent's Parle — respondeu ele.

- Bem, eu vivo numa zona muito mais humilde. Vivo em Streatham.

- Seguimos para Londres no próximo domingo, se conseguirmos avião. Trabalho no aeroporto de Shannon e estamos em lista de espera.

Dei-lhe o meu endereço. Disse-lhe que iríamos buscá-los ao aeroporto.

Depois ele terminou o telefonema dizendo:

- Adeus. Boa sorte até nos encontrarmos!

Quando pousei o telefone, estava em absoluto estado de choque. Emocionalmente estava despedaçada.

Não sei como, arrastei-me até ao sofá e deitei-me. A minha cabeça estava num turbilhão.

Apesar da excitação, não podia impedir-me de me interrogar sobre a primeira viagem dos meus pais para me verem. Porque não vinham imediatamente?

Porquê ficar em lista de espera quando eu teria tido toda a satisfação em pagar os bilhetes?

E, acima de tudo, qual é a posição da minha mãe em tudo isto? Não me tinha dito uma única palavra desde a sua reacção de ira ao meu telefonema.

Tinha a esperança de que estas perguntas tivessem resposta dentro de pouco tempo.

16. Visita real

Começaram os preparativos para a chegada deles. Fiz a limpeza da Primavera em toda a casa, de alto a baixo. Nada seria demasiado bom ou demasiado limpo para a chegada da que eu considerava agora a “minha família real».

Na terça-feira dessa semana, ao princípio da tarde, a minha recém-encontrada irmã Eileen telefonou.

- Estou ansiosa por te conhecer. Estava a pensar em levantar o dinheiro do meu seguro para pagar o bilhete.

- Não faças isso, tenho a certeza de que nos conheceremos em breve - respondi.

- O pai está escamado por te ter encontrado e também está ansioso por te conhecer. Ficou furioso com a tia Rosaleen por não lhe ter falado de ti.

Achei este comentário muitíssimo estranho. Esperava que o meu pai estivesse muito zangado com a minha mãe por não lhe ter falado de mim durante todos aqueles anos. Mas parecia que isso não era problema. Não continuei a conversa com a minha nova irmã, pois pretendia construir pontes e não destruí-las.

Contou-me que tinha vivido em Londres quando se casou. Fez perguntas sobre os meus filhos e eu perguntei-lhe pelos dela. A filha dela e o meu filho Anthony tinham nascido no mesmo ano. Acabámos por prometer encontrar-nos em breve.

E no fim ela disse:

- Amo-te, mana. Eu respondi:

- Amo-te, minha irmã acabada de encontrar.

Achei muito estranho dizer estas coisas a uma pessoa que nunca tinha visto e com quem falava pela primeira vez.

Mais tarde vim a saber que os acontecimentos tinham-se acelerado e descontrolado depois da minha visita a Clifford, em Clarina. No dia seguinte ele

foi a Janesboro. Ia falar com a minha mãe para lhe dizer que eu visitara Clarina e que conversara com Paddy O'Sullivan. No autocarro encontrou Charlie Healy que, vim a saber mais tarde, era meu cunhado, casado com a minha irmã mais velha, Eileen. Clifford falou a Charlie sobre a minha visita e a minha existência. Charlie ficou sem fala e reconheceu todos os sinais de sarilho iminente no horizonte familiar.

Charlie pediu a Clifford que não dissesse nada a ninguém até voltarem a falar. Depois contactou a cunhada, casada com o irmão de Eileen, Tommy O'Sullivan Jr. Encontraram-se e discutiram a situação. Marion ficou chocada ao saber da minha existência. Decidiram falar com os respectivos cônjuges e depois confrontar a minha mãe.

Quando Tommy Jr. chegou a casa, vindo do trabalho, nessa noite, Marion contou-lhe que ele tinha uma irmã mais velha que não conhecia. Ele ficou incrédulo, mas disse que, se tinha outra irmã, queria encontrar-se com ela e conhecê-la. Entretanto, Charlie levou Eileen ao bar nessa mesma noite, deu-lhe umas bebidas fortes e falou-lhe de mim.

A primeira reacção dela foi dizer: “Que carrada de disparates. Nós somos nove irmãos e eu sou a mais velha.» E, para desviar a conversa, perguntou a Charlie: “A propósito, como se chama ela?»

Charlie respondeu: “Celine.»

- Valham-me Deus e todos os santos, deve ser verdade. O nome da mãe é Doreen Marie CELINE - disse Eileen.

Depois Charlie contou-lhe que Tommy Jr. e a mulher, Marion, também já sabiam da minha existência, pelo que se reuniram os quatro para estabelecer um plano. Todos concordaram que, no sábado seguinte, 5 de Novembro de 1983, à noite, enquanto o meu pai se entregava à sua distracção preferida, corrida de galgos, e respectivas apostas, convenceriam a minha mãe a ir a casa de Eileen. Quando estivessem todos juntos, perguntar-lhe-iam se tinham uma irmã de sangue chamada Celine. A parte de Charlie no plano era ir buscar Tom O'Sullivan às corridas, com o pretexto de tratar com ele uns assuntos de negócios e levá-lo para casa, onde Doreen estaria à espera.

Quando chegou sábado, o plano foi accionado e executado sem uma falha. Tom O'Sullivan estava nas corridas de galgos. Charlie fora buscar Doreen, a minha

mãe, e levava-a para sua casa. Quando ela lá chegou e terminaram os cumprimentos preliminares, Marion e Charlie, por serem parentes por afinidade, retiraram-se para a cozinha, enquanto Tommy Jr. e Eileen confrontavam a mãe.

Contaram-me muito depois que Tommy Jr. lhe perguntou directamente: “Temos uma irmã chamada Celine?”»

Ao que parece, a minha mãe olhou para ele aterrada e perguntou:

“Como sabes?”»

Tommy Jr. respondeu: “Não importa como sei, é verdade?”»

A minha mãe respondeu então: “Sim, é verdade. Têm de facto uma irmã chamada Celine.»

Depois Eileen perguntou: “Quem é o pai?”»

A minha mãe respondeu: “O vosso pai, claro, mas nunca foi informado da existência dela.»

Quando Clifford falou com Charlie, a princípio, mencionou que eu tinha falado com Paddy O'Sullivan, o irmão de Tom, e que ele sabia da minha existência. Quando os quatro “conspiradores», Charlie, Eileen, Tommy Jr. e Marion, conversaram uns com os outros, partiram do princípio de que Paddy O'Sullivan sempre soubera da minha existência, desde o primeiro dia.

Então Tommy Jr. disse à mãe: “O Paddy O'Sullivan sabe da Celine, quer que ele esteja presente quando o pai aparecer, depois das corridas de galgos?”»

“Sim», disse ela.

E assim Eileen telefonou a Paddy O'Sullivan e pediu-lhe que fosse lá a casa. Este concordou e chegou pouco depois com a mulher, Mary. Foi a vez de Charlie ir buscar o sogro à pista de corridas.

O Grande Final estava pronto para entrar em cena. Sob certos aspectos gostaria de ter estado presente.

Tom O'Sullivan tivera uma boa noite nas corridas e estava em grande forma, pois

ganhara algum dinheiro. Quando saíram do carro e se aproximaram de casa, reconheceu automóveis pertencentes a vários membros da família e disse: “Não me disseste que ias dar uma festa.»

“Acho que hoje não vai haver festa nenhuma, Tom», resmungou Charlie.

Entraram em casa e Tom sentou-se ao lado da minha mãe, Doreen, um pouco espantado. Estava toda a gente na sala. Quando Tom olhou em volta com ar zombeteiro, Paddy O'Sullivan perguntou-lhe: “Lembras-te, há trinta e cinco anos, da rua Sarsfield, nº 18, quando tu e Doreen eras jovens amantes?»

Tom respondeu com cautela: “Sim, lembro-me. Não me desculpo; aproveitei-me da situação.»

E então Paddy disse bruscamente: “O que não sabes é que desse amor nasceu uma menina sobre quem nunca te disseram nada.»

Tom virou-se e, olhando fixamente para Doreen, perguntou-lhe: “Porque não me disseste?»

“Tive medo», replicou ela.

Paddy acrescentou: “Vais orgulhar-te dela. É enfermeira. É casada. Tem dois filhos e vive em Londres.»

Tom ficou chocado. Disse então a Doreen: “Sinto-me extremamente ferido com isto. Sabes que nunca te teria abandonado.»

Naquela altura não havia mais nada a dizer. Tom sugeriu que eram horas de ir para casa e Charlie ficou com a nada invejável tarefa de os levar.

Muitos meses depois, perguntei ao meu pai como é que ele se tinha sentido naquele exacto momento. Respondeu-me que desejou “que se abrisse um buraco debaixo dos pés e o engolisse». Sentiu-se muito envergonhado. Disse que, naquela noite, evocou a casa onde costumavam fazer amor. Recordou-se de ter perguntado a Doreen, mais ou menos nessa época, se estava grávida. Mais tarde interroguei a minha mãe sobre o assunto e ela respondeu que, naquela idade, não sabia o que queria dizer grávida.

Presumo que, depois de os meus pais saírem, todas as pessoas envolvidas

ficaram sentadas a conversar acerca da reunião. Nunca tive conhecimento do teor dessas discussões, pelo que só posso especular a respeito do que poderá ter sido dito.

O acontecimento seguinte foi que Tom O'Sullivan, agora oficialmente meu pai, convocou uma reunião de família para a noite de terça-feira seguinte. Ele não sabia que eu falara com a minha mãe no domingo anterior. Ainda estava abalada pelo seu mau acolhimento e por ter compreendido que tinham estado sempre casados um com o outro. A reunião de família foi realizada com a mulher, Doreen, e os seus nove filhos, em sua casa. Os cônjuges dos membros casados da família não foram convidados.

Mandou-os sentar e dirigiu-se a eles nos seguintes termos: “Quando a vossa mãe e eu éramos novos...” No fim do discurso, aparentemente, disse que ia telefonar-me e que todos podiam falar comigo. Meses depois, a minha irmã mais nova, Thelma, informou-me de que, entre o sábado do confronto e a terça-feira da reunião de família, ela sabia que se preparava qualquer coisa importante. Pensou que um deles, o pai ou a mãe, tinha uma doença grave. Tom, o pai, estava sempre a perguntar-lhe: “Ainda gostas de mim, Thelma?” Ela pensava que ele ia morrer. Parecia precisar de ser tranquilizado, como se um importante acontecimento vital estivesse prestes a ter lugar.

Na quinta-feira dessa semana, o meu pai fez então aquele primeiro e monumental telefonema para mim.

Alguns dias depois da chamada, o meu coração ainda batia loucamente com a excitação. Ainda não recuperara do facto de ter falado com o meu pai.

Os dias seguintes foram uma mancha vaga e uma agitação de actividade doméstica.

Fiz bolos.

Cozinhei pratos de carne.

Pus mesas.

Voltei a pôr mesas.

Consultei receitas.

Ficou tudo pronto.

Eu, em especial, estava pronta!

Harry entregou-se ao trabalho e Anthony andava excitado. Ronan era demasiado novo para compreender o que se passava.

Chegou o domingo.

Seria o dia mais importante da minha vida.

Os preparativos prosseguiram ao longo de todo o dia. Estava tudo em ordem. Tentei não pensar no que estava prestes a acontecer. Ia conhecer o meu pai. Ia estar com o meu pai e a minha mãe. Acho que, tendo chegado até este ponto, no fundo esperava que ele aparecesse sozinho.

Também tinha esperado que ele tivesse uma reacção mais imediata. Queria tê-lo a ele sozinho. Em vez disso, pairava sobre mim o espectro da minha mãe. Uma parte de mim ainda não recuperara do seu mau acolhimento ao atender o telefone. A outra parte esperava que, nos restantes dias da semana, o meu pai tivesse resolvido a questão da atitude da minha mãe para comigo.

Esperava que ele resolvesse todos os meus problemas. Pensava que ele obrigaria a minha mãe a amar-me. Esperava que, a partir de agora, tudo fosse “absolutameeeente beelo». Tudo correria sobre rodas na minha vida, porque o meu pai estava presente para resolver todos os meus problemas. Era uma estupidez pensar desta forma, mas as minhas capacidades mentais estavam enfraquecidas.

Na realidade, sabia que a minha mãe não queria fazer parte do meu reaparecimento ou intrusão na “sua» família. Nunca conseguiria aceitar-me como elemento da família. Agora, a minha opinião é que ela me deu vida e, quando eu tinha cinco meses, se livrou de mim. Aferrolhou a porta do seu coração e do seu espírito, deixando-me de fora e, por isso, nunca poderia aceitar-me.

Evoco muitas vezes o encontro no convento. Realizou-se a meu pedido. Até àquele encontro, ela controlava o meu desaparecimento. Depois desse dia, perdeu uma parte desse controlo e eu transformei-me numa ameaça muito real. Penso que ela talvez tenha compreendido que eu não ia desaparecer e que teria

de enfrentar o facto da minha existência. Penso que isso fez com que me odiasse.

Pus flores no quarto deles. Arranjei-as e re arranjei-as. Vesti-me para ir para o aeroporto. Depois eu, Harry e os dois rapazes fomos à missa vespertina da igreja de St. Bart em Nosbury. Não consegui concentrar-me na cerimónia. Estava muitíssimo apreensiva. A meio da missa, achei que o traje que escolhera com tanto cuidado para ir ao aeroporto não era adequado. Harry e os rapazes tiveram de se levantar e obriguei-os a sair dos seus lugares. Saímos pela nave lateral, metemo-nos no carro e regressámos a casa, onde continuei a meditar sobre o que havia de vestir para ir buscar o meu pai.

Mudei de roupa e, por fim, lá nos dirigimos para o aeroporto de Heathrow. Chegámos pontualmente, estacionámos o carro e dirigimo-nos ao edifício das Chegadas. Encostámo-nos todos à barreira. Anthony e Ronan portaram-se muito bem. É verdade! Fizeram tudo o que lhes pedimos. Deviam saber que eu estava muito ansiosa. Harry também não interferiu em nada. Penso que ele estava estupefacto com o que estava a acontecer.

Vi a minha mãe primeiro. Ao lado dela vinha um homem. Foi então que vi o meu pai pela primeira vez. Quando olhei para ele, soube que era o meu pai. Vestia um casaco desportivo creme, calças creme e sapatos de cabedal castanhos. Era um homem alto e bem constituído, que veio direito a mim num passo forte e confiante.

Larguei Harry e os rapazes. Cheguei primeiro junto da minha mãe. Mal a beijei. Agarrei-me aos braços abertos do meu pai e chorei abraçada a ele durante cinco minutos. Viemos para junto de Harry e dos rapazes, que nos esperavam do lado de fora da barreira. O meu pai beijou os rapazes e apertou a mão de Harry. Harry agarrou na bagagem e levou-a para o carro.

A minha mãe queria ir à casa de banho. Indiquei-lhe onde era e logo voltei para junto do meu pai. Não conseguia afastar-me dele nem por um instante. Achava que, se deixasse de o ver, ele poderia desaparecer. A minha mãe reapareceu e dirigimo-nos para o carro. Enquanto Harry e o meu pai arrumavam as malas na bagageira, a minha mãe disse-me: “O teu pai não sabe do nosso encontro no hotel Cruise. E eu preferia que ele não soubesse.»

Respondi-lhe: “Por causa do meu nascimento, tive de mentir toda a minha vida e recuso-me a continuar a mentir.» A minha resposta ergueu outra barreira entre

nós. Talvez as coisas começassem mal, mas eu já não estava disposta a fazer-lhe as vontades. Era a primeira vez que me recusava a fazer o que ela queria. Tinha acatado tudo o que ela havia dito até agora. Depois daquele choque medonho de descobrir o quanto ela me mentira, decidi que não continuaria a fazer tal coisa.

Depois fomos para a nossa casa, pequena mas impecável. Tinha dado de comer aos rapazes e o jantar estava preparado antes de sair para o aeroporto. Preparei a comida e Harry meteu os rapazes na cama. Depois, Harry, a minha mãe, o meu pai e eu sentámo-nos à mesa e comemos a refeição que eu cozinhou.

Eu estava no sétimo céu, mas muito nervosa. Estava nervosa porque não sabia se conseguiria corresponder às expectativas deles.

Achava que os meus pais tinham um ar muito elegante e distinto. A roupa que vestiam era cara. Tinha sonhado que eles eram aristocratas e ricos. Achei que correspondiam perfeitamente a essa minha fantasia.

Durante todo o jantar, o ambiente foi estranho. Eu estava à mesa com a minha mãe e o meu pai, em minha casa, e contudo não os conhecia. Para mim, eram dois estranhos. Falavam um com outro de maneira que revelava intimidade, como qualquer casal, mas eu sentia-me excluída durante essas curtas trocas de palavras familiares entre eles.

Toda a conversa entre nós foi trivial e cerimoniosa. O meu pai mencionou que já não era capaz de se orientar em Londres. Eu tentei fazer muitas perguntas acerca da família dele, na realidade, os meus irmãos e as minhas irmãs. Quem mais falou foi o meu pai e foi ele que me foi dizendo quem eles eram, o que faziam e com quem eram casados.

No fim do jantar, Harry começou a retirar os pratos da mesa e a levá-los para a cozinha, para serem lavados. Acho que ficou satisfeito por ter alguma coisa para fazer. A minha mãe ofereceu-se para ajudar Harry a lavar a louça. Disse-me: “Fiquem os dois aqui a conversar. Já passaste tempo suficiente sem ele.»

Eu fiquei surpreendida e satisfeita por ir com ele para a sala de estar. Sentei-me no sofá ao lado dele, agarrada à sua mão. A certa altura, ele disse: “Sabes, a tua mãe sempre quis ser enfermeira.»

Uma das coisas que me surpreendeu naquela altura foi que, quando fiz perguntas acerca dos meus irmãos e das minhas irmãs, esperava que me dissessem que

tinham carreiras acadêmicas ou negócios de sucesso. Afinal não era nada assim. Pareciam ter carreiras bem-sucedidas, mas normais. Tanto quanto me pareceu, tinham os pais, uma certa instrução e haviam sido criados em família. Pensei que, com estas oportunidades na vida, qualquer pessoa podia ter uma carreira bem-sucedida. Não conseguia compreender como pessoas que tinham tudo o que eu não possuía não tivessem um sucesso financeiro excepcional. Pensava que, quando temos pais, o mundo é o nosso casulo. Quanto mais pensava na situação profissional dos meus irmãos, mais me valorizava a mim própria. Comecei a pensar: “Eu tenho sucesso. Academicamente e a nível profissional, consegui tanto como eles. Sou alguém e fiz tudo sozinha. Fiz tudo sem a ajuda de mais ninguém.» Este foi o início dos meus pensamentos sobre mim mesma, pensamentos que me incutiram um sentimento crescente acerca do meu próprio valor.

Comecei a achar que talvez “não seja a escumalha da terra. Afinal de contas, sou uma pessoa digna de respeito». Comecei a ver-me a uma luz diferente e era uma sensação agradável.

Via pais que protegiam os filhos de todos os males do mundo. Perguntei ao meu pai: “Se tivesse sabido que eu existia, ter-me-ia querido?»

Ele não me deu uma resposta satisfatória. Disse: “Sim.» Mas depois explicou melhor, dizendo: “Se tivesses sido colocada noutro sítio, onde as minhas irmãs eram freiras, teriam cuidado bem de ti.» Esta resposta deu-me a sensação incômoda de que, afinal, ele também não me queria. Senti que também ele não queria a vergonha de uma filha ilegítima. Pensava que tudo estaria bem se me tivessem mandado para outro sítio, onde estivesse em segurança, mas escondida.

Voltei a falar dos meus irmãos e das minhas irmãs, da minha nova família de nove irmãos. Quando comecei a procurar o meu pai, não estava interessada nos outros filhos dele, pois tinha partido do princípio de que seria apenas uma meia-irmã, mas agora queria saber tudo acerca deles e estava ansiosa por conhecê-los.

Harry e a minha mãe tinham terminado uma longa e pormenorizada sessão de lavagem de louça e interromperam a conversa no sofá quando regressaram à sala. Foi decidido por consenso que devíamos ir todos deitar-nos e continuar a conversar de manhã. Dei um curto abraço à minha mãe e abracei e beijei o meu pai durante pelo menos mais cinco minutos. Depois fomos todos deitar-nos.

Não consegui dormir. A minha cabeça não sossegava.

O meu pai era tudo o que eu desejava que ele fosse. Embora tenha tido uma surpresa - não era solicitador. Na verdade, trabalhava como criado de mesa. Era forte e elegante. Era um homem muito interessante. De certa maneira senti, pela primeira vez na vida, que havia um homem em quem eu podia confiar, de quem podia orgulhar-me e, o que era ainda mais importante, uma pessoa a quem podia finalmente chamar pai.

A minha cabeça continuou às voltas pela noite dentro.

No dia 13 de Novembro de 1983, estivera com o meu pai pela primeira vez em toda a minha vida. Tinha trinta e cinco anos!

Na manhã seguinte levantei-me e preparei um pequeno-almoço que chegava para um regimento.

O meu pai disse que ia dar uma volta pelas lojas, à procura de um jornal. Pensei que devia estar mais interessado em conversar comigo, mas depois voltou e entregou-me um cartão de aniversário, que tinha impresso por fora. “Para a querida filha.» Por dentro, estava escrito “Para a Celine, com Muito Amor, do Pai e da Mãe.»

Claro, era o meu aniversário. Com toda aquela excitação, tinha-me esquecido. Era o dia 14 de Novembro, exactamente trinta e cinco anos depois do dia do meu nascimento.

Era o primeiro cartão de aniversário que recebia dos meus pais. Fiquei felicíssima quando o recebi, mas um pouco desiludida. Não esperava que me dessem nada pelo meu trigésimo quinto aniversário mas, quando recebi o cartão, fiquei mais ou menos à espera de uma lembrança, por muito pequena que fosse, para assinalar a ocasião.

Quando li o cartão, senti que tinha sido escolhido e comprado a pensar em mim. Mas, quando voltei a lê-lo mais tarde, achei que as palavras impressas no cartão tinham sido escritas para uma filha que sempre tinha conhecido os seus pais. Achei que ele devia ter achado que era uma situação especial e que alguma coisa não estava bem. Também achei que eles tinham vindo de mãos vazias. Não esperava nada para mim, mas achei que podiam ter trazido uma lembrança, mesmo pequena, para os meus filhos.

No aeroporto, quando chegou, o meu pai trazia um embrulho debaixo do braço. Quando entrámos para o carro, ele disse: “É um presente para os dois. Graças a Deus posso pousá-lo, quase me partiu o braço direito.»

Afinal era um presunto fumado de Limerick.

Eu queria uma coisa que pudesse guardar como recordação daquele dia especial que era, à excepção do nascimento dos meus filhos, o dia mais significativo da minha vida. Seja como for, o presunto de Limerick não estava propriamente à altura das circunstâncias! Atirei o presunto com uma força desnecessária para dentro do congelador, para o guardar para o Natal. Não era o suficiente para constituir uma recordação eterna do meu dia mais importante.

May e June, as minhas boas vizinhas, fizeram uma visita de alguns minutos, para conhecerem os meus pais. Ronan estava no jardim-de-infância e Anthony na escola. A minha mãe ficou ali sentada e pouco falou, mas o meu pai e eu passámos muito tempo a conversar.

Depois das vizinhas saírem, a conversa inicial nada teve de pessoal. Foi uma daquelas tagarelices banais. Ele queria saber onde me hospedava quando visitava a Irlanda. contei-lhe que costumava ir às corridas de Limerick com Carmell Dillon. Ele disse que estava sempre nas corridas de Limerick e que se me tivesse visto, me teria reconhecido, devido à semelhança física com a minha mãe.

Depois quis saber onde eu fora criada. contei-lhe que crescera em Kilmallock.

- Onde é Kilmallock?

- Em Ballyculhane.

Ele respondeu que conhecia a terra. Perguntou:

- Aconteceu lá alguma coisa?

- Aconteceu. Ele disse:

- Eu conhecia o lugar e conhecia a fama daquela casa. Virou-se para a minha mãe e perguntou-lhe:

- Sabias que a tua filha foi violada naquela casa em criança?

Eu nem podia acreditar que ele tivesse feito a pergunta de uma maneira tão fútil. Fiquei assombrada por ele conhecer a casa dos meus pais de acolhimento. Ainda mais chocada fiquei por ele ter conhecimento da reputação da “nossa» casa.

A minha mãe respondeu à pergunta de uma maneira altiva:

- Algumas pessoas não deviam ser autorizadas a criar crianças. Pensei que era um comentário caricato, vindo dela, mas falava a sério. Era evidente que se via a si mesma como um membro totalmente aceitável da comunidade com direito a criar crianças. Eu disse:

- O que aconteceu durante a minha infância afectou toda a minha vida.

De maneira hesitante, comecei a explicar os problemas sexuais do meu casamento. Acho que o meu pai não sabia o que dizer, porque mudou de conversa e começou a fazer perguntas acerca das mesmas pessoas de família em Kilmallock, sobre as quais Paddy O'Sullivan me tinha interrogado quando nos encontrámos. Desde que conhecera os meus pais, tinha algumas recordações súbitas de acontecimentos antigos. Acontecimentos que não faziam sentido começavam finalmente a tornar-se claros. O meu pai perguntou-me se eu conhecia o Bar O'Sullivan. Respondi que, na realidade, tinha lá trabalhado durante um curto período de tempo. A referência a Jimmy O'Sullivan desencadeou imediatamente uma recordação. Antes de ter sequer conhecido a minha mãe, estava sempre a pedir à irmã Bernadette que pedisse à minha mãe que me escrevesse uma carta. Enquanto trabalhei para Jimmy O'Sullivan e para a sua mulher, Nonie, um dia recebi pelo correio uma carta da irmã Bernadette. Dentro do envelope havia outra carta dirigida a “Celine». A irmã Bernadette escrevia: “Envio-te o tesouro por que esperavas.» Abri o envelope dirigido a “Celine», que não estava endereçado. Continha uma carta que dizia o seguinte:

Minha muito querida Celine,

É-me muito difícil ter tempo e encontrar uma sala vazia para te poder escrever sem ser interrompida. O teu pai nunca foi informado da tua existência. Se descobrisse agora, isso arruinaria o seu casamento e destruiria a família. Rezo todos os dias por ti e rezo para que possa ter-te nos meus braços antes de morrer. Agora com dezasseis anos, continuas a precisar de orientação. Pede conselhos à irmã Bernadette. Ela conhece o mundo e dar-te-á bons conselhos.

A tua mãe que te Ama Muito.

Eu tinha ficado excitadíssima ao receber esta carta. Queria mostrá-la a toda a gente. Para mim, demonstrava que eu tinha uma mãe que me amava. Na minha excitação, mostrei-a a Nonie. Depois de a ler, ela perguntou: “Como se chama a tua mãe?» Eu disse que se chamava Doreen. Em tom de desinteresse e em tom vago, Nonie disse: “A única Doreen de que alguma vez ouvi falar é casada com o primo direito de Jimmy, de Janesboro, em Limerick. Mas acho que não pode ser ela, pois tem nove filhos.» Naquele instante, com dezasseis anos, quase descobri quem era o meu pai.

Se ao menos tivesse compreendido até que ponto estava perto desse conhecimento.

Mas, naquela época, pessoas como eu não podiam fazer perguntas. De toda a maneira, não estava em situação de fazer ondas. Era a criada da casa, com uma negra história e condições para o provar.

Os visitantes que chegaram a seguir para ver as minhas jóias em exposição foram o irmão de Harry, Paddy, e a mulher, Kitty, com a irmã dela. Senti-me embaraçada por a irmã de Kitty estar ali. Achei que toda aquela situação familiar era uma vergonha. Havia anos que dizia a toda a gente que os meus pais estavam mortos. Era um choque para algumas pessoas descobrirem que tinham ressuscitado de repente, em especial pessoas que tinham estado no meu casamento.

Esta ressurreição era verdadeiramente de proporções bíblicas. Ambos os meus pais estavam agora vivos e de boa saúde, depois de estarem mortos e enterrados durante tanto tempo. Eu tinha preparado Paddy Roberts, mas não queria que o assunto se espalhasse para além da família mais próxima. Sentia-me tão envergonhada que não queria que a irmã de Kitty soubesse do assunto. Estava embaraçada porque os Roberts apresentavam-se como uma família muito recta e moralmente conservadora, enquanto eu tinha vergonha do meu nascimento. Paddy Roberts fez um comentário acerca da filha pródiga, mas os meus pais não reagiram.

A minha mãe começou por falar a Paddy acerca de “certas pessoas a quem não devia ser permitido criar crianças». O meu pai meteu-se na conversa e concordou com ela.

Fiquei ali sentada em estado de choque enquanto eles continuavam a conversa

denunciando algumas das minhas piores mentiras para conhecimento de todos. Os meus pais não deixaram margens para dúvidas aos meus piedosos cunhados acerca da maneira como eu fora criada e começaram a falar do meu passado com todos os pormenores. Eu estava em estado de choque e Harry, no seu papel de pilar da Igreja Católica, nada disse. Eu tinha falado confiadamente ao meu pai e à minha mãe acerca dos meus anos de horror. Achei que eles tinham o direito de saber. E ali estavam eles a conversar acerca de mim para a família Roberts, como se eu fosse uma estranha, revelando o meu passado que eles sem a menor dúvida iam desaprovar. Como podiam os meus pais tomar uma atitude tão moralizadora depois de me terem condenado à fossa da vida? Eu estava lívida, agitada e destroçada. Senti-me totalmente traída.

Embora estivesse em minha casa, no meu lar, rodeada pelos meus filhos que me amavam, senti-me encurralada. Nessa noite senti, mais uma vez, que não valia mais do que uma mera pedinte.

Saí da sala porque tinha de sair dali.

Fui fazer o jantar. Cozinhar sempre foi a minha fuga. Podia criar alguma coisa a partir dos destroços da minha vida. Estava a fazer por outras pessoas aquilo que queria que fizessem por mim. Queria que cuidassem de mim. Nessa noite, quando meti os meninos na cama, lembro-me de ter pensado que eles eram as únicas coisas preciosas que tinha na vida. Eram as únicas pessoas em quem podia de facto confiar.

No dia seguinte, os meus pais e eu fomos às compras. No escritório da Aer Lingus, em Regent Street, reservámos um bilhete para eu ir a Limerick conhecer os meus irmãos. Regressaria a Shannon com eles no domingo seguinte. Quis comprar um par de sapatos de verniz para a minha viagem à Irlanda. A minha mãe ofereceu-se para me pagar os sapatos, mas eu recusei.

O meu pai disse:

- Deixa-a pagá-los, ela deve-te milhões.

Acabei por comprar uns sapatos baratos, que normalmente não teria usado, para que a conta que a minha mãe ia pagar não fosse tão alta. Depois da perturbação da noite anterior, era o máximo que eu conseguia forçar-me a aceitar dela.

17. Rivalidade entre irmãos

Chegou domingo e apanhámos o avião para o aeroporto de Shannon. Passámos pelo controlo alfandegário sem sermos investigados. Comecei a sentir-me nervosa. Não sabia quem ia conhecer. Quando nos aproximámos da última porta, que dava acesso à sala das chegadas, hesitei. O meu pai tocou-me levemente nas costas e incentivou-me verbalmente: “Anda, rapariga. Afinal é a tua própria família, de que tens medo?»

Entrei na sala de chegadas, grande como é costume, e vi o habitual mar de rostos, cada um deles à procura de uma determinada pessoa. Quando passei pela porta, fui abordada por um pequeno grupo de pessoas, dois homens e duas mulheres. Tinham-se afastado da multidão. Fui submergida por um pequeno, ruidoso e excitadíssimo exército.

O meu pai aproximou-se por trás de mim. Fez a apresentação geral a todo o grupo com as palavras: “Esta é a vossa irmã há muito perdida.» Depois apresentou-me os meus irmãos e as minhas irmãs, um a um.

Foi uma experiência muito emotiva. Chorei muitas lágrimas.

Era tudo tão irreal. Era como se aquela família estivesse junta e eu estivesse de fora. Não me sentia parte de uma família. Quando nos metemos no carro, a minha nova irmã Eileen disse: “Senta-te aqui atrás comigo, mana.» Fiquei encantada. Era a primeira vez que me sentia inserida. Achei que ela estava a incluir-me na família.

Era um torvelinho emocional.

Continuava a ter reacções diferentes à minha chegada. Com o passar do tempo, Eileen e eu não seríamos amigas. Ela tornou-se ciumenta. Achava que o pai tinha deixado de se preocupar com ela. Não gostava que eu falasse com o pai ou ele comigo. Meses mais tarde, quando o meu pai esteve em Londres comigo, ele perguntou-me se eu queria alguma coisa. Eu disse que não queria dinheiro; só queria estar com os meus pais. Harry disse-lhe que eu sempre quisera ter um anel de Claddagh. Então ele comprou-me um. Quando me deu o anel, achei que

era belo. Seria uma recordação especial de quando nos tínhamos conhecido. Mas, quando os outros souberam que ele me tinha dado um anel de Claddagh, também quiseram um. E ele comprou um para cada.

Foram para casa do meu irmão. Chamava-se Tommy O'Sullivan Jr. Conheci a mulher dele, Marion. Em casa dele estava uma outra irmã, chamada Avril. Trazia um fato de xadrez e estava muito elegante. Achei que ela não gostava que eu estivesse ali. De todos os meus irmãos, pareceu-me que Avril era quem mais detestava a ideia de a “existência secreta de uma irmã mais velha ilegítima» ter sido revelada. Mas, com o tempo, Avril e eu tornámo-nos bastante amigas. Reparei, contudo, que nunca me apresentou a nenhuma das suas amigas.

De modo geral, verifiquei que, embora fosse bem recebida pela família, não fui apresentada aos seus amigos e vizinhos. Entendi isso como um sinal de que, no fundo, continuavam a ter vergonha de mim. Os amigos e os vizinhos sempre haviam pensado que Eileen era a mais velha de todos os irmãos, mas agora teriam de explicar a toda a gente que a mais velha era eu. Explicar este facto a toda a gente teria envolvido muitos outros pormenores sórdidos e por isso parto do princípio de que terão pensado que seria melhor ficarem calados. Pensando no assunto, se a situação fosse a inversa, provavelmente eu teria feito a mesma coisa. Mesmo assim, a ausência da aceitação incondicional dóia.

Depois do jantar em casa de Tommy Jr., levaram-me para casa dos meus pais em Janesboro, Limerick. Quando estávamos a chegar, quiseram que eu adivinhasse qual era a casa deles. Não acertei. Não era nada do que estava à espera. Esperava que fosse uma grande casa particular com o seu próprio terreno à volta. A imagem que eu construía ao longo da semana de contactos com o meu pai era de uma propriedade com um canil, que eu confundira com um estábulo para cavalos.

Quando por fim a vi, fiquei chocada. Fizeram-me entrar para uma casa camarária, a última de uma série de casas pegadas umas às outras.

O meu pai disse: “Bem-vinda a casa.»

Estavam lá muitas pessoas. Fui apresentada aos cônjuges e aos filhos de todos os meus irmãos. Eu estava assombrada. Uma mulher separou-se da multidão e disse à minha mãe em voz alta, para que toda a gente ouvisse: “Doreen, como pudeste recusá-la? Não há dúvidas, é a tua cara chapada.»

A minha mãe reagiu, olhando para ela como se quisesse matá-la. A mulher chamava-se Tess. Era casada com o irmão mais novo do meu pai, Frank. Fiquei com a impressão de que a minha mãe não gostava muito de Tess.

Vim a saber mais tarde que a minha mãe era muito amiga de Frank. Disse-me que, quando Frank cantava nas festas, costuma cantar uma canção especial para ela. A canção era “Good Night, Irene», mas substituía o nome para ficar “Good Night, Doreen». Eu disse que Frank era muito gentil e não pensei mais no assunto. Frank tratava-me como se eu fosse uma criança. Com o passar do tempo, comecei a apanhar o avião entre Shannon e Londres e ele ficava à espera de que eu embarcasse. Dava-me sempre uma caixa de chocolates e um beijo em cada face.

No sábado à noite, fizeram uma festa em família. O meu pai não gostava de ter álcool em casa, mas comprou uma garrafa de vinho branco Black Tower para mim, porque sabia que eu gostava de beber vinho. Toda a minha nova família esteve presente. Durante a semana, conhecera todos os meus nove irmãos, quatro mulheres e cinco homens. Por ordem decrescente de idades, eram: Eileen, Avril, Tommy Jr., John, Marcus, Niall, Rosaleen, Michael e Thelma. Estavam todos na festa e cantámos, mas não bebemos álcool. Eu sentia-me feliz no meio deles e gostei deste sentimento. Finalmente, tinha alguma sensação de pertença.

Numa das noites fomos a Buttevant, eu, os meus pais e Tommy Jr., visitar Kit e Tony. Kit disse-me: “Perdi a minha pequena família.»

- Não, nunca! - respondi, e era o que pensava de facto.

Depois da festa, regressei a Londres de avião. Queria estar na minha casa com os meus filhos mas, ao mesmo tempo, queria estar em Limerick com os meus pais. Queria que eles me dessem importância. Pensava que seria diferente, pensava que me apresentariam aos amigos e aos vizinhos, mas isso não aconteceu. A minha visita foi muito fechada e limitada à família mais próxima.

Estávamos em Novembro de 1983. De regresso a Londres, escrevi à minha família. Na carta, dizia que “sentia amor em todos os recantos da sua casa». Não sabia o que isto queria dizer, mas pensei que era o que devia dizer. Queria ser aceite por eles. Ainda estava nessa fase. Encontrara a minha família, ela dera-me as boas-vindas e, mesmo assim, continuava a sentir-me infeliz comigo própria. Continuava a achar que era inaceitável. Iria este sentimento dominar a minha

vida para todo o sempre?

Desta vez, a vida em Londres não regressou à normalidade. Falava ao telefone com os meus pais - em boa verdade, com o meu pai - sempre que podia. Ele também me telefonava muitas vezes. Ambos me escreveram muitas cartas. Eram cartas amoráveis, tanto nas palavras como nos sentimentos. Eu ficava assombrada com as cartas, em especial com as que a minha mãe escrevia.

Em contrapartida, sentia vergonha da minha escrita. Mais tarde, a minha mãe aproveitou outra oportunidade para me humilhar, dizendo que a minha escrita não era tão boa como a dos meus irmãos. Sugeriu que era porque não fora criada tão bem como os seus outros filhos. O comentário trouxe-me à memória outra recordação quando, numa visita, anos mais tarde, encontrei a irmã Claude, a minha antiga professora.

Disse-lhe então que lamentava ter faltado tanto à escola e perguntei-lhe se na altura ela tinha tido conhecimento do que se passava comigo. Ela respondeu: “Sabia que tinhas sido criada com muitos maus-tratos.» Eu sabia que ela tinha razão. Senti-me embaraçada com a minha falta de educação e concordei com a minha mãe. Até me culpei a mim própria por ter dificuldades na escrita.

Chegou o Natal e eu queria comprar muitos presentes para a minha nova família. Pensei que, se comprasse presentes para todos, seria mais aceitável para eles. O primeiro da lista era o meu pai. Comprei-lhe um dispendioso casaco de pele de cordeiro, que na altura estava muito na moda. Também comprei muitos presentes para a minha mãe e uma lembrança para cada um dos meus nove irmãos. Comprei também uma lembrança para cada filho dos meus irmãos casados. Tudo junto custou-me uma fortuna. Mandeí tudo pelo correio, pois não tinha sido convidada para lá ir. Em troca, recebi alguns presentes dos rapazes, mas foi tudo. Senti-me um pouco desiludida.

Continuava a ter problemas de saúde. Consultei o ginecologista em Janeiro de 1984. Logo que me fizeram um exame interno, tive uma hemorragia. Disseram-me que a cauterização já não era uma opção viável. Aconselharam-me a fazer uma histerectomia. A operação foi marcada para 26 de Fevereiro de 1984. Não poderia ter mais filhos. Esta foi uma realidade que me destróçou. Quando seguiu para casa depois da consulta, estava tão perturbada que telefonei aos meus pais para lhes dar a notícia. Sabia que, com os meus antecedentes, alguma vez isto tinha de acontecer, mas não deixou de ser um abalo terrível. A minha mãe não

mostrou grande compreensão, dizendo que ela própria tinha feito uma histerectomia e que não havia razão para me afligir.

No domingo anterior à operação, o meu pai e a minha irmã mais nova, Thelma, chegaram a Londres. Ela tinha 17 anos. O meu pai tinha-me dito que ela queria ser enfermeira. Nunca me pediram para ajudar, mas estava implícito que eu poderia abrir determinadas portas no mundo do curso de enfermagem.

Pensei que era isto que os membros de uma família faziam uns aos outros, por isso tratei de lhe procurar um lugar adequado como Enfermeira Estagiária. Marquei uma entrevista no Hospital St. Georges, em Tooting, e no Hospital West Park, em Epsom. Informei-a sobre o que devia esperar e sobre as respostas mais indicadas. Ela foi aceite nos dois e optou pelo West Park.

Quando o meu pai soube, ficou muito satisfeito. Pediu-me que tomasse conta dela, para que ela fosse uma boa enfermeira. Isto significava que tinha de viver com Harry e comigo. Nunca pus em causa que ela viesse viver connosco e Harry não se importou. Parti do princípio de que era assim que as famílias agiam. Sucedeu o mesmo quando o meu pai me pediu que lhe arranjasse umas colheres próprias para comer toranjas para uma das minhas tias freiras. Este pedido trouxe imediatamente à ideia recordações do orfanato, quando servia o pequeno-almoço ao padre, e da fome que costumava sentir, mas achei que tinha de ajudá-lo a encontrar as colheres. Afinal de contas, era o meu pai.

Thelma devia começar a trabalhar na segunda-feira. Como era o primeiro dia, combinámos que Harry a levaria de carro ao trabalho e que iria buscá-la à tarde, quando ela acabasse. Tudo correu bem até ele voltar à tarde para ir buscá-la. Ela não estava. Quando foi à procura dela, foi informado de que tinha “ido para casa». Quando Harry chegou a casa, ficou a saber que, ao fim de uma hora de trabalho, ela se tinha ido embora porque “ser enfermeira era uma coisa medonha, temos de limpar o lixo das pessoas». Tinham-na colocado numa enfermaria de adultos. Quando ela se queixou propuseram-lhe que ficasse numa ala pediátrica com crianças, mas ela recusou-se a ficar.

Depois de todo o trabalho que eu tivera, só tinha prestado serviço durante uma hora. Estava firmemente decidida: “Vou voltar para casa e não se fala mais no assunto.»

O meu pai ia para casa no domingo seguinte e um amigo nosso que tinha um bar

passou por nossa casa para o conhecer. Ofereceu a Thelma um emprego na cozinha do bar e Thelma aceitou. O meu pai deve ter falado à minha mãe acerca da mudança de planos profissionais da filha, porque alguns dias depois recebi um telefonema furibundo dela. A minha mãe informou-me de que “não tinham educado Thelma para ser criada para todo o serviço na cozinha de um bar ordinário de Londres».

Dei entrada para fazer a histerectomia. Mais uma vez, o meu pai decidiu o que era melhor para mim. Decidiu que a minha mãe devia vir cuidar dos meus filhos, com a ajuda de Thelma, enquanto eu estivesse no hospital. Disse que assim a minha mãe se aproximaria mais de mim. Normalmente, eu teria pedido a Kit que viesse tratar de Harry e dos rapazes. Foi o que fizemos nas vezes anteriores em que estive internada no hospital e não surgira qualquer problema. Eu devia ter sido mais categórica e dito ao meu pai que era capaz de fazer os meus próprios planos. Mais uma vez, pensei que isto era o que os pais faziam, por isso concordei com a solução.

A relação entre Harry e a minha mãe foi desoladora. Dois dias depois da operação, ela telefonou-me para o hospital. Queixava-se de que tinha emprestado dinheiro a Harry e que queria que ele lho devolvesse imediatamente. Pensei que ele lhe tivesse pedido uma fortuna. Dois dias depois, telefonou de novo com a mesma queixa: ele ainda não lhe tinha pago o empréstimo. Recusou-se a dizer qual era a quantia em causa.

No dia seguinte, pedi alta antecipada, contra a opinião dos médicos. Cinco dias depois de ter feito uma histerectomia, estava em casa. Logo que entrei, sentei-me entre Harry e a minha mãe para os confrontar.

- De quanto foi o empréstimo? - perguntei.

- Nove libras.

Dei-lhe o dinheiro.

Vim a saber que Harry precisou de nove libras para gasolina e pediu-lhas emprestadas. Suponho que Harry queria dizer “um empréstimo permanente» e esqueceu imediatamente o assunto. É provável que não tivesse a intenção de devolver o dinheiro. Foi a sua maneira de pedir as nove libras que lhe faltavam, pois a gasolina já estava no carro. Acho que ele não queria com isso desencadear a Terceira Guerra Mundial!

Eu devia estar na cama a descansar, mas a guerra continuava no andar de baixo. Ela queixou-se da comida. Ele tinha pão branco e ela queria pão escuro. Ele tinha flocos de aveia e ela queria papas de aveia.

Eu estava transtornada. Afinal o que ela queria era que alguém tomasse conta dela!

Ainda provocou maior perturbação ao dizer às minhas vizinhas que ela e o meu pai iam construir um lar de enfermagem para eu explorar, pois queriam que eu tivesse alguma segurança na vida. Disse que o meu marido não passava de um perdulário sem instrução, sem nenhuma perspectiva de vida. Embora a minha vida se tivesse baseado em tantas mentiras, considerava-as necessárias para a minha sobrevivência. Nunca contei mentiras só para apresentar uma imagem pretensiosa de mim própria.

Em vez de me ajudar na convalescença, a presença da minha mãe fez com que me sentisse pior. Estava muito confusa. Depois Thelma achou que devia mostrar-me uma carta que recebera de Avril. A minha segunda irmã achava que a mãe não devia ser obrigada a aceitar-me. Fiquei muito ferida. Tinha a esperança de que juntas conseguíssemos mudar o passado, mas é evidente que não era possível. Comecei a compreender que os anos de infelicidade e sofrimento não podiam ser desfeitos.

18. Comprando aceitação

A minha recém-encontrada família desencadeou outra alteração atípica no meu comportamento. Ao longo de toda a vida, sempre tinha provido às minhas necessidades. Nunca ninguém me tinha dado nada. Fora obrigada a ser consciente e cuidadosa com as minhas despesas. Não gosto de economizar, mas nunca permiti que as minhas finanças andassem ao Deus-dará. Mas agora, se algum dos meus recém-encontrados parentes dissesse que queria alguma coisa, eu comprava e oferecia.

Avril comentou a propósito de qualquer coisa que precisava de uma carpete nova para casa. Sondei-a, para saber que tipo e cor ela preferia. Comprei uma em Londres e despachei-a para casa dela, em Limerick. Os meus pais precisavam de uma televisão, pois só tinham um aparelho a preto e branco. Nessa altura eu tinha uma pequena televisão a cores portátil, que lhes foi entregue em Limerick. Os vídeos acabavam de aparecer no mercado. Os meus pais disseram que gostavam de ter um, por isso mandei-lhes um gravador de vídeo. Mencionaram que não tinha um jogo completo de sofás: despachei o nosso para Limerick. Uma vez, quando estavam em minha casa, admiraram a passadeira da escada. “Querem-na?», perguntei. Foi devidamente retirada da escada e mandada para Limerick. Nessa altura, o meu raciocínio subconsciente para este comportamento irracional era que, se lhes desse o que queriam, me aceitariam e permitiriam que eu fizesse parte da família. Teria feito fosse o que fosse para ser um elemento aceitável daquela família. Anthony ainda hoje se lembra da sua bicicleta BMX ter sido despachada para ser entregue aos primos de Limerick. Harry não parecia importar-se. A única vez que se zangou a sério foi ao descobrir a história do lar de enfermagem.

Eu queria ser importante para eles e queria que eles dissessem aos vizinhos e aos amigos: “Esta é a minha filha...», ou irmã, ou tia, consoante o caso. Desejava, do fundo do coração, ouvir a minha família dizer estas palavras a alguém que fizesse parte da família. Precisava que sentissem orgulho em mim. Mas foi coisa que nunca aconteceu.

Sentia que eles tinham vergonha de mim e que, fizesse eu o que fizesse, nunca me aceitariam. Naquela família, eu sentia afinidade com algumas pessoas mas,

no conjunto, sempre me fizeram sentir uma estranha. Eu devia ser considerada um deles. Mas nunca seria assim. Era carne da sua carne e sangue do seu sangue, mas olharam sempre para mim como se estivesse abaixo deles. Sentia-me menos que humana. Só porque os meus pais não eram casados quando fui concebida e quando nasci, foram tomadas levianamente certas decisões que mudaram por completo a minha vida, em especial quando comparada com a dos meus irmãos e irmãs de sangue. As mais diversas coisas me recordavam. Lembro-me da primeira vez que lavei o cabelo com champô em casa de Kit, quando tinha doze anos. Imagine-se o que é nunca ter lavado o cabelo com champô. É uma coisa que toda a minha família considerava um direito humano básico desde o dia do seu nascimento. Até então, nem sequer sabia o que era champô. Nem nunca tinha estado convenientemente lavada. Enquanto vivi com os meus pais de acolhimento, por vezes lavava-me num charco que havia no canto de um campo perto de casa. O charco tinha-se formado na confluência de dois riachos que corriam nos limites da propriedade. Provavelmente, o charco destinava-se ao gado ou outros animais domésticos, para terem onde beber ou chafurdar. O fundo do charco era lamacento, mas só nos atolávamos alguns centímetros. Lembro-me de que, na Primavera, ficava cheio de pequenos sapos, mas no Verão estava sempre cheio de algas verdes. Aquele charco foi o único sítio onde me pude lavar até aos doze anos. Quanto mais falava aos meus irmãos e irmãs sobre a infância deles, mais pensava na falta de champô, de pasta de dentes, de escova de dentes. A higiene era apenas um exemplo. Embora só alguns quilómetros me separassem fisicamente dos meus irmãos, as nossas vidas quotidianas estavam a muitas, muitas léguas de distância.

O meu relacionamento com a minha recém-encontrada família, e em particular com a minha mãe, começou a deteriorar-se. Quando o meu pai se habituou a mim e tentávamos convencer Thelma, nada entusiasmada, a fazer carreira na enfermagem, a minha mãe escreveu ao meu pai uma carta que ele me mostrou. Nela descrevia ao pormenor as saudades que tinha dele. Na realidade, muitos dos pormenores falavam da falta que ele lhe fazia, em particular e em especial sexualmente, na cama. Estava zangada por ele ainda estar em Londres. Ele telefonou-lhe para tentar acalmá-la, mas não valeu de nada. Eu senti que, no fundo, a ira dela era contra mim. Estava furiosa, sobretudo porque o meu pai e Thelma não lhe tinham telefonado.

O meu pai pôs Thelma ao telefone para falar com ela. Quando Thelma falou, a mãe chamou-lhe “Mud» (“lama»)). Mais tarde, quando falei nisso, ela disse-me que era uma alcunha. Contou-me que cada um tinha a sua e que se tratavam

pelas alcunhas. Tommy era “Toss» (“atira»), Eileen era “Shinny» (“lustrosa») — nada de especial.

Para mim, era. Senti ciúme.

Senti-me loucamente ciumenta.

Quis saber se eu tinha uma alcunha, mas claro que não tinha.

Perguntei a Thelma: “Qual será a minha alcunha?»

Ela limitou-se a rir.

Durante esta conversa, também compreendi que todos os meus irmãos tinham um segundo ou mesmo um terceiro nome, como Thelma, que era Thelma Dolores Eileen. Mas eu só tinha um - Celine. Em vez disso, tinha tido uns quantos apelidos. Compreendi que nunca faria parte daquela unidade familiar.

E os ciúmes tomaram mais uma vez conta de mim. Em comparação com o que tive enquanto era menina, eles tiveram uma vida perfeita. Tiveram comida, roupa e camas onde dormir. Sempre que me sentia excluída, voltavam à minha memória recordações horrendas. Eles nunca tiveram de roubar comida. Eu tinha sempre fome, porque comia pouco e mal. Tinha de deitar mão à comida, quando e onde a apanhasse.

No Verão, podia comer vegetais crus, dos que eram cultivados nos campos à nossa volta. Comia batatas, cabeças de nabo, couves e cebolas, tudo o que conseguia apanhar, tudo cru. Pelo ano fora, apanhava cogumelos nos campos, enquanto nas sebes havia amoras, morangos e framboesas silvestres. No Inverno e noutras épocas do ano, podia sempre contar com os despojos da Igreja Católica. Na pior das hipóteses, quando estava mesmo perdida de fome, ia à Igreja Católica de Kilmallock e comia as velas de cera. Havia sempre muitas. Vendiam-nas por um cêntimo às pessoas que quisessem acender uma por alguma intenção especial.

Acho que as pessoas eram levadas a pensar que o facto de acenderem uma vela lhes garantia uma mediação especial com Deus. Partiam do princípio de que Ele ouviria com mais benevolência o seu pedido, se comprassem uma vela de cêntimo. Ainda hoje tenho na boca o gosto das velas. Compreendo agora que tive muita sorte por não ter sido apanhada a comer as velas. Provavelmente ter-

me-iam prendido e levado a tribunal, mas não me teriam retirado aos meus pais de acolhimento. Estes ter-me-iam morto se descobrissem. Já era bastante mau saber que Deus e Nossa Senhora me vigiavam e podiam vir buscar-me. Eu acreditava que eram reais e que podiam atirar-me para o inferno. Costumava erguer os olhos para os vitrais, de onde todos os santos olhavam cá para baixo, e sabia que eles estavam a observar a minha maldade, por comer as velas.

Embora não soubesse, a minha fama não era provavelmente grande naquela altura. Tanto as crianças como os adultos me chamavam muitos nomes diferentes. Não era muito apreciada. As pessoas chamavam-me “rameira», “prostituta» e “puta», entre outros nomes. Na verdade, eu não sabia o que as palavras queriam dizer, mas sabia, pela maneira malévola como mas diziam, que não eram boas palavras.

Por volta dos dez anos, o meu corpo tinha-se habituado aos abusos e ao sofrimento que os acompanhava. Deixei de ter dores e mesmo de sentir a metade inferior do meu corpo. Se os homens queriam abusar do meu corpo, era o que faziam, desde que tivessem a aprovação da minha mãe de acolhimento. Passado algum tempo, já compreendia que os homens davam dinheiro à minha mãe “para me foderem».

Descobri que, se recebesse dinheiro para “deixar alguém foder-me», ela me tratava com uma espécie de “afecto». “Porta-te bem, rameirinha», dizia ela, afastando-me do caminho; ou então dava-me o que podia ser considerado uma palmada amigável na nuca, enquanto contava o dinheiro. Um empurrão era o máximo que eu podia esperar dela em termos de contacto físico afectuoso. Ela era quase sempre tão intratável que eu não podia dar-me ao luxo de me aproximar dela em busca de afecto. Mas descobri que ela conseguia ser ainda mais agradável se lhe desse dinheiro que tivesse “ganho» por minha própria iniciativa e não por intermédio dos contactos dela.

Descobri que alguns dos homens que me “queriam foder» eram bastante agradáveis antes do acontecimento e alguns até depois do acontecimento. Se me encontrassem na rua, ignoravam-me deliberadamente. Mas, se me encontrassem em sítios onde não estivesse mais ninguém, falavam comigo e diziam-me coisas agradáveis. Faziam com que me sentisse especial. Mas acabavam sempre a conversa a dizerem “que me iam foder».

Quando eu tinha doze anos, um homem que eu apenas conhecia como “o

trabalhador da quinta do Hannon», em Kilmallock, costumava dar-me uma nota de dez xelins se “me deixares foder-te no adro da igreja». Isto aconteceu muitas vezes durante o Verão, no prado comprido perto das árvores de folha perene ao lado da muralha da terra, atrás da espantosamente grande igreja de Kilmallock. Lembro-me de estar deitada de costas enquanto ele “me fodia» e de pensar que a torre da igreja era tão alta que devia chegar ao céu. Quando ele acabava, era sempre muito gentil comigo. Alisava e sacudia a minha roupa amassada. Dava-me sempre uma nota de dez xelins, recomendando-me que não dissesse nada a ninguém a nosso respeito e dizia-me quando devia ir ter outra vez com ele atrás da igreja.

Eu costumava entregar a nota de dez xelins à minha mãe de acolhimento, que ficava muito satisfeita comigo. “Dez dele, oh céus, aquele miserável "este e aquele e aqueloutro" está mesmo atacado, que lhe terão feito os padres, e tu és uma boa rapariga.» Mas eu não sabia o que estava a fazer. Como podia uma rapariga de dez anos virar as costas e dizer “não»? Claro que o facto de dar o dinheiro à minha mãe de acolhimento se virava sempre contra mim. Mandava-me ir ao bar do Meade buscar cerveja e whisky. O que queria dizer que havia festa e que toda a gente se embebedava. Quando o meu pai de acolhimento era vivo, embebedava-se à grande. Quando se embebedava, tornava-se agressivo e batia em quem estivesse junto dele. Nunca batia na minha mãe de acolhimento porque tinha medo dela, que era bem capaz de se defender. Se ele lhe batesse, ela havia de lhe bater com o dobro da força. Ele só podia bater em quem não pudesse defender-se. Bateu-me tantas vezes com a correia de cabedal do fole da lareira e eu ficava tão cheia de dores que tinha de ficar deitada, muitas vezes durante vários dias, até conseguir mexer-me. A pouco e pouco, aprendi a orientar-me pelo que fazia Spot, o cão. Quando ele começava a ficar bêbedo, Spot escapava-se e escondia-se. Sabia que alguma coisa estava diferente e ficava inquieto. Estava na altura de irmos para o sítio onde eu dormia. Spot e eu enrolávamo-nos um no outro e esperávamos que se esquecessem de nós. Quando se embebedavam ainda mais, Spot desaparecia por completo. Costumava enfiar-se sob um armário baixo, onde ninguém conseguia chegar-lhe. Eu não tinha tanta sorte. Claro que, depois da morte do meu pai de acolhimento, uma festa significava que os mesmos homens apareciam lá em casa e nunca me deixavam em paz.

Uma consequência importante de conhecer todos os membros da minha família foi que comecei a ter aquelas recordações súbitas do meu medonho passado. Não conseguia impedir-me de comparar a minha infância tão infeliz com a que me

parecia ter sido a infância idílica vivida pelos meus irmãos. Essas recordações súbitas, que ainda hoje tenho, podem provocar-me uma enorme depressão. Dependendo da gravidade da recordação dolorosa, posso demorar dias a recuperar. Desejo do fundo do coração conseguir libertar-me dos pesadelos do meu passado.

Depois da histerectomia, o meu pai telefonava-me todas as noites para o hospital. Quando voltei para casa, continuou a telefonar-me todas as noites, o que provocou um desentendimento entre ele e a minha mãe. Durante uma das nossas conversas, disse-lhe que me sentia pior em casa por causa das discussões entre a minha mãe e Harry.

Ele disse logo:

— Vem para Limerick e podes ficar seis semanas a recuperar.

Embora nessa altura já tivesse compreendido que ele estava longe de ser o pai perfeito, continuava a maravilhar-me. Continuava a ser a personificação da figura paterna das minhas fantasias e da maneira como o imaginara durante todos aqueles anos que passei sem ter um pai. Respeitava-o e, por isso, embora com alguma relutância, decidi aceitar a oferta dele e ir passar a Limerick as seis semanas de recuperação no seio da minha família. No fundo, não tinha a certeza se devia ir. Estava a entregar o controlo a uma pessoa que não conhecia bem e não me sentia à vontade com esse aspecto da questão.

Informei a minha mãe deste acordo. Ela queria ir o mais depressa possível. Estava ansiosa por se afastar de Harry, da casa e de Londres. Ronan e eu seguimos com a minha mãe para Limerick. Harry ficaria em Londres e tomaria conta de Anthony, que ainda tinha escola. Como eu recebera instruções rigorosas do hospital para não fazer trabalhos pesados, tive de fazer a viagem como inválida. Comprei bilhetes para Ronan e para mim. Fomos os três para Heathrow para apanharmos o avião para Shannon.

Quando nos preparávamos para embarcar, a minha mãe foi informada de que não havia lugar. Tinha um bilhete de lista de espera. Ficou furiosa. Quando me levaram com Ronan numa cadeira de rodas para a rampa de acesso ao avião, a última visão que tive da minha mãe foi de dois seguranças de uniforme que tentavam reter uma mulher furibunda e aos gritos. Eu sentia-me demasiado doente para me importar. Fingi que não a conhecia. Sabia que o meu pai estaria à

minha espera quando o avião aterrasse e por isso segui viagem.

O meu pai foi buscar-nos a Shannon e levou-nos para casa, em Janesboro. Contei-lhe o que sucedera à minha mãe. Ele não se incomodou. “Ela sabe com o que conta, logo acaba por arranjar lugar.» Quando chegámos a casa, meteram-me na cama para descansar. A minha irmã Rosaleen tornou-se companheira e amiga de Ronan.

O dia seguinte passou e nem sinal da minha mãe. Foi um belo dia tranquilo. No dia seguinte, entrou um furacão pela porta dentro. A minha mãe tinha chegado.

Estava muito zangada com toda a gente. Quando ficou em terra, teve de apanhar um táxi para ir de Heathrow para minha casa. Quando chegou, bateu à porta. Quando a porta se abriu, avançou pela casa dentro, deixando Harry assombrado. Exigiu que Harry a levasse ao aeroporto no dia seguinte. Ele desculpou-se dizendo que não estava disponível. Ninguém o convenceria a levá-la ao aeroporto depois dos desaforos a que fora sujeito. Harry é uma pessoa generosa em quase todos os aspectos mas, naquele dia, teria dado boleia para Heathrow a qualquer pessoa excepto à minha mãe. Ela teve de ir de táxi para o aeroporto.

Como Shannon é um destino de pouca importância no mundo da aviação, são poucos os voos diários para lá e em geral estão cheios. Por isso, ficar em lista de espera é um mau sistema para fazer a viagem. Pode ser barato, mas corremos o risco de ficar em terra. Não era tanto o tempo perdido que incomodava a minha mãe, mas antes a ignomínia de ter de se assumir ou ser considerada como uma unhas-de-fome. Bastava ver a minha mãe vestida à última moda e com o seu ar arrogante para se ficar a saber que ela achava que tinha o rei na barriga!

No dia seguinte não arranjou voo. Teve de apanhar outro táxi para ir ter com Harry. Voltou a entrar pela casa dentro sem pedir licença.

Ele não esperava voltar a vê-la e, se tivesse pensado que ela ficaria outra vez em terra, não teria aberto a porta. No dia seguinte, ela não lhe pediu que a levasse ao aeroporto, pois julgou que compreendeu que ele recusaria. Conseguiu lugar no avião à terceira tentativa.

Logo que se instalou na sua casa, enfiou-se na cama. Nunca dela saiu para me ajudar. O meu pai saía todas as manhãs para o trabalho, convencido de que a minha mãe cuidava de mim. Eu tinha de acender o lume todas as manhãs. Tive de cozinhar para Ronan e para mim e para quem mais estivesse em casa. Quando

se levantava, era para se queixar de que Ronan e eu estávamos a comer tudo o que eles tinham e não tinham. Tinha fúrias monumentais por causa dos nossos hábitos alimentares. Tentei explicar-lhe que ela andava a tomar demasiados medicamentos, sobretudo Valium. Pensei que era esta a explicação para o seu comportamento irracional comigo. Ela discutia por tudo e por nada e tomava tantos comprimidos que era um exagero. Eu estava preocupada, mas ela achou que era interferência da minha parte.

Mais uma vez, eu estava sem ajuda e a minha saúde piorava. Nessa altura pesava pouco mais de 38 kg.

Pensei que ia morrer e queria voltar para Londres. Sempre que falava nisso ao meu pai, ele convencia-me a ficar, dizendo que a minha mãe queria que eu ficasse e que ela me amava. Quando ele estava em casa, ela fingia que éramos as melhores amigas. Uma vez, o meu pai disse à minha mãe que nos abraçássemos à frente dele. Quando a abracei, senti-a retrair-se fisicamente.

Com todo o trabalho físico que tinha de fazer, estava exausta. As discussões entre a minha mãe e eu eram constantes. Era evidente que ela não me queria em sua casa. O meu pai queria acreditar que a minha mãe queria que eu estivesse com eles. Via a minha mãe de um ponto de vista diferente. Não conseguia pensar mal dela.

Enquanto estive em Limerick, umas caravanas de ciganos acamparam num terreno próximo. Um dia, umas crianças ciganas vieram à porta com uma lata na mão e pediram à minha mãe um pouco de água. A minha mãe recusou-se a dar-lhes água e correu atrás deles brandindo uma escova. Eu fiquei chocada e zanguei-me. “Como pôde recusar água para beber?», gritei. Ela limitou-se a olhar para mim como se não me visse e não disse nada.

Ronan costumava falar e brincar com as crianças ciganas. Juntavam-se e divertiam-se muito. Ele achava-as muito engraçadas por causa da maneira como pronunciavam as palavras. Elas copiavam o sotaque inglês dele. Uma noite, diante de algumas vizinhas, Ronan pediu à minha mãe uma “tchávena de tchá». Ela ficou tão embaraçada que ia caindo para o lado com o choque, mas Ronan apercebeu-se da reacção dela e continuou a repetir a brincadeira nos dias seguintes. Eu costumava ouvir as gargalhadas fundas que eles soltavam e apreciava toda aquela inocência. Olhava para as crianças ciganas e pensava como andavam mal vestidas e mal cuidadas. Tinham a pele estragada pelo tempo

e parecia que nunca se lavavam. Acho que me revia naquelas crianças.

Este episódio veio demonstrar-me sem a menor dúvida que, se durante a gravidez da minha mãe fosse possível abortar, ela me teria negado a vida. O nome da família e a importância que davam a si mesmos, além da imagem que projectavam para o mundo exterior eram mais valiosos do que a minha vida.

Depois de três semanas de profunda infelicidade, reuni a coragem necessária para regressar a Londres.

19. Sem celebrações

Quando regresssei a Londres, senti um enorme alívio. Fiquei feliz por ver Anthony. Ronan também estava muito feliz por estar em casa com o pai e o irmão. Regressar foi uma sensação estranha, mas fiquei satisfeita por estar em minha casa. Thelma ainda lá estava e, por um lado, eu queria que ela ficasse mas, por outro, preferia que ela voltasse para casa dela para ficarmos só nós os quatro. Não foi tão mau, porque ela conseguira outro emprego e não estava muito tempo em casa.

A vida regressou à normalidade. Não tinha de suportar uma mãe histérica que não queria pôr os olhos em mim.

O meu pai ficou incomodado por eu regressar a Londres ao fim de três semanas, sabendo que tinha seis semanas de baixa. Continuava a ter uma visão unilateral a respeito da minha mãe. Telefonava-me mais ou menos duas vezes por semana e eu telefonava-lhe mais ainda. Muito mais, mesmo! A minha conta de telefone passou a ser bastante elevada. Por causa disso, tivemos dificuldade em fazer frente a algumas contas da casa.

Margaret Thatcher e o seu Governo conservador tinham lançado o controverso imposto individual chamado poli tax. Na altura houve muita oposição ao seu pagamento, vinda de todos os quadrantes políticos. Do meu ponto de vista, era mais uma conta a pagar e queria pagá-la. Não tinha nada contra nenhum governo britânico, fosse ele conservador ou trabalhista. Fizessem o que fizessem, para mim estava bem. Não tinha nenhum interesse especial pela política e bastava-me a minha própria vida, a minha própria sobrevivência. Mas não aceitava que se dissesse mal do partido político que estivesse no poder, fosse ele qual fosse, nem da Família Real.

Só podia dizer que a instituição britânica me tratara muito bem. Tinha-me aceitado incondicionalmente e não fazia perguntas acerca da minha situação em relação aos meus pais.

Sentira-me bem-vinda na Grã-Bretanha. Fui tratada com respeito desde o dia em que ali cheguei, em busca de uma vida nova.

Mas, neste caso, não havia dinheiro para pagar o poli tax. Depois de uma “Reunião da Direcção» entre Harry e eu, decidimos que Harry pediria um empréstimo ao irmão Paddy para pagarmos o imposto. Harry telefonou-lhe e explicou-lhe a situação. Paddy concordou em encontrar-se com Harry debaixo da ponte do caminho-de-ferro da nossa rua para lhe entregar o dinheiro. Quando Harry voltou com o dinheiro, disse que fora obrigado a ouvir um sermão do irmão. Paddy dissera-lhe que sabia que o dinheiro não era para o poli tax, mas sim porque eu fazia demasiados telefonemas para a Irlanda, para falar com o meu pai.

Fiquei furiosa. Alguém que ia a nossa casa, como visita ou para tomar conta das crianças, lhe dissera aquilo. Qualquer pessoa podia ter visto uma conta de telefone pousada em qualquer lado, ou Harry podia ter comentado que eu telefonava muitas vezes ao meu pai.

Foi então que decidi que tinha de sair daquela casa. Queria mudar. Queria uma casa nova. Harry concordou com a decisão de mudarmos de casa e eu pus-me em campo à procura de outro local para vivermos. Pus a casa à venda. Justifiquei-me aos meus próprios olhos dizendo que, para começar, nunca quisera viver ali. Os Roberts haviam-me deixado ressentida. Queria afastar-me deles o mais possível.

Harry e eu fomos ver uma casa na ponta de um lote de geminadas no Surrey. Concordámos que era adequada e fizemos uma proposta de quarenta e seis mil libras, que foi aceite. Pouco depois vendemos a nossa antiga casa por quarenta e três mil libras.

Fiquei feliz por sair dali e todos nós, incluindo Thelma, que ainda estava connosco, mudámos para a casa nova no dia 8 de Dezembro de 1984. Não foi preciso fazer alterações nem na escola de Anthony nem no jardim-escola de Ronan. Nunca pedi a May que tomasse conta das crianças na nossa casa nova. De toda a maneira, geograficamente não lhe convinha.

Depois das coisas se consertarem um pouco e de eu começar a sentir-me melhor, fomos à Irlanda fazer uma visita a Kit e Tony. Também estava no programa ir à festa dos vinte e um anos de Thelma, no GAA Club de Cloughaun. Thelma contratara os fornecedores de refeições do aeroporto de Shannon e seria uma festa com muita gente. Tínhamos vindo no ferry com os rapazes e fui buscar Thelma ao aeroporto na sexta-feira. Levámo-la a casa e o meu pai veio

cumprimentar-nos, mas a minha mãe não passou da porta. Eu estava a ajudar os rapazes a sair do carro e Thelma foi à frente para casa. Abraçou e beijou a minha mãe e os rapazes ficaram atrás dela, à espera. A minha mãe ignorou-os por completo, embora o pobre Ronan, que só tinha quatro anos, estivesse ansioso por um beijo. Eu não disse nada, mas fiquei furiosa. O meu pai preparou-nos uma chávena de chá, mas nenhum de nós estava à vontade. Disse a Anthony que levasse Ronan para casa da tia Avril, pois íamos lá passar a noite e ela vivia perto. Saímos pouco depois.

Nessa noite, eu e todas as minhas irmãs fomos tomar uma bebida no hotel The George. Era bastante tranquilo, mas gostei de lá ir. Fez-me sentir parte da família.

No dia seguinte fui às compras antes da festa. Todas as crianças ficaram em casa de Avril, onde tomavam conta delas. Nessa noite vesti a minha roupa nova e fomos para o GAA Club. Toda a gente estava no bar a ver a luta de Barry McGuigan. A minha mãe e o meu pai estavam a cumprimentar pessoas à porta, mas penso que ele estava muito mais interessado na luta. Ignorei a minha mãe por causa do que acontecera na véspera. Não queria falar com ela. Ela não reagiu. Entrámos para o salão principal e servimo-nos no bufete. Sentámo-nos com alguns dos meus irmãos e achei que era um pouco estranho estar em público com todos eles praticamente pela primeira vez.

Começava eu a descontrair-me um pouco quando o meu pai trouxe a minha mãe para junto de nós para tentar forçar uma reconciliação, mas eu via que ela não estava interessada. Disse que não queria falar comigo. Para mim já chegava e perdi a cabeça. Respondi que também não queria falar com ela, pois ela havia ferido os meus filhos que não lhe tinham feito nada e que eu não estava disposta a suportar tal coisa. Estava muito zangada. Ela tinha-me atirado para o lixo e deixara claro que gostaria que eu nunca tivesse nascido, mas eu não lhe permitiria que fizesse sofrer os meus filhos. Ela não gostou. Esqueceu-se da sua pose de “grande dama» e avançou para mim para me dar uma bofetada. O meu irmão Niall, que no fundo nunca me tinha aceitado, pôs-se de pé de um salto e puxou-a para trás. Levou-a para outro lado sem me dar tempo de dizer fosse o que fosse.

O meu tio Frank apareceu, pôs o braço à volta dos meus ombros e disse: “A última geração não soube pôr as coisas no seu lugar, mas a próxima há-de fazê-lo.»

Eu fervia de raiva e disse: “Só por cima do meu cadáver. Isto não vai passar para outra geração.»

Ainda nessa noite, o meu pai convenceu-me a ir para o carro com ele e a minha mãe, para tentarmos conversar e resolver o assunto. Foi um desastre. A minha mãe esbofeteou-me e ele pôs-se a chorar. Estávamos todos muito zangados. Eu disse coisas que nem sequer sentia, como “Há-de arrepender-se de me ter dado à luz.». Nada ficou resolvido e eu só queria ir para casa.

Foi o início de uma interrupção das comunicações. A partir daqui, os contactos foram diminuindo progressivamente.

Logo que regressámos a Londres, decidi concentrar-me na minha própria família, pois era nela que eu podia de facto confiar. Regressámos todos às nossas rotinas normais. Na verdade, era relaxante regressar ao trabalho e fazer as coisas quotidianas, como levar Anthony à escola. A minha vida parecia regressar à normalidade, mas depois o meu pai telefonou e sugeriu virem os dois passar o fim-de-semana, para verem as suas duas filhas. Penso que o meu pai queria de facto tentar consertar as coisas. Eu não queria que a minha mãe viesse mas, por outro lado, estava muito grata por eles fazerem aquela tentativa. Por isso disse que ficava encantada por virem. Como ninguém contara a Thelma o que acontecera no aniversário dela, pensou que seria uma visita normal. Ronan ficou excitadíssimo quando soube que os avós vinham vê-lo outra vez. Tentei não pensar na maneira como a minha mãe o ignorara da última vez e estava sempre a concordar com ele: íamos divertir-nos imenso.

Harry, Ronan e eu fomos buscá-los ao aeroporto de Heathrow. Ronan não tinha escola nesse dia porque não se sentia bem. Pareceu-me que estava com um problema de intestinos.

Quando os cumprimentámos, parecia estar bem, mas adormeceu no carro quando regressávamos a casa, o que não me deu a ideia de que fosse invulgar ou significativo. Como dormia muitas vezes no carro, pensei que estivesse cansado por causa da excitação. Quando disse à minha mãe que Ronan estava adoentado, ela respondeu: “Porque não nos disseste? Não teríamos vindo.»

Eu pensei: “Foi por isso que não disse nada, porque queria que viessem.»

Apesar de tudo o que sucedera no aniversário de Thelma, ainda ansiava por ser aceite por eles.

Tentámos dar uns passeios turísticos no sábado, mas o ambiente entre nós estava carregado e Thelma acabou por ter de trabalhar, o que não ajudou. Melhor ou pior, lá passámos o dia e pelo menos Ronan sentia-se melhor.

No sábado fomos todos à missa e depois seguimos para um mercado, para comprar presentes de Natal. O dia correu muito bem. Ronan estava perfeitamente normal e os rapazes encantados com os presentes dos avós.

Os meus pais regressaram à Irlanda no dia seguinte. De certo modo, senti-me aliviada quando se foram embora, mas, por outro lado, queria que ficassem. No geral, o fim-de-semana correria muito bem e ajudara a pôr-nos de novo a falar uns com os outros. Até trocámos algumas palavras sobre a hipótese de planearmos uma ida à Irlanda. Pensei que as coisas estavam a melhorar.

Uns dias depois, quando fui buscar Ronan à escola ao fim do dia, reparei que ele arrastava um pouco a perna direita.

- Caíste na escola ou alguém te deu um pontapé ou te aleijou? - perguntei imediatamente.

— Não — respondeu.

Achei que ele caminhava de uma maneira esquisita. Perguntei-lhe se queria que o levasse às cavalitas.

Ele disse que não, era um rapazinho muito independente; continuou a caminhar à minha frente da maneira habitual. No dia seguinte parecia estar bem e caminhava perfeitamente.

As semanas seguintes foram terríveis, pois fomos apanhados na loucura das vésperas de Natal. Sentia-me de facto ansiosa pelas festas, porque não estava a trabalhar nesse Natal. Na véspera de Natal, Anthony ajudava à Missa do Galo e por isso eu queria que fôssemos todos juntos, em família, pois era a grande noite de Anthony. O grupo incluía Thelma, sobretudo porque queria que ela nos tirasse fotografias todos juntos. Mas ela não apareceu. Fiquei muito arrelviada porque era um dos poucos natais em que eu estava de folga e seria óptimo ficar com fotografias de recordação da noite especial de Anthony. Foi uma daquelas noites em que tudo corre mal. Eu comprara um fato novo para Ronan, mas ele recusou-se a vesti-lo. Queria vestir umas calças de bombazina que a minha irmã Eileen lhe oferecera. Por fim, saímos de casa, sem Thelma, mas com Ronan de calças

novas. Lembro-me de que rezei, pedindo que o meu irmão Tommy Jr. e a mulher, Marion, tivessem um filho, porque eu tivera a sorte de ter dois. Pedia a Deus que lhes permitisse terem pelo menos um.

Chegou o dia de Natal e os rapazes receberam do Pai Natal tudo o que queriam. Vi os olhos maravilhados de Anthony e Ronan quando abriram todos os seus presentes. Foi um encanto ver as caras deles. Gostaria de ter uma máquina de filmar para registar a excitação deles.

Fomos jantar a casa das nossas boas amigas. Enquanto lá estivemos, Ronan sentiu-se indisposto. Vomitou e achei estranho porque não tinha comido muito ao jantar. Além disso, Ronan adorava comer. Até era famoso por pedir sempre segunda dose!

No dia seguinte voltou a vomitar. Fiquei muito preocupada porque não era nada habitual em Ronan; nunca apanhava sequer uma constipação. Mesmo assim, atribuí a indisposição a todas as coisas diferentes que comera, incluindo doces e chocolates, mas estava preocupada porque ele não tinha diarreia, o que teria indicado uma perturbação de estômago - sabia que as duas coisas costumam andar juntas.

Passado o Natal, resolvi que já era demais e levei-o ao médico para fazer um exame geral. O médico disse que era apenas uma bactéria e que o mais certo era curar-se sozinho. Mas os vômitos não pararam. Vomitava num dia e talvez no seguinte não vomitasse. Depois começou a vomitar todas as manhãs. Levei-o imediatamente ao médico pela segunda vez. Ronan estava prestes a recomeçar a escola, pelo que desejava que se curasse depressa, fosse qual fosse a doença, pois não queria que faltasse às aulas.

O médico resolveu mandá-lo para a Unidade de Doenças Infecciosas do Hospital de St. Georges. Perguntei ao médico se achava que podia ser um vírus. “Quando é que as crianças não apanham vírus?», respondeu ele, com uma expressão de cansaço. Pensou que tinha nas mãos mais uma mãe entregue ao pânico.

Fui para St. Georges com Ronan. Ficou internado de um dia para o outro e fizeram-lhe todos os exames possíveis. Não pensavam que tivesse nenhuma doença infecciosa, pelo que o transferiram para o “Serviço dos Pigmeus», a unidade pediátrica, para fazer mais exames. Fiquei com ele no hospital.

Na tarde seguinte, deixei-o a brincar e fui a casa buscar roupa lavada.

Quando cheguei a casa, telefonei a Kit e disse-lhe que Ronan estava no hospital. Ela foi apanhada de surpresa.

- Claro que vai correr tudo bem, ele é um homenzinho resistente - garantiu.

Quando regressei ao hospital, o médico estava à minha espera para falar comigo. Disse-me:

- Enquanto foi a casa, Ronan chocou contra uma porta. Foi como se não a tivesse visto. Alguma vez notou este comportamento antes, Celine?

- Não - respondi, tentando manter-me calma. Mas era como se tivessem carregado num botão de pânico no meu cérebro. Olhei para Ronan, que estava numa cama ao lado do médico. De repente pareceu-me muito pálido pois estava a perder uma quantidade mínima de sangue pelo nariz.

Chegaram à conclusão de que Ronan tinha de ser transferido para o Hospital Pediátrico de Great Ormond Street, para fazer uma TAC ao cérebro. Logo que soube que lhe iam fazer este exame, compreendi que o problema era muito grave. Telefonei à minha mãe, que me respondeu:

- Passei por isso com todos os meus filhos.

“Pode ter passado, mas não com TODOS os seus filhos», pensei eu. Mesmo no meio da crise, tive consciência de que ela não me via como um dos seus filhos. Eu precisava de apoio, mas ela foi muito indiferente comigo. Era a maneira que tinha de me pôr de lado. Foi tão brusca comigo que desliguei rapidamente o telefone.

Na manhã seguinte, quando saí do trabalho, levei o meu menino para fazer a TAC. Harry fora trabalhar como se tudo estivesse bem e enviámos Anthony para a escola, pois não queríamos preocupá-lo. A TAC não revelou nenhuma anormalia, pelo que o pediatra disse que talvez Ronan tivesse tido um pequeno AVC.

Não fiquei convencida e continuava intrigada. E também muito assustada. No fim do dia, Ronan arrastava visivelmente a perna direita. Não coordenava os movimentos do lado direito tão bem como do lado esquerdo. Quando lhe fizeram os exames neurológicos, a sua coordenação ao levar o dedo ao nariz era menos rigorosa no lado direito do que no esquerdo. Era mais lenta. Deram-lhe alta ao

fim de uma semana e disseram que ficaria bom.

Quando o trouxe para casa, senti-me muito preocupada com o que fui descobrindo acerca do seu comportamento. Para um rapaz que adorava comida, não comia tão bem como costumava. Também verifiquei que falava mais baixo. A sua voz não tinha a mesma força.

Harry pedira ao padre da nossa paróquia, o padre Gallagher, que viesse ver Ronan. Eu queria que ele abençoasse Ronan. Acho que o padre pensou que eu estava a ser histérica. Talvez lhe tenha dado a impressão de que achava que ele tinha algum poder curativo mágico. Achei que ele não foi compreensivo, em especial quando se foi embora sem abençoar Ronan.

Os dias passavam e Ronan não voltava à normalidade; e eu sentia que toda a gente achava que eu me preocupava demais. O irmão de Harry chegou a dizer: “Oh, ele vai ficar ótimo, quando vier o bom tempo, há-de poder jogar à bola. A perna vai ficar mais forte.» Mas eu pensei: “O Ronan nunca esteve doente, nunca teve sequer uma gripe, mesmo quando tentava despir a roupa toda quando era mais pequeno.» Estava sempre a tirar a roupa. Detestava usar roupa. Mesmo quando estávamos em casa de outra pessoa e ele julgava que eu não estava a olhar, começava a despir-se. Os outros miúdos costumavam atirar-se a ele, tentando impedi-lo, sempre que o viam começar a despir-se. Por isso, ele tornou-se especialista em despir-se por completo em pouquíssimo tempo.

Não houve alterações durante a semana que passou em casa. Voltei a levá-lo ao médico e ele entrou em contacto com o Great Ormond Street. De lá disseram-lhe: “Tragam-no à Consulta Externa.» Fizeram as habituais análises de sangue completas, mas os resultados não foram conclusivos.

“Deve ser um vírus que atacou o cérebro. Pode demorar muito tempo, mas acaba por melhorar», conjecturaram.

Levei-o outra vez para casa.

No dia seguinte, a temperatura subiu-lhe de modo significativo. Ficou assim durante noventa minutos. Depois desceu de repente e voltou ao normal. Estabilizou no nível normal e assim se manteve.

Eu não me sentia nada sossegada.

Durante uma hora e meia parecera uma criança muito doente e depois, num abrir e fechar de olhos, voltou a ser um rapazinho normal, comportando-se como se nada tivesse acontecido. Dei-lhe Phenegran, um sedativo suave para crianças. A partir daí, a temperatura estabilizou. Deixou de ter flutuações. Mas nessa altura o seu padrão de sono alterou-se.

Dormia uma hora. Ficava uma hora acordado.

Dormia seis horas. Ficava acordado outras seis horas, mais minuto menos minuto.

Dormia todo o dia e depois ficava acordado toda a noite.

Isto aconteceu na terceira semana - no fim de Janeiro de 1986. Eu estava destroçada, tanto mental como fisicamente. Não conseguia interpretar os sintomas. Eram aleatórios e variados. Telefonei para o consultório do médico. A recepcionista disse:

- Traga o menino à consulta.

- Nem pensar em levar o meu filho à consulta no estado em que ele está. Há aí algum médico que saiba o que está a fazer? Há aí algum médico que saiba alguma coisa sobre crianças, porque o meu filho está muito doente e ninguém acredita em mim nem compreende?

Ela disse que ia procurar um médico que fizesse um domicílio. Ele chegou a nossa casa quase uma hora depois e começou a realizar os exames habituais.

Mandei-o parar antes de chegar ao fim.

- Sente-se ali e veja como o meu filho caminha - disse-lhe. Mandei Ronan atravessar o quarto à frente dele.

- Concordo plenamente consigo, Sra. Roberts, ele tem alguma coisa muito grave - declarou.

Pensei: “Pela primeira vez, aparece um médico que concorda comigo acerca do estado do meu filho. Eis uma pessoa que está preparada para aceitar a experiência de uma mãe.»

O médico mandou-o voltar ao Great Ormond Street.

Isto foi numa quinta-feira.

No hospital aceitaram que ele desse entrada no sábado de manhã.

Quando disse a Ronan que ia voltar para o hospital, ele só disse:

- Está bem, mãezinha, mas desta vez quero o meu pijama Thomas the Tank.

Quando chegámos ao hospital, o estado de Ronan deteriorara-se. Estava muito indolente. No dia anterior, pedira-me que lhe fizesse biscoitos de gengibre. Não pude fazê-los porque não tinha gengibre. Logo que ele se instalou na sua cama do hospital, vestido com uma camisa de dormir por causa do estado em que se encontrava, fui a correr ao armazém Harrods comprar-lhe biscoitos de gengibre e sumo de laranja fresca. Voltei a correr para o hospital e ele comeu os biscoitos todos. Mais tarde, começou a ter dificuldade em engolir.

Nesta altura, ainda andava a pé pela enfermaria, mas caminhava devagar e arrastava a perna. Depois de o examinarem, disseram que não sabiam o que ele tinha. Inclusive repetiram a TAC.

Não se apurou nada.

Fizeram-me perguntas acerca do seu olho direito, porque o achavam dilatado. Eu disse que notara que a caligrafia dele se tinha alterado. Chamaram uma professora para fazer uma avaliação. Ela informou que não notava alteração nenhuma!

Fiquei estupefacta. Achei que não era uma avaliação correcta. Conhecia a caligrafia do meu filho como ninguém.

Passou uma semana inteira, durante a qual lhe fizeram mais exames, radiografias e ficámos à espera dos resultados. Ronan estava a ficar cansado de estar no hospital e nem sequer as visitas de Harry, Anthony e Thelma, além da minha companhia, pois ficava junto dele todo o tempo que podia, o alegravam.

Numa sexta-feira de manhã, decidiram levá-lo para a sala de operações, porque estava sempre a perder um pouco de sangue por uma das narinas. Pensaram que podia ser algum problema de adenóides. Quando regressou, tinham retirado uma

amostra de tecido dos adenóides mas, de modo geral, encontraram tudo em bom estado.

Nessa tarde, apareceu Lucy e à noite chegaram os nossos amigos Barry e Angela Molohan. Todos me disseram que fosse para casa e descansasse um bocado. Harry tinha desistido de me convencer a sair dali.

Eu limitei-me a dizer “Não». Sabia que alguma coisa estava muito mal. Estava a entrar em pânico. Não havia diagnóstico e eu sabia que ele estava gravemente doente. Os resultados não nos levavam a lado nenhum. Não avançávamos. Continuávamos sem um diagnóstico definitivo.

Naquela altura, para mim já era evidente que o problema era cerebral. O director do serviço também pensava o mesmo. Recomendei que se fizesse uma ressonância magnética tridimensional do cérebro, por causa dos vômitos matinais intermitentes, a par dos outros sinais neurológicos visíveis externamente. Depois de lhe fazerem o exame, os resultados demoraram algumas horas a serem interpretados. Quando o diagnóstico chegou, era definitivo. Ronan tinha um tumor cerebral maligno que não podia ser operado. Estava do tamanho de uma bola de golfe e continuava a crescer. Disseram-me que nenhum cirurgião tentaria removê-lo, porque estava num local inacessível.

Ao receber esta notícia, a minha força de sobrevivente tomou mais uma vez o comando da situação.

O pessoal do hospital pusera à minha disposição uma espécie de sofá-cama que estava colocado ao lado de Ronan. Penso que, sem eu dizer nada, compreenderam que eu não deixaria Ronan sozinho, nem por um minuto. De noite, para ficar confortável, despia a blusa e deixava-me ficar sentada, de saia e combinação, a vigiar Ronan. Certa noite, por volta da meia-noite, ele abriu os olhos; apareceu-lhe uma lágrima no olho e correu-lhe pela face. Eu disse: - Está tudo bem, meu querido, a mãezinha está aqui e não me vou embora. Dorme.

A maneira como ele olhou para mim foi diferente. Enchi-me de medo de que fosse acontecer qualquer coisa. Era como se ele confirmasse os meus próprios receios de que alguma coisa estava de facto muito mal.

Ele pareceu adormecer outra vez.

Cerca de uma hora mais tarde, virou-se devagar e ficou deitado de costas.

Depois, assim deitado em cima da cama, com a cabeça na almofada, deu uma reviravolta completa de 180°, erguendo-se quase meio metro no ar e caindo nos pés da cama, com a cabeça na grade do fundo.

Continuava a dormir, como se nada tivesse acontecido.

Aconteceu muito depressa.

Em toda a minha carreira como enfermeira, nunca tinha visto acontecer tal coisa.

Fiquei assustadíssima e chamei uma enfermeira. Vieram quatro enfermeiras e um médico. Todos concordaram que devia ter tido um ataque de qualquer tipo. Foram-se embora e disseram-me que continuasse a observá-lo.

Cerca de duas horas depois, notei que a respiração dele se alterara. Vesti a blusa.

Apercebi-me de que acabava de ter uma paragem cardíaca e voltei a chamar a enfermeira. Era uma enfermeira contratada e apercebi-me de que não tinha experiência dos procedimentos em caso de paragem cardíaca. Ajudei-a a pôr um ventilador no meu próprio filho. Consegui ajudá-la durante um bocado. Era como se me tivesse isolado.

Comecei a entrar em pânico e a pedir a presença de um médico; depois do que me pareceu uma espera interminável, surgiu um. Começaram a fazer a Ronan o que devia ser feito. Uma assistente social levou-me para outra sala. Rezei a Nossa Senhora de Lurdes, pedindo-lhe que deixasse viver o meu filho. Rezei tanto para que o meu filho nascesse e agora ali estava eu, menos de seis anos depois, a rezar a Deus e à Sua Santa Mãe pela vida dele.

Queria desesperadamente que ele vivesse.

Conseguiram que ele recuperasse a consciência e puseram-lhe uma máscara de oxigénio.

Nessa sexta-feira à noite, injectaram-lhe Vincristian, um fármaco genérico para quimioterapia.

Eu continuava no hospital, mas agora numa divisão separada. Harry estava em casa com Anthony e os meus pais, que tinham vindo de avião logo que lhes disse qual era o diagnóstico.

No sábado de manhã, fui ver Ronan, que estava muito mais animado. Tinha recuperado o seu sorriso aberto e jovial. Estava bem desperto. Pensei: “Meu Deus, a droga está a resultar.» Mas o efeito só duraria duas horas.

Mais tarde, toda a gente apareceu outra vez. Kit e Tony tinham vindo e apoiaram-me muito. A minha mãe e o meu pai discutiam um com o outro no corredor, de tal maneira que eu os ouvia. Lembro-me de pensar: “Não conheço esta gente. Estão na minha vida há muito pouco tempo.» Pensei que eles eram completamente insensíveis. Não sabia qual era a razão da discussão e não estava interessada em saber.

Durante todo o fim-de-semana, muitas das minhas amigas vieram ver Ronan. Breeda Conway conhecia uma pessoa que tinha uma peça, uma relíquia de uma luva do Padre Pio e pediu-lhe que abençoasse Ronan com ela.

Eu ficava grata por qualquer ajuda, por muito ténue que fosse, mas no fundo sabia que nada resultaria.

Michael Roberts, irmão de Harry, ficou toda a noite de sábado para domingo junto da cama. Chegou domingo.

O meu primo Terence e a noiva, Niamh vieram directos do aeroporto, para ver Ronan. Ele conseguiu dizer-lhes que ia ter um cachorrinho. Não sabia se havia de querê-lo grande ou pequeno. Um dos especialistas veio falar comigo.

- Precisa de tomar algumas decisões difíceis. Hoje, a minha família rezará por si na igreja.

Por estranho que pareça, foi mais do que a minha família me disse. Perguntei a mim própria quantos deles iriam rezar pelo meu filho ou por mim naquele domingo de Fevereiro de 1986. Os meus pais não estavam a rezar. Ouvia-os a rir e a discutir outra vez no corredor.

Recebi dois “santinhos» dos meus dois irmãos, John e Tommy Jr., e foi tudo.

Segunda-feira, 10 de Fevereiro: logo de manhã, os meus amigos Peter e Angela estavam presentes quando Ronan pediu qualquer coisa. Não conseguia falar bem e tentava fazer sinais. Eu sabia que ele queria bolo e leite-creme. Lembro-me de ter perguntado a uma enfermeira se podíamos pôr um bocado na boca dele e depois tirar outra vez. Ela foi muito gentil e foi perguntar à enfermeira-chefe. A

enfermeira-chefe disse para não lhe darmos nada.

Harry, Paddy, Kit e os meus pais reuniram-se em conversa. Decidiram entre eles que “qualquer decisão que seja preciso tomar é contigo». Depois de conversar com os especialistas, ficou decidido que, no caso de outra paragem cardíaca ou respiratória de Ronan, não seriam tomadas medidas para a sua reanimação.

Foi a decisão mais difícil da minha vida.

Eu tomara decisões durante toda a vida, mas nenhuma tão dura como esta.

Senti-me muito sozinha.

Antes de tomar a decisão, pedi garantias de vida.

Não havia nenhuma.

Perguntei por uma perspectiva de tempo. Seis meses? Quatro meses? Eu queria o máximo tempo possível.

Eles falavam em termos de semanas.

Nessa segunda-feira à noite, tornou-se perfeitamente óbvio para mim que Ronan não ia sobreviver. Apontou para alguns cartões que estavam na parede e indicou que queria que lhos trouxessem. Dois deles eram os “santinhos». Um era de S. José com o Menino Jesus. O outro era de Nossa Senhora com rosas espalhadas aos pés. Quando ele segurava o santinho de Nossa Senhora, perguntei-lhe:

- Esta senhora é muito especial?

- É - disse ele.

- Sou tão boa como ela? - perguntei.

- Não.

- Alguma vez poderei ser tão boa como essa senhora?

- Não.

- Ronan, queres ir para casa?

- Não.

- Posso ir para onde tu vais?

- Não.

- Alguma vez poderei ir para onde tu vais?

- Sim - disse ele.

Ao ouvir isto, desfiz-me em lágrimas. Não conseguia contê-las. Era um rio de lágrimas pelas minhas faces que pareciam desgastá-las.

O meu coração estava partido.

Eu estava inconsolável.

Os músculos da minha garganta estavam tão contraídos que mal conseguia respirar entre os soluços prolongados que me provocavam dores atrozes. Queria ir ter com ele. Queria que a minha vida acabasse ali. Mas, por alguma razão perversa, tive de continuar a viver.

Ronan dissera-me isso mesmo.

Eu não podia desistir.

De todas as muitas e muito cruéis coisas que me aconteceram ao longo da vida, esta foi a pior. Nenhuma dor física me fez sofrer tanto como aquela. De todas as vezes em que desejei acabar com a minha vida, nesta ocasião eu tinha sem dúvida uma justificação.

Mas Ronan dissera “Não».

Perguntei a mim mesma por que razão tinha de suportar um tão grande castigo nesta vida.

Algum tempo depois, deve ter sido por volta da meia-noite, o capelão, padre Gallagher, veio ter comigo em silêncio. Sugeriu que fosse arranjar-me. Foi para uma zona onde os pais e os parentes se reuniam para fazer uma chávena de chá e sentarem-se. Pedi um cigarro a alguém. Não faço ideia porque pedi tal coisa.

Devo ter pensado que um cigarro poderia proporcionar algum alívio em circunstâncias como aquela. No meu trabalho, tenho visto muitos familiares de doentes saírem para fumar um cigarro, que lhes dá alguma satisfação óbvia. Eu só tossi e engasguei-me. O fumo que inalei pôs-me tonta.

Fui à casa de banho das senhoras para lavar a cara e deitei o cigarro na sanita. Foi o primeiro e único cigarro que fumei em toda a vida.

Não podia ficar longe de Ronan. Voltei imediatamente para junto dele. Era a primeira noite que Harry ficava no hospital comigo e foi deitar-se.

Fiquei ali sozinha com Ronan. Ele estava um pouco inquieto. Às quatro horas da manhã, levantei-o da cama e sentei-o no meu colo.

Eu trazia uma blusa branca. Abri a blusa para ele se sentir mais perto da minha pele e mais seguro.

Conversei com ele.

Disse-lhe quanto desejara o seu nascimento.

Disse-lhe quanto o amava.

Disse-lhe quanto o seu irmão mais velho o amava.

Disse-lhe quanto o seu pai o amava.

Morreu nos meus braços às cinco menos um quarto da manhã.

20. A perda da minha vida

Fiquei entorpecida.

Durante um bocado, fiquei com o meu filho morto nos braços.

Não conseguia deixá-lo ir fisicamente.

Não conseguia deixá-lo ir emocionalmente.

A enfermeira voltou e eu articulei a palavra “Partiu».

Não saiu som nenhum.

Mas ela compreendeu e perguntou:

— Onde está o seu marido?

Não fui capaz de responder, nem sequer de erguer a cabeça. Passado algum tempo, ela encontrou-o. Ele entrou no quarto e ficou de pé do outro lado da cama, diante de mim com o nosso filho morto nos braços. Eu ataquei-o verbalmente, aos gritos:

- Nem sequer ficaste acordado ao pé de mim, nem uma única noite. O nosso belo Ronan está morto.

Ele não disse nada.

Depois coloquei Ronan em cima da cama e Harry beijou-lhe a testa. A enfermeira retirou todos os tubos e disse que queria “prepará-lo». Respondi que não queria que ele fosse retirado antes de o irmão o ver. Pedi a Harry que telefonasse para casa e dissesse a Thelma o que tinha acontecido. Não queria que fosse ele a dar a triste notícia a Anthony. Queria ser eu mesma a dizer-lhe.

Eram seis da manhã.

Enquanto Harry esteve ao telefone, lavei Ronan com a enfermeira. Calcei-lhe

umas peúgas. Ele queria o seu pijama Thomas the Tank, mas nunca chegara a vesti-lo por causa do equipamento e dos tubos. Vesti-lhe o pijama de Thomas the Tank, enquanto as lágrimas me escorriam silenciosamente pela cara. Pensei: “Quando o pediste, mal sabias que só morto é que o vestirias.»

Entre soluços, tentava acalmar-me. Expirava fundo para conseguir respirar. Pus um brinquedo do feitio de um macaco que Thelma lhe dera debaixo do seu braço direito e outro do feitio de um cachorro, oferta de Maria. Quando olhei para ele, veio-me de repente à memória o meu primeiro dia no orfanato em Limerick, quando vi pela última vez a minha bolsa de pele castanha com o meu nome gravado.

Compreendi então que Ronan nunca me fora dado.

Só me tinha sido emprestado.

Tinha de devolvê-lo.

Pensei que Thelma e os meus pais não tardariam a entrar no hospital com Anthony, mas só chegaram às nove horas. Não fazia ideia do que os demorara, mas estava ansiosa por dizer a Anthony o que sucedera ao irmão. Quando Anthony entrou, eu estava à espera para falar com ele.

A primeira coisa que ele me disse foi:

- Eu sabia que o Ronan havia de melhorar. Ele está bem, não está?

- Não, meu querido, ele não está bem. O Ronan foi para o Céu. Vou levar-te junto dele para o veres. Se lhe tocares, vais notar que está diferente. Quando lhe tocares, senti-lo-ás frio.

Levei Anthony a ver o seu irmãozinho. Os meus pais já estavam no quarto. Thelma estava lá com Harry. Os meus pais deram-me um curto abraço. Harry não me tocou nem tentou reconfortar-me de maneira nenhuma. Talvez tivesse medo de fazê-lo.

Anthony disse:

- Está tão frio!

Foi por isso que eu quisera que Thelma e os meus pais trouxessem Anthony ao hospital o mais depressa possível. Não queria que Anthony sentisse aquele frio. Queria que Ronan ainda estivesse quente.

Levaram Anthony para a capela do hospital. Saímos do hospital ao meio-dia, para irmos para casa. Antes de regressarmos, tivemos de ir a uma repartição pública em Camden para registar a morte. Fui eu que preenchi todos os impressos necessários.

Senti-me sozinha, vazia e entorpecida. Outra parte de mim tinha morrido.

Harry disse:

- Ele está melhor no Céu.

Não era assim que eu via a questão. Eu queria que ele voltasse para mim.

Se não podia voltar a tê-lo, queria estar onde Ronan estava.

Por fim, chegámos a casa. Michael Roberts era provavelmente a pessoa mais transtornada. Chorou. Nunca, até àquele dia, eu vira um membro da família Roberts chorar e foi coisa que nunca mais voltei a testemunhar.

Apareceram pessoas vindas de todo o lado. Amigos e também vizinhos.

O meu médico veio ver se eu precisava dele, embora dissesse delicadamente que não queria invadir a minha privacidade. Foi muita bondade dele, mas decidi não tomar nenhuma medicação.

Eu era resistente.

Era forte.

Havia de superar a crise sem medicamentos.

Alguém me perguntou se queria uma bebida. Pensei que, se comesse a beber, nunca mais pararia. Decidi não ingerir qualquer bebida alcoólica enquanto vivesse aquela crise. Enquanto estive no hospital, sobrevivera com sanduíches fornecidas pela minha amiga Angela e pelo seu marido, Peter. Até levavam a minha roupa suja para lavar. Só saía do pé de Ronan para me lavar e mudar de

roupa. Não podia estar muito tempo afastada dele.

Durante o dia, Harry e o seu irmão Paddy foram ao cemitério de Streatham, que era o da nossa zona; compraram uma sepultura. Paddy deu a Harry mil libras para as despesas do funeral. Fiquei-lhe muito grata. Também contrataram uma agência funerária para levar Ronan do hospital para uma capela mortuária e daqui para a igreja.

Acabei por me deitar numa cama estreita no quarto de Ronan, porque os meus pais estavam no nosso quarto e Thelma no quarto pequeno. Harry e eu dormíamos na cama estreita. Ronan e Anthony dormiam em beliches no seu quarto. Harry já estava a dormir quando me deitei. Estendi-me, exausta. Em cerca de duas semanas, era a primeira vez que me deitava numa cama, porque durante todo esse tempo estivera com Ronan. Sentia-me totalmente esgotada em todos os sentidos.

Chorei por todas as perdas da minha vida. O meu corpo foi abalado por soluços profundos que me rasgavam os músculos.

Desejaria ter reconfortado Anthony e descobrir como ele se sentia de facto por causa da perda do irmão, mas não fui capaz. Não sentia nada além da minha própria dor. Foi a pior dor de toda a minha vida.

A semana foi uma mancha indistinta de pessoas a chegar e a sair.

No sábado limpei a casa de alto a baixo com a ajuda de Thelma. Dei à minha mãe dinheiro para comprar toda a comida que fosse necessária.

No domingo, Alice, irmã de Harry, os meus irmãos Tommy e Niall e também Miriam Cooke chegaram da Irlanda. Kit e Tony não ficaram para o funeral. Kit disse que voltariam mais tarde, quando toda a gente se fosse embora.

Fomos à capela mortuária buscar os restos mortais de Ronan. A irmã de Angela, Peggy, rezou lá o terço. Eu nunca fui à agência mortuária ver Ronan “preparado». Não podia. Não era capaz de vê-lo assim.

Ficou lá durante quase uma semana. Demorou muito tempo porque em Londres temos de esperar por uma sepultura, em virtude de se realizarem muitos funerais ao mesmo tempo. Quando lá cheguei e o vi no caixão, achei que tinha a cabeça demasiado baixa. Pedi outra almofada, que colocaram debaixo da sua cabeça.

Um dos patrões de Harry chegou com um filho pequeno nos braços. Quando a criança viu Ronan no caixão, perguntou ao pai: “É o menino Jesus, pai?”»

Apeteceu-me gritar. Limitei-me a sorrir e a agir como se fosse um comentário sem importância que não me tinha incomodado. Sabia representar bem.

Saí antes de fecharem o caixão. Não aguentava mais. Mas, ao sair, não consegui deixar de ouvir o som da tampa a descer. Era como se estivessem a enterrar os parafusos no meu coração.

Sáímos da capela mortuária todos juntos. Ronan foi levado para a igreja de St. Michael, em Clapham, para a missa das seis horas. Depois de uma curta cerimónia na igreja, apareceram mais pessoas em nossa casa. As minhas vizinhas alimentaram toda a gente com sanduíches. A maioria das mulheres e quase todos os homens foram a um bar próximo. Tentei manter-me ocupada a preparar comida para depois do funeral, que seria no dia seguinte. Angela assou muitas pernas de borrego, que eu passei o serão a trincar. Toda a comida foi levada para o salão paroquial na manhã seguinte.

Nessa noite, depois de ter ido ao bar, Terence O'Regan veio para casa antes dos outros. Ele sabia que a situação entre os meus pais e eu era difícil. Disse-me:

- Porque suportas o comportamento deles? Porque não pões o assunto de lado?

— São os meus pais e esperei muito tempo para os ter na minha vida. Amo-os - respondi.

Mas estava baralhada porque, enquanto dizia isto, pensava: “Será que a morte do meu filho é o preço que tenho de pagar por ter encontrado os meus pais? Se soubesse que era este o preço que tinha de pagar, nunca teria começado sequer a procurá-los. Se era este o preço que tinha de pagar para encontrar os meus pais, então não foi um negócio justo.»

Nada valia o preço da vida do meu filho.

Pensamentos loucos rodopiavam na minha cabeça. Quando ele estava a morrer, interroguei-me mesmo se os ciganos não teriam lançado uma praga sobre ele por causa da minha mãe lhes ter recusado água.

Na manhã seguinte era segunda-feira, dia 11 de Fevereiro de 1986. Levantei-me

depois de uma noite quase sem dormir. Mantivera a decisão de não tomar medicamentos nem ingerir álcool. Nevava durante a noite e no solo ainda havia um leve resíduo gelado. Angela deu-me um casaco de pele de cordeiro para eu vestir e proteger-me do frio. Deixei toda a gente em casa e fui para a igreja. Queria estar sozinha com Ronan.

Não seria assim.

Quando lá cheguei, a minha amiga e colega Lilly O'Donohue já lá estava com o marido, Paddy. Abraçaram-me os dois. Pensei que eram das poucas pessoas que podiam compreender de facto o que eu estava a passar, pois eles próprios tinham perdido o seu único filho. Chamava-se Tony e era filho único. Morreu de repente com vinte anos, com uma hemorragia cerebral.

Não sei quem chegou a seguir.

De repente, o meu banco, o primeiro da igreja, ficou cheio.

De repente toda a igreja se encheu de gente.

Não consegui ter o meu momento a sós com o meu menino.

A cerimónia começou.

A minha mãe colocara todas as suas jóias. Estava requintadamente vestida. Talvez fosse patética, mas achei que toda aquela exibição de fausto era obscena. Thelma leu o Evangelho. O padre disse que os Roberts sabiam bem o que era sofrer. Fez esta afirmação no contexto de eu ter perdido dois filhos e de ter sido sujeita a muitas intervenções cirúrgicas. Quando ele o disse, lembro-me de ter pensado: “Se tu e toda a congregação soubessem de facto todos os sofrimentos por que tenho passado...”»

Provavelmente disse muitas coisas bonitas acerca de Ronan, mas não ouvi. Queria estar com Ronan. Ainda mal a cerimónia começara e já estava terminada. Michael Roberts, Tommy Jr. e Niall, e os amigos Peter Lynch e Peter Sweeney transportaram o pequeno caixão de mogno contendo o corpo morto do meu menino, para o féretro onde faria a curta viagem até ao lugar onde ficaria depositado, no cemitério de Streatham. Eu pedira a Harry e a Paddy que escolhessem uma sepultura com árvores perto.

Ronan adorava trepar às árvores.

Quando vi o local, não tinha árvores em condições por perto. Aquela parte do cemitério parecia desprezada e velha. Fiquei perturbada por isso, mas nada disse a ninguém.

Tínhamos dois carros fúnebres; no da frente seguimos eu, com Harry, Anthony e os meus pais, atrás do féretro. Quando chegámos ao local onde o meu menino seria enterrado para todo o sempre, senti que não queria ver.

Queria fugir e esconder-me.

Não queria enfrentar aquilo. Era demasiado horrível, demasiado cruel. Só conseguia pensar: “Porquê? Porque não fui eu?”

Ele tinha tanto para viver! Eu tinha tanto de que fugir, tantas recordações para deixar, porque não tinha eu morrido? Não conseguia compreender.

Toda a gente me dizia que eu tinha de viver e ser forte por Anthony e Harry. Eu queria dizer: “Não quero viver por mim, como podia querer viver por qualquer outra pessoa?” Mas ninguém me daria atenção.

Mantive-me emocionalmente despojada, mas em silêncio.

Os mesmos homens transportaram o caixão do féretro para a sepultura. Os cangalheiros desceram o caixão à cova enquanto o padre conduzia as orações da assistência. Não consegui identificar os que estavam a rezar. Quando as orações terminaram, o cangalheiro dispôs as coroas à volta da sepultura. Era uma grande quantidade de flores. Ao todo, eram cento e vinte e cinco coroas.

Senti que não conseguia manter-me mais tempo de pé e por isso entrei no carro funerário.

Ninguém entrou comigo e ninguém me seguiu.

Fiquei ali sentada sozinha. A seguir apareceu Anthony.

— Que vamos agora fazer sem ele, meu querido? — perguntei-lhe. Ele não respondeu. A resposta foi chorarmos os dois. Regressámos ao salão paroquial. Fiquei pouco tempo e depois regressei a casa.

Mais tarde, regressei à sepultura com Tito, o marido da minha amiga Zelda. Tito não pudera vir ao funeral, pois teve de ir dar uma aula. A sepultura estava com um aspecto diferente, porque agora estava toda coberta com as flores. Tito disse:

- Quando uma criança morre em Goa, a minha terra natal, só colocam flores brancas na sepultura.

No dia seguinte, os meus pais regressaram a casa. Foram os últimos a partir. E assim toda a gente se foi embora.

Mas durante toda a semana recebi a visita de muitas pessoas.

Regressei ao trabalho na segunda-feira seguinte. Mas não foi como nas vezes anteriores em que regressara depois de sofrer uma desilusão. Não conseguia desligar a dor e enterrá-la. Nunca mais seria a mesma coisa. Não podia simplesmente desligar-me. Nunca poderia esquecer o meu menino. Em todos os meus pensamentos, em todos os minutos do dia, via Ronan.

Era enfermeira. Era uma profissional. Fazia o meu trabalho. Mas a minha vida nunca mais voltaria a ser a mesma.

O padre Bernard escreveu-me uma carta. Estava nos Estados Unidos na altura e na carta dizia: “Gostaria de ter estado presente para te apoiar.»

Lembro-me de desejar que alguém me tivesse apoiado.

21. Uma alma gémea e um casamento

Finalmente, em Maio deixei de fazer os turnos da noite. Pensei que devia deixar de fugir de Harry. Por um lado, pensava que devia ter uma vida normal. Aceitei um emprego no Serviço de Evacuação de Doentes. Aceitei porque o horário era mais regular, das oito da manhã às quatro da tarde ou das nove da manhã às seis da tarde. Transportávamos doentes de um hospital para outro para tratamentos especializados.

Foi uma época difícil para mim. Emocionalmente, estava muito fragilizada. Recordo-me de um episódio em que o condutor da minha ambulância se zangou porque um doente não estava pronto para ser recolhido. Pensei: “Que importância tem? O que são cinco minutos a mais?» Recordo-me de que me desfiz em lágrimas e me zanguei com o condutor, gritando com ele. Tenho a certeza de que, nesse dia, ele ficou satisfeito por largar o serviço. Já era mau que o doente se atrasasse, mas que ainda por cima a enfermeira acompanhante ralhasse com ele, isso era demais.

Sentia-me muito confusa. Trabalhei naquele serviço durante dois anos. Mantive-me discreta e tentei não incomodar ninguém. Tentava trabalhar numa base rotineira, emprego de rotina, vida de rotina, sem aborrecer ninguém. Queria desviar a minha atenção da recordação de Ronan. Mergulhei de tal maneira dentro de mim mesma que fiquei deprimida.

Em Junho de 1988, recebi um telefonema de Buttevant. Era Tony, a dizer que Kit estava no hospital. Fiquei perturbadíssima. Se Kit estava no hospital, isso significava que era grave. Ela nem sequer ia ao médico! Pedira a Tony que a levasse ao médico porque detectara um caroço num seio. Ele mandou-a para o hospital fazer exames e foi por isso que Tony me telefonou. Fora-lhe diagnosticado cancro. Regressou a casa sem ser operada.

Fui sozinha vê-la no mês de Agosto seguinte. A primeira coisa que ela disse quando me sentei na beira da cama dela foi “A tua velhota está a morrer».

Ela sabia que estava a morrer.

Eu sabia que ela estava a morrer, mas não queria admitir tal coisa perante mim própria.

Só fiquei duas noites e Tony deixou-me na estação em Charleville.

Fiquei ali sozinha.

A conspiração de silêncio entre mim e Kit assombrou-me. Cada uma de nós sabia tanto acerca da outra e das dificuldades das nossas vidas e, contudo, nunca falávamos nisso.

Ela também se sentira rejeitada. Foi a última vez que a vi viva, embora nos meses seguintes falássemos muitas vezes ao telefone. Levaram-na para o hospital para fazer radioterapia e quimioterapia, mas era demasiado tarde. Por fim, mandaram-na outra vez para casa.

Quando me telefonou pela última vez, estava a chorar. Não parecia coisa de Kit. Era sempre corajosa e, para não perturbar ninguém, fingia que estava tudo bem. Desta vez, entre lágrimas, despediu-se de mim. Quando pousei o telefone, os meus olhos ficaram rasos de água, os músculos do meu pescoço contraíram-se e soluzei desabaladamente durante duas horas.

Morreu no dia seguinte - domingo, dia 23 de Outubro de 1988.

Eu tinha quase quarenta anos e uma das pouquíssimas pessoas em todo o mundo com quem me sentia aceitável tinha partido. Fui ao funeral dela sozinha, sentindo-me completamente atordoada.

A minha relação com o meu pai deteriorou-se. Foi o resultado da pressão que a minha mãe exercia sobre ele. Sempre que nos encontrávamos, a minha mãe acompanhava-o. Ele não podia descontraí-lo na minha companhia, pois a minha mãe não concordava que ele falasse sequer comigo.

Ele disse-me que também tinha problemas financeiros. Com uma família tão grande, parecia que o dinheiro nunca era suficiente. Garanti-lhe que o ajudaria no que pudesse. Ele disse-me de quanto precisava. Para mim, era uma quantia considerável, mas para ele era muito importante. Senti-me satisfeita por ajudar o meu pai e a minha família porque isso me tornava mais aceitável para eles. Continuava a tentar preencher aquele vazio que sentia dentro de mim.

Mas era evidente, pelas cartas que o meu pai me escrevia, que a qualidade da sua vida estava muito abaixo do que ele desejava. Até as corridas de galgos e as apostas não tinham a mesma atracção que anteriormente. Acho que ele pensava ter uma vida mais fácil.

Não queria ter de enfrentar os problemas que surgiam entre a mulher que amava e a filha mais velha, que também amava, embora de maneira diferente. O problema era que a filha e a mulher não formavam o esperado terceiro lado do triângulo do amor de uma família estável. A minha mãe odiava-me, a mim e ao que eu representava, e o meu pai não conseguia enfrentar esta situação. Ela tinha fechado para sempre uma porta nessa parte da sua vida e não queria voltar a enfrentá-la nunca. Mas, todas as vezes que me via ou que o meu pai falava no meu nome, isso desencadeava nela uma descontrolada reacção de ira.

Certa vez em que o meu pai, como sempre acompanhado pela minha mãe, veio visitar-me, uma das minhas amigas reparou na tensão e na pressão que a minha mãe provocava em mim. Marcou uma consulta para a minha mãe num psiquiatra. A minha mãe armou uma confusão terrível. Insistia que não era doida. Estava profundamente indignada por alguma vez se considerar sequer que um qualquer membro da família Clifford pudesse precisar de uma consulta psiquiátrica. Disparatou e reclamou que nunca desceria ao ponto de admitir sequer tal desvio.

Mas o meu pai estava entusiasmado com a possibilidade de ela ir à consulta. Acabou por convencê-la a ir, sobretudo porque a consulta era em Londres e ninguém na Irlanda saberia. Seria uma única consulta sem continuação. Perguntei depois à minha mãe se a consulta a ajudara. Ela recusou-se a falar no assunto comigo ou com quem quer que fosse, em circunstância alguma. E nunca falou.

Mais tarde, eu própria fui falar com o psiquiatra. Queria descobrir a razão de ela não ter falado ao meu pai sobre a minha existência durante todos aqueles anos. Tudo o que ele me disse foi:

- Alguma vez guardou segredo a respeito de outra pessoa?
- Claro que sim - disse-lhe.
- Aí tem - replicou ele.

E foi tudo. Não quis responder a mais perguntas minhas. Tive de me conformar com o facto de que nunca saberia a resposta àquela pergunta.

Depois de viver connosco no Surrey durante sete anos, Thelma comprou o seu próprio apartamento em Croydon. Tinha agora um bom emprego e era evidente que conseguia fazer face às suas necessidades. Os meus pais vieram a Londres numa visita de dez dias e ficaram em casa dela. Nunca me visitaram, nem a sepultura do meu filho morto, embora estivéssemos a uma distância de menos de dez minutos de táxi. Não fui convidada para ir a casa de Thelma para os ver. Doe! E contudo, Thelma telefonou-me a pedir-me que arranjasse medicamentos para o meu pai que estava com câibras. Como sempre, pus-me imediatamente em acção. A minha família precisava de mim!

Até convenci um especialista a receitar sulfato de quinina como medida de emergência. Ele disse que, como o meu pai já tinha tido problemas coronários, devia consultá-lo para fazer exames ao coração. Quando entreguei os medicamentos a Thelma, sugeri que ele seguisse o conselho. Ela levou os comprimidos e nunca mais se mencionou a hipótese de ele ir ao hospital fazer um exame geral. Nessa visita, não houve mais nenhum contacto.

Essa visita foi cerca de seis meses antes do casamento de Thelma. Quando Thelma ficou noiva, eu esperava participar em todos os acontecimentos excitantes que antecederiam o casamento da minha irmã. Em vez disso, fui excluída de todos os preparativos, à excepção do pedido de lhe preparar o bolo de noiva. Para padeira, eu servia. Isto devia ter-me posto no meu lugar. Mas fiquei tão satisfeita por me permitirem que fizesse alguma coisa! Tinha colocado a minha família num alto pedestal e sentia-me grata por todas as migalhas que caíssem da sua mesa. Eram muito mais importantes que eu e, pelo menos, eu tinha alguma utilidade.

Indirectamente também paguei o vestido de casamento, o que envolveu um bocado de sorte. A igreja tinha um sorteio mensal e eu paguei a quota mensal de Thelma. Acho que me pus a jeito para ser usada. Era só uma libra por mês. Nesse ano, o nome dela apareceu na lista vencedora. Ganhou trezentas libras, que deram para pagar o vestido de casamento.

Penso que o meu pai me explorava, através de Thelma. Sempre tive um sentimento de protecção em relação a ela; Thelma fazia parte da minha família real e vivia comigo. Era o que eu sempre desejara, uma família que pudesse

proteger. Estava tão orgulhosa de ter um membro da minha família a viver em minha casa! Nunca pedi nem esperei nada nem qualquer forma de pagamento. A seu favor, ela nunca deixou de ajudar nos trabalhos domésticos e, com o meu filho Anthony, comprou-me a minha primeira máquina de lavar louça.

Harry, Anthony e eu fomos convidados para o casamento, que se realizaria em Adare, condado de Limerick, em Abril de 1991.

Fizemos a viagem habitual para a Irlanda, de automóvel eferry, pois tivemos de transportar os quatro andares do bolo de casamento. Uma das camadas era um pão-de-ló especial, em forma de coração, pois Thelma não comia bolos de fruta pesados.

Na igreja, senti muita dificuldade, pois tudo me lembrava o dia do meu casamento. Era o primeiro casamento da família a que eu assistia, juntamente com os meus pais e os meus irmãos. A igreja era um edifício pequeno, pintado de cor creme, construído para o efeito e que se destacava claramente contra o pano de fundo enxovalhado e triste da parte de Janesboro ocupada pela classe trabalhadora.

O meu pai e a minha mãe acompanharam a filha Thelma pela nave até ao altar. Recordei o meu casamento e como deveria ter sido. Os meus pais deviam ter estado presentes. Deviam ter estado no meu casamento em vez da família de faz-de-conta que eu tive de arranjar.

Na igreja, sentei-me atrás dos meus pais. Quando entraram, o meu pai disse “Olá» aos três, sem se dirigir a nenhum de nós em especial. A minha mãe limitou-se a lançar-me um olhar, como quem diz “Porque estás aqui?»

Quando a cerimónia começou, pensei: “A Thelma não tem antecedentes como os meus, não tem medos a enfrentar no dia do seu casamento.» Comecei a sentir-me excluída.

Para o casamento de Thelma, comprei um vestido Moschino na boutique do Ritz em Wimbledon. Custou-me setecentas e vinte e cinco libras. Até a roupa interior era de estilista e custou noventa e cinco libras. Comprei no Harrods, uma cinta francesa da marca La Bourje, para não ter “pneus» debaixo do vestido. Os sapatos e a carteira eram da Russell e Bromley e custaram quatrocentas e cinquenta libras. A toilette era completada com um casaco de pele de raposa azul da Noruega, comprado numa casa de peles de Knightsbridge e que me custou

duas mil e duzentas libras. Tudo rematado com um chapéu muito elegante criado para mim por Beverly Haynes, uma das estilistas de Jean Muit. Estava vestida com toda a elegância. Sabendo como a minha mãe se vestia bem e com peças caras, pensei que, se usasse roupas caras e de boa qualidade, ficaria inserida no ambiente, seria aceitável e suficientemente boa para assistir a um casamento da família O'Sullivan.

Quando cheguei à igreja, as primeiras três pessoas que encontrei foram a tia Eileen, irmã do meu pai, e as suas duas filhas. Eileen trazia um fato turquesa com chapéu da mesma cor, com acessórios a condizer na perfeição. As suas duas filhas estavam igualmente elegantes.

Senti imediatamente que nunca conseguiria ultrapassá-las ou estar sequer ao nível delas. Achei que toda a minha dispendiosa roupa fora em vão. E depois deparei-me com a minha mãe, vestindo o que parecia uma criação de mil libras. Senti-me horrível.

Senti-me como uma estranha a espreitar lá para dentro. Era como sempre tinha estado.

A cerimónia religiosa correu sem incidentes. O padre fez o habitual discurso de casamento, inócuo e inofensivo, à noiva e ao noivo. Depois passou a pasta ao padre da paróquia que ajudava, para que dissesse algumas palavras bem medidas. Depois de desejar felicidades à noiva e ao noivo, agradeceu a Tom e a Doreen por serem católicos, membros dedicados e dignos da comunidade local. Agradeceu-lhes a sua extraordinária generosidade para com a igreja e o clero locais e por “darem sempre aquele pequeno extra» como contributo financeiro. Quando ele disse aquilo, lembrei-me de que eu, sua filha, noutra igreja, a menos de trinta quilómetros de distância, comia a cera das velas de cêntimo porque morria de fome e não tinha nada para comer.

Como se vê, tudo desencadeava recordações desagradáveis. E continuava a haver conflitos. Também tinha orgulho no meu pai e na minha mãe, em particular porque o irmão de Harry e a esposa dele e minha amiga Majella estavam no casamento. O meu ego queria que eles vissem a minha família fabulosamente vestida. Queria que vissem os meus primos padres, as minhas tias freiras, os médicos. Esta parte do meu ego tinha orgulho em reivindicar a relação com eles. Era o que eu pensava que queria. Queria “pertencer», fosse a que preço fosse. Pensava que esta era a família ideal. Mas sei agora que o meu “eu

real» punha tudo em causa: “Como pôde esta família não saber de mim e não cuidar de mim, tendo eu a vida de degradação e privação a que me condenaram?» Dentro da minha cabeça decorria este diálogo interior constante de emoções em conflito.

Quando o padre da paróquia se levantou e falou em termos tão elogiosos do sentido de responsabilidade da família do meu pai e das suas mais do que generosas contribuições financeiras para a Igreja Católica, comecei a ferver de raiva. Queria dirigir-me para o altar, tirar o microfone ao padre e contar a todos os presentes que na verdade tudo aquilo era hipocrisia porque eu era a filha que eles haviam abandonado à mais negra miséria e a uma vida destruída. Queria perguntar a todos os presentes como se teriam sentido se tal coisa tivesse acontecido à sua jovem filha.

Queria incluir as minhas tias freiras, as pessoas da família que me tinham enviado “aquele desgraçado vestido da Primeira Comunhão» com o qual fui tão brutalmente violada. As “tias freiras» sabiam da minha existência. Todas as Irmãs da Caridade que me conheciam e falavam comigo se referiam a elas. Deviam saber onde eu estava. Podiam ter vindo ter comigo. Em vez disso, preferiram ignorar-me.

Nesse dia, no casamento, desejei denunciá-los como agentes activos e colaboradores informados. Tudo foi organizado por intermédio da Igreja Católica, pelos seus padres e freiras, embora por ordem da minha família natural.

Mas, mais uma vez, contive-me. Foi a melhor decisão, manter-me em silêncio e não dizer a ninguém. Mal sabia Thelma como a cerimónia do seu casamento esteve perto de ser estragada por uma controvérsia desencadeada pela sua nova irmã.

Depois das fotografias, dirigimo-nos para a recepção. A minha irmã Avril era a mestre-de-cerimónias e a minha outra irmã, Rosaleen, era dama de honor.

Como Thelma vivera comigo em Londres, pensei que ela me havia aceitado como irmã. Pensei que ela gostaria que eu me integrasse no seu dia de casamento tão especial. Fora mesmo por meu intermédio que ela conhecera o marido, porque a irmã dele, Majella, e eu éramos amigas quando eu vivia em Belfast. À medida que o romance deles progredia, penso que, de certo modo, tomei como garantido que seria eu a mestre-de-cerimónias no casamento dela.

Mas um dia a minha amiga Anna disse-me que Thelma escolhera Avril e Rosaleen. Senti-me ferida e traída, primeiro porque fora excluída e segundo porque soubera os pormenores por intermédio de terceiros.

Thelma telefonou-me para o emprego pouco depois e eu disse-lhe:

- Anna disse-me que escolheste Avril para mestre-de-cerimónias e Rosaleen para dama de honor.

Ela respondeu:

— Exactamente, elas são minhas irmãs. Cresci junto delas.

Foi como se me tivesse apunhalado. Não foi por não me ter escolhido para dama de honor, mas unicamente o facto de as considerar irmãs e não me ver como uma irmã igual às outras. Senti-me profundamente ferida mas nunca revelei os meus sentimentos. Suprimi a minha dor e a minha raiva e continuei a jogar o jogo delas. Foi o que tudo aquilo significou para mim nessa altura — jogos mentais.

Chegámos ao hotel Woodlands para a recepção. A minha mãe e o meu pai estavam à entrada àofoyer a cumprimentar os convidados que iam chegando.

Menos eu! Nenhum deles me apertou a mão. Nenhum deles me disse uma única palavra. Não sei porquê.

Tentei cumprimentar a minha mãe com um beijo, mas ela desviou a cabeça e lançou-me um dos seus olhares cortantes. Enquanto estávamos no foyer, pedi a Harry que fosse buscar bebidas a contar também com a minha mãe. Ela recusou a oferta dele com voz brusca. Quando Harry se dirigiu para o bar, lançou-me um olhar que queria dizer: “Nunca mais me peças que fale a essa mulher.»

Nessa tarde, tentei tudo para conversar e ser amistosa com ela. Mas não resultou. Achei que ela estava com um péssimo aspecto nesse dia. Tem um ar infelicíssimo em todas as fotografias. Sempre que pensava que a minha mãe ia tirar uma fotografia, ia atrás dela. Sempre que ela tirava uma fotografia eu punha-me atrás dela.

Não ia permitir que ela me esquecesse e ela não estava nada satisfeita.

Mas, embora me sentisse muito mal disposta, desempenhei o meu papel durante

todo o dia, como se não tivesse uma única preocupação neste mundo. Convivi com os meus irmãos. Tive longas conversas sobre assuntos triviais com as minhas tias paternas. Falei mais com a família do noivo, que conhecia há bastante tempo, dos meus tempos na Irlanda do Norte. A mãe dele era uma pessoa encantadora e estava feliz por ver o seu filho casado.

Depois de terminados a recepção e o baile, quando a noiva e o noivo estavam a sair do hotel para a lua-de-mel, dei comigo ao lado da minha mãe a comentar:

- Perdeu muito peso.

— Perdi, sim — respondeu ela.

O tom da resposta não foi tão brusco como o das anteriores, por isso pensei que ela tinha suavizado ou perdido um pouco da sua frieza. Achei que era um progresso, mesmo que muito pequeno, pois não falávamos uma com a outra desde a noite do vigésimo primeiro aniversário de Thelma. Pensei que, em certa medida, a falta de comunicação talvez fosse culpa minha. Depois da morte de Ronan, eu vivia em modo de sobrevivência e os contactos com os meus pais, ou a sua própria existência passaram a ser uma questão meramente casual. A minha conversa com a minha mãe durante todo o casamento resumiu-se àquela breve troca de palavras. Mas fiquei satisfeita e preparei-me para aceitar qualquer tolerância, mesmo que pequena.

Em certa medida, éramos as duas responsáveis pelo grande fosso existente agora entre nós.

Na manhã seguinte, ao arrumar a mala para sair do hotel, recebi um telefonema do meu pai.

Perguntou-me se eu iria visitá-los ou, como ele disse, se “passaria por casa».

Eu disse:

- Acho que não. Penso que não seria boa ideia, não acha? A minha mãe não quis falar comigo ontem; porque falaria hoje? Não vou lá para ser humilhada e ouvir gritos.

Ele insistiu:

- Ora, esquece o que aconteceu ontem, a tua mãe quer que venhas cá a casa.

Concordei em ir. Estava incomodada, tinha muitas dúvidas acerca da visita e sentia-me muito nervosa.

Pensando nisso agora, pergunto a mim própria: “Quantas pessoas se sentem nervosas quando vão a casa dos pais visitá-los?»

Cheguei a casa deles e o meu pai disse-me que desse um abraço à minha mãe. Quando me aproximei dela, ela encolheu-se como se uma coisa horrível estivesse prestes a tocar-lhe.

Recuei.

Os olhos dela lançavam chispas para o meu pai. Ele ergueu os braços, virou as costas e saiu. Ela olhou então para mim e, com uma simples troca de olhares, concordámos numas tréguas silenciosas. Estranhamente, compreendi como ela se sentia porque sabia a sensação terrível que era o contacto com uma pessoa que não queríamos que nos tocasse.

Tomámos chá com sanduíches na sala de estar da frente, coisa que nunca tinha acontecido. O ambiente era formal, mas muito correcto e quase amistoso. Até falámos do meu nascimento e a minha mãe contou que teve febre reumática depois de eu ter nascido. Esteve então a viver com o tio Jack, que teve pena da sua triste situação. Deve ter sido ele que pagou as cem libras para ela sair do Lar das Mães Solteiras. Não podia ficar com o tio Jack tendo uma criança ilegítima. Não foi autorizada a regressar a casa da mãe em Clarina. Ficar em casa do tio Jack, desde que fingisse que não tinha um bebé ilegítimo, ainda era possível. Mas eu, o bebé ilegítimo que a família considerava a escória do mundo, não tinha direito a planos tão cuidadosos.

O meu pai disse que costumava ir vê-la e levá-la a dar passeios lentos em passos cuidadosos até ela recuperar por completo a saúde. Gostaria de ter perguntado à minha mãe se ela lhe falara da sua ausência de seis meses. Onde terá ele pensado que ela passou aqueles seis meses? Com certeza fez-lhe perguntas sobre isso.

Ela contou-lhe uma mentira ou disse-lhe a verdade? Se lhe disse uma mentira acerca daquela ausência de seis meses, ele acreditou no que ela lhe contou?

Terá ele suspeitado das razões do afastamento dela durante seis meses?

Foi conveniente para o meu pai não saber onde ela estivera durante seis meses?

Se ela lhe mentiu e ele acreditou, pode ter sido conveniente para os dois não falarem mais no assunto. Mas, se ela lhe disse a verdade, nesse caso ele soube da minha existência desde o princípio. Claro que eu não tinha respostas para todas estas perguntas, pois nunca as verbalizei.

Perguntei-lhe quanto tempo passou no Lar para Mães Solteiras em Bessboro, onde nasci, mas ela não quis responder e mudou de assunto com um aceno da mão e um olhar de aborrecimento. Não me permitia nem um simples olhar de relance à sua vida enquanto esteve grávida de mim. Preferia falar do tempo em que o meu pai era novo. Apercebi-me de que havia uma grande atracção sexual entre eles.

Os problemas de saúde da minha mãe eram um tema importante de conversas e ela gostava de os explorar em grande pormenor. Mas agora já era demasiado tarde. Eu não sentia a menor empatia pelos seus problemas, porque ela fora a causa dos meus. Por outro lado, a minha mãe, embora menos fria, continuava a manter-se afastada.

Depois do chá e das sanduíches, acompanhei o meu pai à loja, onde ele ia buscar o jornal todos os dias. Ele abordou mais uma vez a questão financeira. Preparei-me para outro pedido de empréstimo. Perguntou-me se eu tinha as finanças em ordem. Disse que tinha consciência dos problemas que eu enfrentava devido ao dinheiro que gastara com eles.

Como sempre, disse-lhe que tinha resolvido os problemas. O que não lhe disse foi que estava fortemente endividada com o banco e que demoraria muitos anos a pagar empréstimos.

Graças ao gestor da minha conta, que era uma pessoa compreensiva, os meus assuntos haviam sido cuidadosamente organizados e os meus pagamentos foram renegociados num empréstimo a longo prazo. Esta solução tirou a preocupação e a tensão de cima dos meus ombros.

Depois de se certificar da minha situação financeira, o meu pai revelou-me que estava com mais problemas. Disse-me que contraía um empréstimo elevado e que não conseguia pagar as prestações.

Propus ajudá-lo. Disse que o ajudaria a pagar a prestação mensal e assim assumi

mais um encargo financeiro para o qual não tinha meios. Compreendi que, com todas as roupas caras que comprara para o casamento, devia ter-me preparado para tal pedido. Passei a mandar-lhe um cheque pelo correio todos os meses.

Ficámos em Buttevant durante o resto da semana do casamento. Voltei a entregar-me nos braços da MINHA família, mas sem Kit já não era a mesma coisa. Contudo, ali sentia-me feliz. Não havia rancor nem amargura. Não havia discussões.

Ainda vi os meus pais mais uma vez durante a semana. Levei-os ao restaurante “The Texas Steakhouse», em Limerick.

A refeição decorreu com grande civismo.

Eu tinha mudado.

Não voltaria a permitir que os meus pais desempenhassem um papel tão importante na minha vida.

A morte do meu filho destroçara-me a vida.

Regressámos a Buttevant, onde Tony guardara a camada superior do bolo de casamento, e dali regressámos a Londres.

Duas semanas depois de regressarmos a Londres, recebemos um telefonema de Thelma, que nos perguntou se podia vir outra vez viver connosco — queria deixar o marido ao fim de duas semanas de casamento.

Eu fiquei muito chocada. Ainda tinha o mesmo sentido de protecção em relação a ela e disse-lhe que, claro, podia vir viver connosco outra vez.

Telefonei a Majella, a irmã do marido de Thelma, para tentar perceber qual era o problema. Thelma ficou de facto uma semana connosco, enquanto resolviam a questão.

Estava com dificuldades em suportar tudo e mais alguma coisa. Não conseguia agir como devia ser e as coisas não pareciam melhorar. Um dia, depois de Thelma ter voltado para junto do marido e quando o irmão de Harry estava lá em casa, anunciei com toda a seriedade que não conseguia aguentar a pressão. Por isso ia procurar ajuda, com o apoio de um conselheiro.

Com igual solenidade e em voz baixa, não fosse alguém ouvi-lo, Paddy Roberts disse:

- Ohhhhh, não vais contar os teus problemas a gente dessa.

Mas desta vez eu estava decidida a fazer o que era melhor para mim.

22. A partida dele

A partir do casamento, entre os meus pais e eu houve um período de aridez. Eu procurei um conselheiro e é possível que as sessões tenham afectado o meu relacionamento com eles, mas as longas conversas ao telefone acabaram de ambos os lados.

Continuava a ajudar o meu pai a resolver os seus problemas. Mantivemos este segredo entre nós. Mas, a pouco e pouco, comecei a aperceber-me de que o meu pai parecia andar a gastar o dinheiro. Fiquei perturbada por ele me pedir ajuda financeira para ajudar a regularizar um empréstimo que, na realidade, eu não tinha provas de que ele estivesse de facto a pagar. Deixei de lhes comprar coisas só por achar que eles gostariam.

Voltei a vê-los em Agosto do mesmo ano, quando o irmão de Harry, Michael, morreu num acidente industrial no local de trabalho. Foi sepultado na Irlanda e fomos ao funeral.

Os meus pais também vieram ao funeral. Numa das noites, convidámo-los para jantar no restaurante. Correu tudo bem. A minha mãe esteve calma e o meu pai parecia bastante feliz. Não passámos muito tempo com eles e despedimo-nos delicadamente. Desta vez não houve abraços nem outros contactos físicos.

Mal sabia eu que seria a última vez que via o meu pai vivo.

Se eu soubesse, sem dúvida que me teria aproximado mais. Depois disso, os nossos contactos telefónicos foram irregulares.

Poucos meses depois, num domingo à noite, dia 3 de Novembro de 1991, quando regressei da igreja, Harry disse-me que Marion, a mulher de Tommy Jr., tinha telefonado. Achei estranho, porque Marion nunca me telefonava. Liguei-lhe e ela disse-me:

- O teu pai sentiu-se mal esta tarde na missa.

Pela voz dela, compreendi que estava muito transtornada. Disse que ele estava

no hospital e deu-me o número de telefone. Telefonei imediatamente para lá. Falei com o Serviço de Acidentes e Emergências e pediram-me que “esperasse». Tive de ouvir música rock em fundo, enquanto tentava manter-me calma.

A enfermeira-chefe acabou por vir ao telefone. As respostas dela revelaram que a situação era grave.

- Teve uma paragem cardíaca?

- Sim.

Fiz uma pergunta negativa:

- Nesse caso, não recuperou, pois não?

- Não.

Fiquei tão chocada e transtornada que o telefone me escorregou da mão.

Anthony estava no vestíbulo junto de mim, a decifrar a conversa pelo que eu dizia. Compreendeu o que tinha acontecido. Deu um murro de raiva tão forte na parede que partiu um osso da mão. A enfermeira-chefe passou o telefone à minha mãe.

Esta disse-me:

- Oh, o meu amor partiu. Estava muito transtornada. Senti-me triste por ela e por mim.

Tinham ficado tantos assuntos por resolver entre o meu pai e eu!

Senti-me defraudada. Nunca conseguiria obter as respostas. Nunca ficaria a saber as coisas que queria saber. Queria falar com os dois sobre as razões pelas quais tudo corria tão desastrosamente entre nós.

Queria falar sobre a euforia quando os encontrei e o desmoronar do nosso relacionamento. Queria explicar os meus sentimentos de inadequação, de me sentir inaceitável e de não me enquadrar na família. Agora, nunca teria a oportunidade de dizer essas palavras.

Telefonei a Thelma e dei-lhe a notícia. Esperava que ela ficasse histérica, pois Thelma era a “menina dos olhos dele». Verifiquei que ela não ficou muito perturbada, mas penso que pode ter ficado em estado de choque.

Anthony e eu apanhámos o avião para a Irlanda logo que conseguimos. Tommy Jr. foi buscar-nos a Shannon. Vim a saber que o meu pai estava a assistir à missa vespertina quando teve um ataque cardíaco. Deu entrada no hospital já sem vida.

Tommy Jr. e Avril foram à agência funerária para tomar as medidas necessárias para o funeral. Fui a uma florista encomendar coroas de flores. Escrevi: “Eterna saudade da filha mais velha, Celine.» Mas, por dentro, queria dizer que me sentia defraudada, que o tempo que passámos juntos fora muito pouco e também pelo facto de a minha mãe ser tão amarga. Sentia que ela não tinha permitido que desenvolvêssemos uma relação pai-filha adequada e que agora isso nunca mais seria possível.

Cada neto lançou uma rosa vermelha na sepultura, incluindo Anthony. Anthony adorava o avô. Falavam muitas vezes um com o outro acerca de matemática e números. O avô era um modelo para ele. Todos aqueles miúdos adoravam o meu pai.

À medida que os dias passavam, fui compreendendo que a sua morte não foi tão grave como eu havia pensado. Não teve grande impacto na minha vida. O que permanecia na minha cabeça eram as perguntas sem resposta, as dúvidas incomodativas. Eu queria ter ficado com uma madeixa do cabelo dele, mas a oportunidade não surgiu, por isso não tenho uma recordação pessoal.

No dia em que ele morreu, eu não era a mesma pessoa que seguiu a sua pista e o encontrou. A primeira vez que pousei os olhos nele, pela primeira vez na vida, quando ele se dirigiu a mim no aeroporto, surgiu-me como um deus. Era muito especial. Embora a sua morte tenha sido uma perda enorme na minha vida, nenhuma perda podia comparar-se à morte do meu filho. Ao mesmo tempo, senti a morte do meu pai como um acontecimento muito definitivo. Era o fim. Não poderia levantar mais questões. Se surgissem outras questões, a minha oportunidade, ou a minha janela no tempo, tinha desaparecido.

No cemitério, foi enterrado ao lado do seu irmão mais novo, Frank. Disse-me uma vez que haviam sido grandes companheiros e que tinham feito tudo juntos até se casarem.

Nesse dia não chorei, nem sequer enquanto enchiam a sepultura. Quando nos afastámos, olhei para trás e pensei que devia estar a chorar, mas não conseguia. Não tinha lágrimas.

Todos os presentes foram para o clube de futebol de Cloughaun, onde foi servida uma refeição ligeira e todas as pessoas que o conheciam disseram bem dele. Mesmo na morte, não fui apresentada a ninguém como filha dele. Era como se continuassem a esconder-me.

Uma vez, quando ele me apresentou ao primo, disse: “Esta é a Celine, foi o fruto do nosso amor que mantivemos escondida.» Soltou uma risada ao dizer isto. Era como se tentasse explicar a minha longa ausência e o meu súbito aparecimento, e como se toda a situação fosse aceitável. Mas, para mim, não foi aceitável. Eu não havia sido apenas escondida; eu fora condenada a uma vida de degradação da qual, sendo criança, não podia escapar.

O meu pai partira. A minha mãe e os meus irmãos tinham a proximidade familiar para se apoiarem uns aos outros, mas eu sentia-me excluída.

Era uma sensação na verdade muito estranha. Fiquei em casa do meu irmão Tommy e regresssei a casa alguns dias depois. Interrogava-me sobre o que o futuro reservaria à relação entre a minha mãe e eu.

23. Novas respostas

Após a morte de Ronan e depois da do meu pai, tentei realmente devolver alguma normalidade ao meu mundo. Queria fazer coisas normais, quotidianas - como tomar conta de Anthony e Harry e trabalhar em horas normais. Mas, em vez disso, pensei que ia enlouquecer.

Tony, que costumava telefonar com frequência depois da morte de Kit, morreu um dia de repente. Ficámos todos abalados. Eu não estava de maneira nenhuma preparada para a morte dele. Não parava de gritar quando me disseram que ele morrera: “O Tony morreu e foram eles que me compraram os meus primeiros sapatos.» Estava histérica. A sua morte foi uma das que mais me chocou. Fora dar um passeio com o cão e, no regresso, sentou-se para descansar. Pouco depois, a irmã encontrou-o já morto. Eu não conseguia deixar de gritar. Estava mais uma vez de regresso a Charleville, com os primeiros sapatos novos de toda a minha vida.

Não conseguia suportar! Tudo corria mal. As minhas finanças estavam num desastre. A parte sexual do meu casamento deprimia-me. Odiava-o. Antes, quando trabalhava de noite, era para fugir ao sexo. Não achava que a culpa fosse de Harry. Ele tinha um forte apetite sexual e, embora eu tentasse ser-lhe agradável, não conseguia sentir prazer naquelas relações. Agora que não trabalhava de noite, ele queria sexo todos os dias.

Tinha de me afastar. Decidi investir na minha instrução. Pedi para fazer um bacharelato no King's College, Universidade de Londres. Estava em absoluto decidida a demonstrar que não era a criança estúpida que as freiras da Escola Industrial Mount disseram que eu era, quando recusaram deixar-me prosseguir a instrução, tinha eu treze anos. Tinham dito então que eu só servia para descascar batatas e cenouras e para limpar os sanitários.

Fui aceite para fazer o curso. Tendo ainda nos ouvidos aquelas considerações sobre a minha instrução, apresentei-me na Universidade pela primeira vez. Era um edifício grande e antigo e, em vez de sentir um temor respeitoso, senti orgulho ao percorrer os corredores. Não estava nervosa. Viera de muito baixo. Não tinha recebido instrução em criança e agora queria fazer parte de uma

Universidade.

Foi uma sensação muito agradável.

A própria linguagem era diferente e estranha para mim. Na primeira aula, o professor falou sobre o modo como nos indicaria as questões-chave, as referências e a bibliografia. A terminologia entusiasmou-me. Perguntava a mim própria qual poderia ser o significado destas palavras. Estava ansiosa por chegar a casa para procurar o significado de “questão-chave».

Nos tempos mais próximos estaria embrenhada numa Licenciatura em Gerontologia. Adorei o curso. Podia ser eu mesma. O curso transformou-se no meu objectivo. Na verdade, estudava sempre que tinha tempo livre, fosse noite dentro fosse nos dias de folga.

O curso transformou-se na minha sanidade. Precisava dele porque estava a ser constantemente alvo de emboscadas do meu passado. Uma vez regressiei de visita a Waterford e fui a um baile com Harry. Uma amiga veio ter comigo e disse-me que queria apresentar-me a um homem e à mulher dele que eram de Limerick. Foram os olhos dele que eu reconheci. Era o vizinho que me violara havia tantos anos. Nem sequer ficou com uma expressão de desconforto. Eu fingi que estava tudo bem mas, quando Harry se aproximou para os conhecer, fiquei apavorada com receio de que ele os convidasse para uma visita. Disfarcei como pude mas, quando nos afastávamos, Harry perguntou-me:

- Não vais dar-lhes a nossa morada?

Já outras pessoas tinham ficado em nossa casa quando iam a Londres e ele pensou que era a mesma coisa. Eu limitei-me a dizer que não e continuei a andar. Desde então, nunca mais voltei a passar férias em Waterford; só lá ficava um dia por outro.

A verdade é que adorei estudar para me formar e, em certa medida, quase fiquei desiludida quando me licenciiei, em 1993. Fiz os exames finais e passei com distinção. Recebi o diploma no Birkbeck College, Universidade de Londres.

Nesse dia era-me permitido ter dois convidados presentes. Anthony era um deles e entendi que devia ter a presença da minha mãe. Era provavelmente um desejo subconsciente de lhe demonstrar como a vida me tinha corrido bem. Também queria que ela conhecesse em primeira mão o meu sucesso académico, superior

ao de qualquer um dos seus outros filhos. Queria demonstrar-lhe que, apesar de me ter abandonado, eu conseguira ser melhor do que qualquer um deles. Eu começara com um sentimento de desvalorização e chegara a um sentimento em que revelava ser capaz de ultrapassar os meus sonhos mais ousados. Queria que ela estivesse presente, porque queria que ela tivesse orgulho em mim.

Chegou o dia, mas ela ficou tão assombrada com todo o evento que o meu impacto foi nulo. Pensei que, como ela se vestia sempre com tanta elegância e estava sempre à altura de todas as ocasiões, compraria um traje novo para a minha formatura. Mas não comprou. Na realidade, até se vestiu de maneira demasiado modesta para a ocasião. Trazia roupa velha, que já usara muitas vezes para ir às compras.

Toda a cerimónia esteve muito acima dela. Quando a parte formal terminou, houve uma pequena recepção, durante a qual a apresentei a um dos meus professores. Trocaram umas breves palavras e eu ouvi-a tentar ficar com a glória do meu triunfo, dizendo ao mestre como havia educado “todos os seus filhos». Não estava orgulhosa de mim; estava apenas a fazer um dos seus jogos. Não me importei, pois nessa altura já estava bem habituada a eles. Sabia que Anthony estava orgulhoso de mim e compreendi que ela nunca sentiria esse orgulho, tivesse eu os sucessos que tivesse. Mas, no fundo, outra pessoa ficaria orgulhosa de mim. Senti-me um pouco chocada com esta experiência: eu estava orgulhosa de mim. Era uma experiência totalmente nova.

Depois de receber o diploma, a minha mãe nunca mais ficou em minha casa. Penso que se deveu ao facto de já não ter de controlar tudo o que eu dizia ao meu pai. Enquanto o meu pai foi vivo, dir-se-ia que eu constituía uma ameaça grave ao relacionamento entre ambos. No caso de eu me interpor entre os dois, fosse de que maneira fosse, ela tinha de vigiá-lo. Não permitia que estivéssemos sozinhos um com o outro. Se alguma vez escapássemos à sua vigilância e passássemos alguns momentos juntos, ela não estava longe.

Depois da morte do meu pai, nunca mais voltei a ficar em casa da minha mãe. Era como se todas as pessoas para quem eu era aceitável tivessem desaparecido. Não havia razão para ali voltar.

Sempre que a minha mãe ou os meus irmãos vinham a Londres, ficavam todos em casa de Thelma. Ela vivia por cima do bar que administrava com o marido, com grande sucesso. Isso reforçou em mim a ideia de que todos faziam parte de

uma família a que eu não pertencia.

Passaram-se dois anos durante os quais não vi a minha mãe. Também não tivemos contacto telefónico. Depois, numa sexta-feira de Maio, em 1996, fui às compras ao West End. Quando regresssei a casa, tinha no atendedor de chamadas uma mensagem de Thelma, dizendo que a minha mãe sofrera um ataque cardíaco. Na mensagem, Thelma desvalorizava o assunto, dizendo que seria provavelmente uma das suas maneiras de despertar compaixão. Nesta altura, eu ainda não estava habituada ao sentido de humor de Thelma. Ela deixara o número de telefone do hospital de Limerick. Telefonei para lá imediatamente e apresentei-me como enfermeira qualificada, usando um tom de voz cheio de autoconfiança. Desta vez não queria andar com rodeios nem ficar à espera.

- Ela teve uma paragem cardíaca?

- Teve.

- Nesse caso, recuperaram-na?

- Sim.

- A minha mãe tem antecedentes de problemas cardíacos. É melhor eu ir até aí?

- Ambas sabemos que deve considerar essa hipótese.

- É tudo o que quero saber, obrigada.

Contactei freneticamente as agências de viagens, procurando arranjar um voo para Shannon. Não havia nenhum. Havia um para Dublin e foi esse que apanhei.

Antes de sair para o aeroporto, telefonei ao meu primo Tommy O'Sullivan, que vivia em Malahide, e disse-lhe o que sucedera e a razão de eu seguir de avião para Dublin. Tommy era meu primo do lado do meu pai. Disse que ia buscar-me ao aeroporto e que eu podia ficar em sua casa.

Fiz a viagem para Dublin em estado de pânico, cheia de pensamentos do género “e se ela morre e eu não estou lá?». Tinha um milhão de perguntas a fazer e ia ficar retida em Dublin de um dia para o outro.

Lembrei-me de um velho ditado que Kit costumava usar: “Se os “ses” e os “mas”

fossem tachos e panelas, não haveria necessidade de latoeiros.»

Tommy foi esperar-me e quis levar-me para sua casa.

- Não, eu apanho um táxi de Dublin para Limerick - respondi.

- Isso é do outro lado do território, vai custar uma fortuna.

- Não me ralo com o que custa, vou para Limerick esta noite. Ele deve ter compreendido que estava a lidar com uma mulher histérica e por isso, sem mais comentários, disse com tranquilidade que me levaria pessoalmente a Limerick. Nunca esqueci aquela generosidade e sempre senti que tanto ele como a sua família me aceitavam muito bem. Nada fizera para merecer a sua aceitação mas, logo que surgiu em cena, senti que sua família me aceitava de coração aberto.

Chegámos ao Hospital de St. John's de Limerick às três da madrugada. Tommy Jr. e Avril, a minha irmã, estavam lá. Quando a minha mãe me viu, ficou um pouco desorientada. Pensou que eu estava a passar férias na Irlanda. Estava um pouco desfasada de tudo o que tinha acontecido.

Quando olhei para ela, compreendi que era o fim. Sofrera um enfarte do miocárdio. Por outras palavras, um grave ataque cardíaco. Estava com um aspecto muito frágil e já não tinha coragem para lutar. Era irreversível, não recuperaria.

Sáímos todos do hospital às quatro da madrugada. O meu primo Tommy regressou a Dublin e eu fui passar a noite a casa de Tommy Jr.

No dia seguinte, sábado, o meu sobrinho Darren seria confirmado na Igreja Católica. Era um importante acontecimento familiar e toda a gente foi convidada, mas eu não fui. Dirigi-me ao hospital e fiquei junto da minha mãe. Ela passou o dia todo ora acordada ora a dormir. Eu conversei delicadamente sobre ninharias com ela. Ela não estava em condições de ter uma conversa séria. Eu tinha uma enorme quantidade de perguntas para lhe fazer e queria respostas.

Uma das vezes em que dormitou, murmurou: “O Ronan está comigo.»

Nunca me mexi tão depressa. Saltei da cadeira para junto dela. “O quê, onde, onde?» Compreendi que ela estava com alucinações e sentei-me na cadeira, expelindo lentamente o ar dos pulmões.

O cardiologista veio vê-la.

- O estado da minha mãe é muito precário. Está muito desorientada - disse-lhe eu.

- Tem razão, ela tem passado mal nos últimos dois anos.

Eu não estava preparada para saber que ela se encontrava assim tão doente.

- Então é o fim? - perguntei-lhe.

Ele cerrou os lábios e acenou em silêncio.

Durante um dos seus momentos de lucidez, perguntei-lhe se ela queria vir viver comigo para Londres, onde eu poderia tomar conta dela. Ela disse que sim. Compreendi que naquele momento estava na posse das suas faculdades. Diria qualquer coisa para sair de uma situação difícil.

Perguntei-lhe se ela queria falar sobre alguma coisa, se queria que chamasse um padre. A minha percepção do que ela quereria dizer talvez fosse diferente da dela.

O padre veio.

Ela pediu para ficar sozinha com ele. Ele saiu sem me falar. Ela nunca me disse o que lhe tinha dito. Nunca mais o vi. O clero irlandês nunca foi muito compreensivo para comigo.

Saí por um curto espaço de tempo e juntei-me aos outros membros da família, no almoço de celebração da Confirmação. Depois do almoço, voltei directamente para o hospital. Queria estar com ela até ao fim. Sabia que ela ia morrer. Era apenas uma questão de horas e não queria que ela morresse sozinha.

Por volta das sete horas da noite, regresssei a casa de Tommy Jr. para me refrescar antes da longa vigília nocturna que me esperava. Enquanto estive em casa dele, fui informada de que Avril telefonara a dizer que as enfermeiras do hospital tinham dito que a nossa mãe precisava de descanso.

Eu queria voltar para o hospital, mas Tommy Jr. achou que era melhor não ir. Eu aceitei a decisão de má vontade. Tinha a certeza de que ela morreria nas

próximas horas.

A minha cabeça começou a trabalhar. Estariam os meus irmãos a conspirar contra mim para me impedirem de estar com a minha mãe moribunda? Porque não me queriam lá? Não compreendiam que eu saberia quais as necessidades de uma pessoa moribunda? Como enfermeira, sei que, quando uma pessoa está prestes a morrer, pode fazer uma grande diferença ter alguém por perto quando a vida se esvai. O descanso de pouco lhe valia naquela altura. Eu não a impediria de descansar; só queria estar com ela quando ela morresse. Seria eu a única pessoa a saber que ela ia morrer? Talvez eles pensassem que eu estava um pouco histérica ou de cabeça perdida.

Deitei-me, mas o sono não veio. Às quatro da manhã, a extensão do telefone no meu quarto tocou. Atendi imediatamente. Era do hospital. Disseram-me que a minha mãe tinha morrido. Fiquei numa fúria. Compreendi que Avril, sozinha ou de convivência com um dos meus outros irmãos, me impedira de estar onde eu queria estar. Devia ter sido enérgica, apanhado um táxi e regressado ao hospital. Não estive com ela quando ela morreu porque não quis hostilizar os meus irmãos. Guardei tudo dentro de mim e disse a Tommy Jr. e a Marion que ela tinha morrido e fomos para o hospital.

Lembro-me de ter pensado: “Oh, meu Deus, ela partiu.»

Estava zangada porque ela trouxe dez filhos ao mundo e morreu sozinha.

Saí da ala do hospital, desci as escadas a correr e gritei “Raio de injustiça!»

Queria mais tempo, para dizer o que havia a dizer.

Disse-lhe muitas vezes que a amava.

Queria que ela me dissesse que me amava.

Ela nunca o disse.

O seu corpo foi levado para a agência funerária no domingo à noite. Foi enterrada ao lado do meu pai no cemitério Mount Oliver, na terça-feira.

Regressei a Londres na quarta-feira. Pedi uma licença de uma semana no emprego para recuperar.

Como é que a morte dela me afectou?

Uma coisa era certa — desta vez, a minha mãe não tinha vencido.

Epílogo Avançar e subir

A partir da morte dos meus pais, houve uma espécie de encerramento de uma parte da minha vida. Mas a verdade é que, ao fechar uma porta, outra se abriu.

Emocionalmente, tento olhar em frente mas, para progredir, tenho de olhar por cima do ombro para o meu passado. Ao fazê-lo, ele lançou-me uma montanha de perguntas para as quais não tenho resposta. Com a ajuda do conselheiro, estou a mergulhar numa viagem retrospectiva de confronto por um caminho da minha memória que não é propriamente agradável.

A maioria das sequências que recordo tem de ser analisada com franqueza. Não posso fugir e esconder-me emocionalmente delas e fingir que não aconteceram.

Continuo a não conseguir pôr-me de acordo com acontecimentos que levaram à minha entrega a uma mãe de acolhimento tão velha e malévola. Quando penso que comi cera de velas da igreja e que roubei comida quase todos os dias da minha infância, isso recorda-me uma vida de sofrimento e negligência, abusos e fome negra. Não tive a inocência de uma infância feliz.

Certa vez, fui visitar a igreja ao lado do bar do Meade em Bulgaden e encontrei uma placa na parede junto da pia da água benta. Recordava um padre da paróquia que morrera muitos anos antes do tempo em que eu ali vivera. Dizia:

Rezai fervorosamente pelo repouso da alma do Rev. James Walsh.

Durante trinta e nove anos padre das paróquias de Bulgaden e Ballinvala

que, pela sua Piedade, Eloquência e Zelo expulsou o vício e elevou os bem-intencionados.

Abandonou esta vida em 24 de Dezembro de 1858

Com 77 anos de idade.

Senhor, tende Piedade de mim, pela Vossa Grande Misericórdia.

Era estranho pensar que aquela zona tivera um problema de “vício» quase cem anos antes das experiências da minha infância. Quem me dera que alguém tivesse estado ali quando precisei de ajuda. A zona é agora uma zona de risco na comunidade. Do meu ponto de vista, era demasiado tarde. A comunidade nunca prestou atenção ao que me acontecia. Espero que a comunidade esteja agora mais alerta.

Não é fácil enfrentar a dor. Sou incapaz de “deixar em paz aqueles fantasmas». Os abusos sexuais obcecaram-me. Todas as noites vejo os rostos dos que abusaram de mim. Sob a forma de pesadelos, os actos repetem-se na minha cabeça, como cenas de um filme exibidas para uma audiência formada por um só prisioneiro.

Não consigo fugir.

Sinto raiva por dentro.

Luto para encontrar palavras que descrevam o medo tangível e o horror que uma criança experimenta quando um homem adulto delirante viola o seu corpo delicado. Nos casos de abuso sexual de crianças, espanta-me sempre que os adultos pensem que as crianças não tentam com denodo impedir que um adulto invada sexualmente o seu corpo. É entendimento geral que as crianças devem resistir aos abusadores.

Que força tem uma criança contra um homem adulto, emocionalmente tão incapaz que consegue abandonar o corpo devassado e interiormente arruinado de uma menina de sete anos deitada no chão de terra à espera que outra pessoa apareça e a salve?

Hoje, esses homens são vilipendiados como pedófilos, mas quando chegavam à nossa casa, apresentavam-se como os mais encantadores dos homens. Alguns deles eram pilares da comunidade local. Era nas ocasiões em que pagavam os meus serviços à minha mãe de acolhimento que ela se mostrava mais simpática comigo. Este comportamento tem-me perturbado ao longo de toda a vida. Como pôde uma mulher forçar um ser do mesmo sexo, em especial uma criança pequena, a satisfazer este tipo de depravação? Era o comportamento de alguém que, de repente, compreendeu que tinha uma vantagem considerável em seu poder e que tinha de mantê-la pelo seu potencial de lucro futuro.

Ainda não estou livre dos horrores dos abusos sexuais. Nem sequer sei se essa liberdade alguma vez estará ao meu alcance. No ponto em que me encontro

agora, é difícil ser optimista nessa frente de combate.

Como pôde a sociedade permitir que tais coisas me tivessem acontecido? Muitas pessoas sabiam o que se estava a passar e, não obstante, permitiram-se fechar os olhos à realidade. Desde que acontecesse a outra pessoa ou à filha de outra pessoa, pura e simplesmente não se importavam. As “tias freiras» são actrizes na minha vida que tenho dificuldade em enfrentar. Quando descobri a minha família próxima, começaram a aparecer membros da família afastada. Alguns dos primeiros membros da família do meu pai que me contactaram e me “deram as boas-vindas» à família foram as minhas “tias freiras», as suas duas irmãs. Recebi muitas cartas delas, como se sempre tivessem ignorado a minha existência.

Quando lhes perguntei directamente “Na época tinham consciência da minha existência e de que era vossa sobrinha?», negaram qualquer conhecimento do facto. Penso que disseram isto porque, se reconhecessem que sabiam da minha existência, reconheciam que poderiam ter-me salvo. Como Irmãs da Caridade, faziam parte activa da gestão de uma instituição muito poderosa. Faziam parte de uma ordem religiosa que permitia os abusos institucionais de crianças e tratavam a sua ocorrência como comportamento normal. Acho difícil de aceitar. Tendo testemunhado de perto esta hipocrisia e a negação do clero da época, nunca consegui respeitar os seus membros. É por isso com desilusão que tenho de tratar como testemunhos suspeitos e piedosos todas as desculpas altivas das minhas “tias freiras». Só elas sabem a verdade e responderão perante o seu próprio Deus.

Embora inicialmente tenha considerado o meu pai como um deus, o seu estatuto de divindade depressa enfraqueceu, aos meus olhos. Não era capaz de controlar a minha mãe. Pensei que ele ia resolver todos os meus problemas com ela, mas ele tentava sempre agradar-lhe em primeiro lugar e não a mim. Embora me aceitasse incondicionalmente, também queria que a minha mãe me aceitasse. Sentia-se frustrado porque nunca conseguiu que entre nós houvesse uma harmonia de mãe e filha. Mas nunca aprofundou o assunto, para compreender por que razão a minha mãe não podia amar-me. No fim, acabei por achar que era um homem fraco.

A minha mãe está na origem da maior confusão na minha cabeça.

As interrogações continuam a surgir.

Mesmo viva, não era capaz de me demonstrar fosse o que fosse.

Odiava-me.

Esforçou-se muito por se distanciar de mim.

Inicialmente, deve ter-se sentido segura. Eu não constituía uma ameaça. Depois do nosso primeiro encontro no convento, provavelmente ficou bastante satisfeita por eu não levantar problemas. Provavelmente sentiu-se muito convencida depois do nosso segundo encontro na feira. O seu segredo estava seguro. Mas, quando voltei a aparecer com a minha própria família atrás, querendo conhecer o meu pai, os alarmes começaram a tocar. Eu era uma bala perdida.

O seu segredo mais negro corria o risco de ser revelado e isso ela nunca me perdoaria. Interrogo-me agora: porquê? Porque não podia ela falar-lhe de mim, se ela casou com o meu pai e teve mais nove filhos dele? Como podiam ter segredos um para o outro? Afinal talvez lhe tenha contado!

Casaram-se cerca de um ano depois do meu nascimento.

Porque não vieram buscar-me nessa altura?

O meu pai sabia da minha existência mas fingiu não saber quando foi confrontado?

Terão decidido em conjunto deixar-me entregue à minha sina e nunca me salvarem do inferno?

Poderia a minha mãe não lhe ter falado de mim porque ele não era o meu pai?

O meu pai era outro homem?

Tom O'Sullivan aceitou-me como sua filha. Porque não conseguia a minha mãe aceitar-me?

Ela nunca cedeu.

Eu só queria que ela me amasse. Era sem dúvida filha dela. Mesmo depois de adulta, era impossível negá-lo. Fisicamente, era tal como ela. Era a imagem dela. Penso que foi por isso que Tom me aceitou com tanta facilidade. Viu em mim a

jovem Doreen.

Por fim, tenho dificuldade em aceitar que o Estado da Irlanda e os seus serviços públicos permitam a ocorrência de tais abusos sem serem detectados. Claro que não é apenas o Estado, mas também a própria sociedade é responsável por permitir esses abusos medonhos. A sociedade irlandesa recusava-se a admitir que tais práticas existiam, embora muita gente soubesse de facto que era verdade. Eu estive lá.

Aqueles homens estiveram lá.

As pessoas com quem vivi estiveram lá.

Sabiam o que estava a acontecer, de outro modo como se teria envolvido a Sociedade para a Prevenção da Crueldade contra Crianças?

Só agora começo a sentir-me bem comigo mesma e a olhar para algumas coisas que consegui. Quando fiz os exames finais de licenciatura em enfermagem, foi-me concedida a medalha Florence Nightingale pelo elevado nível do meu exame. Foi-me entregue na catedral de Southwark. Nesse dia senti que, de certo modo, cumprira a promessa feita ao padre Bernard e à Sra. Cooke. Fiquei tão orgulhosa dessa medalha com o meu número e o meu nome gravados que continuo a usá-la com orgulho todos os anos, quando assisto à cerimónia em memória de Florence Nightingale na catedral de Westminster. Depois, em 1982, fui convidada para ser representante exclusiva de todas as enfermeiras irlandesas a trabalhar no Reino Unido, inserida numa delegação de “contribuição da Irlanda para a Grã-Bretanha», para fazer uma oferta ao Primeiro-Ministro Britânico, na altura Margaret Thatcher. Ofereci-lhe uma touca de enfermeira simbólica. Ela foi muito agradável com a nossa delegação e organizou uma visita guiada. Imagine-se, eu a visitar o n.º 10 de Downing Street! Senti-me verdadeiramente importante e ao mesmo tempo transbordante. Senti que tinha percorrido um longo caminho.

Em 2002 fui aceite pelo Brookes College, em Oxford, para fazer uma pós-graduação em Neurologia e Reabilitação. Ser aceite em Oxford foi para mim a prova final de que as freiras da Escola Industrial estavam enganadas quando me disseram que eu era estúpida.

Também procedi a algumas mudanças.

Harry continua a viver na mesma casa que eu e continuamos casados. Mas temos vidas separadas. Impus a minha vontade e obtive essa liberdade. Ele é o pai do meu filho e, nesse aspecto, não queria vê-lo magoado.

Continuo a ter uma relação bastante próxima com o meu irmão Tommy e a família dele. Ainda hoje mantemos um contacto regular. Muitos dos meus outros irmãos afastaram-se de mim. O meu filho Anthony, a sua esposa e o meu belo neto são agora a minha família.

E, claro, não há um único dia da vida em que não pense no meu amado Ronan. Sinto imensas saudades dele, mas sei que um dia voltarei a vê-lo.

Depois de tantos anos a “representar», fingindo que tudo estava bem, contando diferentes mentiras a diversas pessoas, só para sobreviver e parecer normal, sinto-me satisfeita por ter compreendido que precisava de mudar. Precisava de ajuda. Estava demasiado cansada de me limitar a lutar contra o meu passado.

O certo é que, quando decidi ir à procura de aconselhamento, nunca tinha falado a ninguém com sinceridade acerca da minha vida. Não foi fácil enfrentar a realidade da minha vida, mas consegui colocá-la, em certa medida, na perspectiva correcta.

E, ao longo dos anos, embora por vezes tenha desejado ou invejado o que outras pessoas tinham, nunca desejei ser outra pessoa. Só queria ser eu.

Agora quero descobrir o meu eu VERDADEIRO!

Com este objectivo em mente, ponho-me mais uma vez a caminho - sou uma sobrevivente.

A Autora:

CELINE ROBERTS nasceu em 1948 em Cork, na Irlanda. A mãe, uma solteira de dezanove anos, entregou-a poucos meses mais tarde a um casal de acolhimento que não tinha filhos e vivia numa pequena aldeia do condado de Limerick. Os seus primeiros anos foram marcados por maus-tratos e uma extrema pobreza, mas o maior pesadelo começou quando Celine fez a primeira comunhão, aos sete anos. Recentemente, Celine Roberts completou uma pós-graduação em Neurobiologia e Reabilitação no Brookes College, em Oxford. Vive em Surrey com o filho, a nora e o neto.

Imagem da Capa: © Lisa Spindler/GettyImagens

Table of Contents

Sinopse:

Prólogo: A minha Primeira Comunhão

1. A minha família de acolhimento

2. Uma mercadoria útil

3. Libertação

4 Em segurança na prisão

5. Duro amor

6. Ousando sonhar

7. Novos horizontes

8. Tempo de diversão

9. Convivas não convidados

10. Um milagre

11. Um lugar chamado lar

12. Aproveitando as possibilidades

13. Angústias maternas

14. Começa a caça

15. A voz do meu pai

16. Visita real

17. Rivalidade entre irmãos

18. Comprando aceitação

19. Sem celebrações

20. A perda da minha vida

21. Uma alma gémea e um casamento

22. A partida dele

23. Novas respostas

Epílogo Avançar e subir